

Universidade Federal Fluminense
Faculdade de Educação

REVISTA QUERUBIM
ANO 20

COLETÂNEA PPE
LETRAS

Aroldo Magno de Oliveira
(Ed./Org.)

Fevereiro – 2024
UFF – Niterói – RJ

Revista Querubim 2023 – Ano 20 Coletânea PPE Letras – 163p. (fevereiro – 2024)
Rio de Janeiro: Querubim, 2023 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos.
I - Título: Revista Querubim Digital

Conselho Científico

Alessio Surian (Universidade de Padova - Itália)
Darcília Simoes (UERJ – Brasil)
Evarina Deulofeu (Universidade de Havana – Cuba)
Madalena Mendes (Universidade de Lisboa - Portugal)
Vicente Manzano (Universidade de Sevilla – Espanha)
Virginia Fontes (UFF – Brasil)

Conselho Editorial

Presidente e Editor
Aroldo Magno de Oliveira

Consultores

Alice Akemi Yamasaki
Bruno Gomes Pereira
Carla Mota Regis de Carvalho
Elanir França Carvalho
Enéias Farias Tavares
Francilane Eulália de Souza
Gladiston Alves da Silva
Guilherme Wyllie
Hugo de Carvalho Sobrinho
Hugo Norberto Krug
Janete Silva dos Santos
Joana Angélica da Silva de Souza
João Carlos de Carvalho
José Carlos de Freitas
Jussara Bittencourt de Sá
Luciana Marino Nascimento
Luiza Helena Oliveira da Silva
Mayara Ferreira de Farias
Pedro Alberice da Rocha
Regina Célia Padovan
Ruth Luz dos Santos Silva
Shirley Gomes de Souza Carreira
Vânia do Carmo Nóbile
Venício da Cunha Fernandes

Apresentação

Estamos disponibilizando ao público mais uma coletânea PPE Letras composta de artigos, resenhas e relatos de graduandos da disciplina Pesquisa e Prática Educativa em Letras.

A presente coletânea constitui-se como etapa de um processo de formação de professores na área de Letras, mais especificamente em turmas de Pesquisa e Prática Educativa.

A escritura de artigos, resenhas e relatos de estágio formam um conjunto de exercícios de leitura e compreensão não só do discurso que resulta de uma pesquisa, mas também do conteúdo específico desenvolvido ao longo dos debates e exposições nas aulas.

Os textos em geral analisam de forma significativa o que foi considerado mais importante na experiência concreta do graduando na produção da resenha, do artigo ou do relato de estágio.

Espera-se- estar contribuindo de forma significativa para que a relação entre pesquisa e prática de ensino ou prática educativa possa ser desenvolvida pelos estudantes de Letras conforme prevê o PDI da UFF.

SUMÁRIO

ARTIGOS		
01	Aline Bernardo da Silva e Júlia Moreira Batista - O ensino de literatura nas escolas: novos desafios que se somam a antigos	05
02	Arthur Larena Negrão, Maria Eduarda Cardoso Antunes e Júlia Lázaro Cordeiro Dos Santos – Fora da literatura: o impacto da falta de autonomia na marginalização da identidade do aluno	10
03	Ana Carolina Quevedo e Júlia Antunes Felício da Silva – O gênero fantasia como ferramenta de inserção do jovem à literatura	15
04	Ana Clara Ferreira Pina – A importância da literatura negra na escola para promover a autoestima dos estudantes negros	20
05	Elisa Oliveira Lindolpho, Maysa Barreto da Silva Feijó e Rayane Kelly Roale – Um convite à leitura fruidora - análise do espaço da biblioteca do Colégio Pedro II de Niterói	25
06	Giullia de Brito Mendonça – Dificuldade do ensino de literatura: para além das salas de aula	32
07	Larissa Picoro do Nascimento e Thaísa Christina Pereira dos Santos – A crise no ensino de literatura hoje: uma crise que vai da sala de aula à sala de leitura	37
08	Marcella Xavier de Azevedo – A importância da literatura na educação básica e a arte como resistência: um estudo sobre movimentos culturais durante a ditadura militar no Brasil	43
09	Rebeca Maria Santiago Mota – O Slam: expressão poética de reivindicação sociopolítica e de contraposição ao cânone literário	52
10	Thaísa Christina Pereira dos Santos – O ensino de literatura está em crise	56
11	Thamiris Braga e Jonathan Pinheiro – As marcas do colonizador na formação do sujeito brasileiro	60
12	Vanessa Aparecida Oliveira Fontoura – Nas páginas e nos pixels: o uso de tecnologia no ensino de literatura	65
RELATOS E PROJETOS		
01	Amanda Oliveira da Silva – Relato de observação de estágio	73
02	Carlos Duarte Bisneto – Relatório de observação de estágio	76
03	Daniella de Oliveira Pontes – Relato de experiência no estágio supervisionado no 1º ano do ensino médio	82
04	Eliane de Oliveira Alfradique Aita Guimarães – Relatório de estágio	86
05	Felipe Andrei Boncoski do Amarante – Relato de observação de estágio: os contrastes de uma instituição de ensino público federal	89
06	George Lucas da Costa Tavares – Projeto – O gênero dramático na educação: a ação que nos movimenta à vida	92
07	Jennifer Carvalho da Silva Costa – Relato de observação de estágio: Construindo o saber	97
08	Joanna Moreira Baptista – Relato de observação de estágio	102
09	Leonardo Maia do Carmo – Relato de observação de estágio	105
10	Lorraine de Oliveira Palmier Nunes – Relatório de observação de estágio: Aplicação do Projeto de Leitura e Escrita no Ensino Fundamental II	112
11	Luiza Mathias de Lima Maia – O trabalho com a variação linguística no ensino de língua portuguesa e literatura brasileira através do livro <i>Quarto de despejo: diário de uma favelada</i> , de Carolina Maria de Jesus	117
12	Rayane Santos – Relato de observação de estágio: literatura em sala de aula	124
13	Sabrina Monteiro da Silva – Relato de observação de estágio: as aulas de literatura brasileira	130
14	Stefani Maiara P. de Souza – Relato de observação de estágio: A importância da docência e sua luta contra a substituição	133
15	Thayná Morena de O. Chagas – Relato de observação de estágio: vivências de estágio na rede municipal do Rio de Janeiro	138
16	Victoria de Sousa Seabra – Relato de observação de estágio: Uma análise sobre linguagem e escola	140
RESENHAS		
01	Gabriel Guimarães de Andrade Pinto	143
02	Gabriela Valverde Felicíssimo	146
03	Marcella Xavier de Azevedo	148
04	Leticia Brito Moisés Fragoso	150
05	Matheus Cezar Ferreira	152
06	Matheus Cezar Ferreira	155
07	Matheus Cezar Ferreira	156
08	Matheus Cezar Ferreira	157
09	Thaísa Christina Pereira dos Santos	159
10	Thaísa Christina Pereira dos Santos	161
11	Wellington de Oliveira Jandre	163

O ENSINO DE LITERATURA NAS ESCOLAS: NOVOS DESAFIOS QUE SE SOMAM A ANTIGOS

Aline Bernardo da Silva¹
Júlia Moreira Batista²

Resumo

Ter acesso à literatura é um direito de todo cidadão. No Brasil, ela aparece nos currículos escolares desde o século XIX. Apesar disso, a forma como ela foi ensinada sempre figurou no centro de um debate metodológico. Nos últimos anos, foi acrescentado às discussões o impacto da BNCC. Nosso objetivo é refletir sobre o percurso do ensino de literatura e identificar, brevemente, alguns desses problemas.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Leitura. Educação básica.

Abstract

Having Access Literature is a right of every citizen. In Brazil, it has been present in schools' curriculum since the 19th century. Nevertheless, the way it has been taught was always at the center of a methodological debate. In the last few years, discussions around the BNCC have been added up. Our purpose is to reflect about the path of literature teaching and briefly identify some of the problems.

Key words: Literature. Teaching. Reading. Education.

A literatura nas escolas: uma breve introdução

Sabe-se que a literatura é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento intelectual e emocional dos estudantes, pois proporciona um universo vasto de conhecimento, reflexão e empatia. Entretanto, trabalhar literatura e texto nas escolas tem sido uma tarefa desafiadora em meio à complexidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e à predominância de conteúdos programados, como gramática e preparação para o vestibular. Dessa forma, é imprescindível reconhecer as dificuldades enfrentadas por educadores e alunos nesse contexto, especialmente diante da relevância inquestionável da literatura para a formação integral dos indivíduos. Nesse sentido, o presente texto abordará a importância da literatura, as dificuldades e problemas para sua inclusão no ensino, bem como as expectativas de que esse cenário se transforme em prol de uma educação mais rica e significativa.

A literatura é uma arte que transcende o tempo e as fronteiras culturais, permitindo aos leitores mergulharem em diferentes realidades, vivências e perspectivas. Por meio das narrativas literárias, os estudantes têm a oportunidade de expandir seus horizontes, cultivar a imaginação e a criatividade, além de adquirir habilidades de análise crítica e interpretação.

No entanto, diante da pressão por resultados em exames padronizados e a imposição de conteúdos programáticos restritos, o espaço para o ensino da literatura tem sido gradativamente reduzido, o que compromete a formação humanística dos alunos.

As dificuldades para trabalhar texto e literatura nas escolas são múltiplas. Primeiramente, muitos educadores se encontram sobrecarregados com a quantidade de conteúdos obrigatórios impostos pela BNCC, deixando pouco espaço para explorar o universo literário em toda a sua

¹ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense

² Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

extensão. Além disso, a própria formação dos professores nem sempre contempla o embasamento necessário para uma abordagem mais profunda e contextualizada da literatura, dificultando a efetivação de práticas pedagógicas inovadoras e enriquecedoras.

Outro ponto relevante é a influência do vestibular como balizador do currículo escolar. Com a crescente competitividade no ingresso ao ensino superior, muitos estudantes acabam direcionando seu foco quase exclusivamente para o estudo das obras literárias que são frequentemente exigidas nos exames. Esse cenário reduz a experiência da literatura à mera preparação para uma prova, afastando os jovens do prazer genuíno da leitura e da compreensão das nuances culturais presentes nas obras.

Pressupostos teóricos

A literatura brasileira passou a ser configurada como parte dos currículos nas escolas já no século XIX, em meio a uma onda nacionalista. Este projeto de institucionalização do ensino de Literatura era pautado na consolidação de uma identidade nacional e a dedicação às histórias da literatura focava na busca por constituir um cânone brasileiro.

Na metade do século XX, a LDB n. 5692/71 separou as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura. Essa divisão teve como repercussão a separação do ensino de gramática, literatura e redação. Porém, para a literatura, a LDB não apresentou uma modificação na forma como a disciplina era ministrada, pois ela continuou focada na historiografia.

Já nos anos 90 do século passado, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) situaram o texto literário entre outros gêneros discursivos a serem estudados e discutidos na escola. Sobre isso, diz Ana Cristina Coutinho Viegas:

Tendo como referência a LDB n. 9394/96, os PCNs entendem o estudo da gramática como uma estratégia para a compreensão, a interpretação e a produção de textos e integram a literatura à área da leitura, colocando os gêneros literários lado a lado com gêneros jornalísticos, publicitários, entre outros. Sem apontar nenhum caminho para o letramento literário, dão a impressão de passar de um extremo a outro, ou seja, se tradicionalmente identificavam-se, na esfera escolar, gêneros e obras dignos de leitura, os PCNS tornaram todas as leituras equivalentes. (VIEGAS, 2014, p. 257)

Em 2017, foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que busca elaborar um plano curricular de ensino para todo o país com a expectativa de que a partir dessa base comum os índices de educação iriam melhorar, já que todos os alunos de todas as escolas em todas as classes sociais estarão sendo expostos ao mesmo conteúdo. A BNCC estipula um modelo de educação baseado em competências com uma visão de ensino focada em avaliações por desempenho.

A partir da BNCC, a disciplina de Literatura passa a ser incorporada na área de Linguagens e suas Tecnologias. Essa área aborda:

aprofundamento de conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes linguagens em contextos sociais e de trabalho, estruturando arranjos curriculares que permitam estudos em línguas vernáculas, estrangeiras, clássicas e indígenas, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), das artes, design, linguagens digitais, corporeidade, artes cênicas, roteiros, produções literárias, dentre outros, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino (BRASIL, 2018, p.477).

A BNCC não prevê que a literatura seja alvo de conteúdo específico. Ela prevê:

A Base Nacional Comum Curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias busca consolidar e ampliar as aprendizagens previstas na BNCC do Ensino Fundamental nos componentes Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa – observada a garantia dos direitos linguísticos aos diferentes povos e grupos sociais brasileiros (BRASIL, 2018, p. 481).

A BNCC propõe:

que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos (BRASIL, 2018, p. 485).

Pode-se observar que o documento não prevê que haja aulas de Literatura na educação básica. A proposta é que a área de Linguagens e suas Tecnologias prepare o aluno para fazer uso de diferentes recursos linguísticos. O documento não deixa espaço para a apreciação de textos literários. Aliás, ele não prevê sequer que esses textos sejam discutidos. Trata-se muito mais da capacidade interpretativa de textos em geral, inclusive, eventualmente, literários.

A BNCC é alvo de questionamentos desde que começou a ser debatida. São muitas críticas de diversos campos da sociedade às propostas que ela apresenta. Com a mudança de governo após as eleições de 2022, existe a expectativa de que haja modificações no documento ou que ele seja revogado, mas até o final do primeiro semestre de 2023, não houve uma movimentação forte do governo federal nesse sentido.

Como é possível notar, o ensino de Literatura, desde o século XIX até os dias atuais, enfrenta dificuldades para se consolidar: ora o ensino se volta muito para a historiografia literária, ora ela é incorporada dentro de outras disciplinas. Seja como for, as aulas de Literatura sempre passaram problemas para trabalhar textos literários de forma integral nas escolas e permitir que eles sejam debatidos por alunos e professor.

Já em 2012, Fischer *et al.*, ao analisar provas anteriores do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), chegaram à conclusão de que era possível responder 80% da prova de linguagens sem ter assistido sequer uma aula de Literatura, apenas fazendo a interpretação do texto. Os autores já sinalizavam para os riscos que a disciplina poderia vir a correr, o que vem se concretizando até o momento.

Percebe-se, assim, que existem muitos problemas referentes ao ensino de Literatura. Sendo essa disciplina um direito do aluno, que pode – e deve – poder conhecer os mundos que a literatura proporciona. Cabe analisar, então, alguns dos problemas do ensino de Literatura nas escolas hoje.

Alguns pontos sobre o ensino de literatura

O ensino de Literatura tem enfrentado muitas dificuldades, principalmente nos últimos anos. Muito já foi discutido sobre a ausência do hábito de leitura do brasileiro. Nesses momentos, a escola sempre é citada como um local para promover uma mudança nesse cenário. Observa-se, porém, que a estrutura educacional por si só não é capaz de resolver essa questão. Professores com recursos limitados e uma enorme quantidade de conteúdo a serem trabalhados durante os anos escolares não conseguem trabalhar livros de Literatura Brasileira, que demandariam uso de bastante tempo. Soma-se, ainda, que, em geral, preparar alunos para realizar provas de vestibulares e do Enem significa aulas somente para resolução de questões, bem como adaptar os conteúdos para o que é cobrado nas provas.

Em geral, as provas de vestibular e o conteúdo exposto em sala de aula andam de mãos dadas. Para Fischer *et al.*, “o que é cobrado no vestibular tende a ditar o programa de ensino das escolas, e o que não é cobrado acaba por desaparecer” (FISCHER *et al.*, 2012, p. 121). Para as aulas de literatura isso significa que autores abordados e obras estudadas são aquelas que constam nessas provas. Dessa forma, cria-se uma limitação em torno do que o professor trabalha em sala. Conteúdos específicos ganham ênfase, enquanto outros passam despercebidos. A limitação criada por conta dessa escolha é problemática na medida em que o espaço escolar desempenha papel central em expor o aluno à arte em todas as suas formas. Conforme Fischer *et al.*,

Muitas vezes, talvez na maioria das vezes, as aulas escolares de literatura são a única porta de entrada do aluno para todo o universo da cultura e da arte, em sentido amplo, no Ensino Médio. Por ela, pode-se entender o modo como homens e mulheres se incumbiram de criar, ao longo do tempo, poemas e histórias que dizem tanto de si quanto da época em que viveram, ajudando a explicar melhor a trajetória da humanidade (FISCHER *et al.*, 2012, p. 119).

Cabe ressaltar ainda que, por conta das mudanças causadas pela BNCC, muitos alunos estão sendo privados das aulas de Literatura, afinal a disciplina de Linguagens e suas Tecnologias não prevê aulas específicas para literatura. Já é possível observar em cursos pré-vestibulares alunos que não tiveram aula de Literatura e que não tiveram quase nenhum contato com textos literários, pois, apesar do previsto nos documentos da BNCC, o ensino de Língua Portuguesa segue pautado na transmissão de regras gramaticais que independem de texto. Além disso, muitas das vezes, o professor opta por concluir o conteúdo ligado à gramática e abdica de disponibilizar aulas para debater textos, principalmente literários. Observa-se que não se trata de desinteresse do professor por trabalhar textos literários em sala. Há, de fato, uma grande demanda de temas a serem abordados da parte de Língua Portuguesa e nesse caso pesa o fato de que as questões do Enem, predominantemente, podem ser respondidas sem que o conteúdo literário seja aplicado. Ademais, existe uma real dificuldade em disponibilizar os textos: nem sempre as escolas contam com recursos para impressão ou projeção de textos e, não raro, as bibliotecas não têm cópias dos livros, inclusive para disponibilizar para uso em sala.

Considerações finais

Tendo em vista as dificuldades e problemas enfrentados no ensino de Literatura e texto nas escolas, é essencial reforçar a importância de reverter essa realidade. A literatura é um direito de todos os estudantes, conforme defendido por Antonio Candido em seu emblemático texto "Direito à Literatura". É preciso romper com o paradigma que reduz a literatura a uma disciplina secundária e compreender seu papel vital na formação cidadã e no desenvolvimento humano.

Para que esse cenário se transforme, é necessário o empenho de todos os envolvidos no processo educativo. A BNCC pode ser um instrumento valioso para fomentar uma abordagem mais interdisciplinar e inclusiva, integrando a literatura de maneira transversal em outras áreas do conhecimento. Os professores devem ser incentivados e capacitados a utilizar métodos pedagógicos criativos e a estimular o gosto pela leitura nos alunos desde os primeiros anos escolares. É necessário ainda que haja uma comunicação entre os educadores com a BNCC, a partir de revisões, para que assim haja uma mudança em relação ao conteúdo programático, com o objetivo de estimular o uso contínuo do currículo oculto.

Além disso, é essencial desvincular a literatura da pressão dos vestibulares e mostrar aos estudantes que a leitura é uma jornada enriquecedora por si só, capaz de enriquecer suas vidas e ampliar seus horizontes. Ao formar leitores críticos e apaixonados, há um investimento no futuro de uma sociedade mais reflexiva, sensível e tolerante.

Portanto, a expectativa é que o reconhecimento da importância da literatura e o esforço conjunto dos educadores, gestores e comunidade escolar possam promover uma mudança significativa no cenário educacional, assegurando que todos os estudantes tenham acesso ao mundo fascinante da literatura e que essa arte essencial seja valorizada e integrada plenamente ao currículo escolar. Somente assim, pode-se tentar construir uma sociedade mais rica culturalmente e mais consciente de sua própria identidade.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, M. A. DOURADO, L. F. (Orgs.). **A BNCC na contramão do PNE BRASIL (2014-2024):** avaliações e perspectivas. Recife: ANPAE, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. FISCHER, Luís Augusto; LUFT, Gabriela; FRIZON, Marcelo; LEITE, Guto; LUCENA, Karina; VIANNA, Carla; WELLER, Daniel. A Literatura no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). **Nonada Letras em Revista.** Porto Alegre, ano 15, n. 18, p. 111-126, 2012. VIEGAS, Ana Cristina Coutinho. Alguns desafios do ensino de literatura na educação básica. **Gragoatá,** Niterói, n. 37, p. 255-267, 2. sem. 2014.

FORA DA LITERATURA: O IMPACTO DA FALTA DE AUTONOMIA NA MARGINALIZAÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO

Arthur Larena Negrão³
Maria Eduarda Cardoso Antunes⁴
Júlia Lázaro Cordeiro Dos Santos⁵

Resumo

O presente texto abordará a importância da alteridade posta no ensino de Literatura. Partindo do princípio que a experiência de aprendizado da literatura se dá pela relação do leitor com o texto literário, este artigo busca colocar como dois dos pilares no ensino de Literatura a identificação e a autonomia do aluno frente ao texto na escola, promovendo reflexões do eu e do mundo. O objetivo principal do método é retomar, na sala de aula, o caráter da curiosidade na literatura.

Palavras-chave: identidade, literatura, curiosidade, empirismo, decodificação, marginalização.

Resumen

Este texto abordará la importancia de la alteridad en la enseñanza de la Literatura. Partiendo del supuesto de que la experiencia de aprender literatura se da a través de la relación del lector con el texto literario, este artículo busca colocar como dos de los pilares en la enseñanza de la Literatura la identificación y autonomía del estudiante en relación con el texto en la escuela, promoviendo reflexiones del uno mismo y el mundo. El principal objetivo del método es recuperar, en el aula, el carácter de la curiosidad en la literatura.

Palabras clave: identidad, literatura, curiosidad, empirismo, decodificación, marginación.

“Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso.” (ADICHIE, 2019)

Introdução

A abordagem tradicional do ensino da literatura no Brasil tem sido alvo de críticas e reflexões significativas tanto por parte dos discentes, quanto dos docentes da área. Ao longo do tempo, a literatura nas escolas tem sido apresentada de forma restrita e limitante, seguindo certos padrões e classificações baseadas em formas literárias específicas e períodos históricos. Esse fenômeno acaba engessando a reflexão e a autonomia do estudante, e negando-lhes a oportunidade de se tornarem indivíduos que tenham gosto pela leitura. Nessa perspectiva, de acordo com Daniela Segabinazi e Raquel da Silva :

A dimensão dada ao perigo em que a literatura vem passando decorre da constatação de formação precária de leitores literários a partir do momento em que as aulas de literatura têm de tudo, menos literatura de fato, isto é, quando não se trabalha com os textos literários para além de nomenclaturas. No máximo, quando há alguma transformação, percebemos que o que toma posse nas aulas de literatura são unicamente os gêneros textuais e suas especificidades. Concepções que reduzem a literatura à autossuficiência do livro didático enquanto instrumento para um trabalho estrutural da língua e que não pressuponha busca de sentido

³ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense

⁴ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense

⁵ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

para o aluno sobre o que e como o texto diz o que diz são falhas e arcaizantes, mas infelizmente ainda muito comuns. (SEGABINAZI/ SILVA, pág 7)

Dessa forma, as instituições de ensino acabam limitando a conteúdos relacionados apenas a historicidade de movimentos literários e características técnicas e estruturais de um texto ou autor, sem considerar aspectos fundamentais para estimular a autonomia do estudante para construir uma relação pessoal e significativa com a literatura, fundamental quando se tratando da formação concreta de assiduidade na leitura.

Ao tratarmos do ensino da literatura e o que esse ensino deveria proporcionar, devemos pensar a relação do estudante como leitor e sua relação com a literatura. Pensar no que é constituído a literatura e submetê-la a moldes específicos, não deveria ser o foco principal da abordagem metodológica dessa disciplina, e sim pensar a literatura como forma de prazer, transformação e reflexão. Assim como posto por Maria da Silva e Gislene Carvalho:

Segundo Solé (1998, p.22) “[...] a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto.” A leitura depende da relação que se estabelece entre leitor/texto, assim, a escolha do texto implica um objetivo a ser alcançado pelo leitor, que por meio de inferências e de pistas fornecidas pelo próprio texto construirá interpretações, desenvolvendo um processo ativo e consciente na busca de seus objetivos. (SILVA/ CARVALHO, pág 4)

Portanto, o leitor deve se sentir representado, identificar-se com o texto que está lendo, dando a oportunidade de estabelecer uma conexão intelectual e emocional, explorando diferentes perspectivas dos personagens e situações e, assim, refletindo sobre diversas questões humanas, tomando consciência de si e do mundo. Em suma, não podemos deixar de frisar que a literatura é fomentadora do desenvolvimento de indivíduos socialmente mais críticos e engajados em buscar mudanças positivas na sociedade.

Reconhecer-se na literatura

A experiência do prazer está relacionada a fatores psicológicos e experiências de vida, gostamos de algo que nos identificamos porque isso nos proporciona uma sensação de conexão e pertencimento. Quando encontramos algo que reflete nossas características, experiências ou valores, isso valida nossa individualidade e nos faz sentir compreendidos e representados. Essa afinidade emocional e cognitiva nos leva a buscar ativamente experiências, pessoas e até obras que reflitam nossa identidade, contribuindo para a construção e reforço de nossa autoimagem e sentido de quem somos. Essa procura por identificação inclui a experiência da leitura.

Ler significa afirmar a existência do sujeito, de sua história como produtor de linguagem e de sua singularização como intérprete do mundo que o cerca (FREIRE, 2003). Reconhecer-se na literatura é ter nossas experiências, emoções e identidades sendo validadas e representadas, o que pode ter um impacto significativo na autoestima, senso de pertencimento e compreensão de nós mesmos. Ao encontrar personagens com os quais nos identificamos, seja por características físicas, culturais, emocionais ou vivências similares, podemos sentir uma sensação de validação e de que nossas histórias também são importantes e dignas de serem contadas. Isso pode ser particularmente significativo para grupos marginalizados ou sub-representados na sociedade, como pessoas de diferentes origens étnicas, culturais, de gênero, entre outros. Reconhecer-se na literatura permite que nos coloquemos no lugar de diferentes personagens e vivamos experiências através de suas histórias.

Conforme Ramos (2010, p. 86), a literatura é "fator indispensável de humanização, pois permite que os sentimentos passem de simples emoção para uma forma mais concreta, uma vez que são experienciados pelo leitor". Embora nem todos se sintam impelidos a engajar-se na leitura, a tentativa de criar o gosto por essa atividade atrelada à sala de aula pode ser muito satisfatória para

despertar o interesse perdido na Literatura. Ao buscar falar a referida ou, ainda, semelhante linguagem do aluno, a capacidade de acessar os discentes torna-se facilitada.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

"É fundamental que os estudantes desenvolvam autonomia e protagonismo na leitura, ou seja, que possam fazer escolhas conscientes e críticas diante dos textos e dos livros que desejam ler, considerando seus interesses, necessidades e objetivos. A autonomia na leitura implica na capacidade de selecionar, compreender e interpretar diferentes tipos de textos, explorando suas possibilidades e significados, e também na habilidade de relacionar esses textos com experiências pessoais, conhecimentos prévios e o contexto em que estão inseridos. Além disso, a autonomia na leitura envolve a capacidade de estabelecer metas, planejar a leitura, monitorar a compreensão, fazer inferências, refletir criticamente sobre as informações e opiniões apresentadas e avaliar a qualidade e a relevância dos textos lidos." (BRASIL, 2017, p. XX)

A partir do protagonismo do aluno, é possível buscar e decidir o que ler e, assim, desenvolver interesse pela leitura. Diante desse interesse inicial, a vontade de ler se aprimora, aumentando a demanda, aperfeiçoando o gosto, rumo a novos gêneros textuais. Por fim, o discente conseguirá estabelecer metas, desenvolver habilidades críticas e melhorar a compreensão e produção textual.

Por esse motivo, o professor deve buscar desenvolver atividades e aulas que estimulem a leitura, entrando de fato no mundo individual dos alunos. O docente, nesse caso, exerce a função de mediador. Para Freitas (2012), mediar o desenvolvimento da leitura é exercitar a compreensão do aluno, transformando-o de leitor principiante em leitor ativo. Dessa forma, faz-se necessário a orientação profissional antes, durante e depois da leitura, além de discussões sobre os livros, buscando entender a leitura ao trazer formulários para conhecer os gêneros ou temas que sejam do interesse dos alunos, estabelecer metas realistas de leitura junto com a turma, recomendações e participação de grupos, atividades que permitam ao aluno refletir sobre elementos textuais, linguísticos, estruturais, sociais presentes no texto. Além disso, o aluno poderá formular suas próprias perguntas, buscando respostas junto com o professor.

A decodificação da literatura

Martins (1988), em sua obra "O que é leitura?", aponta concepções de leitura em duas características. A primeira prevê um processo de decodificação, visando à mecânica de signos linguísticos, excluindo da análise o potencial do leitor de estabelecer significados e desenvolver sentidos frente ao texto, enquanto a outra caracterização de leitura abrange uma gama de questões que vão de emocionais a culturais. No entanto, a autora aponta essas características como "dois lados da mesma moeda", isto é, questões associadas uma à outra, que se completam. Porém, o que é testemunhado frequentemente no ambiente escolar é a perpetuação de um modelo isoladamente de decodificação, dado que há uma polarização das características, que implica a falta de identificação com o texto e um constante malabarismo feito pelo professor para manter algum nível de atenção nas aulas. Ao tratar por esse método apenas, há uma visível marginalização da história e da bagagem do aluno e esse comportamento é visível em sala de aula, estão à margem do dito pelo professor de modo que não há audição, muito menos troca.

Muito do espaço literário apresenta-se restrito a uma noção de altar. Houve a cristalização no imaginário mundial e, logicamente, no brasileiro, de um fundamento que posiciona o texto literário no lugar do imexível, intocável e irrevogável, claro que sempre passível de críticas, mas tendo suas mais passionais dentro de um território da "abominável profanação do território sacro da literatura". É evidente que movimentos como o Modernismo fizeram um choque essencial e proporcionaram ao Brasil uma reivindicação do texto, tanto que nos tempos hodiernos é inviável centralizar o texto

produzido por brasileiros em uma só vertente, porém percebem-se marcas internalizadas na população quando se trata de entender um texto. A questão da interpretação textual é uma dificuldade generalizada nas escolas, porque se observa que sua posição está profundamente equalizada à da decodificação prevista por Martins. A problemática desse fator é vislumbrada quando o exercício dessa leitura é feito de modo distanciado do panorama experienciado pelo aluno. O ponto central do embate é que o ensino acaba descartando o conhecimento empírico do estudante e, ao fazê-lo, evidencia noções qualitativas, semelhantes às encontradas pensando a dessacralização da literatura que, efetivamente, prevê sua democratização.

Logo, como posto em CANDIDO, 2011:

“[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.”

Reconhecer-se na produção textual

O dizer “um bom escritor é um bom leitor” já permeou muitas citações de autores, visto que é uma noção percebida empiricamente. Sob esse viés, a fonte de aprovação e de reprovação reside nos livros; não há como produzir uma obra literária rica em forma e conteúdo, carregada de significado, partindo de um leitor que está restrito a sua própria produção. Dito isso, é necessário ter referências, pesquisa e inspiração para que, a partir dessa iniciativa, possa trazer à elaboração, traços do próprio cotidiano. Permeando essa noção, já quase estabelecida como senso comum, não é possível pensar produção textual dissociando essa disciplina do fundamento da literatura. Nesse cenário, existe uma fragmentação que fortalece o efeito dominó que corresponde ao insucesso nas duas matérias.

Ao privar o aluno de se encontrar no texto por meio da fragmentação dos gêneros textuais e de uma neutralização de sua opinião, não há espaço ou referências para que ele possa produzir textos à parte de julgamentos. O aluno chega ao rascunho com receios em relação à recepção e à expectativa, então, o que muitas vezes resta a ele é fazer sem cautela e zelo como forma de autoproteção. Nesse sentido, a marginalização da identidade do discente também funciona como um silenciador que compromete o seu desempenho na escola.

Conclusão

É de extrema importância que as instituições escolares, na qualidade de formadoras, reavaliem a abordagem tradicional dos livros didáticos, uma vez que essa abordagem se mostra limitada e ineficaz ao restringir a compreensão da literatura a uma mera catalogação de movimentos literários e autores renomados.

Dessa forma, podemos observar que a questão identitária na literatura revela-se como um aspecto subaproveitado na educação, o que é evidenciado pela escassa utilização dessa temática como ferramenta didática nas disciplinas. No entanto, a busca por inserir a alteridade no ensino acarreta apenas consequências positivas, uma vez que aprofunda interpretações superficiais e legitima o conhecimento empírico do aluno, criando um espaço que não se baseia exclusivamente em fundamentações extratextuais. Tudo isso pode ser apropriado e reivindicado pelo estudante em benefício de seu próprio autoconhecimento. Embora seja um projeto que requer tempo, é crucial considerar essa questão como uma prioridade, especialmente nos anos iniciais da educação, a fim de facilitar o desenvolvimento ao longo da educação básica.

Não há um modelo pronto para essa questão, uma fórmula exata a ser seguida. O professor, como educador, deve primeiro conhecer e respeitar a individualidade de cada turma e aluno. A partir dessa perspectiva, é importante conceder autonomia aos estudantes, buscando estimular e promover a leitura como algo prazeroso e que proporcione identificação.

Logo, ao reconhecer e respeitar a particularidade de cada aluno, o professor será capaz de criar um ambiente mais prazeroso para a leitura. Isso envolve dar espaço para que os estudantes tragam suas próprias leituras, incentivar a formação de clubes de leitura e projetos de escrita criativa, que estimulem a criatividade dos alunos. Essas iniciativas contribuirão para desenvolver o gosto pela leitura e aumentar a capacidade de interpretação e reflexão crítica dos estudantes. Dessa forma, o professor estará proporcionando uma experiência enriquecedora, na qual os alunos se sentirão motivados e engajados no processo de aprendizagem literária.

Referências bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura, 6.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 9ªed. Editora brasiliense. 1988.
- SEGABINAZI, Daniela. SILVA, Raquel. Daniela Maria Segabinazi1 Raquel Sousa da Silva O ensino de literatura continua em perigo. Revista Língua & Literatura, v. 17, n. 30, p. 1-338, Dez. 2015

O GÊNERO FANTASIA COMO FERRAMENTA DE INSERÇÃO DO JOVEM À LITERATURA

Ana Carolina Quevedo⁶
Júlia Antunes Felício da Silva⁷

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo analisar o contexto da literatura no Brasil e como ela é introduzida aos jovens, bem como o gênero textual fantasia como possível agente impulsionador para construir um novo panorama.

Palavras-chave: fantasia, ensino da literatura, literatura infanto-juvenil, formação do leitor.

Abstract

This work aims to analyze the context of literature in Brazil and how it is introduced to young people, as well as the fantasy textual genre as a possible driving agent to build a new panorama.

Keywords: fantasy, literature education, literature for young people, reader development.

Introdução

A fantasia é um gênero textual que deriva da ficção e é muito apreciada não só por adolescentes, mas também por pessoas de todas as faixas etárias. Esse gênero é, entre outras características, composto por diversas figuras imaginárias - mágicas em sua maioria -, que não existem no mundo real. Em relação à temporalidade, as narrativas podem se passar tanto no passado quanto em períodos medievais e na atualidade. Personagens como vampiros, bruxos, lobisomens, fadas, sereias, magos etc são famosos e adorados por leitores. A localização também torna-se muito importante em determinados livros fantásticos.

Na saga *Harry Potter* é inventado todo um universo bruxo. A autora J.K. Rowling criou nomes de feitiços, esporte bruxo (quadribol) e várias outras novidades, além de ter feito uso de elementos já existentes e de ter escrito uma história que é possível se assemelhar a de um adolescente normal. Harry é um protagonista pobre, distante de um núcleo familiar funcional, e que se depara com questões de adaptação social quando descobre ser um bruxo. Ele, com a ajuda dos novos amigos Ron e Hermione, descobre esse novo universo bruxo. É justamente por esse vasto mundo de possibilidades que a fantasia encanta tanto os jovens leitores. Além da linguagem acessível, o gênero em questão dialoga com a realidade do leitor e surge como um escape da realidade.

O trabalho a seguir analisará e questionará as motivações para que um gênero que possui amplas formas de ser trabalhado em sala de aula seja tão pouco explorado pelos docentes, especialmente como forma de introduzir e estimular o consumo de literatura pelos alunos; assim como explicitará os benefícios de tais leituras para o cidadão em formação.

O ensino falho da literatura nas escolas

Há um senso comum de que os alunos - jovens, mais precisamente - não consomem literatura. Contudo, é levada em consideração apenas a leitura dos chamados clássicos, como, por exemplo, *Dom Casmurro* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *O cortiço*, de Aluísio Azevedo; *Iracema* e *O guarani*, de José de Alencar; entre outros. De fato, os livros citados são de suma

⁶ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense

⁷ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense

Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

importância para a compreensão da literatura brasileira e de sua formação. Porém, estes não são a única forma de literatura possível; tampouco se assemelham à realidade do aluno em formação. A afinidade do jovem com a temática e com a linguagem torna-se fator decisivo para a escolha do objeto de leitura, de forma que a falta de atualização da escola para o contexto contemporâneo torna-se um entrave para ofertar livros que despertem tal interesse. Além disso, a automatização do ensino, assim como o foco nos vestibulares tornam as aulas de literatura cada vez menos atrativas para o aluno.

As instituições de ensino, como agravante do problema, focalizam o contexto histórico dos movimentos literários e a cronologia das escolas literárias em detrimento da leitura, interpretação e debates dos livros, de maneira a diminuir o contato do aluno com tais livros. Livros estes que, quando são apresentados em sala, são os clássicos mencionados anteriormente. Além disso, como fora dito, a maximização do ensino voltado para a aprovação compulsória no vestibular também contribui para o quadro mencionado. Lena Lois, no texto *Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula*, expõe que a prática da leitura é fundamental ao estudante:

Se a prática da leitura não está incorporada, o desenvolvimento da cidadania também fica comprometido. Se não se lê, não se pode aumentar o repertório crítico. Sem a crítica, o poder de julgamento fica limitado e a capacidade de intervenção e inserção cultural, também. (LOIS, 2010, p. 19)

Dessa forma, os alunos, quando são introduzidos a algum tipo de literatura, são expostos de primeira aos clássicos, sem haver uma ponte de interesse. Assim, o aluno, sem ter contato com algo que lhe chame a atenção e esteja de alguma forma próximo ao contexto social no qual está inserido, não se aproxima do objeto de leitura de forma espontânea. A literatura deve cumprir o papel de formadora de pensamento crítico e de cidadãos conscientes; contudo, é fundamental que o indivíduo também sinta prazer naquilo que lê, colocando sua subjetividade nessa leitura e a apreciando. Se houver somente a ideia do caráter formador da literatura, reduz-se a apenas mais uma matéria escolar obrigatória, como Todorov comenta:

[...] o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. [...] Para esse jovem, Literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública. (TODOROV, 2009, p. 10)

O que os jovens gostam de ler?

Pensando na premissa de incentivo ao gosto pela literatura, há muito perdido pelos jovens, as autoras Girlene Marques Formiga e Francilda Araújo Inácio no texto *Literatura no Ensino Médio: reflexões e proposta metodológica* sugerem que seja feito um “(...) trabalho inicial com textos contemporâneos, cuja linguagem e temática geralmente estão mais próximas da realidade dos alunos” (FORMIGA; INÁCIO, 2017)

É estudado o crescimento da demanda por livros para o público juvenil de fantasia. O enorme sucesso da saga Harry Potter, por exemplo, é um indicador disso. Considerando esse fato, torna-se ainda mais contraditória a informação inicial que o jovem não gosta de ler. Ainda que haja essa demanda, o consumo por literatura ainda é restrito a alguns grupos de jovens, de forma que nem toda camada social é captada justamente por absorver a maior parte das indicações literárias pela escola. Sendo a maior parte da produção fantástica juvenil internacional, esses livros são subjugados na escolha de títulos para debate dentro de sala de aula. A afinidade dos jovens por esse estilo é explorada por Maria Clara Pinto Aleixo “É realmente perceptível que, por tratar basicamente de fatores que extrapolam o comum, [o fantástico] atinge o interior do leitor (onde se encontram os sentimentos), e vem daí também a predileção por romances deste gênero” (ALEIXO, 2011, p. 1).

Ainda no pensamento da autora:

A literatura fantástica é um sucesso entre os leitores, não só brasileiros, mas de todo o mundo. Talvez isso se deva à necessidade de se buscar aliviar as doses de realidade pura, presentes na vida do ser humano. O sucesso pode estar no fato de que o mundo fantástico presente nestes romances são mundos que o leitor não alcança quando lê outras literaturas. Muitas vezes, é este fantástico e sobrenatural que faz com que o leitor compreenda a realidade, saiba dosar o que é real e o que é ficção e, de repente, faça com que a vida seja vista com olhos mais abertos e seja também mais compreensível e prazerosa. (ALEIXO, 2011, p. 4).

Dessa forma, dado esse interesse humano e por essa faixa etária, especialmente, a literatura fantástica torna-se chamariz para a literatura de forma geral. Mesmo que a escola deva apresentar os clássicos, que são símbolos da história brasileira e ainda de grande valor, o interesse pela leitura deve ser estimulado de forma pessoal e subjetiva, para que o aluno desenvolva o apreço por aquilo. O professor José Luís Jobim discorre sobre isso:

A introdução do texto literário em classe deve sempre ter em conta o universo dos seus receptores, estabelecendo, se for o caso, uma “gradação textual” para trazer ao público estudantil primeiramente o que for mais fácil para ele, para depois, paulatinamente, chegar ao mais difícil [...] a partir do momento que despertamos a atenção do educando para a Literatura, a partir de textos mais “fáceis”, poderemos, com melhor efeito, introduzi-lo no mundo das linguagens mais “difíceis” (por exemplo, a do Barroco), ou no mundo dos temas que não fazem parte (ainda) de seu universo. (JOBIM, 2009, p. 117)

Assim, de forma a não desconsiderar o estudo dos clássicos e sim agregar mais bagagem literária, facilitando o estudo e o aprendizado do aluno, traz-se uma nova maneira de se apresentar a literatura.

Por que não é feito dessa forma?

Apesar de existirem tais possibilidades diferentes de ensinar literatura, contando com diferentes gêneros literários, isso ainda não é aplicado de forma homogênea nas salas de aula. A maior parte das aulas de literatura ainda segue o modelo tradicional e engessado mencionado anteriormente. A escolha por obras literárias apenas do cânone tradicional pode afastar, inclusive, o aluno, porém isso continua a ser presenciado. Entram, nesse momento, questionamentos sobre a maneira que a literatura é apresentada.

Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objeto próprio de ensino. Os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudística do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada. (COSSON, 2014, p. 23)

Se a forma de ensino não é prazerosa, logo a aprendizagem torna-se falha. Dentre aspectos de formação de docentes, de tempo hábil para fruição da leitura, entre outros, destaca-se a influência da posição de alguns professores como não-leitores na crise no ensino de literatura. Faz-se necessário ter embasamento literário para ensinar a literatura aos discentes.

O espaço da Literatura contemporânea é aquele onde o professor mais do que nunca tem que se comportar como leitor. Ele não tem como se valer (ou se repetir) de uma fortuna crítica canônica e canonizadora. Mas ele tem como tentar exercer a sua força interpretadora e o seu potencial criativo no salutar exercício da leitura inaugural. O professor diante de um texto contemporâneo tem, ele mesmo, que responder à esfinge: decifra-me ou te devoro. (RAMOS, 2002, p. 27)

Dessa forma, se o professor não consome o produto que será passado - não tendo propriedade sobre o assunto -, não se atualiza na literatura contemporânea, mantendo-se para sempre estagnado no cânone, aumenta a dificuldade de trazer os discentes para o universo literário.

No ensino médio, a literatura continua sendo vítima de abordagens que privilegiam a história da literatura, na medida em que parece haver uma supervalorização das características estéticas e estilísticas presentes nos textos produzidos nos mais diversos períodos literários. O aluno não consegue perceber a plurissignificação do texto literário, pois a preocupação com a identificação de características estéticas dos períodos literários, bem como a necessidade de classificar rigidamente os textos literários nos limites cronológicos dos rótulos barroco, arcáde, romântico etc. sufoca a leitura por prazer. (MARTINS, 2009, p. 101)

Considerações finais

Considerando o que foi apresentado, propõe-se que o ensino de literatura na educação básica seja abrangente. É sugerida análise mais profunda do universo infanto-juvenil de forma a procurar repertórios que apliquem temáticas familiares ao jovem para que ele, aos poucos, crie curiosidade e interesse sobre a literatura a ele apresentada. Dessa forma, o gênero literário fantasia infanto-juvenil se apresenta como uma possibilidade, visto que estão presentes elementos do contexto jovem e, ainda, costuma apresentar linguagem acessível.

Cabe, então, como é dito por Martins, maior análise do contexto também para entender o que funcionará melhor:

A leitura de textos produzidos contemporaneamente e a inclusão de obras que apresentam uma estruturação pouco linear tornam-se práticas que ainda precisam ser mais valorizadas em sala de aula. Não estamos querendo questionar a importância da leitura dos clássicos, mas sim o modo como esses textos são impostos para os alunos no espaço escolar. (MARTINS, 2007, p. 517)

Por fim, ressaltamos nesse estudo a importância de considerar os diversos gêneros literários existentes de maneira a captar a atenção dos alunos e formar curiosos da literatura.

Bibliografia

LOIS, Lena. **Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula.**

Porto Alegre: Artmed, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

FORMIGA, Girlene Marques; INÁCIO, Francilda Araújo. **Literatura no ensino médio: reflexões e proposta metodológica.** Revista Brasileira de literatura comparada, v. 15, n. 22, p. 179-198, 2017.

ALEIXO, Maria Clara Pinto. **Literatura fantástica: a preferência dos leitores adolescentes.** ENCONTRO CIENTÍFICO E SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO

UNISALESIANO, Lins, Vol. 3, p.1-5, outubro de 2011.

JOBIM, José Luís. **A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar.** In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. (Orgs.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Literatura contemporânea com(o) disciplina.** Ensaio apresentado no XVII Encontro da ANPOLL, Gramado, RS, julho de 2002. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/154/153>>. Acesso em: 17 jul. 2010.

MARTINS, I. **Leitura e literatura na escola: encontros e desencontros.** In: PG letras 30 Anos – O Caminho se Faz Caminhando. Anais... Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2007. p. 514-527.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NEGRA NA ESCOLA PARA PROMOVER A AUTOESTIMA DOS ESTUDANTES NEGROS

Ana Clara Ferreira Pina⁸

Resumo

O presente trabalho pretende abordar a importância da literatura negra na escola para promover a autoestima dos estudantes negros. Para isso, será apresentado um breve histórico sobre os documentos oficiais que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da História e das Culturas Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas e privadas de Educação Básica. Além disso, serão discutidos como a literatura negra pode elevar a autoestima e promover a identificação dos estudantes negros, bem como incentivar debates contra o racismo e o preconceito. Para embasar essa discussão, o trabalho se apoia nos estudos de Gomes (2001) e (2003), Coutinho (1996) e outros autores e documentos relevantes sobre o tema.

Palavras-chave: Literatura Negra; construção de identidade; autoestima dos estudantes negros; relações étnico-raciais.

Abstract

The present work aims to address the importance of Black literature in schools in promoting the self-esteem of black students. To achieve this, a brief historical overview will be presented regarding the official documents that establish the mandatory teaching of Afro-Brazilian and African History and Cultures in public and private Basic Education schools. Furthermore, the discussion will focus on how Black literature can enhance self-esteem and promote the identification of black students, as well as encourage debates against racism and prejudice. To support this discussion, the work relies on the studies of Gomes (2001) and (2003), Coutinho (1996), and other relevant authors and documents on the subject.

Keywords: Black literature; identity construction; self-esteem of black students; ethnic-racial relationships.

Introdução

O presente trabalho tem como propósito tratar sobre a importância da literatura negra na escola para promover a autoestima dos estudantes negros. Nos últimos anos, tem havido um reconhecimento e valorização crescente da importância de vozes e narrativas diversas nos ambientes educacionais, especialmente aquelas que refletem as experiências e vivências da comunidade negra. Nesse sentido, a inclusão da literatura negra nos currículos escolares desempenha um papel fundamental ao proporcionar representatividade e promover uma educação mais inclusiva. Além do mais, a literatura negra e o debate em sala de aula sobre essa temática contribuem para a formação da consciência crítica e para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. No decorrer deste trabalho, será discutido o embasamento legal para a inclusão da literatura negra nas escolas, bem como os benefícios que essa prática traz para a autoestima e identificação dos estudantes negros, e nos estudantes de maneira geral, promovendo assim um ambiente educacional mais inclusivo e empoderador.

⁸ Graduanda em Letras - Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira.

As Leis que garantiram a Literatura Negra na escola

No Brasil foram criadas as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornaram obrigatório nos currículos escolares o ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, com o intuito de equiparar a falta que havia de conteúdo, como os literários, que envolvessem as culturas: Africana e Afro-brasileira nas instituições escolares. Além disso, foi uma conquista dos movimentos negros e um marco na luta da desigualdade racial e do combate ao preconceito e à discriminação no país.

A lei número 10.639 modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Lei 9.394/96, sendo decretada em 2003, passando a vigorar acrescida dos artigos 26-A, 79-A e 79-B. A LDB estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas em todo o país. Estabeleceu normas implantando no currículo das escolas conteúdos sobre o estudo da História da África, da luta dos negros em terras brasileiras, da cultura negra brasileira e do negro na formação da sociedade nacional. Também houve a inserção no calendário letivo, o Dia da Consciência Negra, celebrado no dia 20 de novembro, marcado pela luta contra o preconceito racial no Brasil.

Para fazer o cumprimento da Legislação em 2004, foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologado pelo Ministério da Educação (MEC) as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e para a Educação em Relações Étnico-Raciais. Essas diretrizes foram admitidas pelo Parecer 03/2004. Conforme o seu artigo 2º, §1º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e a Africana:

§ 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira. (Página 01)

A instituição das Diretrizes corrobora para firmar os parâmetros das ações afirmativas, já que a maioria da população brasileira é negra, e desconhece as questões referentes à cultura africana e as influências que ela teve na formação da sociedade brasileira. Consideram necessário que a educação básica contemple nos seus currículos abordagens como o combate ao racismo e às discriminações, a diversidade e consciência na política, entre outros. Desta forma, espera-se que os discentes negros tenham o conhecimento da história dos seus antepassados e com isso, possam construir a sua própria identidade de maneira positiva, deixando cada vez mais no passado os estigmas de inferioridade que foram produzidos desde o tempo da escravidão.

Os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs) também abordam o tema, pois falam que a educação escolar deve conferir um espaço sociocultural e institucional responsável pelas tratativas pedagógicas do conhecimento e da cultura. No entanto, Gomes observa que:

em determinados momentos, as práticas educativas que se pretendem iguais para todos acabam sendo as mais discriminatórias. Essa afirmação pode parecer paradoxal, mas, dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pode-se incorrer no erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças (GOMES, 2001. p. 86)

Diante disso, pode-se observar que houve um avanço de maneira positiva no currículo, entretanto, também houve aspectos negativos no que tange à instrumentalização do conteúdo. Pois, por mais que haja a legitimidade política dessa lei, muitos professores não foram e não estão preparados para lidar com essas questões de maneira efetiva em sala de aula. Um dos principais fatores que contribuem para isso é a falta dessa temática nos cursos de graduação e nas formações continuadas dos docentes. Além disso, há certa resistência por parte de alguns professores em tratar desse assunto em sala de aula, seja por não estarem preparados ou até mesmo por preconceito.

Portanto, é de extrema importância que os docentes, desde a educação infantil, estejam atentos e preparados para proporcionar aos alunos propostas pedagógicas que ampliem a sua visão de mundo, sem a omissão da diversidade sociocultural, pois tais práticas podem levar os alunos negros a se reconhecerem dentro daquele espaço escolar, elevando a sua autoestima, e para os demais estudantes previne atitudes discriminatórias e preconceituosas. É essencial o preparo dos professores para lidar com essas questões desde a sua formação na faculdade até as formações continuadas ao longo da sua carreira, pois só assim terão capacidade para lidar com a questão da diferença de forma efetiva.

A importância da Literatura Negra na identificação dos discentes

Como visto anteriormente, a implantação por meio de leis da História e da Literatura Negra nos currículos da educação básica, serviram para promover a identificação e valorização dos estudantes negros. É importante frisar que muitos alunos negros da escola têm certa vergonha ao falar da sua cor, e isso se deve ao racismo estrutural presente na sociedade, pois antigamente e atualmente, a pessoa ao se afirmar como preta era/é motivo de vergonha e constrangimento, e por esse motivo, é comum até nos dias de hoje as pessoas se identificarem como “morenos”.

Os alunos não se sentirem pertencentes à cultura afrodescendente é um processo que ocorre por conta de uma sociedade marcada pela exclusão social desses indivíduos, que tiveram as suas imagens construídas de forma pejorativa desde o início da escravidão, em que eram considerados inferiores.

Um dos motivos da dificuldade em afirmar sua origem étnica é a falta de referências positivas em narrativas da história da população negra. De acordo com Gomes, a escola é importante na superação desses conflitos, pois:

A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas. (Idem, 2003 p.77)

Além disso, é papel da escola levar as discussões sobre o papel da cultura negra e promover atividades contra o racismo e qualquer tipo de preconceito, para contribuir para a desconstrução dos alunos que possuem pensamentos e atitudes preconceituosas. Acompanhando Gomes, a autora pede um posicionamento da escola e dos professores:

Mas isso requer um posicionamento. Implica a construção de práticas pedagógicas de combate à discriminação racial, um rompimento com a “naturalização” das diferenças étnico/raciais, pois esta sempre desliza para o racismo biológico e acaba por reforçar o mito da democracia racial. Uma alternativa para a construção de práticas pedagógicas que se posicionem contra a discriminação racial é a compreensão, a divulgação e o trabalho educativo que destaca a radicalidade da cultura negra. Essa é uma tarefa tanto dos cursos de formação de professores quanto dos profissionais e pesquisadores/as que já estão na prática. (Ibidem, p. 77)

Com a inclusão de obras literárias escritas por autores negros e, que também possuem como protagonistas personagens negros, em currículos e programas educacionais, as escolas podem oferecer uma visão mais ampla sobre a diversidade, proporcionando aos alunos negros a oportunidade de se enxergarem representados e refletidos na literatura que estudam.

A literatura negra abrange uma vasta gama de gêneros, estilos e temas, e evoca questões e experiências específicas da comunidade negra, como o racismo, a discriminação, a luta por igualdade e a valorização da cultura afrodescendente. Ao ler e estudar essas obras, os estudantes negros podem se reconhecer nos personagens, e nas histórias, o que fortalece sua autoestima, identidade e senso de pertencimento.

Além disso, a literatura negra desafia estereótipos e preconceitos ao apresentar uma perspectiva autêntica e empoderadora da cultura negra. Ela revela a riqueza intelectual e artística dos escritores negros, muitas vezes marginalizados e sub-representados na história literária, não fazendo parte do cânone literário e, conseqüentemente, não sendo tratados nos livros didáticos. O cânone literário escolar privilegia autores consagrados na literatura brasileira, que em sua maioria são homens, brancos, de classe média-alta, enquanto deslegitima os autores que não estão presentes nesse cânone. De acordo com Coutinho:

[...] a questão do cânone literário [...] se estende desde a exclusão de uma produção literária vigorosa oriunda de grupos minoritários, nos centros hegemônicos, e do abafamento de uma tradição literária significativa, nos países que passaram por processos de colonização recente, [...] até problemas relativos à especificidade ou não do elemento literário, dos padrões de avaliação estética e do delineamento de fronteiras entre constructos como Literaturas Nacionais e Literatura Comparada. (COUTINHO, 1996, p.70)

Sendo assim, os autores que são considerados não canônicos possuem histórias a serem ouvidas e lidas, não podendo ser apagadas dentro das instituições de ensino, como a escola. É papel do professor estabelecer uma relação entre o cânone literário e o não cânone, indo além dos livros didáticos. Ao expor os alunos a essas vozes literárias, a escola promove uma educação mais inclusiva.

O professor através da literatura negra consegue promover o diálogo e a reflexão sobre temas relacionados ao racismo e a preconceitos e com as discussões desses temas os alunos, de modo geral, possuem a oportunidade de desenvolver empatia, sensibilidade e consciência social.

Conseguem aprender a reconhecer e questionar as desigualdades raciais presentes na sociedade, podendo tornar-se agentes de mudança e promovendo a equidade em suas comunidades.

Portanto, a inclusão da literatura negra na escola é essencial para oferecer uma educação mais representativa, diversa e inclusiva. Ela pode contribuir para a valorização da identidade dos alunos negros, para o combate ao racismo, estimular a consciência social e promover o respeito pela diversidade cultural. Ao reconhecer e celebrar a literatura negra, as escolas proporcionam aos estudantes uma educação mais enriquecedora e empoderadora.

Conclusão

A literatura negra desempenha um papel fundamental na promoção da autoestima e identificação dos estudantes negros nas escolas. Através da inclusão de obras literárias escritas por autores negros nos currículos escolares, é possível oferecer aos estudantes uma representação mais autêntica e diversa de suas próprias experiências e realidades. Além disso, a literatura negra estimula o debate e a reflexão sobre questões relacionadas ao racismo, preconceito e desigualdade, promovendo assim uma consciência crítica e a formação de cidadãos mais empáticos e conscientes.

Ao respeitar e valorizar a diversidade cultural por meio da literatura negra, as escolas cumprem não apenas um papel educativo, mas também um papel social importante na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Através dos estudos de autores negros e das histórias e perspectivas por eles apresentadas, os estudantes negros têm a oportunidade de se reconhecerem, de se orgulharem de suas raízes e de se sentirem pertencentes em um ambiente educacional que os valoriza e os empodera.

Portanto, é imprescindível que as escolas reconheçam a importância da literatura negra e a incluam de forma consistente nos currículos, respeitando as leis e diretrizes que garantem a obrigatoriedade do ensino da História e das Culturas Afro-Brasileira e Africana. Somente através dessa inclusão é possível construir uma educação mais inclusiva, que promova a autoestima, a identificação e o respeito pela diversidade dos estudantes negros, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária no futuro.

Referências

- ARAÚJO, Daiana Carina Barbosa. **A importância da literatura na representação étnico-racial e na construção identitária das crianças negras na escola.** 2017.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana,** 2008.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Educação (CNE).** Parecer 03/2004 de 10 de março do Conselho Pleno do CNE. Brasília: MEC/SEPPPIR, 2004.
- BRASIL. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educacional.** Lei 9394/96.
- BRASIL. Lei 10.639/2003 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- Diário Oficial da União, Poder Executivo,** Brasília.
- BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. **Diário Oficial da União, Poder Executivo,** Brasília.
- COUTINHO, Eduardo. Literatura Comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. **Revista da ABRALIC,** v. 3, n. 3. 1996, p. 67-73. Artigo disponível em <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/37/38> Acesso em 13/07/2021.
- GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.**
- CAVALLEIRO, Eliane. São Paulo: Summus, 2001.
- GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Rev. Bras. Educ. [online].** 2003, n.23, pp.75-85. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006>.

UM CONVITE À LEITURA FRUIDORA - ANÁLISE DO ESPAÇO DA BIBLIOTECA DO COLÉGIO PEDRO II DE NITERÓI

Elisa Oliveira Lindolpho⁹
Maysa Barreto da Silva Feijó¹⁰
Rayane Kelly Roale¹¹

Resumo

A prática do ensino de literatura no ambiente escolar costuma ser focada em exercícios conteudistas que pouco ou nada auxiliam a edificação crítica do discente. A experiência em uma escola que trabalha a literatura de modo transversal e que apresenta resultados tradicionais (como uma alta média de notas em vestibulares) instiga a curiosidade do professor em formação. Por esse motivo, este estudo propõe a análise da abordagem literária do Colégio Pedro II, conhecido por seu ensino construtivo e com bons resultados.

Palavras-chave: Ensino. Literatura. Biblioteca. Leitura.

Abstract

The practice of teaching literature in the school environment is usually focused on content exercises that do little or nothing to help the critical development of the student. The experience in a school that works with literature in a transversal way and that presents traditional results (such as a high average of grades in college entrance exams) instigates the curiosity of the teacher in training. For this reason, this study proposes the analysis of the literary approach of Colégio Pedro II, known for its constructive teaching and with good results.

Keywords: Teaching. Literature. Library. Reading.

Resumen

La práctica de la enseñanza de la literatura en el ámbito escolar suele centrarse en ejercicios de contenido que poco o nada ayudan al desarrollo crítico del alumno. La experiencia en una escuela que trabaja con la literatura de manera transversal y que presenta resultados tradicionales (como un alto promedio de calificaciones en las pruebas de ingreso a la universidad) instiga la curiosidad del profesor en formación. Por esta razón, este estudio propone el análisis del enfoque literario del Colégio Pedro II, conocido por su enseñanza constructiva y con buenos resultados.

Palabras clave: Enseñanza. Literatura. Biblioteca. Lectura.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que modo a escola analisada obtém resultados significativos em literatura, compreendendo a relevância da biblioteca escolar como um componente essencial desse processo. Para além da observação em sala de aula, exploraremos o impacto e a importância do espaço dedicado à leitura e ao estudo literário, ou seja, a biblioteca escolar. No caso específico do Colégio Pedro II, exemplo de instituição engajada em promover a leitura, examinaremos a forma como a biblioteca se organiza.

⁹ Graduanda em Letras e Residente do Programa de Residência Pedagógica (PIRP) – UFF

¹⁰ Graduanda em Letras e Residente do Programa de Residência Pedagógica (PIRP) – UFF

¹¹ Graduanda em Letras e Residente do Programa de Residência Pedagógica (PIRP) – UFF
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

A análise que aqui será construída é pautada no conceito de leitura verificado no texto “O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: CONCEPÇÕES DO DOCENTE E SUA PRÁTICA NA SALA DE AULA” de Atelane Sena Garcia, Jones Gonçalves Basoli e Rafaela Stopa. O texto aborda a complexidade do ensino de literatura no ensino médio, examinando as perspectivas do aluno e do professor, bem como as orientações curriculares em diferentes estados brasileiros, com foco especial em São Paulo e Paraná.

Com relação à literatura dentro da sala de aula, é destacada a necessidade de entender as dinâmicas gerativas de resultados dentro do processo educacional. As perspectivas do aluno são analisadas considerando o contexto familiar, social e econômico, enquanto a figura do professor é apontada como a criadora de oportunidades de aprendizado e a pessoa que deve assumir o papel de mediador para com o contato dos alunos com textos literários.

Os documentos oficiais do país, como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, indicam que o ensino de literatura deve focar na formação do aluno como leitor literário, visando a ampliar conhecimentos e competências, a priorizar o contato direto com o texto literário, e não apenas a concentrar-se em análises críticas, nomenclaturas, estilos e épocas. Embora os professores compreendam a importância da literatura, as práticas em sala de aula nem sempre refletem essa compreensão. Muitas vezes, a literatura é trabalhada com o foco na análise estrutural em detrimento da formação deste leitor. Além disso, a falta de tempo e um currículo extenso são desafios enfrentados pelos docentes no ensino de literatura.

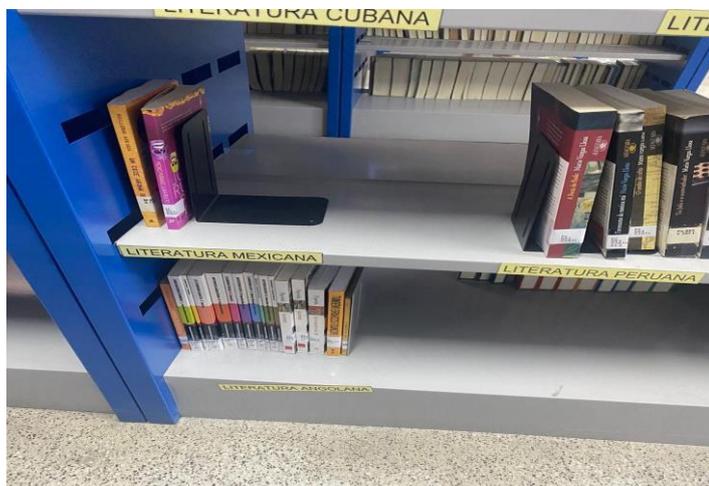
No cenário paulista, a Proposta Curricular enfatiza a literatura de forma sistematizada e pragmática, direcionando-a para fins educacionais e preparatórios para o vestibular. Já no Paraná, as Diretrizes Curriculares abordam a literatura sob a ótica de Bakhtin, de modo a enfatizar o indivíduo como protagonista da leitura e a destacar a necessidade de o professor ouvir a recepção literária dos alunos. O texto é concluído enfatizando a necessidade de reavaliar as práticas de ensino, buscando formas de promover maior envolvimento dos alunos com a literatura. Esta possui um grande potencial humanizador e pode formar leitores críticos, tornando-se uma ferramenta essencial na educação. Cabe, portanto, ao professor o papel de facilitador para que os estudantes se apaixonem pela leitura e apreciem o poder transformador e reflexivo da literatura em suas vidas. É neste sentido que propomos a análise de um exemplo bem-sucedido de ensino literário convidativo e fruidor.

Proposta de leitura do Colégio Pedro II

A realidade na qual fomos envolvidas como três residentes pedagógicas no Colégio Pedro II com relação à literatura no meio escolar e no dia a dia dos estudantes foi admirável e acolhedora. Dentro da estrutura escolar, a biblioteca desempenha seu papel fundamental ao incentivar o hábito de leitura de forma prazerosa, autônoma e significativa, pois lá existe um ambiente propício para isso. Não apenas a organização do espaço é convidativa, mas também há uma série de fatores que levam o aluno a procurar o ambiente e a se manter como frequentador assíduo dele.

Com relação ao acervo dos livros, há uma imensa variedade de obras, desde clássicos à literatura infanto-juvenil contemporânea. São encontrados com facilidade livros nacionais, americanos, australianos e até mesmo de literaturas que infelizmente ainda são encaradas de forma marginalizada como a literatura uruguaia, moçambicana, chilena e muitas outras. Enquanto estudantes de literatura que compreendem os malefícios desta marginalização, ficamos extremamente admiradas com a presença de seções destinadas à literatura africana de língua portuguesa, visto que não é de conhecimento comum a existência de países nesse continente que produzem literatura em português. A disponibilização deste tipo de bibliografia abre portas para a formação do senso crítico do aluno, pois permite que ele enxergue a face da colonização tal qual a ocorrida pelo Brasil. No espaço, apesar da presença da literatura da colônia, também é oferecida a produção do colonizado.

FIGURA 1 - LITERATURAS CUBANA, MEXICANA, PERUANA E ANGOLANA



Fonte: acervo pessoal

FIGURA 2 – LITERATURAS URUGUAIA E MOÇAMBICANA



Fonte: acervo pessoal

FIGURA 3 - LITERATURAS ITALIANA, COLOMBIANA, CUBANA, ESPANHOLA, CHILENA, MEXICANA, PERUANA URUGUAIA E ANGOLANA



Fonte: acervo pessoal

Ademais, ao permitir a participação dos alunos e dos professores no processo de seleção, a biblioteca demonstra um compromisso com a comunidade escolar, dando voz aos seus interesses e preferências literárias. Essa abordagem colaborativa contribui para que os estudantes sintam-se valorizados e engajados com o espaço da biblioteca, tornando-o mais atraente e relevante em suas vidas acadêmicas e pessoais. Visto que a biblioteca escolar desempenha um papel fundamental no estímulo à leitura e na formação de leitores críticos, além de oferecer um vasto acervo de obras literárias, essa pode se tornar um espaço vivo de interação com os livros, promovendo atividades que despertem o interesse dos alunos pela literatura.

A biblioteca do Colégio Pedro II é organizada pela estudante de biblioteconomia Nayara Peluffo Nascimento e pela bibliotecária Helena Peixoto Pontes de Souza. Ambas nos receberam de forma amigável, o que nos demonstrou, na prática, o quão acolhedor é o espaço. Durante uma conversa sobre o funcionamento do lugar, elas nos apresentaram algumas iniciativas, como a do Clube do Livro. Toda terça-feira, alunos e responsáveis se reúnem para discutir obras lidas, permitindo um diálogo enriquecedor sobre diferentes temas e perspectivas presentes na literatura. Essa atividade proporciona aos participantes a oportunidade de compartilhar suas impressões, identificar pontos de vista diversos e aprofundar a compreensão das narrativas. Essa iniciativa, por si, já ilustra a ideia de leitura fruidora e formadora de leitores críticos, pois permite interpretações mais abrangentes, fora da perspectiva voltada ao vestibular que rotula as obras em torno de características como escola literária, enredo etc.

Além disso, a biblioteca demonstra uma criatividade admirável ao organizar uma estante temática, estrategicamente posicionada na entrada do ambiente. Os alunos, através de uma porta de vidro, visualizam a temática, que normalmente é convidativa, e sentem curiosidade para adentrar o espaço. Essa estante abrange ocasiões especiais, como o mês do orgulho nerd e festa junina e, além do espaço físico, essa iniciativa também se aproxima dos jovens por meio das redes sociais, visto que as campanhas temáticas são divulgadas no Instagram. Essa abordagem conecta a literatura com a realidade vivenciada pelos alunos, aproximando-os ainda mais dos livros e incentivando a leitura contextualizada e significativa.

Debates literários mediados com objetivos específicos também têm se mostrado uma ferramenta poderosa para envolver os estudantes com o universo literário. Ao promover discussões estruturadas sobre obras de diversos gêneros e estilos, abordando sua estrutura, intenções e diferentes possibilidades de interpretação, a biblioteca proporciona o desenvolvimento do pensamento crítico e a capacidade de análise dos alunos. Esse, sem dúvida, é o objetivo principal do ensino de linguagens na escola, respaldado em Paulo Freire.

Ensinar e aprender tem que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência. (FREIRE, 1996, P.74).

Outro ponto essencial é a organização da biblioteca para facilitar o acesso dos alunos aos livros e incentivar a leitura fruidora. O sistema adotado pela biblioteca do Colégio Pedro II é admirável, pois utiliza a catalogação por assunto e pelo Código de Cutter — sistema que permite ordenar diversas obras de um mesmo autor dentro de um mesmo assunto —, tornando a busca pelos títulos e autores mais eficiente e compreensível para os estudantes. A divisão das prateleiras por temas, representados por números de 0 a 900, proporciona uma experiência de navegação intuitiva e enriquecedora, permitindo que os alunos explorem livremente o acervo em busca de obras que despertem seu interesse. Todavia, ainda seja uma organização fluida e descomplicada, as responsáveis sempre se colocam à disposição dos alunos para ajudá-los em suas demandas, ajuda essa que costuma ser a mais procurada. O fato de a biblioteca disponibilizar um catálogo para consulta, mas os alunos preferirem buscar auxílio com os bibliotecários, é um indicativo positivo da relação que os estudantes estabelecem com esse espaço. Isso mostra que os alunos enxergam a biblioteca não apenas como um depósito de livros, mas como um local de interação, onde podem contar com a ajuda e orientação dos profissionais para encontrar as leituras mais adequadas aos seus interesses e necessidades.

Essa organização cuidadosa e clara é um reflexo do compromisso da biblioteca em criar um ambiente acolhedor e favorável à leitura. O fácil acesso aos livros e a possibilidade de escolher as leituras de forma autônoma são fatores essenciais para estimular a paixão pelos livros e a formação de leitores ávidos. Quando os alunos se sentem confortáveis para circular por entre as estantes, sem medo de se perderem ou não encontrarem o que procuram, eles se sentem mais empoderados e engajados no processo de leitura. Esse sistema de catalogação por assunto demonstra um cuidado em tornar a pesquisa mais ágil e eficiente, pois agrupa livros relacionados sob uma mesma temática, permitindo que os alunos descubram obras que talvez não procurariam inicialmente. Além disso, a presença do Código de Cutter para cada autor contribui para uma organização mais precisa e ordenada do acervo, facilitando a localização de livros específicos e auxiliando os alunos em pesquisas acadêmicas ou trabalhos escolares.

Retomando o artigo de Atelane Sena Garcia, Jones Gonçalves Basoli e Rafaela Stopa que analisa o papel do docente no ensino de literatura, vemos que o insucesso pode ser, muitas vezes, justificado pela falta de integração sala de aula-biblioteca. Supomos que esta, logo, funciona como um dos propulsores dos bons resultados do ensino de literatura do Colégio Pedro II de Niterói.

O uso de tecnologia é outro ponto a ser destacado na modernização da biblioteca. Incorporar recursos tecnológicos, como computadores para uso dos alunos, e disponibilização de obras em formato pdf enriquece a experiência de pesquisa e estudo, aproximando-se das ferramentas e métodos de aprendizado contemporâneos. Outrossim, a disponibilidade de jogos de tabuleiro e outras atividades lúdicas é uma maneira criativa de incentivar o interesse dos estudantes pelo conhecimento de forma divertida e interativa.

Essa união harmoniosa entre o ambiente acolhedor, com toques personalizados e elementos convidativos, e o uso adequado da tecnologia na biblioteca, contribui para que o espaço se transforme em um centro de aprendizagem multidimensional, capaz de atender às necessidades diversas dos alunos. Dessa forma, a biblioteca não é vista apenas como um local de consulta de livros, mas como um espaço de descoberta, aprendizado e entretenimento, onde a leitura, a tecnologia e a socialização se integram para promover uma formação integral e enriquecedora.

Conclusão

A partir da análise realizada, pode-se concluir que a biblioteca escolar é um componente essencial para o ensino de literatura e para a formação de leitores críticos. Ela pode contribuir para a promoção da leitura de forma prazerosa, autônoma e significativa, além de oferecer um ambiente propício para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de análise dos alunos.

No entanto, para que a biblioteca cumpra esse papel, é necessário que ela esteja organizada de forma a facilitar o acesso dos alunos aos livros, e que os professores atuem como facilitadores para que os estudantes se apaixonem pela leitura e apreciem o poder transformador e reflexivo da literatura em suas vidas. Os desafios enfrentados pelas escolas na promoção da leitura são muitos, como o foco na análise estrutural em detrimento da formação deste leitor e a falta de tempo somada a um currículo extenso, mas a biblioteca pode ajudar a superá-los ao oferecer um ambiente acolhedor e convidativo para a leitura, possibilitando o seu uso como um ambiente didático pelo docente, além de disponibilizar uma variedade de obras de diferentes gêneros e estilos, visando a atingir todos os públicos.

A utilização de demais recursos, como os computadores e jogos lúdicos, permitem que o aprendizado da literatura e o estímulo à leitura perpassem as barreiras tradicionais, alcançando o aluno por meio da diversão e do lazer, além de estimular o ato de ler, tendo em vista que alguns alunos optam pelo uso de livros digitais, que podem ser disponibilizados pelos bibliotecários assim como as do Colégio Pedro II realizam. Com isso, o olhar do discente é expandido, enxergando a biblioteca como um refúgio e um espaço de sonhos, de conquistas e de formação.

Por fim, os profissionais da educação podem e devem fazer uso da biblioteca como um recurso pedagógico para enriquecer suas aulas de literatura e incentivar a participação dos alunos, promovendo discussões estruturadas sobre obras de diferentes gêneros e estilos, abordando sua estrutura, intenções e diferentes possibilidades de interpretação, distanciando-se do ensino estruturalista e arcaico. Dessa forma, pode-se concluir que a biblioteca escolar é um espaço fundamental para a promoção da leitura e para o ensino de literatura, e que seu papel deve ser valorizado e fortalecido nas escolas.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Ega, 1996.

GARCIA, Atelane Sena; BASOLI, Jones Gonçalves. O ensino de literatura no ensino médio: concepções do docente e sua prática na sala de aula. In: X SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS - Estudos Linguísticos e Literários. 2013. Anais... UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2013. ISSN – 18089216. p. 397- 406.

DIFICULDADE DO ENSINO DE LITERATURA: PARA ALÉM DAS SALAS DE AULA

Giullia de Brito Mendonça¹²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir os desafios que permeiam o ensino de Literatura nas instituições de educação básica. A discussão aqui apresentada explora o sistema de ensino em relação às aulas de Literatura, a necessidade da produção de leitores e escritores competentes, a importância do conhecimento cultural literário e a impotência dos professores de criar interesse pela leitura nos alunos quando não existem espaços ou estímulos para auxiliá-los nessa missão.

Palavras-chave: Ensino de literatura. Sistema educacional. Leitura. Aulas de Literatura. Literatura clássica.

Abstract

This work aims to discuss the challenges that permeate the teaching of literature in basic education institutions. The discussion presented here explores the teaching system in relation to literature classes, the need to produce competent readers and writers, the importance of literary cultural knowledge and the impotence of teachers to create an interest in reading in students when there are no spaces or stimuli. To assist them in this mission.

Key words: Literature teaching. Educational system. Reading habits. Literature classes. Classic literature.

Introdução

A questão das complexidades encontradas durante as aulas de Literatura, desde a dificuldade de capturar o interesse dos alunos até a forma como as obras são trabalhadas dentro das escolas, é um tópico frequentemente discutido na área da educação básica literária. A formação de leitores atualmente está quase sempre relacionada à instituição escolar; e a capacidade de compreender competentemente textos é uma parte imprescindível na formação de um cidadão, é uma habilidade que influencia diversos aspectos na vida das pessoas: acessibilidade, senso crítico, contato cultural, além de ser uma aptidão muito necessária nos âmbitos do mercado de trabalho e acadêmico. Contudo, é hora de parar de considerar a formação de leitores como um fator determinado pelos professores e alunos individualmente e passar a considerá-la como um fator determinado pela estrutura escolar em si. Ao observar o panorama das aulas de Literatura no Brasil por esse ponto de vista crítico, é possível notar as falhas na estrutura designada a elas, podendo assim elaborar uma resolução para o aparente declínio no ensino de Literatura.

Sobre a educação

Antes de se discutir as falhas presentes nas aulas de Literatura, é de extrema importância atentar-se ao contexto de concepção das escolas na qual elas estão inseridas hoje. É conhecido que o processo de educação foi um dos fatores mais cruciais para o desenvolvimento de grupos sociais e a criação de sociedades. De forma muito diferente da noção de educação atual, o repassamento de histórias e saberes fortificou os pilares dos antigos impérios. Normalmente, quando a educação nos primórdios dos tempos é citada, surge a imagem do que é considerado um dos pilares da civilização ocidental, a Grécia Antiga. Essa civilização utilizava da educação como seu preponderante princípio de organização social e era vista como a prática da democracia entre os cidadãos - o conceito de

¹² Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

"cidadãos" dos gregos possuía limites rígidos e excluía a maior parte da população. Tal princípio foi repassado e adotado por diversos impérios, influenciando a pedagogia até a contemporaneidade.

A forma de educar institucionalmente através das escolas como conhecemos hoje surgiu fomentada pela Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX, pela crescente urbanização e pelo aumento demográfico. A educação institucional é fruto dos novos regimes democráticos que reivindicavam que o acesso à escola era um direito de todo cidadão, e uma parte importantíssima para sua formação; também é a partir daí que devemos examinar criticamente a educação e os métodos de ensino. A educação, a partir de agora, não é vista só como a passagem de informações entre grupos sociais, mas sim, principalmente, como o resultado do trabalho da escola.

Como Dermeval Saviani aponta em seu livro “Escola e Democracia”, é necessário ter em vista o propósito da construção da escola como instituição, percebendo que esta é um instrumento fortemente influenciado pela sociedade onde está introduzida, sendo um fator determinado por ela, não um determinante. A escola, desde os conteúdos até a maneira como ela funciona internamente, é marcada pela narrativa das classes sociais dominantes e trabalha de forma a assegurar o privilégio delas, o que naturalmente torna o ensino das classes dominadas mais defasado.

Botando tais questões em volta da educação e do ensino em um contexto de realidade brasileira, é possível citar o filme documentário “Para o Dia Nascer Feliz” do diretor João Jardim. O documentário acompanha a vida de jovens estudantes tanto em escolas públicas quanto em particulares, sendo notável a realidade desesperançosa em relação ao futuro dos alunos mais pobres. Questões como o analfabetismo funcional dos estudantes, a pouca perspectiva de mudança de vida, a evasão escolar pela crescente necessidade de trabalhar, a negligência estatal com a manutenção da estrutura das escolas, a falta e exaustão dos professores, entre outras, permeiam o cenário educacional das classes mais pobres brasileiras.

As aulas de literatura

Quando se é discutida a importância das aulas de Literatura no ambiente acadêmico é muito comum que as justificativas se voltem a um propósito mais subjetivo de “amor à literatura” e utilizando um pensamento muito similar ao pregado pelo autor Antônio Cândido que defendia o ponto de vista da atuação da literatura como uma força humanizadora, não apenas como um sistema de estudos. “Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.” (Candido 1999, p. 82). Contudo, é de suma importância ter em foco que a relevância das aulas de Literatura e as questões que envolvem sua crise vão além da apreciação individual pelas obras literárias, é necessário que os alunos - principalmente os das escolas públicas - saiam da escola com uma afiada capacidade de leitura e interpretação, além da habilidade de produção de textos básicos e pensamento crítico.

Baseando-se em textos que abordam o letramento literário, tais como “Análise de textos: fundamentos e práticas” de Irandé Antunes (2010) e “O paradigma da formação do leitor” de Rildo Cosson (2020), assim como observando também dados disponibilizados pela Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019), é possível ressaltar a importância da Literatura na sala de aula, para que ao instigar o gosto pela leitura, exista uma contribuição para a formação de leitores e leitoras competentes.

Segundo Cosson (2020), no artigo “O Paradigma da Formação do Leitor”, o ensino da Literatura não deve ter o objetivo somente de desenvolver o vocabulário, incorporar registro formal e fixar ortografia. Deve-se levar em consideração que a Literatura precisa estar presente no ambiente escolar, por dois motivos que estão interligados:

A primeira delas é que por meio da literatura o aluno se desenvolve como indivíduo, ou seja, a leitura dos textos literários proporciona ao leitor experiências e conhecimentos que ampliam e aprofundam a sua compreensão do viver, que o ajudam a entender melhor o seu mundo e a si mesmo. (...) A segunda grande razão é que a literatura é o instrumento mais eficiente que se conhece para a criação do gosto e do hábito pela leitura. (COSSON, 2020, p. 133).

Todavia, apesar de todas as aptidões que o hábito da leitura provoca na vida das pessoas, de acordo com a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, com dados de 2019, 48% dos brasileiros não possuem o hábito de ler. E na parcela de leitores, que consiste em 52% da população, a média de livros lidos por ano é de 4,95.

Observando os dados apresentados, é perceptível a influência da escola na formação de leitores. De acordo com a pesquisa, os anos em que as pessoas mais leem são entre os 5 e 10 anos, 71% das crianças dentro dessa faixa etária são leitoras. Conforme essas crianças vão crescendo e se tornando adolescentes e adultos esses números caem drasticamente, dentre os jovens comumente recém-saídos das escolas, entre 18 e 24 anos, apenas 59% são leitores.

Isso acontece, pois como apontado pelos organizadores da pesquisa, até os 10 anos existem muitos mediadores de leitura na vida das crianças. Utilizando-se da contação de histórias, familiares e professores do Ensino Infantil incentivam diretamente as crianças a ler. A partir dos 11 anos, tal mediação passa a ser considerada desnecessária, o que atrapalha o desenvolvimento do leitor.

A atuação da figura do professor na construção de um leitor é explicitada também quando 15% das pessoas consideram o professor o principal influenciador do gosto pela leitura, e quando se trata do interesse pela literatura, para 52% das pessoas um professor foi responsável por acender a curiosidade sobre um livro.

Tendo tais informações em vista, é possível notar a importância da mediação na leitura durante todos os anos escolares, não apenas na Educação Infantil, assim como a eficácia da leitura acompanhada na formação de hábitos e no desenvolvimento do gosto pelos livros.

No entanto, é injusto e improdutivo responsabilizar os professores pelo desinteresse dos alunos na leitura quando os problemas que permeiam as aulas de Língua Portuguesa estão muito além de qualquer solução individual. Começando pela falta de estrutura nas escolas, como bibliotecas mal abastecidas ou a ausência completa delas, impossibilitando que os docentes trabalhem de fato com a leitura de livros; a falta de estímulos de leitura fora da escola também se mostra um desafio, principalmente na era das redes sociais, que funcionam a partir de estímulos imediatos e que requerem pouca concentração, tornando-se naturalmente muito mais convidativas que qualquer atividade que exija atenção e empenho.

Considerando as pesquisas realizadas por Lígia C. Leite e Maria T. Rocco em suas obras “Invasão da catedral: literatura e ensino em debate” e “Literatura, ensino: uma problemática”, respectivamente, a forma que as aulas de Literatura são conduzidas, principalmente nos livros didáticos que são utilizados na maioria esmagadora das escolas, a leitura fica por conta apenas de trechos de livros que servem como matéria de ensinamentos gramaticais, de ortografia ou como mostroário de características históricas sobre as escolas literárias.

As estudiosas defendem que os textos escolarizados devem ter como principal função a formação de um leitor literário competente, e esse trabalho deve ser construído com a exploração de obras integrais, não apenas trechos delas. As pensadoras apontam também que por mais que tenham ocorrido muitos avanços teóricos nas políticas e pesquisas sobre o ensino da Literatura, o ensino literário escolar contemporâneo ainda segue um modelo tecnicista, que não foca na reflexão de aspectos do texto e no potencial de transformação humana da literatura.

Além de Leite e Rocco, muitos estudiosos literários concordam que o principal motivo constatado para a precária formação de leitores literários se dá a partir do momento em que as aulas de Literatura não trabalham os textos literários de fato, e sim apenas as suas nomenclaturas. Para que o interesse e o entendimento das obras sejam despertados é preciso que as aulas de Literatura sejam capazes de situar o leitor como parte integrante e ativa do processo formativo do ensino literário, fazendo com que os alunos sejam capazes de lidar competentemente com as situações imprevisíveis de leitura encontradas pela vida social.

A partir disso, quando as aulas de Literatura em que os alunos são apresentados às obras pertencentes ao cânone literário brasileiro, que de acordo com a Base Nacional Comum Curricular se iniciam no Ensino Médio, muitos estudantes encontram dificuldade em compreender e se interessar por essas obras por conta da falta de costume com o ato da leitura. Dessa forma, a introdução à literatura clássica se mostra inútil nos estágios finais da educação básica quando a introdução de métodos de leitura eficiente não está presente nos estágios iniciais da referida.

É preciso compreender que, ambientados em um sistema educacional de propósitos capitalistas no qual o grande objetivo final da educação é preparar os indivíduos para o mercado de trabalho, além da manutenção do funcionamento social, a literatura se torna “inútil” e perigosa, já que se trata de uma expressão artística com uma forte capacidade de expandir o pensamento crítico. Dessa forma, a única maneira dela ser aproveitada dentro desse cenário é de forma exibicionista e funcionalista.

A leitura e por consequência o apreço à literatura, necessita de tempo, espaços e estímulos para florescer. Dessa forma, é fundamental a implementação de iniciativas fora das salas de aula que propiciem isso. Da mesma forma que as escolas investem em laboratórios de Ciência, salas de informática e oficinas de Matemática, é necessário que se enriqueçam as bibliotecas não só de mais livros, mas como de eventos de leitura, interpretação e discussão. Assim, mesmo os discentes que não desenvolvam apreço subjetivo pela arte da literatura, ao menos se tornarão leitores e escritores competentes, com conhecimento cultural para entender seus arredores.

Considerações finais

Considerando o contexto do sistema educacional como um todo e as dificuldades do ensino literário especificamente, é possível entender que a atuação dos professores realmente não deve ser considerada como um fator salvacionista dos problemas encontrados durante as aulas de Literatura, tendo em vista que o seu pleno funcionamento é influenciado por diversos fatores sociais determinados fora das escolas e a sua valorização como disciplina nas instituições educacionais está inserida no contexto capitalista em que todo o restante do Brasil também está. Contudo, é um erro não discutir a importância do acesso à literatura e da capacidade de se ler competentemente na realidade social, já que esses conhecimentos se relacionam com a sociedade e, dessa forma, mesmo sendo elementos determinados, têm total capacidade de influenciar o elemento determinante. Mesmo sendo componentes secundários, ainda são poderosos e cruciais instrumentos no processo de desenvolvimento social, principalmente para as camadas mais baixas da sociedade.

Porém, é necessário analisar as dificuldades sofridas no âmbito das desigualdades educacionais com mais suspeita do que apenas acreditar na falha da passagem de conteúdo ou na dificuldade financeira governamental. Mesmo que o ensino atualmente seja obrigatório e um direito para todas as crianças e jovens, as escolas públicas sofrem com a sucateização e a escassez de recursos em comparação às escolas privadas.

Dessa forma, o objetivo das aulas de literatura deve ser aprimorar a capacidade de leitura dos estudantes, principalmente para os que pertencem às camadas populares, priorizando a certeza da capacidade dos alunos de ler criticamente e interpretar corretamente todos os tipos de textos, pois o domínio de conhecimentos culturais é um instrumento crucial para a participação política da população, de forma com que as camadas populares possam reivindicar seus interesses. A importância do saber sobre as obras pertencentes ao cânone literário brasileiro - além de possibilitar que os alunos conheçam a história de seu país, entendam sua cultura e a forma como os brasileiros desenvolveram sua identidade artística - dá-se pelo fato de que as camadas dominantes utilizam desse mesmo conhecimento para alicerçar e validar a sua dominação, sendo de extrema necessidade a igualização do saber entre as classes.

Despindo o ensino da Literatura de sua fantasia salvadora e olhando-a como um dos instrumentos que podem e devem ser utilizados para a luta contra a desigualdade social, são notáveis as suas virtudes e capacidades. Durante toda a trajetória histórica de nosso país, o ensino no geral passou por altos e baixos, por momentos de evolução e de desmonte, e nada indica que tais oscilações irão se extinguir em um futuro próximo, e sendo assim é necessária a vigilância constante em relação às mudanças na disciplina literária e na valorização da literatura como arte; além de cada vez mais empenho na luta por espaços de florescimento de leitores dentro das escolas.

Referências bibliográficas

- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 32.ed. Campinas: Autores Associados, 1999.
- PARA O Dia Nascer Feliz. Direção: João Jardim. Produção: Flávio R. Tambellini. Roteiro: João Jardim. Fotografia de Gustavo Hadba. São Paulo: Globo Filmes, 2005. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu_I. Acesso em: 17 jul. 2023.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- COSSON, Rildo. O paradigma da formação do leitor. In: COSSON, Rildo. Paradigmas do ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 2020.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **5ª Edição da Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2019. Disponível em: <<https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5-a-edicao/>> . Acesso em: 20 jul. 2023.
- LEITE, Lígia C. **Invasão da catedral: literatura e ensino em debate**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, 204 p.
- ROCCO, Maria T. **Literatura, ensino: uma problemática**. São Paulo: Ática, 1981, 286 p.
- CÂNDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Revista Remate de Males*. Antonio Candido (número especial), Campinas: DTL

A CRISE NO ENSINO DE LITERATURA HOJE: UMA CRISE QUE VAI DA SALA DE AULA À SALA DE LEITURA

Larissa Picoro do Nascimento¹³
Tháísa Christina Pereira dos Santos¹⁴

Introdução

Muito se tem discutido sobre o ensino de língua portuguesa e literatura nas escolas. Há quem diga que esse ensino está em crise e há até quem acredite que em um futuro não tão distante a literatura possa “sumir” do currículo obrigatório. Mas não falaremos nessa situação por agora. O que faremos aqui será debater questões que ajudam a fortalecer e consagrar essa visão de uma literatura em crise.

Costumamos dizer que a literatura está em crise porque já não mais se lê como antes o que chamamos de literatura, e a discussão atual é a de uma renovação no processo de ensinar literatura a fim de levar aos alunos o gosto por ela, talvez, pela primeira vez. E esses esforços são para consagrar a ideia de uma literatura que não só faz parte de uma educação linguística de qualidade, como também é dela uma parte vital. E muito embora seja reduzida à leitura de clássicos canônicos, o desafio tem sido levar para dentro da sala de aula o gosto pela arte da literatura sem que seu ensino seja feito de forma engessada para o aluno, o que resulta em um desinteresse não só pela literatura como matéria escolar, mas pela leitura como um todo.

De acordo com Benedito Antunes (2015), a escola tem cumprido o seu papel como principal difusora da literatura, pois é nela que os jovens têm seu primeiro contato com o texto literário. Mas enquanto executa positivamente o seu papel de difusão, tem deixado a desejar no papel de criação e manutenção de leitores, uma vez que a metodologia de ensino-aprendizagem se encontra ultrapassada, metódica e desestimulante. Para o autor, deveria ser na escola a criação de um leitor crítico (ou seja, o que é capaz de ler, entender, opinar favorável ou desfavoravelmente às opiniões propostas por um texto e organizar, individualmente, suas próprias opiniões sobre aquilo que se leu), mas é nela que se faz o contrário uma vez que nela não se leem as obras, e sim seus críticos. Ele afirma que é aí que surge o problema no ensino e especificamente na mediação de leitura, ao afirmar que é nessa mediação que se estabelece o desinteresse do aluno em relação à literatura.

Segundo Marcos Bagno em seu artigo *Tarefas da educação linguística no Brasil*, o ensino se resume aos seguintes procedimentos: (1) Ligar a literatura a uma suposta evolução cronológica, o que remete à necessidade de “começar pelo começo”, exigindo do aluno a aproximação a padrões e usos linguísticos muito distantes de seus usos mais imediatos. A fruição dos textos originais, exigência básica do ensino da literatura, acaba prejudicada por esse distanciamento; (2) fornecer um quadro da época, com os principais acontecimentos históricos; (3) informar sobre as tendências estéticas em vigor como, por exemplo, as Escolas Literárias. Ou, ainda, arrolar as características da Escola a que pertence(m) o(s) autor(es) estudado(s); (4) apresentar dados biográficos do autor, e por último; (5) resumir a obra: se prosa: tema, personagens principais, enredo, espaço e tempo. Se poesia: o conteúdo, as rimas, o ritmo, as imagens.

¹³ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense

¹⁴ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

De certo que a contextualização da obra literária é um fator importante ao seu processo de ensino e de aprendizagem, mas resumir esse processo a uma mera contextualização é, inegavelmente, a fórmula a qual estamos, aqui, problematizando.

A crise como (de)formadora de leitores

Todo mundo lê, inclusive os nossos alunos. A afirmativa contrária só estimula um desinteresse no alunado sobre a leitura escolarizada, em que o que vigora, até hoje, é a nomenclatura “literatura” apenas aos clássicos canônicos, que não geram identificação alguma no aluno, gerando, então, o desinteresse.

Todo esse desinteresse vem pela invalidação das obras literárias que os alunos leem. Se perguntarmos hoje, para um aluno do ensino médio, por exemplo, o que ele gosta de ler ou o que ele tem lido, ele vai nos responder, provavelmente, sagas ficcionais desconsideradas como literatura pela escola. E isso quer dizer que essas obras não são literatura ou que o aluno não goste de literatura? Ou isso reforça mais a ideia de que é a escola quem precisa atualizar seus métodos de ensino a fim de se encaixar no mundo do aluno, tendo em vista que o aluno não se esforçará para se encaixar na escola.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Luzia de Maria (2009), não dá para esperar que estudantes que tiveram pouca ou nenhuma leitura de obras literárias comecem a ler pelas “obras-primas”, e saber reconhecer e trabalhar em cima das obras que são lidas pelos alunos é de extrema importância para um ensino efetivo de literatura. Ela diz:

[...] nenhum leitor nasce lendo Fernando Pessoa ou Guimarães Rosa. Até porque é preciso maturidade de leitor para apreciar os mestres. Prefiro ver um adolescente lendo, feliz, Harry Potter do que vê-lo sendo obrigado, pela escola, a ler um romance qualquer de Machado de Assis, por conta de ser seu centenário, e odiando, por tabela, qualquer leitura. (MARIA, 2009, p.159)

Nesse ponto de vista, é importante saber reconhecer o gosto do aluno, e saber também fazer uma seleção literária consciente de tudo o que permeia não só a obra, mas o contexto em que esse aluno está inserido, pois somente assim haverá, de fato, uma educação literária de qualidade, corroborando em uma educação linguística efetiva.

O espaço das bibliotecas escolares e salas de leitura no ensino de literatura

Ao discutirmos a formação do leitor na escola costumamos questionar como um dos principais pontos de atenção a formação do professor. Sabemos que seu papel é central e sua atuação pode significar diferentes abordagens pedagógicas, assim como distintos resultados com determinado grupo de alunos. Contudo, a atuação do educador está sempre inserida num complexo espaço social, econômico, cultural e político que atua como base e suporta as atividades educacionais exercidas. É importante lembrar que o ensino não é executado no vácuo, diversos fatores delimitam e limitam os espaços de atuação do professor como legislação, objetivos traçados para sua rede de ensino ou unidades escolares, público a quem atende, localização da escola, material didático e infraestrutura.

Tanto as bibliotecas escolares como as salas de leitura são parte integrante desse cenário: elas devem dar suporte ao processo de formação do leitor a partir de seu acervo e espaço que integram o cotidiano da comunidade escolar através do desenvolvimento de familiaridade desta com aquela. Com isso somos capazes de vislumbrar horizontes diversificados com novas rotinas de leitura; desenvolvimento de atividades não-tradicionais; um espaço agradável de pesquisa, estudo e lazer para professores e alunos; além de novas formas de partilha de conteúdo – o fluxo é de troca, dialógico, não apenas receptivo – e dinamicidade nos planos de aula, algo cada vez mais específico e variável com as necessidades e gostos de cada grupo de alunos atendidos.

Tendo estes objetivos em vista, vamos explorar como as bibliotecas escolares se apresentam no sistema educacional, como sua presença e implementação se destacam na evolução do espaço escolar, sua integração no planejamento pedagógico e alguns questionamentos e problemáticas decorrentes de sua (in)utilização.

Sala de leitura x biblioteca escolar: como nomear afeta e modifica o objeto

Para iniciarmos nossa discussão devemos primeiro reconhecer nosso objeto de análise, assim devemos começar de um ponto que parece superficial, porém afeta toda organização em torno da organização das obras literárias no âmbito educacional. Quando falamos em sala de leitura (SL) estamos nos referindo ao mesmo que biblioteca escolar (BE)? A resposta não poderia ser mais simples: nomes diferentes, lugares e funções distintas. Embora em nossa rotina possam parecer sinônimos, devemos nos atentar ao que cada nomenclatura implica.

Segundo Pimentel (2007, p. 23) – em produção destinada à capacitação de profissionais da educação sobre as BE e distribuído pelo MEC – definição de biblioteca escolar é aquela que:

“localiza-se em escolas e é organizada para integrar-se com a sala de aula e no desenvolvimento do currículo escolar. Funciona como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a leitura e a informação. Poderá servir também como suporte para a comunidade em suas necessidades.” (PIMENTEL, 2007, p. 23)

Enquanto isso, o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) a define da seguinte maneira:

“A Biblioteca Escolar é um espaço físico de aprendizagem voltado para a leitura, a pesquisa, a criatividade, a convivência e a cultura dos membros da comunidade escolar, que promove a socialização de experiências e trocas de conhecimento visando formar cidadãos críticos e autônomos.” (CFB, 2023, p. 6)

Ambas as definições se distanciam em um ponto primordial: a função do espaço. Enquanto o material produzido pelo Ministério da Educação entende a BE como centro de recursos educativos, para o CFB o espaço destina-se à leitura e às instâncias que a permeiam. Desta forma podemos dizer que a definição do MEC ocupa-se em descrever uma sala de leitura que, segundo a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, é classificada da seguinte maneira:

“As Salas de Leitura são espaços pedagógicos de trabalho interdisciplinar, apoiadas no currículo, apresentam-se como espaços dinâmicos e inovadores de convivência, com atividades de promoção da leitura, escrita e pesquisa, incentivo ao protagonismo, à inclusão e a criatividade de alunas e alunos de todas as faixas etárias.” (COPEL SMESP)

Podemos então diferenciar a biblioteca escolar como acervo multimidiático – comportando livros, revistas, documentos, jornais, DVDs, CDs, fotografias – catalogado, organizado e disponível para a comunidade escolar, enquanto as salas de leitura são vistas como espaço pedagógico voltado não somente para leitura, mas também como centro de recursos educativos e desenvolvimento de atividades vinculadas ao currículo escolar. A sala de leitura surge como um complemento à biblioteca escolar.

Outro ponto importante a ser considerado quanto a seus funcionamentos é que a operação de uma biblioteca escolar exige por lei um bibliotecário em maiores acervos e, ao menos, um técnico em biblioteconomia para gestão em acervos reduzidos. As SL, por sua vez, determinam que haja apenas um professor regente. Estes profissionais com atuações distintas são apresentados de maneira simplória e limitada em funções tão distantes, aproximadas pelo senso comum, pela vivência escolar, baixos salários e acúmulo de funções.

Administração e organização dos espaços de leitura

Como mencionado anteriormente, a organização BE escolares deve ser gerida por profissionais de biblioteconomia – aqui consideramos o acervo – enquanto a manutenção das SL é tarefa de profissionais da educação. Esta é uma das exigências da LEI N° 12.244 de 24 de maio de 2010 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País definindo que “As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas” e deveria ser “efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário” (BRASIL, 2010, p. 1). Contudo, este não é o cenário vigente. O Sistema de Biblioteca e Informação (SiBI-UFRJ) apresentou levantamento ao final do prazo de execução fixado pela lei e nos mostra o real panorama das bibliotecas escolares:

“A partir da data em que entrou em vigor, a lei teria o prazo máximo de dez anos para ser efetivada. No entanto, de acordo com Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2019 que apresenta dados referentes infraestrutura das escolas públicas, a lei está longe de ser cumprida, uma vez que “45,7% CONTAM COM BIBLIOTECA OU SALA DE LEITURA”.

Nas escolas de Ensino Fundamental da rede pública são apresentados os seguintes dados: 48 % das escolas possui Biblioteca e/ou sala de leitura; 27,3% possui só biblioteca; 14,5 % só possuem sala de leitura; 6,3% das escolas têm Sala de leitura e biblioteca.

Já nas escolas de Ensino Médio da rede pública os dados se revelam da seguinte forma: 85,7%; das escolas possuem Biblioteca e/ou sala de leitura; 53,8%; possuem biblioteca; 20,6% tem só sala de leitura; 11,3% das escolas têm sala de leitura e biblioteca.

Vale ressaltar que a referida lei fala na obrigatoriedade da biblioteca de escolar, e não de sala de leitura, local que não necessariamente será gerenciado por um bibliotecário, e, além disso, não se caracteriza por ter coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.” (SiBI, 2020)

Assim alcançamos um dos principais motivos de confusão dos espaços e nomes: com intuito de mascarar a ausência de bibliotecários atuando no ensino básico e dar utilização aos acervos das escolas, as bibliotecas escolares passam a ser sinônimo de salas de leitura e sua organização e funcionamento ideais são comprometidos: um espaço que deveria ser dedicado à pesquisa, fomento à leitura, desenvolvimento acadêmico por toda comunidade escolar passa a ser apenas uma sala com livros que às vezes os empresta e funciona como esconderijo do resto da escola.

Outro problema que surge em decorrência deste cenário é a escolha do professor responsável pela sala de leitura. Algumas secretarias de educação determinam que os professores responsáveis sejam professores com formação em Letras, pois possuiriam uma base mínima necessária para condução do espaço e agenda de atividades pedagógicas. Porém, algumas dessas instituições determinam apenas o nível de atuação desse professor, permitindo assim que, mediante certas brechas, diversas salas de leitura sejam regidas por professores readaptados das mais distintas áreas – como história, matemática, física. Essa desestruturação de atuação das BE e em consequente das SL

culmina em problemas cada vez mais visíveis que afetam a experiência de leitura e no processo de formação do leitor na escola.

Podemos delimitá-los em três principais grupos, sendo eles a) catalogação adequada, b) atualização do acervo e c) adequação pedagógica e todos se (des)encontram no aspecto de metodologia, afinal esse professor que apenas se esconde na SL e espera sua aposentadoria não atuará em nenhuma das frentes necessárias. Em a) catalogação adequada, precisamos mobilizar conhecimentos sobre preservação de diversas mídias, do projeto pedagógico da escola, separação por temas ou assuntos; quando tratamos da b) atualização do acervo, precisamos que o item a) tenha sido realizado eficientemente e, a partir de sua utilização e das necessidades da comunidade escolar, estabeleça-se um processo contínuo de entradas e saídas do catálogo e acervo vigentes; assim como a c) adequação pedagógica engloba a articulação das premissas anteriores bem alicerçadas e executadas para podermos assim buscar sua renovação e adequação, afinal a biblioteca e o ensino de literatura devem atuar como partes integrantes desse plano de alfabetização e fomento de reformas estruturais do que é ler na e para a vida escolar.

Conclusão: Acervos literários além do livro didático e da sala de aula

De modo geral podemos dizer que tratamos aqui de duas questões centrais da formação do leitor na escola, sendo eles: como ensinamos literatura em sala de aula e os problemas que acompanham a construção das bibliotecas escolares, ambos em suas propostas, arcabouço teórico e legal.

É possível apresentarmos uma analogia entre ambas as áreas que resumem como o texto literário vem sendo tratado na história da educação: um esvaziamento de seus sentidos e funções originais na pura instrumentalização da literatura. O texto literário vale como um espaço multifuncional, assim como as bibliotecas escolares, servindo de matéria-prima para outras discussões e pesquisas (como gramática, interpretação de dados históricos), porém não servem ao propósito de discussão do texto, da obra, de pensarmos o que é literatura e seus processos de significação internos – assim como organizamos nossa coleção de livros, um acervo e uma biblioteca.

Somos convidados a tudo, exceto a aproveitar o texto literário. O acesso a ele acontece na clausura de leituras curtas, vazias e de trechos categóricos que deveriam ser mais amplos. Isso se repete nas bibliotecas (que não funcionam e que não se atualizam) assim como nas salas de leitura (que não apresentam atividades que façam seu espaço e tempo valerem) que, por sua vez, transbordam da sala de aula (do professor cansado, despreparado).

Partindo da integração e transformação desses espaços – pensando num funcionamento adequado, com profissionais especializados e infraestrutura e acervo atraentes – somos capazes de mobilizar nas singularidades e limitações de cada comunidade escolar uma leitura planejada de textos literários e movimentar nossos leitores em formação e mostrando a SL, BE e sala de aula como espaço de modificação da rotina educacional e descoberta de identidade do leitor. Um processo constante de aperfeiçoamento, afinal a escola, assim como a literatura, é viva.

Bibliografia

- ANTUNES, B. O ensino da literatura hoje. Fronteiras (São Paulo), v. 14, p. 3-17, 2015.
- BAGNO, Marcos; Rangel, Egon O. Tarefas da educação linguística no Brasil. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 5, p. 63-82, 2005.
- BUSE, Bianca. A disciplina de Literatura no Ensino Médio e a (de)formação do leitor. In: VI Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania, 2011, Florianópolis. VI Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania, 2011. v. 1.
- FONSECA, L. M. D. Salas De Leitura: Concepções E Práticas. Orientador: Sonia Kramer. 2004. Dissertação (Mestrado) - Curso De Programa De Pós-Graduação Em Educação, Pontifícia

- Universidade Católica Do Rio De Janeiro - Puc-Rio, Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro - Puc-Rio, Maxwell, 2004. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=5123@1>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- MATUOKA, Ingrid. Educação Integral. As bibliotecas escolares além de espaços de leitura. [S.l.]. CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2019. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/as-bibliotecas-escolares-alem-de-espacos-para-leitura/>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- BARRETO, Cintia. Revista Educação Pública. Biblioteca escolar: ranços e avanços. [S.l.]. Fundação Cecierj, 2008. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/8/25/biblioteca-escolar-ranccedilos-e-avanccecdilos>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO. SiBI Fórum de Ciência e Cultura. Universalização das bibliotecas escolares - Fim do prazo de 10 anos para o cumprimento da Lei nº 12.244. [S.l.]. UFRJ, 2020. Disponível em: <http://www.sibi.ufrj.br/index.php/inicio/326-universalizacao-das-bibliotecas-escolares-fim-do-prazo-de-10-anos-para-o-cumprimento-da-lei-n-12-244>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- SANTOS, P. S. Biblioteca escolar e sala de leitura: um longo caminho para universalização. Biblioteca Escolar em Revista, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 28-47, 2018. DOI: 0.11606/issn.2238-5894.berev.2018.143688. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/143688>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- LIMA, Maria Cecília Rizzi. Da biblioteca escolar à sala de leitura nas Escolas Estaduais de ensino fundamental paulista: leis, decretos, normas, agentes. Dissertação de Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade. Orientação: Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves. São Paulo: PUC-SP, 2016. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/19131/2/Maria%20%20Cecilia%20Rizzi%20Lima.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- PIMENTEL, Graça. Biblioteca escolar. / Graça Pimentel, Liliane Bernardes, Marcelo Santana. – Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf. Acesso em: 30 jul. 2023.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Educação SP. Programa Sala de Leitura. [S.l.]. COPED, 2019. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/copед/programa-sala-de-leitura/>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- HAJE, Lara. Câmara dos Deputados. Dados do Inep mostram que 55% das escolas brasileiras não têm biblioteca ou sala de leitura Fonte: Agência Câmara de Notícias. [S.l.]. Agência Câmara de Notícias, 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/549315-dados-do-inep-mostram-que-55-das-escolas-brasileiras-nao-tem-biblioteca-ou-sala-de-leitura/>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- BRASIL. Lei nº 12.244, de 25 de maio de 2010. Diário Oficial da União. seção 1, Brasília, 29 jul. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm. Acesso em: 29 jul. 2023.
- RIO DE JANEIRO. Projeto de Lei nº 1216-A, de 15 de abril de 2015. DISPÕE SOBRE A OBRIGATORIEDADE DA INSTALAÇÃO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES EM TODAS AS UNIDADES PÚBLICAS MUNICIPAIS E PRIVADAS DE ENSINO, NO ÂMBITO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, COM BASE NA LEI NACIONAL Nº 12.244/2010. ALERJ. Rio de Janeiro, 15 abr. 2015. Disponível em: <http://aplicnt.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1720.nsf/f6d54a9bf09ac233032579de006bfef6/832580830061f31883257e29005cd869?OpenDocument>. Acesso em: 29 jul. 2023.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A ARTE COMO RESISTÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE MOVIMENTOS CULTURAIS DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL

Marcella Xavier de Azevedo¹⁵

Resumo

O presente estudo busca refletir sobre a importância da arte e da literatura na educação básica, visto que são disciplinas que auxiliam no desenvolvimento crítico e reflexivo dos estudantes, tanto pessoal quanto político, uma vez que toda arte é considerada um ato de resistência. A pesquisa apoia-se nos estudos do crítico Antonio Candido, que considerava a literatura um “poderoso instrumento de instrução e educação” e acreditava que ela devia ser um direito fundamental por conta do seu caráter formador e humanizador, e do educador Paulo Freire, que entendia que o papel da educação é formar cidadãos críticos e conscientes, sendo assim, manifestantes a favor dos seus direitos. O estudo utiliza como base a experiência adquirida durante a realização dos estágios obrigatórios do curso de Letras da Universidade Federal Fluminense e apoia-se na visão referente à educação e ao ensino de literatura e de arte dos documentos de referência para a elaboração das propostas pedagógicas e metodologias de ensino do país, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A partir do diálogo sobre a relevância dos movimentos artísticos e culturais durante a Ditadura Militar no Brasil, pretende-se apresentar o valor das disciplinas citadas para o desenvolvimento de cidadãos conscientes e ativos em uma sociedade democrática.

Palavras-chave: Literatura, Arte, Resistência, Movimentos culturais, Ditadura Militar, Educação Básica.

Abstract

This present study aims to reflect on the importance of art and literature in elementary education in Brazil, as they are disciplines that assist in the critical and reflective development of students, both on a personal and political level, considering that all art is considered an act of resistance. The research is based on the studies of the Brazilian literary critic Antonio Candido, who regarded literature as a "powerful instrument of instruction and education" and believed that it should be a fundamental right due to its formative and humanizing nature, and on the Brazilian educator Paulo Freire, who understood that the role of education is to form critical and conscious citizens, thus advocating for their rights. The study draws on the experience gained during the compulsory internships of the Portuguese Language and Literature course at the Fluminense Federal University, located in Rio de Janeiro, and is supported by the vision regarding education and the teaching of literature and art from reference documents for the development of pedagogical proposals and teaching methodologies in the country, such as the Base Nacional Comum Curricular (BNCC). By discussing the relevance of artistic and cultural movements during the Military Dictatorship in Brazil, the intention is to present the value of the mentioned disciplines in the development of conscious and active citizens in a democratic society.

Keywords: Literature, Art, Resistance, Cultural Movements, Military Dictatorship, Elementary Education.

¹⁵ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Introdução

A reflexão deste estudo sobre a importância da arte e da literatura na educação básica surgiu por conta da diminuição da carga horária da disciplina Artes no Ensino Médio e da falta de um componente curricular específico para Literatura, mesmo que a disciplina de Língua Portuguesa tenha se mantido como obrigatória nas três séries do Ensino Médio após a reforma curricular instituída em 2017.

Essas indagações surgiram a partir das atividades realizadas em escolas públicas do município de Niterói, no Rio de Janeiro, durante os Estágios Obrigatórios das disciplinas de Pesquisa e Prática Educativa do curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), localizada no Rio de Janeiro.

O estudo associa a visão dos documentos oficiais do país, em trechos referentes à educação, especificamente ao ensino de literatura e de arte, como a Constituição Federal de 1988, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), bem como da nova política governamental educacional brasileira, instituída pela lei federal 13.415 de 2017, às ideias do crítico literário, sociólogo e professor universitário brasileiro Antonio Candido (1918-2017) e do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (1921-1997) e à realidade das escolas onde foram realizados os estágios obrigatórios mencionados.

Além disso, a pesquisa busca apresentar os possíveis impactos da carência desses componentes curriculares na grade curricular da educação básica brasileira, visto que são disciplinas fundamentais para a formação pessoal e política dos indivíduos. Para isso, é evidenciada a presença e a relevância dos movimentos artísticos e culturais, como a Tropicália, a arte do pixo, a poesia marginal e a língua do ttk, durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985).

Esses movimentos mostram a importância dessas disciplinas no contexto social e político, para o desenvolvimento de cidadãos críticos, conscientes e ativos em uma sociedade democrática. Ademais, o estudo entende que a literatura possui um caráter humanizador, formador e político, além de ser uma expressão artística que dá voz à minoria, ao povo excluído e marginalizado. Sendo assim, a arte se situa como disciplina indispensável para a formação plena do indivíduo e da sua cidadania.

Desenvolvimento

A educação e o ensino de literatura, na teoria e na prática

O direito de todos os brasileiros à educação é assegurado desde 1988, por meio da Constituição Federal de 88, promulgada durante a redemocratização do país após a Ditadura Militar de 1964. Em seu capítulo sobre a educação, o documento declara que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2016, pág. 123).

No que tange ao incentivo à leitura no país, em 12 de julho de 2018, foi instituída, pelo presidente em exercício Michel Temer, por meio do Ministério da Cultura (MINC) e da Educação (MEC), a Política Nacional de Leitura e Escrita (Lei nº 13.696), como forma de promover a leitura e a escrita, bem como o acesso aos livros e às bibliotecas. Essa política reconhece a literatura como um direito e um dos seus objetivos seria democratizar o acesso aos livros, valorizando a leitura e promovendo “a literatura, as humanidades e o fomento aos processos de criação, formação, pesquisa, difusão e intercâmbio literário e acadêmico” (BRASIL, 2018).

Em específico sobre o ensino de literatura, a BNCC, documento que define as competências fundamentais a serem desenvolvidas pelo aluno durante toda a sua trajetória na educação básica, contempla-o em alguns momentos, como ao listar as competências gerais da educação básica. O documento apresenta que devem ser valorizadas e desfrutadas “as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2018b, pág. 9).

Na BNCC, a literatura não aparece como um componente curricular específico, mas compõe disciplinas, principalmente a de Língua Portuguesa. Ela também aparece atrelada à formação humana e à fruição, principalmente dentro do componente curricular Língua Portuguesa, como apresentado no seguinte trecho: “Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los” (BRASIL, 2018b, pág. 156).

Além disso, as práticas leitoras são relacionadas às práticas de uso e reflexão, e a BNCC as associa ao meio digital, como pode ser visto no trecho:

Analisar as diferentes formas de manifestação da compreensão ativa (réplica ativa) dos textos que circulam nas redes sociais, blogs/microblog, sites e afins e os gêneros que conformam essas práticas de linguagem, como: comentário, carta de leitor, post em rede social, gif, meme, fanfic, vlogs variados, [...] etc., de forma a ampliar a compreensão de textos que pertencem a esses gêneros e a possibilitar uma participação mais qualificada do ponto de vista ético, estético e político nas práticas de linguagem da cultura digital (BRASIL, 2018b, pág. 73).

A Literatura, assim como a arte e a informação, para a BNCC, constituem um Direito Humano:

Os Direitos Humanos também perpassam todos os campos de atuação social de diferentes formas, seja no debate de ideias e organização de formas de defesa de direitos (campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública), seja no exercício desse direito (direito à literatura, à arte, à informação, aos conhecimentos disponíveis, ao saber sobre si, etc.) (BRASIL, 2018b, pág. 505).

Sabendo disso, é perceptível que, na teoria, as referências para a elaboração das propostas pedagógicas e metodologias de ensino do país seguem, em parte, o pensamento de Antonio Candido (2011), que diz que a literatura tem sido um “poderoso instrumento de instrução e educação”, que ela é indispensável para o processo de humanização e que, por isso, todos deveriam ter acesso aos diferentes níveis da cultura, pois “a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. Sendo assim, “a literatura deve ser entendida como um direito fundamental, assim como a alimentação e moradia” (CANDIDO, 2011).

Contudo, na prática, a literatura não ocupa esse espaço nas salas de aula da educação básica, em específico da rede pública do município de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, campo das atividades de Estágio Obrigatório da disciplina de Pesquisa e Prática Educativa, do curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). O argumento se sustenta em razão do fato de que, em todas as escolas de ensino fundamental visitadas, as aulas de Língua Portuguesa foram destinadas, principalmente, ao ensino de gramática e, em algumas ocasiões, à interpretação e produção de textos. Nas escolas de ensino médio, as aulas de literatura observadas se limitavam ou à leitura de trechos de livros e, na maioria das vezes, acompanhada de uma produção textual avaliativa, oral ou escrita, com base na leitura, ou à explanação sobre os movimentos literários e uma produção textual em determinado gênero.

Além disso, os objetivos a serem atingidos na BNCC divergem muito da realidade da educação básica do país, visto que as escolas onde foram realizados os Estágios Obrigatórios, mesmo estando localizadas em uma grande zona urbana do estado, não possuíam *internet* ou equipamentos tecnológicos para analisar as “práticas de linguagem da cultura digital” e os professores não se sentiam preparados para debater textos literários, por conta da falta de programas de formação continuada. Além disso, há problemas que não se resolvem apenas com uma atualização do currículo escolar, como a falta da manutenção da infraestrutura escolar, a má qualidade das bibliotecas das escolas, a falta de materiais escolares básicos etc.

O acesso à literatura e os impactos da carência da disciplina na educação básica

Esse panorama do ensino de literatura pode se agravar por conta do Novo Ensino Médio, política governamental instituída em 2017 e implementada em 2022, que visa à diminuição da carga horária de disciplinas obrigatórias para ceder espaço aos itinerários formativos. A nova estrutura curricular inclui esses itinerários, que tem como objetivo preparar os estudantes para o mercado de trabalho, como prevê a Constituição. Porém, embora seja importante promover essa formação profissional, essa ênfase pode levar a uma diminuição do valor atribuído às disciplinas humanísticas, como a literatura. Isso pode resultar em uma visão utilitarista da educação, em que a literatura não é vista como um componente essencial para o desenvolvimento humano.

Torna-se preocupante, também, além do desleixo com o ensino de literatura e a falta dela como componente curricular obrigatório, a diminuição da carga horária de disciplinas essenciais para o desenvolvimento do pensamento crítico, da reflexão e da compreensão da sociedade em que vivemos, como Artes, História, Filosofia e Sociologia. Ao reduzir o tempo dedicado a essas matérias, corre-se o risco de privar os estudantes de conhecimentos e habilidades essenciais para sua formação integral como cidadãos ativos e participativos.

Além disso, essa diminuição é contrária à LDB, que diz que “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 2017, pág. 17), e à Constituição Federal de 1988. Em síntese, a falta de uma disciplina voltada para o estudo da literatura impede o pleno desenvolvimento pessoal e político dos indivíduos, visto que ela fomenta o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes. Sendo considerada como arte, a ausência dela também implica desvalorização das manifestações artísticas e culturais.

É visível que atualmente o acesso tanto à educação quanto à literatura e à cultura no geral não é democratizado no país, mesmo que a Constituição garanta esses direitos que são fundamentais para o desenvolvimento dos indivíduos: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, 2016, pág. 126). Contudo, esse cenário não é particular dos tempos atuais, visto que há décadas o acesso à educação e à arte são privilégios da elite.

Dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2022) mostram que a maior parte da população analfabeta do Brasil são pretos ou pardos e vivem na região Nordeste do país, confirmando as desigualdades raciais e regionais no que tange ao processo de alfabetização. Além disso, segundo a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, feita pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) sobre o índice de leitura no país, apenas metade dos brasileiros tem o costume de ler e 27% da população brasileira é analfabeta funcional. Esse dado está diretamente ligado à falta de incentivo à leitura no país e isso mostra a urgência de novas e verdadeiramente eficazes políticas de incentivo à leitura, pois, ao ler um texto, o leitor reúne e desenvolve diversos conhecimentos.

A literatura educa, humaniza, transforma, e, por isso, a sua presença é de suma importância, principalmente durante os anos escolares. Como diz Regina Zilberman, “os atos de compreensão envolvidos no processo de constituição do significado capacitam o leitor a refletir sobre si mesmo e a descobrir um mundo que até então não tivera acesso.” (ZILBERMAN, 2001).

A importância da arte como forma de resistência

Para Candido (2011), a literatura deveria ser um direito básico do indivíduo justamente porque, da mesma forma que o ser humano não consegue ficar mais de 4 dias sem beber água, ele também não conseguiria ficar muito tempo sem o contato com a ficção. A literatura, por sua vez, supriria essa necessidade de fantasia. Ou seja, a literatura é “uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 1989).

Ora, se a necessidade de ficção é inerente ao ser humano, a arte também é. E ela, muitas vezes, desempenhou um papel significativo na sociedade, servindo como um meio de expressão e resistência diante de tempos opressivos. A educação, por sua vez, cumpre o mesmo papel e, por isso, há o interesse da elite em dificultar o acesso a ela, criando barreiras à conscientização e à mobilização das classes mais baixas.

Ao dizer que “a educação também é um ato político”, Paulo Freire (1986) promove uma correlação entre esses dois âmbitos. O pedagogo defendia que a educação deve instigar o estudante a refletir sobre o seu próprio contexto social e a compreender as questões sociais, desenvolvendo, a partir da leitura e da reflexão, consciência política. Para Freire (2001), é a conscientização que libertará o indivíduo, promovendo a sua autorreflexão e a sua participação política na luta pelos seus direitos.

Reconhecendo o estado de objetos em que se acham as massas populares na situação concreta de opressão, reconhece também a possibilidade que elas têm de, mobilizando-se e organizando-se na luta contra a exploração, se tornar sujeitos da transformação política da sociedade (FREIRE, 2001, pág. 46).

Ademais, Freire (2001) também ressalta o caráter humanizador da educação, destacando a importância dela na vida dos indivíduos, ao dizer que é impossível se considerar verdadeiramente humano sem estar envolvido em alguma prática educativa. E essa imersão não é apenas temporária, mas sim ao longo de toda a vida, pois o ser humano nunca para de se educar e essa prática educativa não se limita ao sistema escolar. Portanto, negar, limitar ou restringir o acesso à educação para os cidadãos, mesmo que indiretamente, é uma forma de violência presente na política da cidade, como Estado.

A educação, como formação, como processo de conhecimento, de ensino, de aprendizagem, se tornou, ao longo da aventura no mundo dos seres humanos, uma conotação de sua natureza, gestando-se na história, como a vocação para a humanização [...]. Em outras palavras e talvez reiteradamente, não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar entranhado numa certa prática educativa. E entranhado não em termos provisórios, mas em termos de vida inteira. O ser humano jamais pára de educar-se. Numa certa prática educativa não necessariamente a de escolarização, decerto bastante recente na história, como a entendemos. Daí que se possa observar facilmente quão violenta é a política da Cidade, como Estado, que interdita ou limita ou minimiza o direito das gentes, restringindo-lhes a cidadania ao negar educação para todos (FREIRE, 2001, pág. 12-13).

Sobre a literatura, Paulo Freire (1989) acreditava que ela tem o poder de despertar a consciência dos indivíduos, estimulando a reflexão crítica sobre a realidade social e política. Através da leitura, os indivíduos são expostos a diferentes perspectivas, realidades e experiências humanas, o que os ajuda a desenvolver uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor. A leitura é uma prática que está intimamente ligada ao diálogo, o que permite que as pessoas se tornem sujeitos ativos na construção de conhecimento e na transformação de suas realidades.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 9).

Para Freire (1989, pág. 34), “o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo, é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem mas sabem que sabem”. Além disso, a literatura também é uma forma de expressão artística que permite aos indivíduos explorar sua própria identidade, cultura e história. Ela pode dar voz aos marginalizados, aos oprimidos e aos excluídos, oferecendo uma plataforma para que suas vozes sejam ouvidas e suas experiências sejam reconhecidas.

Em 1922, o Modernismo lutou por uma identidade nacional, modificando o modo de pensar e de enxergar a própria sociedade e desafiando as tradições.

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente, protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquíptico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar
com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.
Poética (BANDEIRA, Manuel. 1922)

Durante a Ditadura Militar no Brasil, a arte emergiu como uma poderosa ferramenta de contestação e de busca por liberdade. Durante esse período, o Brasil viu manifestar-se uma série de movimentos culturais que desafiavam o regime autoritário.

Na década de 60, representada por artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Os Mutantes, surgiu a Tropicália, uma expressão artística que combinou elementos da cultura popular brasileira, como o samba e a bossa nova, com influências internacionais, como o rock e a música concreta. Por meio de suas letras provocativas e arranjos inovadores, os artistas desafiavam as normas estabelecidas e questionavam as estruturas políticas e sociais, transformando a música em um mecanismo de enfrentamento e resistência à opressão e à violência.

Me dê um beijo, meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em chamas
Derrubar as prateleiras
As estantes, as estátuas
As vidraças, louças, livros, sim
É proibido proibir (VELOSO, Caetano. 1968 [recorte]).

Ainda na década de 60, o primeiro registro de pixação no Brasil foi documentado. Como forma de expor o descontentamento com a Ditadura Militar, a frase “Abaixo a Ditadura” foi escrita em um monumento, dando início à *street art* brasileira. Como diz GKing, pixador carioca, no artigo “O pixo e o direito à cidade”, “o xarpi é uma forma de visibilidade pra quem não tem voz! Uma forma de ser visto e também mostrar o seu melhor, mostrar onde sua criatividade pode te levar...”.



Fotografia 1 — “Abaixo a Ditadura” é considerada a primeira pixação brasileira.

Fonte: Brasa Mag

Maria Eduarda Ribeiro, graduada em Publicidade e Propaganda, cita, em seu artigo “Como a rua se comunica?”, que o pixador possui três principais motivações: reconhecimento social, lazer e adrenalina e protesto.

Ele pixa muito para conseguir sair em jornal, revista e na internet, para que finalmente sua "voz" seja "ouvida". Portanto, enquanto a Mariana lá de Itaim Bibi mostra seu descontentamento nas redes sociais, faz amizades no seu condomínio de luxo e vai ao shopping como forma de lazer, a Júlia do Morro do Piolho faz um point (encontro de pixo) com seus amigos para socializar, se divertir, espalhar sua marca pela cidade e "gritar" para todos "EU ESTOU AQUI, EU EXISTO" (RIBEIRO, 2019).

Na década de 70, a poesia marginal, representada por poetas como Paulo Leminski, Chacal, Cacaso, Ana Cristina Cesar e Torquato Neto, também foi uma forma de expressão artística que desafiou as estruturas dominantes. Utilizando meios alternativos de publicação, como mimeógrafos e fotocopiadoras, para divulgação das produções poéticas, esses poetas exploravam temas, como liberdade, repressão e marginalização social, a partir de uma linguagem coloquial e sarcástica, representando, assim, a voz da minoria.

Vai ter uma festa que eu vou dançar
até o sapato pedir pra parar.
aí eu paro
tiro o sapato
e danço o resto da vida.

Rápido e Rasteiro (CHACAL, 1997).

Ainda durante a Ditadura Militar, o bairro do Catete, no Rio de Janeiro, foi um lugar onde ocorriam diversos protestos contra o regime militar, pois lá era a sede do Governo na época, antes da mudança da capital federal para Brasília. Durante esse período, surgiu, como forma de resistência à censura, a gualín do ttk, ou língua do Catete, um dialeto criado a partir da alteração da ordem das sílabas das palavras, com o intuito de codificar a mensagem transmitida. Segundo Felipe Vital, pesquisador e especialista em linguística, em um artigo da CNN Brasil, a língua do ttk representa uma formação identitária, um símbolo de resistência de uma cultura oprimida.

Mosva terba o bortam
Jeho RF é poti um tosan
Vesal pras laevi
Vesal pras lavefa, taspi
Os dorgajo de doto tocan, yeah
Hey, raho de lharbatra
Tame de çarvana
Canun ouv rarpa
Ayy, trá-trá-trá-trá

Tributo ao TTK (BK; RET; MÃOLEE, 2021 [recorte]).

Além da sua relevância no contexto social e político, a literatura e a arte, como um todo, desempenham um papel fundamental na educação básica. A disciplina de Literatura oferece aos alunos a oportunidade de se familiarizar com os movimentos culturais mencionados, como a poesia marginal e a Tropicália, analisar textos literários representativos desses períodos históricos e desenvolver habilidades de leitura crítica e interpretação. Isso permite que os estudantes compreendam a importância da arte como forma de resistência, estimulando seu pensamento crítico, empatia e consciência sociocultural.

Em suma, a valorização da arte e da literatura e a presença dessas disciplinas na educação básica é fundamental para o desenvolvimento de cidadãos conscientes e ativos em uma sociedade democrática.

Considerações finais

Portanto, diante do exposto, fica clara a relevância da literatura e das artes no geral, como música e pintura, para o desenvolvimento pleno dos indivíduos, principalmente durante a educação básica, momento crucial na formação do sujeito, visto que elas possuem um poder humanizador e libertador. Contudo, mesmo que, nos textos constitucionais do país, a educação, a literatura e a cultura sejam declaradas como direitos de todos os cidadãos, é perceptível que, na prática, esse princípio não se materializa. Seja por conta das desigualdades raciais e sociais no país ou por conta do descaso do

Governo com a educação, o fato é que esse não cumprimento das diretrizes constitui uma violência do Estado contra a sua própria população.

Por fim, é visto que a educação, a arte e a literatura, juntas, possibilitam a expressão, a libertação e a resistência de grupos minoritários, que, na maioria das vezes, não possuem voz, por conta da tentativa de apagamento das suas culturas pela elite do país. Como disse a deputada federal Erika Hilton, durante uma declaração sobre casos de transfobia no Congresso Nacional, “a comunidade lgbtqi+ chegou a esta casa e permanecerá”, em outras palavras, as minorias continuarão, cada vez mais, ocupando lugares de prestígio na sociedade, mesmo que isso desagrade a elite.

Referências bibliográficas

- BARROS, Gabriela. O pixo e o direito à cidade: Os escritos de rebeldia ecoam a voz de quem fala pela tinta. **Brasa Mag**, [s.d.]. Disponível em: <https://brasamag.com.br/o-pixo-e-o-direito-a-cidade>. Acesso em: 12 jul 2023.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.
- BRASIL. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- BRASIL. Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 de julho de 2018.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2018b.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: FESTER, Antonio Carlos. **Direitos humanos e...** Ed. Brasiliense, 1989. 8 p.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. 23 p.
- FIRPO, Sergio *et al.* **Retratos da leitura em bibliotecas escolares**. Instituto Pró-Livro. Disponível em: <http://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/apresentac%CC%A7a%CC%83oparapublicar2019.pdf>. Acesso em: 13 jul 2023.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. 23ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios / Paulo Freire. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor / Ira Shor; Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- LIMA, Ana Paula Paschoal Pinto. **A literatura como direito fundamental**. [s.d.]. 17 p. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=16738419b15b05e7>. Acesso em: 12 jun 2023.
- OLIVEIRA, Natanael. Gualín do TTK: conheça a língua criada em bairro do RJ com estrutura própria. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/gualin-do-ttk-conheca-a-lingua-criada-em-bairro-do-rj-com-estrutura-propria/>. Acesso em: 13 jul 2023.
- RIBEIRO, Maria Eduarda. Como a rua se comunica?. **LinkedIn**, 2019. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/como-rua-se-comunica-maria-eduarda-ribeiro/?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 12 jul 2023.
- SOUZA, Aline dos Santos. **O ensino de literatura na educação básica**: desafios e oportunidades. 2018. 9 p. Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21016/1/2018_AlineDosSantosSouza_tcc.pdf. Acesso em: 12 jul 2023.
- ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** 1ª ed. São Paulo: Senac, 2001.

O SLAM: EXPRESSÃO POÉTICA DE REIVINDICAÇÃO SOCIOPOLÍTICA E DE CONTRAPOSIÇÃO AO CÂNONE LITERÁRIO

Rebeca Maria Santiago Mota¹⁶

Resumo

O Slam é um movimento – manifestação cultural – que se caracteriza pela apresentação pública, de forma oral, dos poemas escritos. As apresentações se caracterizam como uma espécie de competição entre grupos na produção e elaboração coletiva de um projeto estético no qual se relaciona o movimento do corpo, a palavra escrita e os recursos de expressão oral. Este trabalho objetiva caracterizar o Slam como produção literária em confronto com o cânone e o discurso hegemônico sobre literatura.

Palavras-chave: Slam; Literatura; Ensino.

Resumen

El slam es un movimiento –manifestación cultural– que se caracteriza por la presentación pública, de forma oral, de poemas escritos. Las presentaciones se caracterizan por ser una suerte de competencia entre grupos en la producción y elaboración colectiva de un proyecto estético en el que se relacionan el movimiento corporal, la palabra escrita y los recursos de expresión oral. Este trabajo pretende caracterizar a Slam como una producción literaria en confrontación con el canon y el discurso hegemónico sobre la literatura.

Palabras clave: Golpe; Literatura; Enseñando.

A divisão existencial entre Sujeito-Objeto construída a partir da subalternização da mulher, do racismo, da xenofobia, da crença na inferioridade moral, étnica e cultural das sociedades ameríndias, africanas, não europeizadas, reflete uma relação arbitrária de poder conduzida pelo imperialismo e pelo patriarcalismo. Simone de Beauvoir afirma que “nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o Outro que se definindo como Outro define o Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um, é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio” (BEAUVOIR, 2016 p. 14). Assim, tanto os corpos como os saberes colocados na categoria de Objeto, ou na categoria do Outro, inessencial, como diz Beauvoir, foram definidos e aceitados como inferiores não porque são de fato, mas porque houve um processo de dominação, extermínio e silenciamento sistemático desses indivíduos pela masculinidade branca imperialista que os impeliram à subalternidade. As forças políticas e econômicas, o genocídio, o controle ideológico e social estão implícitos na ideia de saber universal e “neutro”, como concebemos ainda hoje.

Essa tradição do pensamento científico ocidental masculino, que teve seu fundamento no racionalismo cartesiano de Descartes – considerado o “pai” da ciência moderna – e que propõe o homem como um observador neutro, ou seja, não atrelado a um corpo ou espaço, enfatiza a capacidade humana de construir seu próprio conhecimento e substitui a figura feudalista de Deus como centro do saber. Baseado na crítica a Descartes, Grosfoguel (2016) expõe que o “*Cogito, ergo sum*”, do latim, “penso, logo existo”, eixo da filosofia cartesiana, é precedido por um “*conquisto, logo existo*”, e esse Sujeito que conquista, conquista através do extermínio do Outro. Um “*ego extermino*” subjaz ao “*ego cogito*”; portanto, o conhecimento e o saber são produzidos, na verdade, pelo poder daquele que extermina e conquista em prol da sua soberania. A soberania é atingida através do epistemicídio das mulheres, dos indígenas, dos negros e dos demais povos não eurocêntricos.

¹⁶ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

“A divisão de “sujeito-objeto”, a “objetividade” – entendida como “neutralidade” –, o mito de um “Ego” que produz conhecimento “imparcial”, não condicionados por seu corpo ou localização no espaço, a ideia de conhecimento como produto de um monólogo interior, sem laços sociais com outros seres humanos e a universalidade entendida como algo além de qualquer particularidade continuam sendo os critérios utilizados para a validação do conhecimento das disciplinas nas universidades ocidentalizadas. Qualquer conhecimento que pretenda partir do corpo político do conhecimento (Anzaldúa, 1987; Fanon, 2010) e chegar à geopolítica do conhecimento (Dussel, 1977), em oposição ao mito do conhecimento da egopolítica cartesiana, é visto como tendencioso, inválido, irrelevante, sem seriedade, parcial, isto é, como conhecimento inferior.” (GROSGOUEL, 2016, p.30)

Walter Benjamin, em sua obra “*Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*”, expõe as tendências evolutivas das artes nas atuais condições produtivas, isto é, no modo de produção capitalista, que demanda a reprodutibilidade técnica das obras, sobretudo as literárias, para uma divulgação maciça e elitizada, em vista do lucro. Ele considera que o caráter aurístico do discurso literário vem se perdendo com as instituições canônicas, que promovem um processo repetitivo, técnico, sem criatividade ou autenticidade, sem o que ele chama de *aura* - o aqui e agora da obra de arte, sua existência única.

A língua escrita, ou impressa, então, é uma técnica de utilidade relativa, pois ao mesmo tempo que oferta à humanidade a possibilidade de criar um registro histórico que pode disseminar experiências concretas ou não, conhecimentos, mitos e informações, que permitem ao sujeito que se reflita e recrie a si mesmo, ela estabelece também um limite de comunicação, à medida que tende a homogeneizar a língua, engessar seu fluxo, privilegiar a circulação de determinados discursos e formas, afastar, ou praticamente anular os costumes tradicionais dos povos cujas manifestações linguísticas são predominante ou totalmente orais. Desse modo, a língua, associando-se a padrões, firma-se também como uma instituição de poder, “um dialeto que possui exército e marinha”, como ilustra o sociolinguista Max Weinreich. Muito além de um instrumento de comunicação, a língua é fator decisivo de exclusão/inclusão socioeconômica, política e cultural, já que é um produto discursivo ideológico e político construído em disputas, relações e estabelecimentos de poder (diplomáticos ou não).

O slam, ou *Poetry slam*, é um movimento cultural que foi organizado, pela primeira vez, nos EUA pelo poeta Marc Smith, nos anos 80; apresenta performances de poetas em eventos públicos, em uma estrutura que mistura a forma dos saraus de poesias tradicionais com uma competição que é avaliada pelo público, em certa medida, de maneira semelhante às batalhas de rap, um dos pilares que integram o *Hip-hop*, movimento cultural iniciado nas comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas, na década de 70, mas com algumas importantes diferenças a serem destacadas.

O rap é, como o slam, uma poesia falada e de reivindicação, mas um *beat* feito pelo DJ acompanha as rimas do Mc, ou *rapper*, que são geralmente improvisadas diante de um público, com um tema pré-estabelecido; essas são as batalhas de conhecimento. Já nas chamadas batalhas de sangue, não há temas para os duelos de *Mcs*; o conteúdo das rimas é livre (*freestyle*) e o principal objetivo dos *rappers* envolvidos é atacar e contra-atacar verbalmente um ao outro. O *slammer*, por sua vez, faz a sua apresentação sem acompanhamento musical. Assim, o corpo, os gestos, as expressões faciais, o timbre vocal, as variações tonais, por exemplo, ganham mais importância, pois são instrumentos sensoriais fundamentais para a sugestão do sentido das rimas, que devem ser declamadas em três minutos - por isso comumente o *slammer* não constrói suas poesias improvisadamente como o *rapper*. Os dois movimentos artísticos tentam estabelecer a *aura*, o aqui-agora da poesia - rompendo com a tendência canônica do “engessamento” do fluxo artístico nos livros, constatada por Benjamin; os dois movimentos são competições avaliadas pelos espectadores, mas cada um deles tem modos de expressão e execução bem próprios.

Outra diferença relevante entre o Rap e o Slam, além da performance, está no espaço que as mulheres têm dentro dos movimentos. Carol Dall Farras, poeta, *slammer* e *rapper*, de Duque de Caxias, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, inicia sua entrevista ao canal do Youtube, *Mulheres de Lata*, com a poesia:

“Toda vez que eu topo um evento/ vejo o quanto o rap tem que ver por dentro/
o machismo é o veneno/ trinta anos de casa e os cara se arrasa/ não manda uma
rima/ sem ofender mina/ e diz que ela é puta e diz que é vadia/ e julgam as minas
que não são só sua/ tudo sem noção/ mantem um padrão/ cuspiendo e ditando
essa ofença/ matando a crença que tem o MC/ os cara esculacha, esculacha,
esculacha e criam batalha pra se esculachar/ diz que é conhecimento, mas na
gravadora quer se enforçar/ e fecha com o amigo que mal diz a mina/ outro que
a culpa pelo HIV/ se vende só um pouco, só um pouco, só um pouco/ amanhã,
o próprio mercado é você[...]

A poeta expõe o caráter mercadológico das produções individuais dos *MCs*, que abandonam seus fundamentos e se incorporam ao sistema social de exclusão que criticam, tornando o discurso de suas produções uma demagogia.

Dall Farras confirma em suas rimas também a reprodução da estrutura machista dentro do Rap. Quer dizer que, ainda que questione as desigualdades urbanas e o racismo, a presença da misoginia, da homofobia e da transfobia é fortemente marcada no Rap, porque ele é uma expressão cultural que exponencia vozes masculinas em detrimento das mulheres, que muito têm dito e pouco são ouvidas, ou são “misoginamente” atacadas. Um exemplo disso é a “Batalha do Santa Cruz”, de 2015, no duelo Sweet x Paskim, disponível no canal do YouTube da *Mc Bárbara Sweet*. Paskim fala da força física, da aparência da oponente, da voz, coisas como “eu não sou machista/ foda-se as feminista”, enfim, uma série de signos machistas cuja intenção é atacar diretamente a condição de mulher da Sweet – que vence o duelo com rimas improvisadas contundentes. Fica nítido que, dentro do Rap, a mulher não estabelece sua condição de Sujeito, continua sendo um Outro dos homens e deve vencer duas batalhas: a de rimas e a de gênero. Isto não acontece no Slam, que oferece um espaço de ativismo poético mais democrático para as expressões dos artistas.

De acordo com Fabiana Bazílio (2019), o Slam foi introduzido no Brasil pela poeta Roberta Estrela D’Álva em 2008 e o grupo de batalhas *Slam da Guilbermina* foi o pioneiro a levar as performances poéticas aos espaços públicos. Desde então, o Slam vem expandindo sua popularidade no país, muito porque as performances filmadas podem ser veiculadas e compartilhadas através das redes de internet, mas principalmente porque essa aproximação da poesia-viva com os espectadores, o atrelamento dos corpos com os sons e o espaço, a sintonia dos temas tratados com a vida cotidiana, torna a arte acessível e mais sensível, portanto, quebra o pensamento hegemônico da poesia elitizada, rigorosamente metrificada e “difícil”.

Carlos Felipe Moisés trabalha esse aspecto, de como estamos habituados a recepcionar uma obra poética como algo muito erudito, que exige um conhecimento profundo e técnico para o entendimento e que parece uma instância longe da nossa vivência habitual, quando na verdade, pontua o autor, seus conceitos e definições dependem de circunstâncias culturais e históricas da sua produção, do nosso envolvimento pessoal e subjetivo com ela. Poesia não é um saber universal, ele diz, “experimentamos poesia, vivenciamos poesia, desde sempre, e possuímos dela algum conhecimento, ainda que não saibamos”. A poesia Slam é um modelo de desconstrução dessa ideia de que poesia é para alguns privilegiados – ela contesta o privilégio epistêmico do cânone e projeta a voz dos que estão à margem dele, socialmente e literariamente.

Referências bibliográficas

A poesia de Mc Dall FARRAS. Entrevista ao canal do YouTube *Mulheres de Luta*. 11 de setembro de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vd3KuMD90pg>. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

Batalha do Santa Cruz: Sweet x Paskim. São Paulo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aApl96I7fbk>. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Tradução: Sérgio Milliet. – 3 ed. – Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2016.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.a ed. São Paulo: Brasiliense. (Obras escolhidas; v. 1), 1994;

FARIAS, Fabiana Bazílio. FARRAS, Carol Dall: sobre o ser marginal e o ser marginalizado na poesia. Blog *Caixa Preta*. 15 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://fabianabaziliofarias.blogspot.com/2019/12/carol-dall-farra-sobre-o-ser-marginal-e.html>. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

GOSFROGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, Vol. 31, n. 1, jan./abr. 2016, p. 25-49.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia não é difícil: introdução à análise de texto poético*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1996.

O ENSINO DE LITERATURA ESTÁ EM CRISE

Tháisa Christina Pereira dos Santos¹⁷

Resumo

O que é necessário saber para formar bons leitores? Como costuma ser o ensino de literatura na escola atualmente? De quem é o papel de levar ao aluno conhecimento sobre literatura? O ensino de literatura atualmente está em crise, e tem se tornado cada vez mais importante repensar sobre as práticas de ensino que são perpetuadas até hoje sem levar em conta que a consequência disso é o desinterrasse do aluno pela literatura. O que farei, neste artigo, é buscar uma maneira de mudar a realidade brasileira sobre o ensino de literatura, e trazer breves reflexões sobre o que e por que ensinar.

Palavras chave: Ensino de literatura; formação do leitor; interesse do aluno.

Abstract

What do you need to know to form good readers? How is the teaching of literature in school nowadays? Whose role is it to bring students knowledge about literature? The teaching of literature today is in crisis, and it has become increasingly important to rethink the teaching practices that are perpetuated until today without taking into account that the consequence of this is the unearthing of the student by literature. What I will do, in this article, is to look for a way to change the Brazilian reality regarding the teaching of literature, and bring brief reflections on what to teach and why.

Keywords: Literature teaching; reader training; student interest.

O ensino da literatura hoje

Muito se tem debatido sobre os esforços em uma renovação no processo de letramento literário. Isso porque a literatura não só faz parte de uma educação linguística, mas é dela uma parte vital, e ainda que reduzida à leitura de clássicos canônicos em âmbito escolar, os desafios em despertar nos alunos um verdadeiro interesse pela literatura continua sendo não só o objetivo central da disciplina, mas também um sonho utópico.

Embora uma metodologia de ensino renovadora seja o principal debate entre os docentes de Língua Portuguesa e de Literatura –que são na maioria dos casos a mesma pessoa–, o que temos é a reprodução quase que exata no ensino de literatura. Ensinada como uma fórmula matemática, as análises literárias dentro da sala de aula se mostram cada vez menos produtivas e pouco aproveitadas pelos alunos e talvez até mesmo pela própria escola.

Segundo Marcos Bagno em seu artigo *Tarefas da educação linguística no Brasil*, o ensino se resume aos seguintes procedimentos:

- 1- Ligar a literatura a uma suposta evolução cronológica, o que remete à necessidade de “começar pelo começo”, exigindo do aluno a aproximação a padrões e usos linguísticos muito distantes de seus usos mais imediatos. A fruição dos textos originais, exigência básica do ensino da literatura, acaba prejudicada por esse distanciamento.
- 2- Fornecer um quadro da época, com os principais acontecimentos.
- 3- Informar sobre as tendências estéticas em vigor: as Escolas Literárias. Ou, ainda, arrolar as características da Escola a que pertence(m) o(s) autor(es) estudado(s).
- 4- Apresentar dados biográficos do autor.

¹⁷ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

5- Resumir a obra: se prosa: tema, personagens principais, enredo, espaço e tempo. Se poesia: o conteúdo, as rimas, o ritmo, as imagens.

Decerto que a contextualização da obra literária é um fator importante ao seu processo de ensino e de aprendizagem, mas resumir esse processo a uma mera contextualização é, inegavelmente, a fórmula a qual estamos, aqui, problematizando.

Seguir esse cronograma de contextualização literária, em que o aluno deve saber, por exemplo, o ano de nascimento do autor, ou com quem ele foi casado, ou se uma certa obra foi ou não dedicada a alguém, faz com que o intuito da leitura seja perdido. Com isso não formamos leitores, e nem instigamos nossos alunos ao prazer pela leitura, transformando então, a obra literária em um mero objeto de estudo, onde a leitura é mera exemplificação de uma escola literária, ou o resumo a uma metrificacão que é, até então, desnecessária para sua compreensão e contemplação. E é justamente essa “receita” de ensino de literatura, que tem influenciado, cada dia mais, os nossos leitores.

A (de)formação do leitor literário

O sonho (utópico) de todo docente de Língua Portuguesa e de Literatura é conseguir transformar os seus alunos em leitores ativos, capazes de ler, decodificar e interpretar um texto, não só literário, e apreciá-lo. E a verdade é o querer transformar uma classe inteira em uma classe de leitores ativos que desenvolvem constantemente o prazer que o próprio professor sente no ato da leitura, mesmo que nem sempre o que se esteja lendo seja considerado literatura.

Todo mundo lê, inclusive os nossos alunos. A afirmativa contrária só estimula um desinteresse no alunado sobre a leitura escolarizada, em que o que vigora, até hoje, é a nomenclatura “literatura” apenas aos clássicos canônicos, que não geram identificação alguma no aluno gerando, então, o desinteresse.

Todo esse desinteresse vem pela invalidação das obras literárias que os alunos leem. Se perguntarmos hoje, para um aluno do ensino médio, por exemplo, o que ele gosta de ler ou o que ele tem lido, ele vai nos responder, provavelmente, sagas ficcionais que são desconsideradas como literatura pela escola. E isso quer dizer que essas obras não são literatura ou que o aluno não goste de literatura? Ou isso reforça mais a ideia de que é a escola quem precisa de atualizar seus métodos de ensino a fim de se encaixar no mundo do aluno, tendo em vista que o aluno não irá se esforçar para se encaixar na escola.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Luzia de Maria (2009), não dá para esperar que estudantes que tiveram pouca ou nenhuma leitura de obras literárias comecem a ler pelas “obras-primas”, e saber reconhecer e trabalhar em cima das obras que são lidas pelos alunos é de extrema importância para um ensino efetivo de literatura. Ela diz:

[...] nenhum leitor nasce lendo Fernando Pessoa ou Guimarães Rosa. Até porque é preciso maturidade de leitor para apreciar os mestres. Prefiro ver um adolescente lendo, feliz, Harry Potter do que vê-lo sendo obrigado, pela escola, a ler um romance qualquer de Machado de Assis, por conta de ser seu centenário, e odiando, por tabela, qualquer leitura. (MARIA, 2009, p. 159)

Nesse ponto de vista, é importante saber reconhecer o gosto do aluno, e saber também fazer uma seleção literária consciente de tudo o que permeia não só a obra, mas o contexto em que esse aluno está inserido, pois somente assim haverá, de fato, uma educação literária de qualidade, corroborando uma educação linguística efetiva.

O cânone no ensino

O que aqui entendemos como cânone são as obras de renomado valor estético e cultural de uma sociedade, ou seja, são as obras que são não só lidas, mas estudadas a partir de uma visão artística clássica que define como se constitui uma literatura nacional, e sua importância está exatamente no fato de se estabelecer, através da literatura, uma *identidade* nacional.

Mas diferente do que temos dito até agora, não vale *apenas* selecionar o que é de interesse do aluno para ser trabalho em sala de aula. Ultimamente tem sido uma grande questão aos futuros profissionais e aqueles já atuantes do magistério de Literatura e Língua Portuguesa sobre o quê de fato deve ser abordado em sala de aula, afinal, fazer uma escolha consciente a partir do gosto do aluno, em sua maioria das vezes, desconsidera a existência de obras clássicas e canônicas.

No que diz respeito às obras clássicas, o gosto do aluno quase é capaz de anular o poder de escolha do professor, uma vez que se levamos em consideração a premissa de formar leitores a partir de obras que sejam mais próximas de sua realidade e que sejam de fácil compreensão (e aqui estou me referindo ao estilo de escrita e seleção vocabular) o aluno jamais escolherá, por exemplo, uma obra de Machado de Assis para ler em aula. Essa premissa, se tomada como cem por cento verdadeira, anula não só o cânone, mas a sua importância.

Há quem defenda a ideia de uma formação linguística através, exclusivamente, de obras contemporâneas, sob a perspectiva de que uma vez um leitor ativo, que aprecie a literatura e a arte de ler, que lê aquilo que está à margem do cânone, inevitavelmente acabará apreciando as obras clássicas. Há também quem defenda uma formação exclusivamente pelos clássicos, pois seriam eles aqueles que levariam ao aluno uma consciência e um entendimento sobre o que é literatura e o que é uma obra clássica, desconsiderando tudo o que o cânone não abriga.

O problema em ser radical em alguma dessas escolhas está justamente na defasagem de ensino e na falha de alcance para com os alunos. Uma vez que ao estudar somente o cânone, desconsidera-se o interesse do aluno, as obras recentes, a constante criação literária e sobretudo, afasta o aluno, faz com que ele não aprenda a apreciar a leitura, e pode considerar tudo aquilo que se gosta de ler como algo à parte da literatura. Já a ideia de se estudar somente as obras contemporâneas e periféricas ao cânone faz com que o aluno jamais tenha contato com os escritores e as obras de alto renome social e nacional, gerando uma ignorância no assunto e não cumprindo com a tarefa da literatura enquanto disciplina escolar.

Uma boa solução para esse problema seria o bom e consciente uso das adaptações. Um professor engajado em fornecer aos seus alunos uma boa experiência literária entende a importância tanto do contemporâneo quanto do clássico, e entende que o que afasta o aluno do clássico é, não somente a falta de identificação, como o distanciamento linguístico. E então por que não levar o clássico de uma forma diferente? Ninguém vai chegar na sala de aula com um *Dom Casmurro* de primeira edição na mão dizendo que vai estudar com os alunos a obra e sua importância. O que se faz é levar uma adaptação ou versão mais atualizada para que eles entendam e apreciem.

A questão central é que não há uma verdade ou uma maneira correta de fazer a seleção literária que já seja pré-definida. Cabe ao professor, e somente a ele, poder ter a autonomia de fazer sua própria seleção e aplicar da forma que mais se adequar à turma em que tal obra será estudada, atentando-se sempre ao contexto em que ela está situada. No final, será sempre um grande desafio do professor, e somente dele, de auxiliar da melhor forma possível o processo de aquisição da literatura dos seus alunos.

Conclusão

Não há uma fórmula mágica para dar aulas. E quem nos dera se houvesse! O que há é um esforço contínuo dos professores para fazer, da melhor forma possível, uma aquisição não somente pelo hábito da leitura, como também de sua apreciação. O que precisamos hoje, enquanto futuros profissionais da educação, é atualizarmos a metodologia que por muito tempo se perpetua nas escolas e consagra uma derrota do ensino quanto à maioria dos alunos.

De fato que a formação de um leitor crítico na literatura não é responsabilidade única e exclusiva da escola através do trabalho do professor, mas é nesse que se concentra toda a técnica necessária para atingir tal formação, e se é na escola que o aluno terá um contato com a literatura na teoria e na prática, é a escola quem deve estar atenta ao gosto e à necessidade do aluno no seu processo de formação literária.

O aluno chega à escola “cru de saberes” e de opiniões, e cabe ao profissional de educação mostrar a ele a face não entediante e interessante da literatura. Saber como introduzir a literatura na vida do aluno é, no mais, a parte mais importante sobre o que chamamos aqui de educação linguística e literária de qualidade.

Referências

BAGNO, Marcos; Rangel, Egon O. . **Tarefas da educação linguística no Brasil**. Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, v. 5, p. 63-82, 2005.

BUSE, Bianca. **A disciplina de Literatura no Ensino Médio e a (de)formação do leitor**. In: VI Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania, 2011, Florianópolis. VI Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania, 2011. v. 1.

AS MARCAS DO COLONIZADOR NA FORMAÇÃO DO SUJEITO BRASILEIRO

Thamiris Braga
Jonathan Pinheiro

Resumo

Este trabalho objetiva caracterizar alguns aspectos na constituição histórica do povo brasileira. A formação da cultura nos processos interativos muitas vezes conturbados em função não só dos procedimentos adotados pelo colonizador para levar adiante o desenvolvimento econômico, mas também do conjunto de influências culturais dos grupos sociais colonizados e/ou escravizados.

Palavras-chave: Brasil; colonização; formação da cultura; sujeitos.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo caracterizar algunos aspectos de la constitución histórica del pueblo brasileño. La formación de la cultura en procesos interactivos es muchas veces turbulenta debido no sólo a los procedimientos adoptados por el colonizador para llevar a cabo el desarrollo económico, sino también al conjunto de influencias culturales de los grupos sociales colonizados y/o esclavizados.

Palabras clave: Brasil; colonización; formación de cultura; asignaturas.

Introdução

É indiscutível que a chegada dos portugueses ao Brasil em 1.500 deixou suas marcas na formação cultural da população brasileira. Afinal, foram anos de dominação, exploração e violência para com os povos indígenas que já habitavam as terras e posteriormente com o povo africano forçado a vir para esse continente com o intuito de serem escravizados. Sendo assim, é notório que a expansão europeia nos séculos XV e XVI decorreu através de imposições culturais, religiosas e sociais por meio de muita crueldade dos colonizadores.

Por muito tempo, as práticas de exploração de recursos no Brasil foram muito lucrativas para a metrópole portuguesa. Foi por meio desse sistema, que eles mantiveram riquezas para as metrópoles e puderam reafirmar seu poder, orgulhando-se da dominação de povos escravizados e valendo-se da negação cultural desses povos colonizados, denominando-os como bárbaros, irracionais e inferiores, mantendo-os em uma posição subalterna. Assim conseguiram aumentar seu poder e autoafirmar sua superioridade sobre os colonizados.

Entretanto, essa imagem ficou marcada por décadas na estrutura cultural do nosso povo, mas como não ficaria? Durante as sondagens e registros do território, sejam eles do continente africano ou brasileiro, o colonizador europeu é sempre colocado como a figura central, aquele que nas pinturas e gravuras aparece um tanto escandalizado pelo modo de viver do outro, ridicularizando as suas roupas ou a falta delas, as pinturas corporais cheias de significação ou os ornamentos que compõem seus rostos e cabeças. Através dessa escandalização, eles abrem o discurso de que aquele povo é muito selvagem, primitivo e, necessita de um controle para melhor adaptar-se ao modo de viver deles, ou seja, o discurso de que o outro necessita de adquirir sua manifestação cultural, que só a visão do colonizador é exata e inquestionável.

Possivelmente por muito tempo, apesar de muitos como Zumbi, Dandara, Dragão do Mar entre tantos outros terem lutado pela comunidade preta, entrando para a história, alguns dos nossos antepassados não questionaram a lógica de tão poucos nomes serem conhecidos, mas é primordial que no mundo atual se tenha um olhar aguçado para essa história. A visível imposição cultural

européia não aconteceu somente com os povos indígenas, mas para com os povos africanos que também foram extremamente afetados por esse violento domínio.

A história do continente africano, sobretudo da cultura africana que tantos saberes trouxe para nosso país é linda, mas na escola só estudamos o período da escravidão e das “conquistas portuguesas” nas terras brasileiras, mas não nos indagamos por qual motivo isso acontece. Infelizmente, foi através de uma única estrutura narrativa, que um país com a maior parte da população sendo preta, tornou-se ignorante quanto à história dos seus antepassados.

Na contemporaneidade, graças à resistência de diversos movimentos, temos avanços significativos no que se refere ao rompimento do discurso do colonizador e a inserção de práticas educativas nas escolas em relação à Cultura e à História Afro-Brasileira. Isso só ocorre após a lei que torna obrigatório o ensino de História e de Cultura Afro-Brasileira na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Visto, portanto, a riqueza cultural da matriz africana no processo educacional de cada sujeito. Apesar dessa vitória, pode-se notar que ao longo da construção de nossa identidade, aquilo que está na lei, não é usado na prática; se essa demanda fosse levada para a sala de aula com mais empenho pelos educadores, e fomentada pelos orientadores e diretores das escolas, iríamos quebrar desde muito cedo, tabus e preconceitos constituídos através do racismo estrutural. Entretanto, também não podemos levar tal problema em cima de uma única instituição, deve-se notar que a falta desse incentivo está dentro de um sistema muito maior.

A influência do processo de colonização no apagamento da cultura africana

A afirmação de que “Durante os registros de sondagem dos territórios, sejam eles do continente africano ou brasileiro, o colonizador europeu é sempre colocado como a figura central, aquele que nas pinturas e gravuras aparece um tanto escandalizado pelo modo de viver do outro, ridicularizando as roupas ou falta delas, as pinturas corporais cheias de significados ou os ornamentos que compõem seus rostos e cabeças. Através dessa escandalização, eles abrem o discurso que aquele povo é muito selvagem, primitivo e, necessita de um controle para melhor adaptar-se no modo de viver deles, ou seja, o discurso que o outro necessita adquirir sua manifestação cultural, que só a visão do colonizador é exata e inquestionável” nos permite esboçar uma análise.

Analisando essa afirmação, temos como exemplo, a Carta de Pero Vaz de Caminha, considerada por diversos críticos literários como a certidão de nascimento do Brasil. Nesse registro, Caminha aponta a religião católica como primordial e centralizadora, desconsiderando a crença já existente no território brasileiro com os povos indígenas.

Vemos o processo de doutrinação como certo ou errado? Possivelmente por muito tempo nem nos daremos o trabalho de questionar essa lógica, mas é primordial que se tenha um olhar aguçado para essa história. A visível imposição cultural européia não aconteceu somente com os povos indígenas, mas para com os povos africanos que também foram extremamente afetados por esse violento domínio.

Obviamente, essa realidade deve-se pela influência européia desde o século XIX, que acomete uma tentativa de apagamento desse legado. Segundo Bonnici (2009), as forças políticas e econômicas, o controle ideológico e o social subjazem ao discurso e ao texto. É evidente que o poder com todas as suas consequências, é exercido para que surta o máximo efeito possível. Esse é o resultado que as forças dominantes colonizadoras buscavam: criar um sistema que negava e rejeitava outras formas de conhecimento. Desse modo, as pessoas contrárias ao discurso do colonizador sofreram um processo de desvalorização da sua origem e silenciamento que hoje, século XXI, influencia na estrutura social do brasileiro.

No entanto, esse povo não tinha uma história antes de ser forçado a vir para cá? A escravidão foi um acontecimento que nunca será esquecido, mas a memória de um povo cheio de conhecimento e riquezas não pode ser limitada apenas a esse período.

Apesar de toda tentativa de apagamento da cultura indígena e africana, a riqueza cultural de ambas as matrizes contribuiu muito na construção da identidade do brasileiro. Sendo, portanto, imensurável sua importância para nossa história, conseguindo resistir durante décadas e décadas de opressão dentro da esfera sociocultural brasileira. Graças a essa resistência, nos últimos anos vem sendo resgatada por estudiosos e reafirmada com seu devido valor historiográfico.

Sabemos então, que a tentativa de destruição da história do povo negro/africano não começou no Brasil, mas sim dentro de suas próprias terras, também no período de colonização, como um reforço para legitimar o poder europeu sob outros povos considerados por eles “inferiores”.

A literatura como instrumento de desumanização

Podemos encontrar literatura em todos os níveis sociais e comunidades. Lendas, fábulas, músicas, mitos, existem muitas formas que encontramos para nos expressar. Como seres sociais, temos a necessidade de nos comunicarmos. Através da literatura expressamos nossos sentimentos, nossas revoltas, compartilhamos nossos saberes, derramamos nosso ser. O homem, além de social, é também um ser cultural, dessa forma, tudo que produz é parte da cultura. O conhecimento não é exclusivo dos grandes clássicos europeus, mas toda produção é por si só detentora de conhecimento. A “cultura é a poesia dos poetas letrados de seu País, como também a poesia de seu canceiro popular. Que cultura é toda criação humana?”. (FREIRE, 1967, p. 109). A literatura transforma o homem. Através dela o homem pode deixar uma marca perpétua no mundo. A literatura, como indica Candido (2004), possui um forte teor humanizador. Mas, podemos afirmar que toda literatura humaniza? Vejamos o exemplo de Monteiro Lobato.

É inegável a relevância histórica e literária de Monteiro Lobato. Suas histórias perpassam o tempo e nos alcançam e influenciam mesmo hoje, com adaptações audiovisuais e releituras de suas obras. Há bons pontos de reflexão que podemos absorver da obra de Lobato. Como apontado por Jorge Coli em um artigo à Folha de São Paulo, há uma certa subversão nos personagens, uma postura de negação frente à hierarquia e a autoridades absolutas. Porém, também existe uma morbidade racial presente nessas obras.

Os personagens brancos têm sua etnia neutralizada, pois não são relevantes para a história seus tons de pele. Por outro lado, os personagens negros são demasiadamente racializados, sendo muitas vezes alvos de escárnio e alívio cômico. Tia Nastácia não é a empregada que cuida da casa e das crianças, é a negra que cuida das casas e das crianças. Por que a etnia dos personagens brancos é irrelevante, mas a dos personagens negros é curiosamente pontuada, principalmente em uma relação de poder inferior ao das pessoas brancas? A resposta para isso está além dos livros, no próprio Monteiro Lobato.

Segundo Santos (2019), Monteiro Lobato era um eugenista e membro fervoroso da Sociedade Eugênica de São Paulo. O eugenismo era um pensamento cientificista que associava certas características às raças. Nessa visão, a miséria seria uma característica do negro, enquanto sobrava ao branco a pureza, a higiene e a riqueza. Dessa forma, para alcançar uma sociedade rica e limpa, era necessária uma série de passos, como as famílias brancas gerarem mais filhos que as negras, e até alguns pensamentos mais extremos, como a esterilização da população negra. Por mais absurdos que sejam, esses pensamentos não ficaram armazenados no interior da mente deturpada de alguns pensadores, eles foram força motriz para as políticas públicas do Brasil em meados do século vinte.

O Brasil fez um grande esforço na tentativa de clarear a população, como apontado pelo autor:

“A resolução nº 20 do Conselho de Imigração e Colonização revela o plano do governo de São Paulo para trazer 50 mil portugueses para o Brasil com a intenção de clarear a raça brasileira, seguindo as teorias de eugenia aplicadas no país. As intenções eram explícitas ‘tendo em conta a alta conveniência que apresenta, para o Brasil, a vinda de agricultores portugueses, pelas condições étnicas que possuem...’ (SANTOS, 2019, p. 37)

Após a abolição, os negros foram largados ao ostracismo. No lugar de integrá-los à sociedade, o objetivo do estado era apagá-los. A cor, a cultura, tudo deveria desaparecer no processo de higienização da sociedade. Não é difícil lembrar que por um bom tempo tocar samba foi crime¹. Monteiro Lobato era inegavelmente um homem de seu tempo. As correntes científicas que estavam em ascensão na primeira metade do século vinte o influenciaram e se enraizaram em seus textos. Mas, se é tão evidente o racismo em Lobato, por que há tanta relutância em admitir tal fato?

Admitir o racismo em Lobato envolve muito mais do que apenas o indivíduo, é assumir toda uma responsabilidade. Fazer tal afirmação envolve também revelar toda uma estrutura de poder estatal. A própria língua foi categorizada, como descreve Faraco (2009, p. 79): “português de preto’ ou ‘pretoguês’, essa língua de negros boçais e de raças inferiores (...) que era entendida pela elite conservadora como sinônimo de corrupção, degeneração, desintegração.” A língua, a cultura, a literatura preta estavam “destruindo” o país, por isso deveriam ser combatidas. Dessa forma, Lobato era muito mais que bem vindo, era um modelo a ser seguido. Assim como as variedades linguísticas “padrões” são aquelas da classe dominante², enquanto as variedades diastráticas e diatópicas que se afastem desse padrão são estigmatizadas, é natural pensar que o mesmo ocorre na literatura.

Conclusão

Ao decorrer deste presente texto, fica esclarecida a necessidade do ensino de Literatura na Educação Básica. Os docentes precisam fomentar a reflexão crítica e engajada através de literaturas representativas que aproximam o aluno de sua própria realidade, fazendo-o pensar sobre as estruturas sociais que se construíram ao longo do tempo e o que isso representa para eles mesmos no mundo contemporâneo. Sendo assim, trabalhar literaturas antirracistas e de empoderamento acarreta uma notoriedade para a resistência da comunidade preta e sua significação para o combate das práticas violentas sofridas por pessoas pretas.

Nesse panorama, seria expressivo levar um conhecimento poético-literário para a sala de aula, podendo-se trabalhar diversos assuntos com apoio diversificado como a poesia Slam, o rap, o funk, entre outras manifestações artísticas que podem ter caráter literário e representativo usando-os como ferramentas de análise do mundo e de suas próprias vivências. A linguagem das Slammers, por exemplo, é muito semelhante à fala dos jovens e de sua própria existência. Ressaltar aos alunos que há poesias que falam daquilo que eles presenciam é atraente, instigando-os a se tornarem membros ativos do ambiente escolar.

“Formar leitores implica destinar tempo e criar ambientes favoráveis à leitura literária, em atividades que tenham finalidade social, que se consolidem através da leitura silenciosa e individual, promovendo o contato com textos variados nos quais os alunos possam encontrar respostas para suas inquietações, interesses e expectativas”. (FILIPOUSKI; MARCHI, 2009, p. 23)

Trabalhar a literatura tendo como referencial o mundo que cerca os alunos e por meio de interações com esses sujeitos presentes em sala de aula é extremamente relevante, pois um aprende com o outro. O ambiente proporciona uma transmissão de saberes para que eles estudem e consigam

captar determinados conceitos, formular críticas e análises com mais praticidade, principalmente se o docente levar em consideração possibilidades para debates.

Referências bibliográficas

- BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ª ed. Maringá: EDUEM, 2009.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *O direito à literatura e outros ensaios*. Coimbra: Angelus Novus, 2004. (Org.) Abel Barros Baptista. p. 171-193.
- COLI, Jorge. *Só quem não leu ou não entendeu livros de Lobato pode julgá-los racistas*. Folha de São Paulo. 3 de fev. de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jorge-coli/2019/02/so-quem-nao-leu-ou-nao-entendeu-livros-de-lobato-pode-julga-los-racistas.shtml>> Acesso em: 02 de jul. de 2022.
- CORTESÃO, J. Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil. Texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma Culta Brasileira, Desatando alguns nós. 2ª edição. São Paulo: Parábola, 2008.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; MARCHI, Diana Maria. A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura. Erechim: Edelbra, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GERALDI, J.W. *O texto na sala de aula*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 2001.
- QUANDO tocar samba dava cadeia no Brasil. BBC. 21 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51580785>>. Acesso em: 02 de jul. de 2022.
- REGINALDO, Lucilene. *Obra infantil de Monteiro Lobato é tão racista quanto o autor, afirma historiadora*. Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/02/obra-infantil-de-monteiro-lobato-e-tao-racista-quanto-o-autor-afirma-autora.shtml>> Acesso em: 02 de jul. de 2022.
- SANTOS, Ale. *Rastros de resistência: Histórias de luta e liberdade do povo negro*. 1ª edição. São Paulo: Panda Books, 2019.

NAS PÁGINAS E NOS PIXELS: O USO DE TECNOLOGIA NO ENSINO DE LITERATURA

Vanessa Aparecida Oliveira Fontoura

Resumo

Este artigo tem como objetivo explorar o uso de ferramentas digitais no ensino de Literatura, enfatizando o potencial das tecnologias, como aplicativos, plataformas de leitura online e recursos interativos, para enriquecer a experiência de aprendizagem literária dos alunos. Além disso, será investigado como essas ferramentas podem promover a interação e o engajamento dos alunos com os textos literários, ampliando a compreensão, estimulando a criatividade e o pensamento crítico. O artigo examinará estudos e pesquisas que abordam o uso da tecnologia no ensino de Literatura. Espera-se contribuir para a reflexão e aprimoramento do ensino de Literatura, apresentando abordagens que incorporam as possibilidades oferecidas pelas ferramentas digitais.

Palavras-chaves: Literatura. Tecnologia. TICs. Ensino.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo explorar el uso de herramientas digitales en la enseñanza de la literatura, enfatizando el potencial de las tecnologías, como aplicaciones, plataformas de lectura en línea y recursos interactivos, para enriquecer la experiencia de aprendizaje literario de los estudiantes. Además, se investigará cómo estas herramientas pueden promover la interacción y el compromiso de los estudiantes con los textos literarios, ampliando la comprensión, estimulando la creatividad y el pensamiento crítico. El artículo examinará estudios e investigaciones que abordan el uso de la tecnología en la enseñanza de la literatura. Se espera contribuir a la reflexión y mejora de la enseñanza de la Literatura, presentando enfoques que incorporen las posibilidades que ofrecen las herramientas digitales.

Palabras clave: Literatura. Tecnología. TIC. Enseñando.

Introdução

À medida que a sociedade avança rumo à era digital, o ensino de Literatura enfrenta o desafio de se reinventar e dialogar com uma geração imersa em tecnologia. Este artigo busca explorar o uso das ferramentas digitais com o objetivo de tratar da experiência literária ao transpor estudantes para dimensões literárias em um ambiente em que já estão imersos. A proposta que ecoa nas linhas deste estudo é transcender os limites físicos do livro, sem abandonar a sua essência, para adentrar um terreno fértil onde a tecnologia se torna uma aliada do ensino de Literatura. Por meio de aplicativos, plataformas de leitura online e recursos interativos, busca-se entender quem é o leitor atual, como ele consome literatura e como o ensino da Literatura pode ocorrer considerando a realidade da sociedade tecnológica em que vivemos. O objetivo principal é desvendar como essas ferramentas digitais podem fomentar uma imersão ainda mais profunda no mundo literário, promovendo o engajamento, a compreensão e a apreciação dos textos literários. Desafiando as fronteiras da tradicionalidade, exploraremos as diferentes facetas dessas tecnologias, capazes de transformar uma leitura solitária em uma experiência compartilhada e interativa.

Quem lê e como lê

Em uma pesquisa, realizada em 2020 pela quinta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, foi constatado que existem cerca de 100 milhões de leitores no Brasil. A pesquisa considera como leitor toda a pessoa que leu, partes ou a obra inteira, ao menos um livro em até três meses antes da aplicação da entrevista. Em média, o brasileiro lê cinco livros por ano. A mesma pesquisa indica

um perfil de leitores em que a maior porcentagem, quanto à faixa etária, está entre 11 e 13 anos, quando o índice cai gradativamente. Entre a faixa etária de 11 e 24 anos, as atividades mais comuns no tempo livre é o uso do celular, computador, e o consumo de vídeos, podcasts, jogos e redes sociais.

Um dos tópicos que também foi analisado são as motivações para a leitura de um livro. O maior segmento indica como fator o gosto, seguido de crescimento pessoal, distração, atualização cultural ou conhecimento geral. Entre os fatores que influenciam na escolha de um livro, o tema e a indicação de pessoas estão no topo. Há uma análise comparativa entre os leitores e os não leitores que indica que a atividade mais realizada entre o leitor é o uso da internet, seguido de assistir televisão.

O índice chega a ser maior do que os que não são leitores. Quanto ao tipo de livro, livros digitais são a maioria para a faixa etária de 14 aos 24 anos. Por fim, existe uma tentativa de definição do que a leitura significa para os entrevistados. A primeira tentativa diz que a literatura traz conhecimento, a segunda indica que a literatura ensina a viver melhor e a terceira mais mencionada para os entrevistados foi que a literatura é uma atividade interessante (Retratos da leitura no Brasil, 2019).

Os dados da pesquisa revelam que a leitura ainda é uma prática presente na sociedade brasileira, embora esteja sujeita a transformações influenciadas pelo avanço da tecnologia e pelas preferências individuais. É fundamental compreender suas características e preferências para promover estratégias eficazes de estímulo à leitura, levando em consideração as tecnologias digitais, os interesses individuais e a diversidade de opções literárias disponíveis. A leitura continua sendo uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento pessoal, a ampliação de conhecimentos e a conexão com diferentes mundos e perspectivas.

A crise na leitura persiste e para promover e incentivar o hábito de leitura, explorar abordagens inovadoras que conectem a literatura com as preferências e interesses dos leitores, aproveitando as oportunidades oferecidas pelo ambiente digital, pode se apresentar como uma das possibilidades para o ensino de Literatura que precisa ser pensado refletindo “os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam” (BRASIL, 2018, p. 525).

O termo retroalimentar indica que a literatura e as artes se alimentam mutuamente, ou seja, influenciam-se reciprocamente, em que um livro pode inspirar uma obra de arte visual, que por sua vez pode influenciar o estilo de escrita de um autor. Essa retroalimentação entre as diversas formas de arte cria um ciclo de influência contínuo.

Ensino de Literatura e tecnologia

A escola atua como um agente cultural que seleciona, organiza e legitima os textos literários que serão apresentados aos alunos. Por meio do currículo escolar, a literatura é inserida no contexto educacional e adquire um status de relevância e valor. Segundo Lajolo (2001, p.19) “a escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista e de fiadora do que é literatura”. A citação de Lajolo enfatiza o papel central da escola como guardiã e garantidora da literatura, destacando sua função histórica de transmitir conhecimentos literários, formar leitores competentes e promover a valorização e apreciação da literatura como um bem cultural essencial.

Para Barthes, se justificaria o ensino da literatura ao defender o movimento em que “se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas deveriam ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes num momento literário. (BARTHES, 1978, p. 17). Entretanto, o ensino de literatura dentro do contexto escolar é envolvido por atividades que não são direcionadas, em que não há uma construção de sentido considerando o texto literário. Kleiman (2000) apud Bem (2009, p.8) indica que “muitas

das deficiências do ensino da leitura, nesse caso, no Ensino Fundamental, são resultantes de metodologias inadequadas e desmotivadoras”.

Pensar no ensino da literatura, considerando literatura como toda a criação cultural, em diálogo com a cultura digital que é comum a contemporaneidade, vai para além do acréscimo de ferramentas para o fazer pedagógico já habitual.

O mundo atual caracteriza-se pela pluralidade de formas de compreender a realidade, exigindo o surgimento de novas narrativas no processo de produção do conhecimento. Este fato sugere a necessidade de reavaliarmos as condições atuais de produção do saber e os efeitos da diversidade de experiências sociopolítico-econômicas e das novas tecnologias nas práticas culturais de leitura e escrita (SANTOS; SILVA, 2011, p. 365).

Os autores destacam que o mundo contemporâneo é caracterizado por uma grande variedade de perspectivas e interpretações da realidade, o que demanda o surgimento de novas formas de construir o conhecimento. Isso implica rever as condições atuais em que o conhecimento é produzido, considerar os impactos da diversidade de experiências sociopolítico-econômicas e do avanço das novas tecnologias nas práticas culturais de leitura e escrita. O avanço tecnológico tem transformado profundamente as práticas culturais de leitura e escrita. A diversidade de experiências sociopolítico-econômicas, aliada ao acesso a dispositivos digitais e à internet, têm ampliado as possibilidades de interação, colaboração e compartilhamento de informações. Nesse sentido, as novas tecnologias podem tanto potencializar a diversidade de perspectivas e vozes quanto perpetuar desigualdades e exclusões. Cabe refletir sobre como essas tecnologias estão sendo utilizadas e como elas podem ser melhor aproveitadas para promover práticas culturais de leitura e escrita mais inclusivas, democráticas e participativas, mas ainda perceber como essas ferramentas são utilizadas.

O ensino de Literatura se enquadra “dentro de polos: linguagem e sentimento; arte e técnica; instrumentalização e fruição” (NONATO, 2020). No polo linguagem e sentimento, o ensino de Literatura abrange a análise da linguagem literária e sua capacidade de expressar emoções, sentimentos e experiências humanas. A literatura é uma forma de arte que utiliza a palavra como meio de comunicação, e o ensino busca explorar a maneira como a linguagem é usada para criar significados e evocar emoções nos textos literários. No polo arte e técnica, o ensino de Literatura reconhece que a literatura é uma forma de expressão artística que envolve habilidades técnicas e estilísticas. A apreciação da literatura como uma forma de arte requer a compreensão das técnicas utilizadas pelos autores para criar e transmitir sua visão de mundo. No polo instrumentalização e fruição, o ensino de Literatura busca tanto instrumentalizar os estudantes com habilidades de leitura crítica, interpretação e análise textual, como proporcionar momentos de fruição estética e prazer pela leitura.

Os estudantes são incentivados a desenvolver uma compreensão crítica dos textos literários, explorando temas, simbolismos e contextos históricos e culturais. Ao mesmo tempo, é importante cultivar o prazer e a apreciação pela literatura, permitindo que os estudantes desfrutem da experiência estética proporcionada pelas obras literárias. O ensino de Literatura ocorre em meio a pressões e incompreensões relacionadas ao lugar das tecnologias na sociedade contemporânea, enquanto a literatura e as humanidades enfrentam desafios e questionamentos em um mundo cada vez mais tecnológico, é importante perceber maneiras de conciliar o uso das tecnologias com a preservação e valorização da literatura como forma de expressão cultural e artística.

Quando se fala em tecnologia na educação, uma das abordagens mais pensadas e utilizadas são as TICs. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) referem-se a um conjunto de tecnologias que têm como objetivo principal a coleta, o armazenamento, o processamento, a transmissão e o compartilhamento de informações e conhecimentos por meio de diferentes meios de comunicação eletrônica.

Segundo Nonato (2007),

[...] o uso das TIC como ferramenta de mediação pedagógica supõe uma releitura das estratégias previamente pensadas para a relação professor/aluno em sala de aula presencial. Não basta adicioná-las às práticas tradicionais, é preciso utilizá-las para reestruturar abordagens pedagógicas, reinventar a prática docente. Práticas tradicionais que ainda são efetivas não precisam ser “maquiadas” pelo acréscimo de um “novo formato”. Todavia, as TIC podem e devem ser instrumento para novas abordagens, novas formas de mediar a aprendizagem, novas formas de ensinar. (NONATO, 2007, p. 8)

Portanto, o uso das TICs como ferramenta de mediação pedagógica vai além de apenas adicionar um novo formato às práticas tradicionais. Requer uma reestruturação das abordagens pedagógicas existentes, aproveitando o potencial das TICs para reinventar a prática docente, personalizar a aprendizagem, promover a colaboração e engajar os alunos de novas maneiras. A utilização das novas tecnologias não se limita a um apoio complementar ao professor, mas sim representa uma nova prática pedagógica, considerando a necessidade de uma reestruturação das abordagens educacionais e as potencialidades das tecnologias para reinventar a prática docente e promover uma aprendizagem mais efetiva e significativa.

A relação entre a educação e a tecnologia, como Kenski (2007) afirma,

“[...] não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino e, por extensão, a educação de forma geral. Mas a maneira como esta tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, alunos e a informação. Esta pode ser revolucionária, ou não. Os processos de interação e comunicação no ensino sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo, do que das tecnologias utilizadas, sejam o livro, o giz ou o computador e as redes. (KENSKI, 2008, p.9)

A tecnologia, por si só, não é garantia de uma transformação positiva no ensino. A sua eficácia está intrinsecamente ligada à maneira como os professores a utilizam para promover interação, comunicação e engajamento dos alunos. É fundamental que os professores saibam aproveitar o potencial das tecnologias para enriquecer as experiências de aprendizagem, estimulando a participação ativa dos alunos, promovendo a colaboração e oferecendo recursos diversificados. Além disso, o autor sugere que o aspecto humano e relacional do processo educativo é de extrema importância. As tecnologias podem facilitar a comunicação e o acesso à informação, mas é a interação entre professores e alunos, a troca de ideias, o diálogo e a construção conjunta do conhecimento que realmente impulsionam a aprendizagem significativa. O aparato tecnológico, entretanto, precisa ser acompanhado de abordagens que consideram essas potencialidades, como afirma Koch (2013, p. 15)“[...] a inovação não está restrita ao uso da tecnologia, mas sim na maneira de como o professor vai usar os recursos, criando projetos que levam à produção do conhecimento”.

Abordagens pedagógicas podem apresentar atividades propostas no ensino de Literatura com o uso de TICs promovendo ambiente de aprendizagem envolvente e diversificado. Adaptações, jogos, vídeos e outros recursos digitais proporcionam aos educandos formas diferentes de se aproximarem de obras, inclusive das consideradas como clássicas onde existe um distanciamento, ao possibilitar uma leitura mais atraente e engajante. As atividades que envolvem as TICs propõem abordar as adaptações de obras literárias para diferentes mídias, contribuindo para a compreensão da literatura pelo despertar do interesse dos alunos pela leitura. Contudo, é importante considerar a preservar a leitura da obra original, garantindo o contato com a linguagem do autor e a experiência completa da obra. As propostas de trabalho com os aparatos tecnológicos para o ensino de Literatura mostraram-se eficazes na promoção de um ensino mais atrativo e participativo, ao possibilitar uma releitura crítica da obra literária, incentivando a pesquisa e o uso das tecnologias como ferramentas para a construção do conhecimento. No entanto, é importante garantir um equilíbrio entre as mídias

digitais e a leitura dos textos originais para uma formação completa dos alunos no universo da literatura.

Considerações finais

O avanço da sociedade em direção à era digital traz consigo desafios para o ensino de Literatura, que precisa se reinventar e dialogar com uma geração imersa em tecnologia, já que é inevitável que o ensino de Literatura também se confronte com o desafio de se adaptar e dialogar com uma geração imersa em tecnologia. O contexto contemporâneo impõe aos educadores a necessidade de repensar as abordagens tradicionais de ensino e aproveitar o potencial das ferramentas digitais para revitalizar o ensino de Literatura, tornando-o mais atrativo, participativo e significativo para os alunos. O uso das ferramentas digitais no ensino de Literatura tem como objetivo proporcionar uma experiência literária aos estudantes em um ambiente no qual eles já estão imersos, transcendendo os limites físicos do livro.

As abordagens pedagógicas devem considerar o contexto contemporâneo, onde a tecnologia permeia todas as esferas da vida, e promover a integração significativa das TICs no ensino de Literatura. Não se trata apenas de uma adaptação superficial do conteúdo para o meio digital, mas sim de uma reestruturação das práticas educacionais, onde a tecnologia seja utilizada de forma criativa e inovadora para estimular a curiosidade intelectual, a reflexão crítica e o diálogo entre os alunos. Cabendo a reflexão de que a eficácia das tecnologias está diretamente relacionada à forma como são utilizadas pelos professores para promover interação, comunicação e engajamento dos alunos. Nesse sentido, o ensino de Literatura deve considerar diferentes aspectos, como a análise da linguagem literária, a compreensão das técnicas utilizadas pelos autores, o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica e interpretação, e a promoção do prazer e apreciação pela literatura.

O ensino de Literatura no contexto digital exige uma abordagem reflexiva e sensível, que reconheça a importância da tecnologia como aliada para promover uma experiência literária mais rica e envolvente. O desafio está em aproveitar o potencial das TICs para estimular a leitura crítica, a reflexão e a compreensão dos textos literários, ao mesmo tempo em que se preserva a essência e o valor das obras originais. A interação entre literatura e tecnologia pode abrir novos horizontes para o ensino, possibilitando a construção de uma educação mais inclusiva, participativa e significativa para os estudantes.

Referências

- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BEM, Daiane Madalena de. *Dificuldades de leitura: professor e aluno no ensino fundamental*. 2009. 205 f. Monografia (Língua e Literatura com ênfase nos gêneros do discurso) - Universidade Do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf. Acesso em: Jul, 2023.
- KOCH, Marlene Zimmermann. *As Tecnologias no Cotidiano Escolar: Uma Ferramenta facilitadora No Processo Ensino-Aprendizagem*. Universidade Federal de Santa Maria. Sarandi, RS, 2013.
- LAJOLO, Maria. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2007.
- NONATO, Emanuel do Rosário Santos. *CULTURA DIGITAL E ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA*. v. 50, n. 176, p. 534–554, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053147126>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- Retratos da leitura no Brasil. (2019). Recuperado de: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_2015.pdf.
- SANTOS, Zenildo; SILVA, Maria Vitória da. *O ensino de literatura num espaço globalizado: a parceria das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem*. In: Fólio – Revista de Letras, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, pp. 361-378, jul./dez. 2011.

RELATÓRIO CRÍTICO **PESQUISA E PRÁTICA EDUCATIVA III**

Amanda Oliveira da Silva

Relatório de Estágio Curricular Supervisionado, apresentado ao Instituto Federal Fluminense, Campus do Gragoata – RJ, como requisito obrigatório para a obtenção da aprovação na disciplina de Pesquisa e Prática Educativa III, do Curso de Letras Português/Literaturas – Licenciatura sob a orientação do Professor Dr. Aroldo Magno de Oliveira.

VER todos os RODAPÉS.

SUMÁRIO

Introdução

O presente trabalho visa a apresentar aspectos relacionados ao estágio supervisionado realizado pela aluna Amanda Oliveira no Colégio Estadual Ce. Professor Dyrceu Rodrigues da Costa no município de Rio Bonito, interior do estado do Rio de Janeiro no período de 18 de maio de 2023 até 07 de julho de 2023. Esse estágio foi realizado como parte prática da disciplina de Pesquisa e Prática Educativa III, ministrada pelo Professor Dr. Aroldo Magno de Oliveira.

O estágio obrigatório supervisionado é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei de nº 9.394/1996 que versa sobre a educação no Brasil no Art. 61. É o momento em que o graduando consegue alinhar a teoria aprendida ao longo do curso com a prática que está sendo vivenciada.

Tal atividade é de extrema importância aos graduandos do curso de Letras Português/Literaturas em Licenciatura, isso porque o estagiário compreende o cotidiano de uma sala de aula e todas as suas particularidades, como: relação entre educador/educando e entre os próprios alunos, além dos métodos avaliativos e os recursos utilizados pelos professores em sala de aula e fora dela.

Vale salientar que o estágio realizado caracteriza-se por ser de observação e auxílio ao professor de Língua Portuguesa, em específico na matéria de Literatura. Dessa maneira, todas as atividades aqui descritas estão relacionadas a esses conteúdos e ao que a professora da escola estagiada pediu e autorizou.

Após diversos semestres estudando correntes teóricas relacionadas ao aprendizado, nesse momento o principal objetivo foi exercer o conhecimento pedagógico adquirido e relacionar com a realidade dos alunos naquele determinado momento para que, assim, houvesse um maior proveito do conteúdo abordado e a criação de laços entre educadores e educandos.

Caracterização da escola

O Colégio Estadual Ce. Professor Dyrceu Rodrigues da Costa foi fundado no ano de 1966, situa-se na Avenida Santos Dumont, 162 – Centro, no Município de Rio Bonito, interior do Estado do Rio de Janeiro. Vale mencionar que essa instituição pertence à rede estadual e, referente aos níveis de educação, a escola atualmente atende somente ao Ensino Médio, tanto no período **matutino** quanto no **vespertino** e no **integral**. Tal instituição de ensino foi o local escolhido para a realização do estágio obrigatório do ano de 2023/1.

Seria manhã? Ela menciona o integral.

É uma escola de pequeno porte com onze salas de aula com capacidade para 35 alunos cada. No período da tarde, horário no qual eu estagio, há uma quantidade menor do que a do período da **tarde**.

Além disso, a escola possui um auditório, sala Maker (para que os alunos consigam trabalhar em projetos quando necessário), quadra coberta e uma biblioteca. Os banheiros, por sua vez, apresentam somente duas cabines para os alunos utilizarem, entretanto, apesar de pequeno, é extremamente limpo.

Cada sala de aula apresenta janelas amplas, com ventiladores e ares-condicionados. Do lado de fora há diversas plantas e mesas de concreto para que os alunos possam comer (já que não há um refeitório) ou sentar e conversar com os colegas e professores.

Alguns recursos didáticos disponíveis são desde o básico com livros, quadros, pilotos e tintas para os professores até computadores e uma sala de vídeo bem disputada por eles.

Os professores dessa unidade escolar se utilizam dos recursos pedagógicos que a escola possui para fazer com que os alunos se engajem em atividades e uns com os outros para que haja motivação e o pleno desenvolvimento deles.

Os alunos apresentam perfis sociais, econômicos e culturais bem distintos. Enquanto alguns estudantes possuem suporte da família e amigos para estudar e executar determinadas atividades, outros, por sua vez, não contam com esse mesmo direito. Neste ano, diversos alunos, principalmente do primeiro ano do Ensino Médio, são de municípios rurais e possuem uma realidade diferente de outros colegas. Dessa maneira, a escola tenta acolher e aconselhar esses alunos para que eles possam auxílio e carinho nesse momento crucial do desenvolvimento.

Por fim, cabe agora explicar com mais detalhes as experiências de estágio obtidas dentro da sala de aula nesse período, para depois avaliar os resultados obtidos e concluir tal relatório.

Descrição da experiência

As turmas acompanhadas durante o estágio supervisionado no Colégio Estadual Ce. Professor Dyrceu Rodrigues da Costa no primeiro semestre de 2023 foram as seguintes: o terceiro ano (3004) e o segundo ano do ensino médio (2004), ambas no período vespertino. Além disso, a professora que acompanhei nesse período foi a Eliana Gomes Martins que já ensina há mais de dez anos no ensino básico. A priori, irei caracterizar a turma do segundo ano e, logo após, a do terceiro, para, por fim, serem traçados paralelos entre atividades desenvolvidas em ambas as salas nesse período.

O segundo ano do ensino médio é uma turma com aproximadamente vinte alunos. Por estagiar nessa escola desde abril do ano passado e ter acompanhado o primeiro ano do ensino médio em 2022, já conheço o perfil de alguns alunos e sendo assim, demos continuidade aos nossos projetos. Ademais, é uma turma que se divide em pequenos grupos estudantis que se diferem em diversos aspectos uns dos outros.

A turma 3004, por sua vez, possui dezenove alunos já no final do ensino básico e que estão saindo da adolescência e iniciando a vida adulta. Os estudantes possuem entre dezessete e dezenove anos e estão animados com esse fim/início do ciclo. Diversos alunos dessa turma já trabalham e estão se preparando para prestarem os vestibulares.

Por fim, vale ressaltar que as duas turmas apresentaram uma queda no desempenho no último bimestre e demonstraram um maior cansaço nos últimos dias de aula, impactando, dessa maneira, no desempenho escolar deles.

Atividades desenvolvidas

As atividades desenvolvidas pela estagiária podem ser divididas em duas partes principais:

Observação: Durante todo o período de estágio observei as aulas, atividades e trabalhos ministrados pela professora Eliana, além de também poder observar como os alunos reagem às práticas passadas pela docente para poder auxiliar da melhor maneira tanto a professora quanto os alunos. Além das observações feitas em sala de aula, também me foi permitida a presença no conselho de classe, local em que eu pude compreender mais sobre o trabalho administrativo dos professores e de outros funcionários.

Auxílio: Com a permissão da professora Eliana, ministrei algumas atividades solicitadas por ela para a turma do primeiro, segundo e terceiro ano, além de ajudar, sempre que solicitada, os alunos com eventuais dúvidas que eles viessem a ter. Realizei também a correção de provas e outras atividades, além de auxiliar no preenchimento do diário de classe.

Considerações finais

Em conclusão, o estágio é um momento crucial na vida acadêmica, pois desempenha um papel fundamental tanto na formação da academia quanto na formação profissional dos estudantes, especialmente para aqueles que almejam se tornar professores. Durante esse período, é possível colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da faculdade.

Por meio dessa experiência, tive a oportunidade de observar e participar de um ensino humanizado e empático, que não se limitava apenas à transmissão passiva de conteúdo, mas também buscava compreender as realidades vividas pelos alunos em casa, e a partir disso, trabalhar de forma mais personalizada, garantindo que todos se sentissem acolhidos.

Nesse ambiente, pude compreender melhor os processos que ocorrem fora da sala de aula, como o conselho de classe, as reuniões, a preparação de aulas e o registro do diário. Essas experiências me proporcionaram uma visão mais clara do cotidiano dos professores, além de servirem como aprendizado valioso para minha futura carreira profissional e acadêmica.

Além disso, não foram apenas os momentos de ensino que me proporcionaram aprendizado significativo. Ao longo dos meses, pude testemunhar o desenvolvimento dos alunos em diversos aspectos, não apenas em termos de notas, mas também em suas relações pessoais e envolvimento em novos hobbies, aprendizados e experiências. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, o estágio é uma etapa essencial para a construção de uma base sólida na formação profissional.

Referências bibliográficas

Histórico do C.E. Prof^o. Dyrceu Rodrigues da Costa. **Dyrceu Blog**, 2009. Disponível em: [C.E. Professor Dyrceu Rodrigues da Costa: Resultados da pesquisa fundação \(ce dyrceu.blogspot.com/search?q=funda%C3%A7%C3%A3opot.com\)](http://cedyrceu.blogspot.com/search?q=funda%C3%A7%C3%A3opot.com). Acesso em 05 de julho de 2023.

O que diz a LDB sobre estágio supervisionado?. **Conselhos para você**, 2021. Disponível em: [O que diz a LDB sobre estágio supervisionado? \(vocepergunta.com\)](http://vocepergunta.com). Acesso em 05 de julho de 2023.

RELATO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO

Amanda Oliveira da Silva¹⁸

Introdução

O presente trabalho visa a apresentar aspectos relacionados ao estágio supervisionado realizado pela aluna Amanda Oliveira no Colégio Estadual Ce. Professor Dyrceu Rodrigues da Costa no município de Rio Bonito, interior do estado do Rio de Janeiro no 1º semestre letivo de 2023.

O estágio obrigatório supervisionado é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei de nº 9.394/1996 que versa sobre a educação no Brasil no Art. 61. É o momento em que o graduando consegue alinhar a teoria aprendida ao longo do curso com a prática que está sendo vivenciada.

Tal atividade é de extrema importância aos graduandos do curso de Letras Português/Literaturas em Licenciatura, isso porque o estagiário compreende o cotidiano de uma sala de aula e todas as suas particularidades, como: relação entre educador/educando e entre os próprios alunos, além dos métodos avaliativos e os recursos utilizados pelos professores em sala de aula e fora dela.

Vale salientar que o estágio realizado caracteriza-se por ser de observação e auxílio ao professor de Língua Portuguesa, em específico na matéria de Literatura. Dessa maneira, todas as atividades aqui descritas estão relacionadas a esses conteúdos e ao que a professora da escola estagiada pediu e autorizou.

Após diversos semestres estudando correntes teóricas relacionadas ao aprendizado, nesse momento o principal objetivo foi exercer o conhecimento pedagógico adquirido e relacionar com a realidade dos alunos naquele determinado momento para que, assim, houvesse um maior proveito do conteúdo abordado e a criação de laços entre educadores e educandos.

Caracterização da escola

O Colégio Estadual Ce. Professor Dyrceu Rodrigues da Costa foi fundado no ano de 1966, situa-se na Avenida Santos Dumont, 162 – Centro, no Município de Rio Bonito, interior do Estado do Rio de Janeiro. Vale mencionar que essa instituição pertence à rede estadual e, referente aos níveis de educação, a escola atualmente atende somente ao Ensino Médio, tanto no período matutino quanto no vespertino e no integral. Tal instituição de ensino foi o local escolhido para a realização do estágio obrigatório do ano de 2023/1.

É uma escola de pequeno porte com onze salas de aula com capacidade para 35 alunos cada. No período da tarde, horário no qual eu estagio, há uma quantidade menor do que a do período da tarde. Além disso, a escola possui um auditório, sala Maker (para que os alunos consigam trabalhar em projetos quando necessário), quadra coberta e uma biblioteca. Os banheiros, por sua vez, apresentam somente duas cabines para os alunos utilizarem, entretanto, apesar de pequeno, é extremamente limpo.

¹⁸ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Cada sala de aula apresenta janelas amplas, com ventiladores e ares-condicionados. Do lado de fora há diversas plantas e mesas de concreto para que os alunos possam comer (já que não há um refeitório) ou sentar e conversar com os colegas e professores.

Alguns recursos didáticos disponíveis são desde o básico com livros, quadros, pilotos e tintas para os professores até computadores e uma sala de vídeo bem disputada por eles.

Os professores dessa unidade escolar se utilizam dos recursos pedagógicos que a escola possui para fazer com que os alunos se engajem em atividades e uns com os outros para que haja motivação e o pleno desenvolvimento deles.

Os alunos apresentam perfis sociais, econômicos e culturais bem distintos. Enquanto alguns estudantes possuem suporte da família e amigos para estudar e executar determinadas atividades, outros, por sua vez, não contam com esse mesmo direito. Neste ano, diversos alunos, principalmente do primeiro ano do Ensino Médio, são de municípios rurais e possuem uma realidade diferente de outros colegas. Dessa maneira, a escola tenta acolher e aconselhar esses alunos para que eles possuam auxílio e carinho nesse momento crucial do desenvolvimento.

Por fim, cabe agora explicar com mais detalhes as experiências de estágio obtidas dentro da sala de aula nesse período, para depois avaliar os resultados obtidos e concluir tal relatório.

Descrição da experiência

As turmas acompanhadas durante o estágio supervisionado no Colégio Estadual Ce. Professor Dyrceu Rodrigues da Costa no primeiro semestre de 2023 foram as seguintes: o terceiro ano (3004) e o segundo ano do ensino médio (2004), ambas no período vespertino. Além disso, a professora que acompanhei nesse período foi a Eliana Gomes Martins que já ensina há mais de dez anos no ensino básico. A priori, irei caracterizar a turma do segundo ano e, logo após, a do terceiro, para, por fim, serem traçados paralelos entre atividades desenvolvidas em ambas as salas nesse período.

O segundo ano do ensino médio é uma turma com aproximadamente vinte alunos. Por estagiar nessa escola desde abril do ano passado e ter acompanhado o primeiro ano do ensino médio em 2022, já conheço o perfil de alguns alunos e sendo assim, demos continuidade aos nossos projetos. Ademais, é uma turma que se divide em pequenos grupos estudantis que se diferem em diversos aspectos uns dos outros.

A turma 3004, por sua vez, possui dezenove alunos já no final do ensino básico e que estão saindo da adolescência e iniciando a vida adulta. Os estudantes possuem entre dezessete e dezenove anos e estão animados com esse fim/início do ciclo. Diversos alunos dessa turma já trabalham e estão se preparando para prestarem os vestibulares.

Por fim, vale ressaltar que as duas turmas apresentaram uma queda no desempenho no último bimestre e demonstraram um maior cansaço nos últimos dias de aula, impactando, dessa maneira, no desempenho escolar deles.

Atividades desenvolvidas

As atividades desenvolvidas pela estagiária podem ser divididas em duas partes principais:

Observação: Durante todo o período de estágio observei as aulas, atividades e trabalhos ministrados pelo Prof. Regente, além de também poder observar como os alunos reagem às práticas passadas pela docente para poder auxiliar da melhor maneira tanto a professora quanto os alunos. Além das

observações feitas em sala de aula, também me foi permitida a presença no conselho de classe, local em que eu pude compreender mais sobre o trabalho administrativo dos professores e de outros funcionários.

Auxílio: Com a permissão do Prof. Regente, ministrei algumas atividades solicitadas por ele para a turma do primeiro, segundo e terceiro ano, além de ajudar, sempre que solicitada, os alunos com eventuais dúvidas que eles viessem a ter. Realizei também a correção de provas e outras atividades, além de auxiliar no preenchimento do diário de classe.

Considerações finais

Em conclusão, o estágio é um momento crucial na vida acadêmica, pois desempenha um papel fundamental tanto na formação da academia quanto na formação profissional dos estudantes, especialmente para aqueles que almejam se tornar professores. Durante esse período, é possível colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da faculdade.

Por meio dessa experiência, tive a oportunidade de observar e participar de um ensino humanizado e empático, que não se limitava apenas à transmissão passiva de conteúdo, mas também buscava compreender as realidades vividas pelos alunos em casa, e a partir disso, trabalhar de forma mais personalizada, garantindo que todos se sentissem acolhidos.

Nesse ambiente, pude compreender melhor os processos que ocorrem fora da sala de aula, como o conselho de classe, as reuniões, a preparação de aulas e o registro do diário. Essas experiências me proporcionaram uma visão mais clara do cotidiano dos professores, além de servirem como aprendizado valioso para minha futura carreira profissional e acadêmica.

Além disso, não foram apenas os momentos de ensino que me proporcionaram aprendizado significativo. Ao longo dos meses, pude testemunhar o desenvolvimento dos alunos em diversos aspectos, não apenas em termos de notas, mas também em suas relações pessoais e envolvimento em novos hobbies, aprendizados e experiências. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, o estágio é uma etapa essencial para a construção de uma base sólida na formação profissional.

Referências bibliográficas

Histórico do C.E. Prof. Dyrceu Rodrigues da Costa. **Dyrceu Blog**, 2009. Disponível em: [C.E. Professor Dyrceu Rodrigues da Costa: Resultados da pesquisa fundação \(ce dyrceu.blogspot.com/search?q=funda%C3%A7%C3%A3opot.com\)](http://cedyrceu.blogspot.com/search?q=funda%C3%A7%C3%A3opot.com). Acesso em 05 de julho de 2023.

O que diz a LDB sobre estágio supervisionado?. **Conselhos para você**, 2021. Disponível em: [O que diz a LDB sobre estágio supervisionado? \(vocepergunta.com\)](http://vocepergunta.com). Acesso em 05 de julho de 2023.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO - P.P.E. 4

Carlos Duarte Bisneto¹⁹

Apresentação

As atividades de estágio durante a formação acadêmica nos cursos de Licenciatura são bastante edificantes, pois nos ajudam a nos aclimatar nos muito imprevisíveis cenários das salas de aulas. Somando todo o conhecimento que tive acesso na universidade, com toda experiência de observação nos estágios obrigatórios, pude perceber diversos problemas na educação que precedem até mesmo o meu tempo de vida, como: a sobrecarga de trabalho e de papéis que o professor tem hoje, a superlotação de turmas, o desinteresse dos alunos, o ensino descontextualizado de Língua e Literatura, o sucateamento sistematizado do currículo escolar, materiais didáticos mal idealizados e a falta de motivação dos professores.

Caracterização da escola

O Colégio Estadual Domício da Gama fica localizado no bairro do Flamengo, no município de Maricá, no estado do Rio de Janeiro. É composto por 14 turmas que atendem ao Ensino Médio nos turnos da manhã e tarde, sendo: 5 turmas de 1º Ano, 6 turmas de 2º Ano e 3 turmas de 3º Ano. Os professores em sua maioria são adultos entre seus 30 e 50 anos, de perfis relativamente mais modernos, isto é, são professores inclusivos e abertos à pluralidade de pensamentos e modos de ser de seus alunos. Pode ser considerada uma escola mais periférica e que atende, principalmente, um público das classes menos favorecidas.

O estágio aconteceu em turmas dos 3 (três) anos do Ensino Médio, compostas por alunos entre os 14 e os 19 anos de idade. A maior parte das turmas possui cerca de 30 alunos, para mais, tendo uma ou duas turmas de exceção com poucos alunos, cerca de 15. Os alunos demonstraram bastante dispersão de atenção e foco, usando muito seus telefones celulares e fones de ouvido em aula, falando bastante e focando pouco nas explicações de conteúdo fornecidas pelos professores.

Fundamentação teórica

Com os diversos problemas sociais ocorrentes nas últimas décadas no Brasil, como o aumento da inflação, a desvalorização da moeda Real brasileira em relação ao Dólar americano e também do próprio papel do professor na sociedade, fez-se presente cada vez mais na vida do profissional de educação a necessidade de investir horas extras e trabalhar em dois empregos para que possa ter uma vida minimamente digna e, portanto, ter menos tempo disposto ao lazer e desenvolvimento pessoal, acarretando ainda mais problemas na educação. Um desses problemas causados pela falta de tempo é o do repertório dos professores, como deixa explícito Antunes (2015, p. 2) em seu texto *O ensino da literatura hoje*:

[...] professores de Português que não leem são obrigados a repetir o bordão da importância da leitura e são levados a impor a leitura de obras que eles próprios desconhecem, ou conhecem apenas indiretamente, sem que as tenham experimentado enquanto produto estético. Diante dessa imposição, os alunos respondem normalmente com a recusa ou a indiferença, que significa simplesmente não ler ou ler superficialmente e, pior ainda, de forma instrumental, como conteúdo que poderá ser cobrado no exame vestibular ou no concurso público. (ANTUNES, 2015, p. 2).

¹⁹ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense – UFF
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

A falta de tempo para o aperfeiçoamento do currículo dos professores faz com que estes fiquem desatualizados, desconexos das ferramentas, gêneros e modos de literatura consumidos por seus alunos, tornando suas aulas menos interessantes.

A instrumentalização da literatura como mera ferramenta de “aferição de conhecimentos culturais” dos alunos certamente não colabora positivamente. Se a literatura é parte da cultura humana e tem tanta importância, não deveríamos resumi-la a conteúdos de vestibular, em provas que buscam respostas objetivas sobre questões extremamente subjetivas, como replicar a busca pelo “o que o autor pensa” em vez de ajudar o aluno a ressignificar e contextualizar as histórias para sua própria vida e experiências.

Outro fator que certamente tem influenciado negativamente é o do sucateamento dos estudos de nossa língua e cultura maternas através da junção, na maioria das escolas e, principalmente em escolas públicas, das disciplinas de Língua e Literatura, disponibilizando menos tempos de aula para disciplinas estas que são de suma importância para o desenvolvimento de todo e qualquer brasileiro, afinal, independente da área em que atuamos nós falaremos, escutaremos, leremos, escreveremos e viveremos a língua portuguesa. Se todas as escolas dispuserem de aulas exclusivas de Literatura voltadas para o estudo com a fruição máxima dos textos, onde tanto professores e alunos teriam tempo para lerem e debaterem tanto os grandes clássicos quanto as novas literaturas, sem a pressão de uma métrica de nota mínima necessária para “passar na matéria”, certamente haveria aumento qualitativo da educação no país.

Olhemos para o ensino da literatura nas escolas brasileiras sob uma visão de equilíbrio do dualismo *yin* e *yang*, da linha filosófica e religiosa do taoísmo chinês, onde uma energia ou fenômeno não pode permanecer em caso de desequilíbrio ao(a) outro(a) (dia e noite, Sol e Lua, etc.). Isto é, sem priorizar uma ou outra metodologia, mas unindo todas de forma equilibrada para extrair suas melhores potências. Antunes (2015, p. 9) nos apresenta 3 tipos de abordagens da crítica literária abordadas pelo professor e crítico italiano Romano Luperini (2000, p. 40), que viriam a aparecer também aqui no Brasil:

[...] recorda os três tipos históricos de abordagem crítica da obra literária para, em seguida, observar a sua influência no ensino da literatura. A uma crítica literária que se baseia na centralidade do autor, com ênfase no estudo da pessoa biográfica e histórica ou mesmo da personalidade artística, corresponde o método historicista, baseado no estudo diacrônico da literatura. À crítica que parte do estudo da obra, valorizada na sua autonomia e na organicidade de sua estrutura formal, correspondem os métodos estruturalistas e formalistas em geral. Finalmente, à crítica que considera o leitor como ponto de referência corresponderia um trabalho didático preocupado com a recepção do texto literário. (ANTUNES, 2015, p. 9).

As três abordagens não precisam, necessariamente, serem trabalhadas umas em detrimento das outras, haja vista que: no caso da primeira abordagem, é de extrema importância considerar o contexto de onde e quando vivia o autor, que meio habitava e quais eram as questões que influenciaram sua vida, influenciando também nas suas obras, no caso da segunda, também é interessante considerar a obra em si mesmo, sua construção e estrutura como objeto artístico e, no caso da terceira, as construções de sentidos idealizadas pelo autor e causadas no e pelo leitor da obra, que através da mediação do professor nas leituras e realizando seus papéis de leitores proativos conseguem ressignificar as obras para seus contextos de vida.

A professora Sônia Kramer aborda sobre o tema ensino da literatura nas salas de aula brasileiras em vários de seus textos, e principalmente no *LEITURA E ESCRITA como experiência - seu papel na formação de sujeitos sociais*. O ponto principal absorvido de seu texto para a experiência de estágio é o que diz respeito à dicotomia entre leitura e escrita como vivências ou experiências (KRAMER, 2000, p. 19 e 20), onde:

[...] na vivência, a ação se esgota no momento de sua realização (por isso é finita); na experiência, a ação é contada a um outro, compartilhada, tornando-se infinita. Esse caráter histórico, de permanência, de ir além do tempo vivido, tornando-se coletiva, constitui a experiência. (KRAMER, 2000, p. 20).

As aulas de literatura devem contar com a mediação do professor, para apresentar e guiar os alunos em novos gêneros literários e ferramentas de leitura (como *Kindle*, *e-books*, sites de *fanfic* como *Wattpad*, etc), e com a participação proativa dos alunos na leitura dos textos, compartilhando o prazer que é a literatura e tornando suas vivências experiências. Ao compartilharmos o que pensamos, sabemos e sentimos, realizaremos conexões mais humanas com os nossos próximos, e os entenderemos melhor e, conseqüentemente, também deixaremos nossas marcas nas vidas e nos textos.

Descrição da experiência

Este trabalho de análise se fez sob uma perspectiva equilibrada, visando a absorver e filtrar os pontos positivos e negativos para que possamos moldar nossas metodologias de ensino da melhor maneira possível, não esquecendo que esse processo de aperfeiçoamento é constante e infundável. Além de enxergar que o papel do professor é o de mediar as aulas, dando espaço para que todos os alunos possam se desenvolver como protagonistas de seus próprios processos de ensino e aprendizagem, ajudando uns aos outros por meio do compartilhamento de suas experiências de vida e literárias.

Em um primeiro momento a impressão que o estágio obrigatório nos causa não é a das melhores, visto que é, como o nome sugere, obrigatório, inicia-se por meios muito burocráticos e exige ainda maior investimento de tempo do que já teríamos porventura com as aulas. Para que enxerguemos melhor de onde vem esta crítica basta que imaginemos o cenário médio de vida acadêmica do aluno das universidades públicas, onde parcela considerável não tem sequer condição de utilizar transportes públicos ou planos de internet 3G sem que haja algum tipo de programa de incentivo disponibilizado através da ajuda de governos municipais, o aluno de licenciatura teria (na minha percepção) cerca de 6 horas de aula por semestre, que se somam a mais algumas horas de transporte público em um sistema de tráfego rodoviário extremamente inefetivo e mais algumas horas que deveria dedicar ao trabalho e, isto tudo, tendo que estagiar obrigatoriamente em diversos períodos acadêmicos sem que haja qualquer programa de incentivo monetário para arcar com seu tempo investido.

De modo condensado, a impressão inicial é de que tudo conspira contra a permanência dos alunos mais necessitados na universidade pública, o que é no mínimo irônico, afinal, o que era pra ser de livre e fácil acesso à todos e principalmente aos jovens que possuem piores condições de vida, acaba por ser bastante inviável, enquanto aqueles que já possuem condições mais favorecidas podem entrar e permanecer mais facilmente na universidade, de qualquer modo.

Tive a oportunidade de estagiar com um professor e uma professora em suas diversas turmas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, em momentos que ambos lecionavam Língua Portuguesa e Literatura como uma só disciplina. O modo de ensino dos dois remete mais ao tradicional, o mesmo pelo qual passei quando aluno do Ensino Fundamental e Médio. Despendiam os primeiros tempos de suas aulas colocando as informações no quadro e deixando que os alunos copiassem, depois, ao final das aulas, explicavam aquele conteúdo e dispensavam os alunos.

Não tenho qualquer intuito de culpabilizar os professores por tudo, pelo contrário, entendo completamente a situação em que se encontram, mas penso que devo me preparar desde já para fazer diferente. A função do professor se demonstra cada vez mais sobrecarregada de deveres e cada vez menos imbuída de direitos.

Tomemos como exemplo algum caso de quando um professor deve decidir se um determinado aluno deve ou não ser reprovado, e caso decida que o aluno seja reprovado é provável que ou o Estado ou os pais irá cobrá-lo, e caso decida que o aluno não seja reprovado é provável que no futuro ou o Estado ou os pais o julgue como incompetente por ter “passado o aluno” sem que ele estivesse de fato preparado para avançar no grau escolar, além de que muitos professores nem possuem mais essa autonomia de gerência.

Talvez o professor tenha maior autonomia ao gerir suas turmas, mas ainda assim deve lidar com outro problema que lhe foi atribuído, o da superlotação destas. Tendo sempre que adaptar suas aulas para efetivar o ensino ao máximo número de alunos possível, o professor se vê com números exorbitantes de alunos em uma mesma sala, por volta de 40, sem qualquer apoio de monitores ou psicólogos, por exemplo. A situação ainda piora quando consideramos que uma parcela de seus alunos provavelmente terá algum tipo de necessidade especial, como problema de audição ou visão, ansiedade, depressão, déficit de atenção e hiperatividade, e na própria formação, acrescentando que os materiais utilizados e a sala de aula não possuem as capacidades necessárias para atendê-los.

Os professores demonstraram-se desmotivados com o ambiente da sala de aula, deixando claro que este quadro não só está péssimo, como também vem piorando geração após geração. O acúmulo de deveres e responsabilidades do professor, sem direitos e benefícios que possam compensá-lo o suficiente para trabalhar de forma efetiva, assim como a falta de segurança pública no estado e no país fazem com que estes sofram em seu brio e dignidade. A desmotivação dos professores reflete no ambiente da sala de aula e também em seus alunos.

Professores desmotivados, aplicando suas aulas de maneira mais simples possível por conta de inúmeros problemas sociais que os circundam, fazem com que os alunos, também cheios de problemas em casa e já bastante desinteressados no modelo de ensino tradicional, influenciados pela rapidez da internet e telefones celulares, também demonstrem cada vez mais desinteresse em ir para a escola. Estas duas figuras, aluno e professor, acabam por influenciar uns aos outros negativamente, devemos então buscar diagnosticá-los e ajudá-los para que o ambiente escolar melhore a curto, médio e longo prazo.

Percebi que os professores replicam no ensino tanto de Língua Portuguesa quanto no de Literatura aquilo que se encontra nos livros didáticos, bastante descrição e nomenclaturas de classes de palavras ou movimentos artísticos no Brasil, sem engajar ou contextualizar seus alunos acerca de como essas questões influenciam suas vidas hoje, no século XXI. Questões de Literatura em exercícios e avaliações que visavam a aferir se os alunos de turmas do Ensino Médio sabiam “*qual o apelido de Gregório de Matos?*” são, no mínimo, muito estranhas.

Os professores demonstraram recorrente insatisfação com os materiais didáticos de ambas as disciplinas e disseram usá-los por não terem outras opções melhores. Esse ponto, visto por mim nas disciplinas de estágio da universidade, levanta questões sobre o porquê de materiais didáticos assim, que todos os professores reclamam a respeito, serem escolhidos como material principal das escolas.

Além do mais, entram e saem novos governos e a educação parece servir apenas de ferramenta política, afinal, com todas as danças de cadeiras em todas essas décadas que debatemos a educação no país, temos a sensação de que nunca saímos desse desnível. Uma das muitas situações terríveis, que os professores passam, dá-se nesse recente momento, no ano de 2023, com a greve dos professores da rede estadual de ensino por problemas com pagamento de salário.

Avaliação dos resultados

A partir dessa experiência de estágio de observação em diversas turmas do Ensino Médio pude perceber alguns problemas no ambiente de sala de aula, listados e sintetizados a seguir:

- A sobrecarga de trabalho e de papéis que o professor deve exercer hoje, tendo muitas vezes que agir como confidente e/ou psicólogo de seus alunos, sendo culpabilizado por tudo de errado que possa vir a acontecer no processo de ensino e aprendizagem de suas aulas, sendo desconsiderados os fatores externos às aulas, como por exemplo, problemas familiares ou condições comportamentais que os alunos possam ter;
- A superlotação das turmas faz com que os professores tenham que gerir um número maior de alunos do que o ideal e, em que os próprios alunos, por serem jovens e estarem na fase mais complicada do desenvolvimento humano (adolescência), acabam despendendo muita energia com brincadeiras em momentos inoportunos e desconcentram uns aos outros;
- O desinteresse dos alunos, que devido às tecnologias estão acostumados com uma vida mais agitada e dependente de estímulos dopaminérgicos, fazendo com que aulas estritamente expositivas não os engajem;
- O ensino descontextualizado de Língua e de Literatura, afinal, aprender coisas novas sem saber quais suas aplicações reais ou ter exemplos mais concretos faz com que não consigam fixar as informações no cérebro tão bem;
- O sucateamento sistematizado do currículo escolar, haja vista que independente de quais grupos governamentais estejam no poder, com isso, a impressão que temos é de que os planos de governo anteriores são ignorados completamente, substituídos por novos e o ciclo se repete, sem que os problemas sejam solucionados;
- Os materiais didáticos são consenso no que tange a níveis questionáveis de qualidade, a maioria dos professores os usam apenas por falta de outros materiais, pois os conteúdos de Literatura, por exemplo, perpetuam questões que nada agregam na vida do aluno, como “Qual a visão do autor nesse poema?” ou “O que ele quis dizer quando escreveu essa obra?”;
- A falta de motivação apresentada pelos professores na escola, em que devido a todos os problemas anteriores e ainda a outros que estão por vir acabam não conseguindo trabalhar com dignidade.

Considerações finais

Apesar de ter visto um cenário catastrófico, não me desanimei, afinal “o pulso ainda pulsa” (letra da música O Pulso, da banda Titãs). Se não tivesse esperança de melhorias não estaria buscando adentrar as salas de aula, indo ao encontro dos meus futuros alunos. Todos os períodos da história humana são circundados de conflitos e cá estamos nós em mais um século cheio de problemas e desafios, cabe-nos então vencer esses desafios e superar esses problemas. Se cada um contribuir com um grão de ideias dentro de nossas particularidades e dos nossos coletivos, logo teremos um punhado de soluções.

Os professores contribuíram com minha formação profissional ao me mostrar os exemplos que funcionam na prática de convívio com os adolescentes e o que não funciona também, além também de agregarem para minha formação pessoal, me ensinando o que suas décadas de atuação na área exigem: muita paciência, respeito à pluralidade e esperança que o futuro seja melhor que o passado.

Todos os alunos me receberam muito bem, sempre respeitando meu espaço e o do professor, buscando me colocar presente nas aulas através de dúvidas e pedidos de ajuda que faziam. Pude compadecer dos mais diversos estilos de vida, classes sociais e credos que existem em uma turma de alunos hoje, afinal, apesar da diferença de idade, nossas gerações estão diretamente conectadas. Aconselhei-os naquilo que me deram abertura para ser sugerido e os ajudei dentro das minhas limitações, lembrando-os que o professor é um ser humano como eles e também já foi aluno um dia, coisa, essa última, que parecem esquecer às vezes.

Em suma, a partir dos 2 anos de experiência com os estágios da universidade posso dizer que, quanto ao que tange o assunto ensino de literatura nas escolas, ainda acredito que a separação das disciplinas Língua e Literatura deve ser retomada, para que as aulas de Literatura sejam dedicadas principalmente à Literatura e vice-versa, no caso das aulas de Língua. Ao separá-las faremos com que os alunos tenham tempos a mais para fruir a literatura na escola com seus colegas e professores, estando em um ambiente seguro e dedicado aos estudos, então valorizando ainda mais essas disciplinas que são, na minha concepção, duas das, se não as mais importantes no currículo de qualquer falante da língua portuguesa brasileira.

Referências

- KRAMER, Sonia. *Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação*. In: ZACUR, Edwiges (org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A/SEPE, 1999. Disponível em: <<http://www.professores.uff.br/lucianafreitas/wp-content/uploads/sites/153/2020/08/leitura-e-escrita-sonia-kramer-1.pdf>>. Acesso em: 25 de junho de 2023.
- ANTUNES, Benedito. O ensino da literatura hoje. *Revista Fronteira Z*, nº 14, p. (3-17), julho, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/issue/view/1358>>. Acesso em: 25 de junho de 2023.

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Daniella de Oliveira Pontes²⁰

Resumo

O presente trabalho foi realizado a partir das experiências vivenciadas no estágio supervisionado, especificamente, no ensino médio no Colégio Estadual Raul Vidal, por meio do Programa de Residência Pedagógica. Dessa forma, com base em referenciais teóricos, o relato tem por objetivo apresentar a importância do estágio na formação acadêmica do licenciando em Letras com reflexões acerca do contexto escolar atual. A metodologia utilizada prioriza a descrição das vivências com base em referências bibliográficas.

Palavras-chave: Estágio. Experiência. Docente.

Resumen

Este trabajo se realizó a partir de experiencias durante la pasantía supervisada, específicamente, en la escuela secundaria del Colégio Estadual Raúl Vidal, a través del Programa de Residencia Pedagógica. Así, a partir de referentes teóricos, el informe pretende presentar la importancia de la pasantía en la formación académica de los licenciados en Letras con reflexiones sobre el contexto escolar actual. La metodología utilizada prioriza la descripción de experiencias a partir de referencias bibliográficas.

Palabras clave: Prácticas. Experiencia. Maestro.

Apresentação

O estágio é uma etapa essencial na bagagem de formação do licenciando no curso de Letras, pois visa a contribuir positivamente para a futura atuação da profissão docente. Nesse sentido, durante a realização do processo teórico-prático, o estudante tem a oportunidade de estar em contato com o seu futuro ambiente de atividade, a sala de aula. Essa proximidade, além de abrir brechas para que o futuro docente adquira a percepção dos prováveis desafios que poderá encontrar na execução da profissão, corrobora a premissa de que “o curso não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional, nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica”. (PIMENTA; LIMA, 2006) Isto é, o estágio não é apenas uma esfera teórica, assim como não é um momento de somente praticar a profissão, pelo contrário, ele estabelece essa relação entre teoria e prática, pois ambas andam lado a lado no exercício docente. Assim, aquele pode ser compreendido como um campo do conhecimento (PIMENTA; LIMA, 2006) que tem por finalidade auxiliar o licenciando a desenvolver sua identidade profissional por meio da relação entre os assuntos trabalhados ao longo do curso e o contato com a dinâmica escolar.

A partir dessas ideias e de outras perspectivas, o trabalho se desenvolverá de forma descritiva, objetivando relatar as experiências vivenciadas no estágio supervisionado em turma do 1º ano do ensino médio, numa escola da rede pública de ensino. Desta forma, o estágio permitiu que a observação dos reais percalços e as principais dificuldades dos alunos no que se refere às disciplinas de língua portuguesa e literatura.

²⁰ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Caracterização da escola

O estágio supervisionado foi realizado a partir do Programa de Residência Pedagógica, coordenado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Colégio Estadual Raul Vidal, localizado no centro do município de Niterói, inserido no Estado do Rio de Janeiro, entre os meses de maio e julho do ano de 2023. Durante esse período foram exercidas horas-aula de observação, aplicação e correção de atividades avaliativas, em turmas do 1º ano do Ensino Médio. A escola é da rede estadual de ensino, composta majoritariamente por alunos residentes de comunidades situadas no município da instituição ou da cidade vizinha, São Gonçalo. Entre os funcionários estão: diretores, coordenação pedagógica, inspetoras, bibliotecária, porteiros, secretários, assistentes administrativos e um vasto número de docentes. Sobre estes se verificou que é um grupo variado em relação aos anos de experiência, uns mais novos na área da educação básica e outros com mais bagagem de sala de aula. Fato é que, apesar dessa diferença, de acordo com os discursos observados na sala dos professores, uma considerável parcela de educadores não procura estabelecer uma relação de proximidade com os estudantes. Pelo contrário, se reúnem para se queixarem do comportamento, do repertório linguístico deles, desconsiderando, assim, a realidade desses indivíduos.

No que diz respeito ao espaço físico da escola, o prédio é amplo e conta com salas de aula, sala dos professores, sala da direção, secretaria, sala do DP – Departamento Pessoal – sala da coordenação pedagógica, laboratórios, biblioteca, quadra esportiva, pátio. Em contrapartida, algumas dessas salas são inacessíveis, tais como: laboratórios de informática e de ciências físicas e biológicas, que poderiam ser utilizadas como um recurso didático lúdico por parte dos professores das áreas, além de contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento dos conhecimentos dos alunos, mas a falta de recursos para manter os materiais inviabiliza tais procedimentos. Essa precariedade reflete até nos recursos básicos de uma aula, como os materiais impressos, uma vez que, as xérox precisam ser reutilizadas nas turmas, funcionando apenas como acompanhamento das explicações e não como um material de consulta e revisão.

Com relação à disciplina de Língua Portuguesa/Literatura, o único ambiente diferente da sala de aula propício para ministrar as aulas é a sala de vídeo, que possui um data show, já que a biblioteca não comporta a quantidade de alunos matriculados numa turma, assim como não fica disponível para visita em todos os dias e horários de aula. Observa-se, portanto, a dinâmica entre as escolas públicas, sobretudo, estaduais, haja vista a precariedade de recursos didáticos básicos, que indubitavelmente afetam a atuação dos professores e conseqüentemente o rendimento escolar dos alunos. Nesse sentido, ao longo do estágio foram realizadas reflexões sobre a realidade escolar em conjunto à análise crítica sobre o ensino de Língua Portuguesa e Literatura.

Fundamentação teórica

A formação docente é atravessada por diversos embasamentos teóricos que contribuem positivamente no percurso acadêmico do aluno e, no momento de estágio eles não poderiam estar de fora. Com isso, foram realizadas algumas leituras, que renderam diversos pensamentos, de modo que o sistema escolar pudesse ser compreendido a partir da sua dinâmica e contexto, pois trabalhar o pensamento crítico apoiado no contato com a sala de aula é um dos objetivos do estágio (PIMENTA; GONÇALVES. 1990).

A partir desta ideia junto às observações das aulas de Língua Portuguesa e Literatura foi notada a necessidade de pensar sobre os direcionamentos da educação, afetados diretamente pelo contexto social atual. “Para iniciar a reflexão, é necessário entender que ensinar faz parte de um processo maior, que é o de educar”. (FREITAS, 2021) Ou seja, este ultrapassa o espaço físico escolar. Nesse sentido, trabalhar a educação para além das paredes escolares é estar “atento às peculiaridades e às interfaces da realidade escolar em sua contextualização na sociedade”. (PIMENTA; LIMA, 2018)

Ciente da importância do estágio e do trabalho reflexivo, compreende-se que “[...] as coisas se colocam como se nós devêssemos estar fazendo alguma coisa semelhante a formar atletas, formar artistas, formar biólogos, físicos e químicos.” (GARCEZ, 2008), quando o intuito das disciplinas observadas deve ser ampliar:

a competência linguístico-discursiva do estudante por meio da produção de sentidos, de textos e de reflexões sobre a língua e sobre a linguagem; o pensamento crítico sobre questões socialmente relevantes que se materializam em textos verbais, imagéticos e verbo-visuais. (FREITAS, 2021)

Nesse sentido, o estágio, além de ser um momento no qual novas estratégias de formação podem ser consideradas para a aplicação, permite ao estagiário um olhar mais crítico acerca das vivências cotidianas em sala de aula.

Descrição da experiência

As aulas expositivas foram observadas, tendo como objetivo assistir à atuação da professora preceptora, isto é, a forma como as aulas são conduzidas e o modo como os alunos participam delas. Durante essas observações foi examinado que a professora possui anos de experiência, utiliza a metodologia tradicional de ensino com a exposição dos conteúdos de Língua Portuguesa e de Literatura e a aplicação de atividades padronizadas, assim como não segue um plano de aula, mas sim um conteúdo programático a ser trabalhado ao longo dos bimestres, pois do ponto de vista dela, no decorrer dos encontros é analisada a compreensão dos conteúdos por parte dos estudantes, por isso não delimita dias específicos para a abordagem de cada temática. Além disso, foi verificada a dificuldade de iniciar e finalizar trabalhos pedagógicos, pois as turmas, no geral, são cheias para o tamanho das salas, tornando-se necessária a presença de carteiras escolares enfileiradas em dupla, facilitando, com isso, a rápida dispersão dos estudantes, seja com o uso do celular seja com conversas paralelas. Desta forma, a professora precisava, a todo instante, interromper o raciocínio para cobrar por silêncio e tentar seguir com as atividades.

Durante o estágio, a professora trabalhou com os assuntos: Herança Cultural, Origem do Português, Figuras de Linguagem e Variações Linguísticas. Para a execução das aulas, a docente disponibilizou xerox com o conteúdo e as atividades e, com isso o aluno tinha a opção de tirar foto ou copiar as informações no caderno para que o material impresso pudesse ser distribuído nas outras turmas. A partir disso, as explicações ocorriam de forma expositiva e para a realização das tarefas os estudantes deveriam revisar a foto ou o caderno. As atividades eram padronizadas e solicitavam a reprodução dos saberes expostos em aula. Das turmas com mais de trinta alunos, aquelas eram cumpridas por menos da metade do total de estudantes. A professora preceptora realizava o possível para colocar a atenção dos estudantes na mesma página ao passar de carteira em carteira para mostrar ilustrações, por meio de correções de exercícios no quadro. Todavia, eram pouquíssimos os alunos que demonstravam interesse pelo conteúdo e que participavam das aulas de forma interativa, visto que os demais estudantes apresentavam desinteresse, mas ao refletir tal situação era possível perceber que alguns destes últimos ou trabalhavam na parte da tarde e/ou noite para estarem presentes na escola no período da manhã ou pertenciam a um contexto social conturbado.

Além da observação, a aplicação e correção de atividades avaliativas foram realizadas. Tendo em vista o comportamento barulhento e disperso das turmas, pressupunha-se que os dias de exame avaliativo seriam turbulentos, entretanto, foram os dias mais tranquilos, quando explicações foram dadas e dúvidas atendidas. Tensas foram as correções. O frio na barriga que já não se fazia presente ocupou seu espaço novamente só de pensar em corrigir uma avaliação. Que responsabilidade! Apesar dessa tensão, foi uma experiência incrível, pois foi o primeiro contato com uma pequena fração da absorção de conhecimentos do aluno, partindo da perspectiva de que a avaliação escolar, apesar de ser, muitas vezes, um método avaliativo de copia e cola, momento em que o aluno memoriza sobre

o assunto para reproduzir os saberes, pode ser encarada como um termômetro, isto é, o quanto as aulas estão sendo produtivas e o quanto o estudante está conseguindo compreender. Nessa direção, foi possível perceber as dificuldades dos alunos em determinados assuntos da Língua Portuguesa como acentuação, letras maiúsculas em início de frases, pontuação, compreensão do texto e encadeamento de ideias para a escrita. Porém, infelizmente, devido ao tempo de aula as correções eram realizadas somente por meio de recados registrados nas provas.

Avaliação de resultados

Diante do cenário observado, examinou-se que a forma como os conteúdos foram expostos não motivou os alunos, ao passo que o ensino foi centrado exclusivamente na transferência de conhecimentos e a reprodução de conteúdos previamente trabalhados. Ou seja, o direcionamento das aulas não conversava com a realidade daqueles, uma vez que não foi explorada uma mínima relação entre o conteúdo e o contexto cultural ou social desses estudantes. A metodologia tradicional, porém, não é um grande problema, a questão é que estes têm muito a contribuir com suas opiniões e expressões, por isso, trabalhar, talvez, com a união do ensino tradicional e as metodologias ativas, na qual eles são protagonistas, ajude no desenvolvimento da educação linguística desses indivíduos.

Considerações finais

Conhecer a realidade da escola de atuação é necessário para que o professor relacione a teoria e a prática, haja vista que, aquela estando adaptada de acordo com a comunidade escolar, os objetivos delimitados podem ser alcançados com um melhor êxito. Esse processo é sem dúvidas uma tarefa desafiadora, principalmente, se um professor atua em mais de uma escola com diferentes contextos escolares, no entanto, apesar disso, é válido ressaltar que a profissão docente tem a capacidade de interferir no quadro social, partindo da perspectiva de que a educação tem a oportunidade de ultrapassar as paredes das escolas quando o corpo educacional trabalha em conjunto para a efetivação desse processo.

Essa vivência do estágio proporcionou diversos pontos de análise, dentre eles: as práticas metodológicas utilizadas pelos professores; as possíveis situações de formação que o futuro professor irá encontrar em sala de aula; os problemas pertinentes na área da educação, sobretudo, em escolas públicas. Assim como, foi por meio dessa experiência que a questão sobre a necessidade do professor se reinventar passou a ser refletida e discutida com outros colegas estagiários, uma vez que buscar novos mecanismos de educação e materiais que dialoguem de alguma forma com a realidade na qual o aluno está inserido é de fato um processo significativo, em especial quando se discute a respeito da diferença entre formação e ensino conteudista, porém, é indispensável ter um olhar crítico acerca da realidade do professor e da escola. Logo, o contato com a sala de aula durante a formação acadêmica, do em breve docente, oportunizou observações críticas que criaram discussões e conseqüentemente agregou, de forma positiva, na formação do estagiário.

Referências bibliográficas

- FREITAS, Luciana. *Educação Linguística*. Revista Sede de Ler, v. 9, 2021.
- GARCEZ, Pedro M. *Educação linguística como conceito para a formação de profissionais de língua estrangeira*. In: Laura Masello (Org.). **Portugués lengua segunda y extranjera em el Uruguay**. Montevideo: Universidad de la República, 2008.
- GONÇALVES, Carlos Luiz; PIMENTA, Selma Garrido. *Reverendo o ensino de 2º grau: propondo a formação do professor*. São Paulo: Cortez, 1990.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência: diferentes concepções*. Revista Poíesis, v. 3, 2006.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência: diferentes concepções*. São Paulo: Cortez, 2018.

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Eliane de Oliveira Alfradique Aita Guimarães²¹

Introdução

O estágio foi realizado na Escola Municipal Honorina de Carvalho, com turmas do sexto ano do ensino fundamental. A opção por esta escola teve como prioridade a proximidade e facilidade de acesso, os horários compatíveis com minha disponibilidade e a faixa etária do meu interesse de trabalho. O objetivo principal foi observar o contexto escolar, o trabalho de ensino de Literatura associado à Língua Portuguesa e a integração da referida escola na comunidade. Foi possível observar, através de trabalhos expostos em murais que, temas relacionados a questões sociais relevantes como, racismo, violência, fofoca, bullying, tornaram-se assuntos de discussões mediadas por professores com plena aceitação e participação dos alunos. Outra experiência muito gratificante foi a de participar de dois clubes de leitura com propostas diferentes, mediadas por duas professoras de Língua Portuguesa.

A escola, seu funcionamento e seus alunos

Situada na região de Pendotiba, a escola faz parte da rede municipal de Niterói, RJ. Nesta região, as escolas são menores se comparadas a outras do município, por serem divididas em instalações apropriadas aos anos iniciais e finais do ensino fundamental e ensino médio, separadamente.

A localização é muito agradável em uma área residencial bastante arborizada. Os alunos ainda têm auxílio de transporte público fornecido pela prefeitura, com utilização de vans. Possui uma equipe muito ativa que inclui desde os funcionários da limpeza, inspetores até os integrantes da direção que trabalham em conjunto para manter a organização e a ordem. Nos murais espalhados pela parte mais externa e corredores de salas de aula havia sempre exposição de trabalhos realizados por alunos do ensino fundamental, EJA e da pedagogia.

A escola atende a turmas do sexto ao nono ano nos períodos da manhã e tarde e seis turmas do EJA no período noturno com aproximadamente 30 alunos por turma, alguns regularmente faltantes. Seus professores parecem dedicados e no caso mais específico da Língua Portuguesa da qual sou estagiária, muito pacientes e ao mesmo tempo enérgicos, sempre obtendo êxito no controle das turmas do sexto ano. Fica evidente que os alunos a obedecem, não apenas por respeitá-la, mas por sentirem afeto, pois ao mesmo tempo em que corrige também brinca e interage muito bem com eles.

Os alunos, com idade entre 11 e 12 anos, são de classe social menos favorecida, mas todos têm material completo. Algumas turmas são mais dispersas e agitadas que outras, assim como alguns alunos individualmente, mas ao serem requisitados, demonstram compreensão sobre o assunto ensinado; a maioria é participativa, sendo que alguns apresentam mais dificuldades, são mais lentos, enquanto outros se sobressaem.

Neste período, o trabalho envolvendo língua portuguesa e literatura teve como principais pontos de estudo alguns gêneros textuais como os midiáticos, jornalísticos, charges e tirinhas, muitas crônicas, memes, mas também trechos de obras contemporâneas e um trabalho direcionado ao estudo da linguagem, com referências a biografias, como no caso da escritora e ativista Malala

²¹ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Yousafzai e ao preconceito linguístico e seus efeitos. Todos os temas abordados através dos citados gêneros promoveram reflexões e debates em sala de aula muito produtivos.

Segundo Rildo Cosson, a temática dos textos literários e sua linguagem deveriam ser compatíveis com o interesse da escola, do professor e do aluno. Deveriam ser utilizados textos mais curtos, divertidos e contemporâneos, citando a crônica como um gênero de grande preferência (COSSON, 2021, p.21). Já os autores Marcos Bagno, Anthony Naro e Roberto Camacho, tratam sobre variação linguística, enfatizando a heterogeneidade da língua como sua característica natural, que exerce influência nos modos de falar, tanto de uma comunidade quanto de um indivíduo e são manifestadas também na escrita (BAGNO, 2013; NARO, 2007; CAMACHO, 2011). Bagno ainda reitera que “[...] cada variedade linguística revela que ela tem sua própria lógica gramatical, e é tão regrada quanto a língua literária idealizada, e serve perfeitamente bem como recurso de interação social para seus falantes.”

Maria Alice Tavares, em seu artigo “Mudança em dois períodos de século XX: inter-relacionando análises em tempo aparente” (TAVARES, 2010), baseando-se em estudos realizados por Labov (1972), Chambers (1995) e Bailey (2003), conclui que o uso de variantes inovadoras é diretamente proporcional à diminuição da idade dos usuários da língua. Isso se evidencia nos gêneros textuais atuais, adaptados ao contexto digital com repercussão na forma de comunicação da sociedade atual e expressa principalmente através de memes e textos escritos em instagram, whatsapp, twitter e similares o que nos leva a perceber a necessidade de fazer uso deles no meio pedagógico, sem, no entanto, descartar o trabalho de textos literários mais complexos.

A experiência

A experiência de observação e atuação se dividiu em dois ambientes: o de sala de aula e os dos círculos de leitura, desenvolvidos por professoras diferentes com propostas diferentes. Em sala de aula foi possível observar o método de ensino utilizado pela professora e sua relação com os alunos: uso de jogos interativos para estimular a turma, incentivo à leitura e a verbalização das questões propostas com incentivo à interação entre eles, aproveitando-se do fato de que durante todo tempo gostavam de conversar, para que pudessem se expressar sobre as questões propostas.

Nos círculos de leitura, sendo um clube de leitura organizado pela professora de Língua Portuguesa do sexto ano, minha supervisora, e que contempla alunos voluntários de todas as turmas, a ênfase do estudo está voltada para o texto literário propriamente dito, características do autor, da história e estudos de linguagem e escrita. Em outro círculo, denominado “A voz/vez do leitor”, organizado e realizado por uma pedagoga, a ênfase está sobre as reflexões sobre a leitura e seu impacto sobre o leitor, em que todos são incentivados a fazer comentários, proporcionando uma troca de experiências, muitas vezes incrementadas com atividades interativas.

Tanto em sala de aula quanto nos círculos de leitura foi possível observar o incentivo à participação do aluno como um contribuinte no processo pedagógico, com liberdade de expressão ao mesmo tempo em que o mesmo momento era aproveitado para o ensino e as devidas correções de forma acolhedora, sem que o aluno pudesse sentir-se diminuído; pelo contrário, havia a percepção correta de que aquele era um ambiente de aquisição de mais conhecimento.

O resultado deste período de observação foi muito positivo; algumas proposições trazidas pelos principais teóricos da educação contemporânea, estudados nesta e em outras disciplinas do curso de Letras, foram evidenciadas e com boa aceitação por parte dos alunos. A forma interativa na qual o estudo de literatura foi realizado em harmonia com o ensino de Língua Portuguesa demonstrou, neste caso, a capacidade do professor em se adaptar, tendo como resposta positiva a boa participação dos alunos, ainda que eles enfrentem dificuldades no aprendizado, seja por questões cognitivas ou até sociais, favorecidas principalmente por aquelas decorrentes do período da

pandemia, que gerou grandes prejuízos.

Considerações finais

Presenciar professores com engajamento em um trabalho de ensino diferenciado, com novas propostas, mesmo com enfrentamento de muitas dificuldades existentes em escolas da rede pública, foi extremamente gratificante. Por mais que se tenha embasamento teórico, é muito importante verificar pessoalmente como o professor experiente lida com determinadas situações em sala de aula. A maneira não apenas de ensinar, mas de se fazer respeitar ao mesmo tempo em que consegue manter um bom relacionamento com os alunos. As estratégias de ensino que usa para conseguir atenção e participação da turma, também são pontos importantes para se observar, ainda que, cada um deverá desenvolver seu próprio método, é importante como inspiração e orientação.

Meu período de estágio foi extremamente tranquilo, sem que houvesse grandes problemas na escola e no caso das turmas que acompanhei, nenhum problema. Fui muito bem acolhida por todos os funcionários, pelos professores e direção com quem eu interagi frequentemente, assim como pelos alunos que sempre me receberam muito bem: conversando, tirando dúvidas, muito curiosos para saber sobre minhas pretensões como futura professora. Nos círculos de leitura, então, o trabalho realizado foi simplesmente maravilhoso. O comprometimento das professoras e a participação dos alunos chegam a ser emocionantes. Com certeza, o ensino da Língua Portuguesa associado aos círculos de leitura tornou esse período de estágio ainda mais especial. O ensino de Literatura faz toda a diferença não só para o aluno, mas também para o professor.

Referências bibliográficas

- BAGNO, Marcos. Norma linguística, hibridismo e tradução. https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10546/1/ARTIGO_NormaLinguisticaHibridismo.pdf. Acesso em: 31/06/23.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Norma Culta e Variedades Linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd.Caderno de formação: formação de professores didáticos geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.
- BAILEY, G. Real and apparent time. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SHILLINGESTES, N. (Ed.). The handbook of language variation and change. Cambridge: Blackwell, 2003.
- CHAMBERS, J. K. Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance. Cambridge: Blackwell, 1995.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed. - São Paulo : Contexto, 2021.
- Gêneros midiáticos presentes na internet e contexto escolar. Disponível em: <https://www.uel.br/projetos/iccal/pages/arquivos/ANAIS/DISCURSO/RELACOES%20ENTRE%20FAZERES%20E%20SABERES.pdf> Acesso em 02/07/23.
- LABOV, W. Principles of linguistic change: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.
- TAVARES, Maria Alice. Mudança em dois períodos do século XX: inter-relacionando análise em tempo aparente. 2010 Disponível em: TAVARES, Maria Alice. Mudança em dois períodos do século XX: inter-relacionando análise em tempo aparente. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/BqpQq5fLQSBWnbQP4qCx6Nb/#:~:text=grapes%20of%20wrath-,Mudan%C3%A7%C3%A3o%20em%20dois%20per%C3%ADodos%20do%20s%C3%A9culo%20XX%3A%20inter,relacionando%20an%C3%A1lises%20em%20tempo%20aparente&text=RESUMO-%20os%20conectores%20E%20A%3D,%22sequencia%C3%A7%C3%A3o%20retroativo%2Dpropulsora%22>. Acesso em: 30/06/23.
- NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza Orgs.) Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p.43-50.

RELATO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO OS CONTRASTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO PÚBLICO FEDERAL

Felipe Andrei Boncoski do Amarante²²

Resumo

O relato buscará analisar as discrepâncias presentes entre uma instituição de ensino público federal e as demais instituições - estaduais, municipais, entre outras, no ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Redação. Nesse sentido, serão utilizadas como instrumentos de análise as minhas experiências vivenciadas no Colégio Pedro II, no campus de Niterói, e os relatos de experiências vivenciadas por outros residentes dos demais tipos de instituição, além de minhas próprias, enquanto atuante do ensino público estadual de Niterói. O objetivo principal da análise será verificar tanto a superioridade nas metodologias de ensino de uma instituição tradicional federal quanto suas problemáticas.

Palavras-chave: Pedro II; federal; problemáticas; metodologias.

Resumen

El informe buscará analizar las discrepancias presentes entre una institución de educación pública federal y otras instituciones - estatales, municipales, entre otras, en la enseñanza de la lengua, la literatura y la escritura portuguesas. En este sentido, mis experiencias en el Colégio Pedro II, en el campus de Niterói, y los relatos de experiencias vividas por otros residentes de otro tipo de instituciones, además de la mía, como empleado de la educación pública estatal de Niterói, serán utilizados como instrumentos de análisis Niterói. El principal objetivo del análisis será verificar tanto la superioridad de las metodologías de enseñanza de una institución federal tradicional como sus problemas.

Palabras clave: Pedro II; federal; problemático; metodologías.

Introdução

As instituições federais de ensino público se diferem das demais instituições, pois recebem incentivo diretamente do governo federal, logo o incentivo à educação conseqüentemente é discrepante em relação às demais escolas. Assim, acabam desenvolvendo-se instituições bastante tradicionais e de renome, as quais possuem pluralidade, interdisciplinaridade e metodologias de ensino diferenciadas.

Nesse sentido, tal relato buscará fazer uma análise sobre o ensino da Língua Portuguesa, Literatura e Redação no Colégio Pedro II enquanto busca discernir os demais tipos de colégios. Os métodos avaliativos, apesar de ainda existir bastante conservadorismo quanto a isso, procuram fugir dos métodos tradicionais e mecânicos. A infraestrutura do campus também possui seu diferencial, por exemplo, colocando um grêmio estudantil no centro da escola. A estruturação das grades curriculares também foge bastante do tradicional, buscando abordar bastante diversidade. Esses são só alguns pontos a serem tocados para enfatizar as relações entre tal instituição e as demais.

Desenvolvimento

A experiência do Programa de Residência Pedagógica ocorreu por 3 meses, no Colégio Pedro II, com campus sediado em Niterói. Minha residência ocorreu somente com o primeiro ano do ensino médio, durante o turno da tarde, com observações nas quartas-feiras pelo turno da tarde (das 13h às

²² Graduando em Letras e Bolsista do Programa Institucional de Residência Pedagógica (PRIP) – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

18h). Nessa experiência, busquei notar as diferentes metodologias abordadas pelo professor, que também estavam presentes na grade curricular do colégio, a qual se apresenta bastante completa.

Um dos pontos bastante presentes é o incentivo à leitura, e a forma como ela é trabalhada pelo docente. Os livros não são apenas entregues aos alunos e solicitados a eles para a leitura, sem mais nem menos. Há toda uma contextualização sobre a obra, o autor e seu contexto social e histórico. Os livros abordados também diferem, por exemplo, um dos que foram trabalhados foi *Becos da Memória* de Conceição Evaristo, o qual carrega uma forte discussão sobre as questões etnográficas e sociais do Brasil. Logo, “abordar temas relacionados à realidade do aluno, fazer ligações entre as disciplinas e suas relações culturais, econômicas e sociais, é fundamental para prender a atenção do aluno” (MELO; RODRIGUES, 2013, p.14), pois tais ações permitem que o aprendizado seja feito de forma dinâmica e intuitiva, dando abertura para muitos debates e discussões entre os educandos e docentes.

A escola também atua diretamente na formação dos leitores, logo é imprescindível que disponha de uma infraestrutura de qualidade, possuindo bons livros sejam atuais ou não e em bom estado para o uso, além de ambientes propícios para a leitura e bibliotecas bem conservadas que possuam seu valor histórico e social. Nesse sentido, a biblioteca do Colégio é bastante diferente, com um grande e diversificado acervo.

Além disso, a instituição escolar preza por projetos que incentivem os educandos a desenvolver os hábitos de leitura, além de prezar por uma formação continuada por parte do corpo docente, o qual, para que se obtenha êxito neste objetivo, deve estimular também este hábito no corpo discente por meio de diversos processos metodológicos (ARANA; KLEBIS, 2015). Assim, são desenvolvidas frequentemente reuniões entre docentes para decidir os rumos do colégio, o que pouco ocorre nas demais instituições.

As constantes mudanças do âmbito trabalhista e profissional, e até mesmo da sociedade - muito por conta da evolução tecnológica - resultaram em maiores exigências do mercado de trabalho e do próprio corpo social. Logo, “já não é mais suficiente dominar o código” (MATTIONI, 2014, p. 12), pois são demandadas outras formas de conhecimento, como o de mundo, tecnológico, cultural, entre outros. Ou seja, é exigido que o “código” seja transportado e aplicado em diversas áreas, necessitando de aparato interpretativo e perceptivo daquele que o faz. Nesse sentido, observa-se a necessidade de uma formação continuada, o que aparenta ser algo bem presente no colégio.

Há a constante necessidade de um autoaperfeiçoamento por parte dos professores, uma vez que a demanda pelo colégio é bastante alta. A demanda pela formação de alunos críticos, com uma ampla visão do mundo, que possuam uma formação cultural diversificada, ao mesmo tempo que possuam saberes característicos e tradicionais, como das disciplinas de base, faz com que se crie um trabalho árduo para os professores de colégios como esse.

Ainda mais o que é visto em relação à distribuição dos horários das disciplinas, uma vez que é bastante difícil trabalhar com somente um tempo de aula e abranger todos os pontos acima tocados. No entanto, apesar da dificuldade apresentada às vezes, acaba que os professores acham bastante satisfatório os resultados no processo de ensino e aprendizagem.

A constituição da grade curricular, por ser bastante autônoma, acaba criando um aprendizado bastante íntegro, com uma formação bem completa quanto aos diferentes níveis de aprendizado. Não se limita à educação tradicional e mecanizada presente na maioria das escolas públicas e privadas do Brasil.

O ensino da Língua Portuguesa, por exemplo, é aplicado de diversas formas pelos docentes, e todos possuem o seu nível de eficácia. Uns optam por um ensino bastante limitado à interpretação e redação. Outros preferem decompor um texto e trabalhar a redação, a literatura e a gramática em cima dele, a fim de trazer-lhe uma significação melhor. Cada forma possui seus prós e contras, mas acabam que todas são bastante eficazes.

No entanto, ainda existem bastantes críticas referentes à infraestrutura improvisada de vários campi do Colégio, uma vez que, não somente em Niterói, como no Rio de Janeiro, foram construídos em cima de prédios históricos. Em Niterói, foi em cima do antigo CIEP, e em Caxias, por exemplo, foi construído em cima de um prédio comercial, com apenas 6 salas de aulas. Tal infraestrutura acaba por prejudicar, uma vez que limita bastante o número dos alunos (CAVALIERE, 2008).

Observando os resultados obtidos, notei que foram de grande significância, uma vez que pude experienciar uma educação que nem ao menos sabia que existia, pois os colégios que estudei ou estagiei sempre passaram bastante longe desse. No caso, não é um desmerecimento aos docentes dessas instituições, mas sim o incentivo que lhes é dado juntamente com a precarização do ensino e da profissão docente, os quais acabam desenvolvendo uma educação muitas vezes rasa e limitadora, pois limita o docente a uma grade curricular que visa a somente o mercado de trabalho tecnicista e mecanizado.

Conclusões

Através da experiência notei que, mesmo sendo uma escola pública, o Colégio Pedro II acaba por entregar um nível de educação bastante diferente em relação às escolas públicas estaduais, municipais e, também, as privadas, uma vez que estas estão voltadas somente para o ensino visando à aplicação em empresas e ao mercado de trabalho. Nesse sentido, o ensino no CPII é bastante abrangente, pois busca também uma formação cultural e crítica com grande interesse. As relações obtidas no estágio, tanto com os docentes e os alunos quanto com os outros funcionários da instituição foram boas e harmoniosas.

No entanto, é possível observar que ainda há um caminho bem complicado para ser trilhado visando às demais instituições, apesar do docente ter um papel a ser cumprido. A luta e a ação por melhorias na educação pública ainda é algo que não cabe somente a este profissional, no entanto é possível que ele, com trabalhos de base nas escolas, suscitando os alunos a refletir sobre o tema, possa, com tais ações, iniciar mudanças no sistema educacional.

Referências

- ARANA, A. R.; KLEBIS, A. B. S. O. **A Importância Do Incentivo À Leitura Para O Processo De Formação Do Aluno**. São Paulo. 2015.
- CAVALIERE, Ana. O COLÉGIO PEDRO II ENCONTRA O SÉCULO XXI. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, vol. 3(6), 2011.
- MATTIONI, Micheli. **OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**. 2014. 26. Monografia, Pedagogia – Unijuí, Ijuí, 2014.
- MELO, Irani A. E.; RODRIGUES, E. R. OS DESAFIOS QUE JOVENS E ADULTOS ENCONTRAM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, vol.0, núm.000036, jul. 2013.

PROJETO O GÊNERO DRAMÁTICO NA EDUCAÇÃO: A AÇÃO QUE NOS MOVIMENTA À VIDA.

George Lucas da Costa Tavares²³

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar o projeto de Pesquisa e Prática de Ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica a ser desenvolvido para turmas da primeira série do ensino médio, do Colégio Pedro II, *Campus* Niterói, situado no bairro do Barreto. Esse espaço, muito além das atividades letivas, compromete-se com a produção científica e o desenvolvimento acadêmico do corpo discente. Portanto, para estimular a capacidade cognitiva, linguística e de criação dos alunos com os quais se trabalhará, no que se refere ao ensino de Literatura, será realizada uma abordagem em torno do gênero dramático, tendo em vista sua compreensão e sua produção, em diálogo com a esfera local, político-social e contexto escolar a que estão inseridos.

Justificativa

Diante da observação das dificuldades pedagógicas em sala de aula sobre como trabalhar diversos gêneros literários e o exercício da cidadania e sociedade, o projeto *O gênero dramático na educação: A ação que nos movimenta à vida* buscará abordar problemáticas e temas relevantes à realidade da turma. Justificam-se, a partir de agora, as razões pelas quais se organiza este projeto.

É importante frisar, em primeira instância, que esse projeto surgiu a partir das observações das aulas de Língua Portuguesa ministradas pela professora Mariana Quadros em suas turmas da segunda série do ensino médio, no Colégio Pedro II - *Campus* Niterói.

Sabe-se que os gêneros literários são três: narrativo ou épico, lírico ou dramático. O professor da educação básica busca trabalhá-los, na medida do possível e dentro de um cronograma, de forma que os indivíduos consigam compreendê-los, seguindo também uma cronologia das (catorze) escolas literárias. No entanto, há certos empecilhos, como feriados e cancelamento de aulas, que acabam atrapalhando, por assim dizer, tanto o andamento quanto o entendimento dos conteúdos. Outro ponto que não pode ser deixado de lado é o contexto social do aluno que acaba fortalecendo estigmas que devem ser combatidos, como o preconceito e o racismo que muitas vezes não são entendidos, mesmo com inúmeras discussões e explicações, por aqueles que o praticam. Contudo, uma das maneiras mais eficazes observadas para o entendimento dos conteúdos, é quando o aluno ou o/um grupo de alunos encenam o conteúdo trabalhado, ou seja, dramatizam aquilo que conheceram.

Além disso, a tradição oral tem forte peso nas expressões interpessoais e em como se passa uma informação. Se há uma dificuldade na realização da escrita, também há uma dificuldade - se não maior - quando é necessário se expressar oralmente (sobretudo em público).

A partir dessa apresentação de caráter propedêutico, elencou-se trabalhar o gênero dramático nas turmas da segunda série do ensino médio, visando a sua produção acadêmica e o uso da literatura no seu cotidiano, de modo que a amostra de indivíduos interajam entre si e consigam pôr em prática os seus conhecimentos adquiridos através das aulas, fazendo um elo com temas recorrentes da atualidade.

²³ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Objetivo geral

Concomitantemente com a justificativa anteriormente apresentada, o projeto tem por objetivo propor uma prática de montagem de uma peça teatral, na forma de leitura dramatizada, visando à leitura, à produção textual e à literária. Como meta, a interação entre os alunos e o incentivo ao debate regrado e respeitoso, colocando em evidência suas habilidades e competências, a fim de que possam se reconhecerem como cidadãos aptos a promoverem uma sociedade melhor.

Objetivos específicos

- Incentivar o hábito da leitura;
- Buscar o acesso à cultura;
- Desenvolver as habilidades cognitivas e linguísticas dos alunos;
- Apresentar aos alunos a importância de conviver com as diversidades;
- Propor sempre o diálogo;
- Apresentar características do gênero dramático;
- Elaborar oficinas de texto com os alunos;
- Prepará-los para defenderem suas ideias de forma crítica e respeitosa;
- Evidenciar questões de extrema importância para a sociedade;
- Trabalhar a sensibilidade com outros indivíduos através da arte e da educação.

Fundamentação teórica

Pensando nas turmas da primeira série do ensino médio do colégio Pedro II e em diálogo com a professora responsável por elas, o objetivo traçado pelo projeto foi o de ampliar o repertório de produção textual/literária (e artística) dos alunos, suas interações sociais e o respeito mútuo. Todos esses pontos partindo, sobretudo, do texto e dos elementos da literatura de língua portuguesa. Tendo fé, então, de que o processo de respeito e aprendizagem se dá por meio das interações sociais, do trabalho em conjunto e do conhecimento das diversidades.

Ademais, a escola desempenha um papel fundamental na formação humana de cada indivíduo, sobretudo utilizando a educação linguística como ferramenta essencial para a produção e reflexão da língua e da linguagem, conforme defendem Costa e Freitas:

[...] a educação linguística deve levar o estudante a desenvolver práticas de linguagem, tanto de compreensão quanto de produção em situações concretas de interação, e a refletir sobre a língua e a linguagem, de modo a perceber diferentes formas de expressão na língua em estudo. (COSTA; FREITAS, 2019)

A partir dessa perspectiva, pensou-se em trabalhar com as turmas, o gênero dramático como objeto, visto que, por muitas das vezes, esse gênero é esquecido por diversos professores tanto de Literatura quanto de Língua Portuguesa:

Lapenda (1998) afirma que o desprestígio do gênero se dá, dentre outras razões, devido à cultura teatral ter sido, por muito tempo, considerada uma cultura elitista, bem como pelo fato de a escola não abordar adequadamente o texto dramático e o teatro nesse espaço, sendo a encenação (quase) a única via de contato com o gênero. (apud SILVA; BRADILEONE, 2022).

Essa proposta vai de encontro com o pensamento de Vygotsky (1994) que diz que a aprendizagem e o ensino só se dão entre sujeito e objeto. Esse conceito esclarece a abordagem que será trabalhada com as turmas, visto que o aluno é de suma importância na construção do saber e ele é o sujeito desse trabalho.

Vale ressaltar que esse projeto tem como centro o texto, entendendo-o como uma expressão linguística, não se limitando somente à construção escrita:

Cabe ressaltar a centralidade do texto como objeto tanto do ensino de línguas, quanto da educação linguística. Vivemos em um mundo letrado; portanto, o acesso a diversos saberes presentes na vida cotidiana e também na escola é perpassado pela escrita. Mesmo quando não há escrita, há língua, há linguagens, sejam verbais, imagéticas, verbo-visuais, gestuais e corporais. Sendo assim, o estudo da língua e da linguagem é central, tendo como objeto o texto, ou seja, “qualquer conjunto coerente de signos” (BAKHTIN, 2003, p. 307 apud FREITAS, 2001).

Dessa forma, a proposta buscará trabalhar e aprimorar as habilidades de produção textual e literária dos alunos. Além disso, o seu senso crítico, seu letramento e o seu exercício de cidadania com os demais colegas, trabalhando em conjunto e expressando suas aptidões linguísticas-literárias a partir de textos/obras propostos(as) em aula.

Metodologia

O projeto foi pensado para ser desenvolvido em oito aulas de cinquenta minutos cada, distribuídas em quatro dias letivos. Ainda vale ressaltar que serão dois tempos de aula seguidos. Desse modo, para facilitar o entendimento, tratar-se-á como uma aula o equivalente a dois tempos.

A proposta é que na primeira aula seja feita uma atividade oral a fim de que se ativem os conhecimentos dos alunos. Iniciando a aula, como pretexto serão levantadas questões acerca do gênero dramático, mas ainda sem citá-lo, a fim de que se faça uma coleta dos conhecimentos prévios dos alunos. A pergunta se eles já foram a um teatro também estará em pauta. Outrossim, o questionamento sobre o que eles acham do papel da dramaturgia na sociedade também será levantado. Feito isto, entrará na segunda parte da aula que é a leitura do texto. Será distribuído um fragmento da peça teatral *O Auto da Lusitania*, de Gil Vicente, fazendo um convite para que cada aluno possa ler a fala de cada personagem, também será apresentado um vídeo da encenação desse fragmento. Nesse fragmento é interessante o fato do diálogo entre os personagens “Todo mundo” e “Ninguém” que se dá pelo fato de “Todo mundo” querer ir para o Céu mas “Ninguém” pratica as virtudes necessárias para ir para lá. A partir dessa leitura, será solicitado que levantem características desse tipo de escrita, a fim de que possam reconhecer, no texto, características que conceituem o gênero dramático como as rubricas, personagens, prosa, etc. Então, como pós-leitura, será levantado um debate regrado sobre o que acham do papel de todo mundo na sociedade e o que eles acham que ninguém pratica.

Já para a segunda aula, retomando os conhecimentos da anterior, a turma será questionada sobre o que acharam do gênero apresentado na última aula. A aula presente será utilizada para refletir questões acerca do gênero dramático e como ele está presente no cotidiano dos alunos, onde ele pode ser encontrado (de maneira direta ou indireta, ou seja, escrito ou mesmo representado), se eles estão familiarizados com o gênero. Logo após, a fim de que se crie uma maior proximidade com o gênero, serão lidos fragmentos da peça *O auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Com essa leitura, serão apresentados às duas vertentes do drama: a comédia e a tragédia. Essa apresentação facilitará ao aluno entender qual é a função dessas duas faces do gênero dramático e como eles podem utilizar isso a seu favor, aguçando o seu senso crítico perante os acontecimentos de seus dias. Paralela à leitura do fragmento, será passada, também, a adaptação cinematográfica, dirigida por Guel Arraes em 2000. Essa amostragem tem por objetivo mostrar as adaptações do gênero pela visão do diretor e dos atores. Em consonância com a linguagem utilizada por Suassuna, o aluno perceberá a diversidade da língua portuguesa, pois os atores do filme utilizam um sotaque diferente (paraibano) dos alunos (cariocas). Como indicação de leitura para casa, será sugerida a leitura da peça *O Leão e a Joia*, de Wole

Soyinka. Essa obra foi vencedora do prêmio nobel de literatura do ano de 1986 e trata de maneira lúdica problemas sociais de uma tribo africana. Finalizando essa aula, será feita proposta da turma elaborar uma leitura dramatizada à escolha da turma: ou uma peça já existente ou uma criada pela turma. Essa leitura será apresentada para outras turmas da escola duas semanas após este dia e ao término será mediado um debate sobre a peça.

Para a terceira aula será o momento de produção textual e literária da turma. Acreditando que ela já determinou qual será o texto trabalhado (ou não), esse será o momento para se debater sobre o porquê da escolha da obra, qual o fundamento, no que ela pode interferir e mudar em suas vidas. Esse momento, também, será utilizado para fazer um ensaio de como será a leitura dramatizada, distribuindo os personagens para os alunos, as funções de cada aluno, as adaptações –se necessárias– no texto e a delimitação do tempo. Também serão anotadas possíveis perguntas que poderão ser levantadas no dia da apresentação. Previamente, será realizada a divulgação pela escola.

Por fim, na quarta e última aula (equivalente ao sétimo e ao oitavo tempos previstos) será realizada a leitura dramatizada da peça selecionada. É indicado que os representantes de turma sejam os mediadores dos debates. O intuito desse momento é levantar questões corriqueiras da escola e ao mesmo tempo, ir buscando combater problemáticas já existentes ali como o preconceito, a discriminação e o bullying. Nesse momento, as ideias Costa e Freitas são retomadas, visto que a escola é espaço de interação. Não obstante, o pensamento de Lapenda, como apresentado anteriormente, põe-se em prática, visto que a encenação, por muitas vezes, é a porta de entrada de muitas pessoas ao gênero dramático.

Cronograma

Atividades	Abril	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Observação em Campo	X	X	X						
Leitura de textos teóricos	X	X							
Elaboração do Projeto	X	X	X						
Entrega do Projeto				X					
Execução da Atividade em campo						X	X		
Análise dos resultados						X	X	X	
Redação do relatório monográfico						X	X	X	
Entrega do relatório monográfico									X

Este cronograma foi elaborado, tendo em vista as atividades realizadas no primeiro semestre de 2023 – nos meses de abril, maio, junho e julho – e as atividades a serem desenvolvidas no segundo semestre de 2023 – nos meses de agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro –no que diz respeito ao projeto de Língua Portuguesa: *O gênero dramático na educação: A ação que nos movimenta à vida*, elaborado para as turmas da segunda série do Ensino Médio do Colégio Pedro II (*Campus Niterói*).

Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. Estética da criação verbal. Tradução P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003c.
- COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins; FREITAS, Luciana Maria Almeida de; Gêneros discursivos como eixo da educação linguística em línguas adicionais. In: Sandra Possas. (Org.). Inglês na sala de aula: ação e reflexão. 2ed. São Paulo: Moderna, 2019, p. 49-55.
- FREITAS, L. M. A. DE. Educação Linguística. Sede de Ler, v. 9, n.1, p. 5-8, 9 nov. 2021.
- LAPENDA, Carla Diniz. Teatro: recurso lúdico e pedagógico. In: CHIAPPINI, Lígia; CITELLI, Adailson Odair (org.). Aprender e ensinar com textos não escolares. São Paulo: Cortez, 1998.
- SILVA, Lizabeth Rogate da; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. O (não) lugar do texto teatral na sala de aula. In.: MATSUNAGA, Priscila; IELPO, Rodrigo; PASCOLATI, Sonia (org.). Teatro e Ensino: Dramaturgias e Direitos Humanos Organizadores: Priscila Matsunaga, Rodrigo Ielpo e Sonia Pascolati; Prefácio de Fabiano Tadeu Grazioli. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. A Formação Social da Mente. S. Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.

RELATO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO: CONSTRUINDO O SABER

Jennifer Carvalho da Silva Costa²⁴

Introdução

Desde a pandemia e com o retorno das aulas presenciais, podemos observar a defasagem no ensino básico atual e como isso afetou o retorno dos estudantes para a sala de aula. Neste relato, irei me debruçar sobre a vivência em sala de aula, acompanhando um Professor Regente durante este semestre no Colégio Estadual Aurelino Leal (Niterói - RJ) e como é desafiador tanto para os professores, quanto para os estudantes essa nova jornada do retorno à escola depois de tanto tempo atrás de uma tela de computador e ensino remoto e como as aulas de literatura foram aplicadas em sala durante este período.

O colégio escolhido para a observação das aulas, foi o Colégio Estadual Aurelino Leal, situado no bairro do Ingá em Niterói, onde atualmente seu ensino está voltado apenas para estudantes do ensino médio e ensino de jovens e adultos (EJA), a carga horária é de período integral para as turmas tradicionais, onde os estudantes chegam à escola por volta das sete horas da manhã e permanecem em atividades e aulas até às cinco horas da tarde, e as turmas de EJA são ministradas no turno da noite das seis horas da tarde, até às dez horas da noite. A escola pertence à rede pública de ensino e atualmente conta com cinco turmas para cada série do ensino médio e quatro turmas para o ensino de jovens e adultos, sendo assim um total de dezenove turmas em toda a escola, com uma média de setecentos e vinte alunos matriculados.

As turmas que foram observadas, são da 1ª e da 3ª séries do ensino médio, onde a Professora Cristina se debruça durante quatro dias da semana, as turmas têm uma média de dezoito alunos presentes em cada sala de aula (sendo trinta alunos matriculados em média por turma, mostrando a quantidade de evasão de alunos na escola), com média de faixa etária de 15 a 18 anos, vindos de vários bairros de Niterói e São Gonçalo, os alunos presentes, em sua maioria, são pró-ativos, demonstrando interesse nas atividades propostas, sendo alguns alunos mais identificados com a forma da professora ensinar e outros mais reservados, porém todos de uma forma geral se mostravam dispostos a compartilhar sua vivência de mundo e a vontade de aprender o que era proposto. Como estamos vivendo um momento em que o ensino básico está deixando de ser um processo de depositar conteúdos no caderno dos alunos para se tornar um processo de construção de conhecimento com aqueles estudantes, a observação deste estágio focou em avaliar os diferentes modelos e formas de aprendizado, gerando distintas formas de construir conhecimentos acerca da língua e da literatura, para que se tenha algum entendimento acerca das diferentes maneiras de trocar informações com esses jovens, tentando captar a atenção deles ao mesmo tempo.

A problemática encontrada no período de observação foi a do ensino-aprendizagem desses estudantes em que há jovens dedicados, mas também há aqueles que se encontram dispersos devido à tecnologia, quando há, e a conversas paralelas. Foi-me perceptível que havia uma grande falta de interesse nos métodos clássicos de aprendizado, como a utilização apenas de livros didáticos e matéria no quadro branco, para driblar essa forma da turma ficar dispersa, a professora trazia para sala de aula projetos de diferentes autorias, folhas de exercícios e intertextualidade com a música, para que a atenção dos alunos fosse melhor aproveitada.

²⁴ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Desenvolvimento

Descrição da experiência

Nesse estágio foram observadas a realidade escolar e a econômica periférica dos estudantes, visto que muitos dos alunos não possuem acesso à internet, ou a aparelhos eletrônicos. No entanto, a escola possui uma biblioteca de literatura vasta, porém pude observar que os alunos não possuem muito interesse em ler ou ir à biblioteca, o que difere da época em que eu estudei na escola (dos anos de 2005 a 2008), quando era bem diferente a interação dos alunos com essa sala em questão. O estágio ocorreu no primeiro semestre de 2023, no Colégio Estadual Aurelino Leal, no qual eu acompanhei turmas de 1º e 3º anos do ensino médio, na disciplina de Português com a professora Cristina Margalho.

Os alunos do primeiro ano do ensino médio teriam maior interesse em desenvolver as atividades propostas pela professora, ao contrário do terceiro ano do ensino médio em que, apesar de nem todos terem acesso a equipamentos eletrônicos, quando perguntados se teriam interesse em ingressar em um curso superior, ou até mesmo realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a resposta de muitos era de que preferiam trabalhar ao invés de estudar mais do que já estudavam na escola, que preferiam ganhar dinheiro a estudar mais, mostrando assim que não há o menor interesse em estarem ali para a construção do saber próprio e/ou coletivo.

Motivações e justificativas

O estudo de metodologias de ensino que permitam ao professor melhores horizontes de retorno positivo para essa construção de conhecimento, dentro de um mesmo ambiente escolar, torna-se interessante devido ao ponto de vista da escola que foi observada. Dessa forma, há maior possibilidade de um impacto positivo para esses alunos com a adoção dessas estratégias, caso se demonstrem eficazes, considerando que os professores não utilizam essas metodologias e usufruem apenas dos recursos à disposição em opções de menor interesse do estudante, como as já citadas na introdução, fazendo com que os jovens percam a disposição em construir o conhecimento.

Neste semestre algumas matérias dentro da área da educação puderam ser selecionadas para aprendizado na Universidade, além da matéria de PPE III, também foi escolhida por mim, a matéria de Ensino de Literatura na Educação Básica com a Professora Dr^a Flavia Vieira da Silva do Amparo, que forneceu à turma um leque de informações que conseguiram ser conciliadas junto com algumas aulas observadas.

O Ensino da Literatura na Educação Básica teve como objetivo discutir de que maneira a Literatura deve ser inserida na sala de aula e propor práticas e recursos que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem. Há, portanto, uma incursão tanto nas questões teóricas quanto práticas da sala de aula, vindo não apenas para definir quais conteúdos devem ser abordados em cada período, mas também nos mostrando como desenvolver habilidades sociais, emocionais, valores e atitudes adequadas para o exercício da cidadania de cada estudante. Também nos estimula a entender a importância de cada um dentro da sala de aula, em como o estudante deve ser ouvido em sala, sendo como um norte para que possamos mostrar e praticar a aprendizagem e o conhecimento essenciais que precisam ser passados a todos da nossa população.

Alguns dos conteúdos aplicados em Ensino da Literatura estão inseridos também na matéria de PPE, os mais comuns entre as matérias seriam: Leitura e interpretação de texto na escola e fatores de textualidade, como a intertextualidade, onde podemos mostrar que a literatura está inserida não apenas em textos literários clássicos, mas na música, no cinema, nos quadrinhos. Em sala de aula a professora Cristina estimulava os alunos com músicas, tais como “Garota Nota 10” do MC Marcinho e “Te Cuida Meu Bem” da Patrícia Marx, onde os estudantes conseguiam se encontrar dentro de um

contexto mais visível e palpável de vivência, mostrando que a literatura pode ser muito mais versátil do que eles poderiam imaginar.

Fundamentação teórica

Dentro da matéria de PPE III, tivemos a leitura do texto “O ensino de literatura no Brasil: desafios a superar em busca de práticas mais eficientes”, onde o texto visa a apresentar-nos as dificuldades não só de se ensinar literatura no ensino básico, como também formar leitores e difundir o gosto pela leitura. Em um dos trechos do texto os autores citam como a literatura pode ser difundida entre os estudantes de uma forma diferente, fazendo com que o interesse deles seja aumentado, trazendo seus livros favoritos para a sala de aula, para que ao mostrar a sua vivência eles não apenas se tornem melhores leitores, como também possam um dia serem bons escritores.

De forma mais aprofundada, Cosson (2014), nos diz:

“Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objeto próprio de ensino. Os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudística do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada.” (COSSON, 2014, p. 23)

As palavras de Cosson (2014) nos mostram que um dos principais desafios contemporâneos para o ensino de literatura na escola é concentrar o foco na história da literatura, em características de estilos literários, associação entre autores e suas obras, entre outros e deixar de lado a literatura propriamente dita, só vivenciada em toda a sua plenitude na leitura das próprias obras, o que muitas vezes é negligenciado pela escola. A forma encontrada pela Professora Cristina de driblar este paradigma, foi trazer as experiências dos seus estudantes para sala de aula, fazendo com que eles buscassem novos exemplos de literatura além da música, com isso foi proposta aos estudantes uma atividade para criarem um poema modernista de uma forma parodizada com os textos que já haviam sido lidos anteriormente, houve imersão do texto e um aprofundamento na matéria, fazendo com que o aprendizado e aproveitamento da matéria fosse surpreendente.

Cosson (2014) também reforça que a simples leitura do texto, sem qualquer orientação, ou apresentação prévia dos seus autores, faz com que o aprendizado sobre o texto proposto seja absorvido de forma parcial:

“No ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva pra lá de tradicional.” (COSSON, 2014, p. 21)

Quando se pensa na formação do ser humano, quanto a um processo que busque o equilíbrio e desperte a imaginação, a inteligência e a afetividade, entre a razão e a emoção, evidencia-se a importância da educação humanizadora, utilizando o paradigma do construtivismo. Vale ressaltar que esse tipo de educação precisa se apoiar também nas metodologias ativas de ensino, em que os alunos sejam proativos e se envolvam em atividades mais complexas, com apoio de material relevante. Assim, o paradigma construtivista será mais efetivo, pois haverá troca de conhecimentos:

Os referenciais analisados apontam que as metodologias ativas interferem de maneira positiva na aprendizagem, ao enfatizar sua aplicação no programa de ensino como grandes contribuintes para a autonomia do educando. Grande parte dos professores relatados nos trabalhos analisados concorda que o significado do processo de aprendizagem em currículos com metodologias ativas tem mudado o papel do professor em sala de aula. Com o processo de ensino e aprendizagem, o aluno torna-se dinâmico e constantemente ativo, observa e formula perguntas, expressando suas percepções e opiniões, desenvolvendo assim a sua autonomia. (STROHER, et al, 2018, p. 741.)

Portanto, o ensino de literatura em sala é um processo que necessita da utilização de metodologias ativas de ensino e com o uso do paradigma construtivista, assim como da educação humanizadora, podemos tornar o processo de ensino mais proveitoso e interessante para o estudante, visto que com o passar dos anos a intenção maior é apenas formar uma massa de manobra, usar a literatura para trazer o estudante para sua realidade mais próxima é uma forma de burlar o sistema, mesmo que para isso se tenha que repensar em estratégias diferenciadas de incluir o ensino da literatura dentro das aulas programadas do ensino de Português para o ensino médio.

Avaliação dos resultados

Quando se concentra demais no ensino da abordagem da história literária, acaba se esquecendo da literatura propriamente dita e quando conseguimos discutir sobre a escola se adaptar às exigências mais contemporâneas, conseguimos mostrar que os estudos da literatura, principalmente no ensino médio acabam sendo vítimas da supervalorização das características estéticas e estilísticas presentes nos textos produzidos nos mais diversos períodos literários, isso faz com que o ensino de literatura no Brasil se concentre nessa abordagem historicista, além da imposição de leituras descontextualizadas aos discentes, no Ensino Médio.

Dentro do que pude vivenciar em sala de aula com os alunos do Aurelino Leal neste estágio, eu, como futura professora, pretendo instigar os alunos a aprenderem utilizando diferentes métodos pedagógicos, na tentativa de alcançar a todos os que estarão presentes para que eles possam utilizar essa iniciativa para seus próprios interesses comunicativos, ampliando seu repertório linguístico e cultural. Portanto, espero aprender cada vez mais, para que seja possível utilizar diferentes metodologias em sala, a fim de gerar engajamento por parte dos estudantes com o intuito de construir esse conhecimento com os alunos, mostrando que a educação e o saber podem libertar uma geração inteira da privação de um ensino melhor.

Considerações finais

Concluo o semestre com uma bagagem cada vez maior, onde o aprendizado vem se mostrando cada vez mais intenso, moldando as particularidades que possuo e sendo guiada para uma conclusão de curso proveitosa, mesmo após uma pandemia, uma situação de afastamento e a dificuldade de conciliar ensino e aprendizagem remotos, ao retornar ao presencial, pude observar que o aprendizado não se perdeu, apenas tomou novas formas e novos conteúdos, novos jeitos de aprender e de ensinar que ambos os lados, tanto como estudante, como uma futura professora, acabou mudando toda a visão que se tinha sobre o ângulo que a matéria estava tomando. Os estudantes receptivos e mostrando interesse nas perguntas que eram feitas, mesmo que não fosse aquilo que eles buscavam ouvir, mesmo não sendo uma turma superlotada como era visto no passado da escola, visto que esta graduanda já foi estudante da escola no passado, mas vê um desejo velado desses jovens em querer um futuro melhor, seja ele pelo ensino, ou pelo trabalho (a maioria não pensa em fazer faculdade, pensa em terminar os estudos para trabalhar e ajudar na renda familiar). Ver professores se reinventando, alunos buscando compreender o máximo possível e a empatia de ambos os lados provou que mesmo depois de dois anos distantes por câmeras e aulas assíncronas,

conseguimos estar juntos, conseguimos aprender, a cada dia dar mais um passo para a evolução e a melhorar toda essa situação, nem que seja sob uma nova perspectiva.

Referências

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

STROHER, J.N. et al. **Estratégias pedagógicas inovadoras compreendidas como metodologias ativas**. Revista Thema, Pelotas, v. 15, n. 2, p. 734 – 747, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/891/1286>> Acesso em: 21 jul 2023.

GALVÃO, A.L.M.; SILVA, A.C. **O ensino de literatura no Brasil: desafios a superar em busca de práticas mais eficientes**. Letras&Letras | Uberlândia | v. 33 n. 2 | jul./dez. 2017.

RELATO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO

Joanna Moreira Baptista²⁵

Apresentação

Este trabalho constitui um conjunto de atividades de estágio supervisionado em uma escola da rede pública, cuja finalidade é observar, participar e conhecer a realidade diária da escola e aprender a partir das experiências dos outros professores. A unidade escolar do estágio foi no Instituto Federal Fluminense (IFF), no campus localizado em Cabo Frio.

Caracterização da escola

O estágio de observação foi realizado no Instituto Federal Fluminense (IFF), no campus localizado em Cabo Frio. O instituto oferece o ensino médio integrado aos cursos técnicos de hospedagem ou de química, além de cursos de graduação, pós-graduação e técnicos subsequentes ao ensino médio. A seleção de alunos é feita mediante processo seletivo com prova conteudista referente a todo ensino fundamental, com 40 questões. Essas características acabam tornando o público do segmento do ensino médio um pouco mais interessado do que o normal, apesar de ainda não tanto assim, afinal são adolescentes. Geralmente, a maioria dos alunos são de classe média ou baixa e não necessariamente moram perto do instituto, muitos até mesmo a mais de duas cidades de distância, em busca de um ensino melhor. O fato de serem obrigados a fazer um curso técnico caso queiram atender ao médio do IFF também costuma parecer que sobrecarrega os alunos, até porque muitos não estão pelo curso mas sim pelo nível de ensino básico, já que conta com professores normalmente mestres e/ou doutores e muitos até mesmo com dedicação exclusiva. Todo ano são admitidas 6 novas turmas, 3 de hospedagem e 3 de química, e o curso integrado tem sido feito dividido por períodos, concomitantemente ao ensino médio.

As turmas observadas estão cursando o terceiro ano do ensino médio integrado ao curso técnico de hospedagem e ao curso técnico de química e são a 302, a 303 e a 304.

Fundamentação teórica

Para a observação, orientei-me pela concepção de língua enquanto forma de interação, classificada como a terceira tendência de conceituação e descrita no capítulo “Concepções de Língua e Ensino de Português” do livro *O Texto na Sala de Aula*, de autoria e também organização de João Wanderley Geraldi (2011). Essa linha teórica foi escolhida, pois concepção de língua não deixa de ser escolha política quanto ao ensino. Segundo Geraldi, ela “situa a linguagem como lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos” (2011). Dessa forma, procurando observar o ensino e a aprendizagem de textos argumentativos, muito frequente em turmas concludentes do ensino médio, é necessário que o aluno esteja no centro da produção de conhecimento. Tornando-o sujeito de suas relações e não somente objeto passivo, essa concepção é a única capaz de envolver uma turma de maneira que possam se entender capazes de assumir um ponto de vista próprio e de usar instrumentos diversos para sustentá-lo, isto é, por meio da argumentação.

²⁵ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Koch e Elias (2016) definem que falar de texto é falar de sentido, que se constrói na relação entre autor, texto e leitor. Assim, para interpretarmos um texto, é necessário se colocar como parte integrante da coprodução dele e como detetive dos sentidos que ali podem ser depreendidos. A teoria de Koch e Elias é fundamental para pensar na arte de escrever e argumentar, afinal, para uma boa escrita, é necessária uma boa leitura.

Com esses princípios, atendi ao estágio no IFF procurando observar a aplicação e eficácia (ou não) e a presença de outros meios utilizados pela professora.

Descrição da experiência

Às terças e quartas-feiras do primeiro semestre de 2023, estive na escola Instituto Federal Fluminense, em Cabo Frio, para observar as práticas de ensino ministradas pela professora Patrícia Corado e a postura e participação dos alunos nas aulas. Fiz esta observação de um ponto de vista intermediário entre professor e aluno. Assisti ativamente às aulas como aluna graduanda interessada e ao mesmo tempo buscando aprender a prática pedagógica com a professora supervisora. Isso foi feito procurando enriquecer minha experiência na formação de licenciatura e me possibilitar maior conhecimento da realidade das escolas de um ponto de vista diferente do que, como alunos do ensino básico, tivemos e do que temos com a teoria na faculdade. Coloquei-me à disposição de auxiliar a professora com material e correção e também de auxiliar os alunos na matéria, porém não fui solicitada em nenhum momento.

Dessa maneira, as aulas observadas nesse estágio foram em grande parte normativas, tanto sobre redação quanto sobre gramática, e com o objetivo de encaixar os alunos no padrão observado como desejável na prova do ENEM, que é conhecida por contar com regras muito específicas para um alcance de boas notas. Esse tipo de aula nitidamente era o que mais interessava aos alunos, que buscavam, na altura do último ano do ensino médio, apenas dois objetivos: conclusão e entrada numa faculdade pública através do vestibular. O acesso à universidade é tido como muito concorrido e dependente exclusivamente deles e não do professor ou da escola, o que gera maior ansiedade. Ainda que estudem numa escola de excelência como o Instituto Federal, nem todas as aulas são bem aproveitadas e sempre há dificuldades no percurso.

As aulas que não eram dedicadas ao estudo específico da redação também ganhavam a conotação de “estudo para vestibular” para despertar o interesse da turma. Principalmente nas aulas de gramática, com o caráter de necessidade dado pelo ENEM, a sala cheia refletia também uma boa didática da professora. Mas, acima de tudo, a maior estratégia era dizer que o conteúdo cairia nas provas de vestibular e de concurso para técnicos, como eles seriam com a aprovação no ano.

Durante todo o tempo em que observei as turmas, além do gênero específico de texto dissertativo-argumentativo exigido no ENEM, não houve abordagem prática de nenhum outro gênero textual. Os materiais utilizados para todos os conteúdos mencionados eram preparados pela professora, não só os comuns slides, mas também apostilas inteiras de gramática e redação. O material didático da escola não foi utilizado sequer uma vez. Os alunos gostavam das aulas e participavam, dando mais valor ao conteúdo do que observado em outros colégios públicos.

Avaliação dos resultados

Observar a prática de um ensino mais normativo, mas que era apreciado por mais da metade da turma, foi importante para enriquecimento da experiência como futura professora de língua portuguesa. Ainda que o ensino-aprendizagem da língua não tenha sido utilizado com a concepção de forma de interação, como a fundamentação teórica com a qual atendi ao estágio, a didática da professora supervisora e os bons materiais mostraram novas possibilidades de colocar em prática os conteúdos vistos no curso de Letras como um todo e principalmente nas disciplinas de Pesquisa e

Prática de Ensino. Também foi bem útil ter contato com turmas com características tão particulares como as do IFF. Conhecer adolescentes mais interessados que o comum nas aulas de língua portuguesa, preocupados com o rendimento do ensino de qualidade a que tiveram oportunidade de participar, reconhecendo o privilégio de estudar em uma escola federal de excelência é uma experiência motivadora tendo em vista as queixas e os relatos pessimistas que se costuma ouvir de professores, tanto da rede pública quanto da privada.

Considerações finais

O estágio supervisionado atrelado à disciplina de PPE III foi de extrema importância para maior compreensão da realidade de uma escola pública da rede federal. Além disso, foi possível retomar o contato com adolescentes em fase escolar com ponto de vista mais crítico devido aos aprendizados do curso de licenciatura. Dessa maneira, o estágio observatório, aliado às constantes conversas com a professora supervisora, contribuiu para a formação docente da estagiária e possibilitou uma ampliação do pensamento teórico visto na universidade, o que certamente irá favorecer a futura atuação como professora da estudante em questão.

Referências bibliográficas

ELIAS, V.; KOCH, I. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.
GERALDI, J.W. Concepções de Língua e Ensino de Português. In: GERALDI, J.W. **O Texto na Sala de Aula**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

RELATO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO

Leonardo Maia do Carmo²⁶

Apresentação

Neste Relato, são descritas as atividades de estágio que desenvolvidas durante a disciplina de Pesquisa e Prática de Ensino – Letras em unidade escolar de uma escola pública da rede estadual do RJ. A experiência de observação é discutida à luz das reflexões de Buse (2011), Kramer (2000) e Durão e Cechinel (2022).

Caracterização da escola

As experiências relatadas aqui fazem parte do período do estágio curricular obrigatório no C. E. Augusto Cezário Diáz André, colégio da Rede Pública Estadual do Rio de Janeiro, durante o primeiro semestre de 2023. O colégio está localizado no bairro de Lagoinha, no subúrbio do município de São Gonçalo/RJ.

As atividades de estágio se deram sob supervisão do Prof. Regente nas turmas 2001 e 2002, do 2º ano do Ensino Médio (alunos, portanto, entre os 15 e 17 anos), às quintas e sextas-feiras, do dia 27/04/2023 até o dia 05/05/2023. Essas atividades somam-se a outras atividades de estágio desenvolvidas anteriormente nessas mesmas turmas (então de 1º ano do Ensino Médio), ao longo do dos dois semestres letivos de 2022.

Fundamentação teórica

Indagando sobre o lugar da escrita e da leitura na vida dos professores, Kramer (2000) reflete sobre como essas práticas configuram experiências e possuem uma dimensão formadora do sujeito humano. Nesse raciocínio, a leitura e a escrita surgem como dotadas de um fim em si mesmas, como afirma a autora:

Defendo a leitura da literatura, da poesia, de textos que têm dimensão artística, não por erudição. Não é o acúmulo de informação sobre clássicos, sobre gêneros ou sobre estilos, escolas ou correntes literárias que torna a leitura uma experiência, mas sim o modo de realização dessa leitura: ela deve ser capaz de engendrar uma reflexão para além do momento em que acontece, ser capaz de ajudar a compreender a história vivida antes e sistematizada ou contada nos livros. (p. 21)

Baseada no conceito de vivência e experiência estabelecido por Walter Benjamin, Kramer sugere permitir aos alunos vivenciar a leitura e a escrita. Isto é, enxergar a leitura e a escrita como atividades com um objetivo próprio e não resumir o texto a pretexto para um simples exercício de leitura e “interpretação” ou transmissão de um determinado conteúdo. Para além disso, o estudante deve experienciar a leitura — sentir-se livre para exercitar o seu senso crítico, debater e opinar sobre o que achou da leitura com os seus colegas de classe.

²⁶ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Dessa forma, na visão de Kramer, ao possibilitar que os discentes exercitem a reflexão crítica, resgata-se o caráter humano dessa experiência, algo que atualmente tem sido tratado com indiferença por parte de muitos e que, se não cultivado, resulta em coisificação, em indiferença para com o próximo. Essa concepção sobre o processo de leitura vai ao encontro do que Durão e Cechinel (2022) propõem para o ensino de Literatura. Para esses autores, ensinar Literatura significa ensinar a *ler* Literatura, a realizar uma leitura crítica das obras literárias, desenvolvendo nos alunos uma *postura interpretativa*: “um modo especial de se relacionar com os textos que favorece a interpretação, uma espécie de sensibilidade ou sintonia em relação à língua e à forma da obra” (p. 22).

Trata-se de uma proposta que foca nas “experiências concretas de leitura”, que *parte* dessas experiências para a construção, pelos próprios alunos, de hipóteses interpretativas sobre o que leram; hipóteses essas que devem ser confrontadas com a materialidade do texto, em um processo por meio do qual se dará a construção do conhecimento e se ensinará aos alunos como se relacionar com essa construção, com esse (e qualquer) conhecimento. Nas palavras dos autores: “quando postulamos como principal objetivo do ensino de literatura a postura crítica, investigativa, estamos defendendo que aquilo que se ensina é também uma *relação com o objeto e, metonimicamente, com o saber*” (p. 25, grifos dos autores).

É, portanto, uma proposta diametralmente oposta à forma tradicional de se ensinar Literatura. Nessa forma tradicional, o professor transmite aos alunos uma lista de conceitos previamente formulados, uma descrição de cada escola literária/estilo de época, e vai aos textos (normalmente, *fragmentos* de textos) apenas para confirmar ou ilustrar o que foi transmitido: “os atributos de cada período precedem conceitualmente o confronto com as obras; o caminho da interpretação já está traçado — ou melhor, nem é possível falar de interpretação, pois o tratamento do texto é de decodificação” (p. 21). Ensinar Literatura, nesse caso, resume-se a ensinar uma história da Literatura, como nos diz Buse (2011), ou melhor, de *uma* Literatura, porque também não se discute o que é ou não literário e *quem* determina o pertencimento de um dado texto à Literatura.

Descrição da experiência

O que se notou durante as primeiras atividades de estágio, em 2022, e que foi posteriormente endossado pela própria professora, foi o comportamento ainda “infantil” dos alunos: uma consequência, para o Prof. Regente, do ensino remoto e do isolamento social provocados pela pandemia do novo coronavírus. Por terem passado dois anos longe do ambiente escolar, essas turmas seriam, nas palavras do Professor Regente, o “7º ano na escola”, uma vez que seus 8º e 9º anos escolares ocorreram remotamente.

Nesse sentido, esses alunos chegaram ao 1º ano do Ensino Médio sem a “vivência” desses dois anos escolares e sem a “maturidade” que seria advinda dessa vivência, conservando comportamentos como conversar em voz alta durante a chamada, ficar de costas enquanto a professora falava, engajar-se em atividades paralelas variadas como picar e amassar papel, maquiar-se etc. Em reação a isso, era constante a necessidade da professora de chamar a atenção dos alunos e condicioná-los ao comportamento tido como adequado.

Junto a isso, havia ainda outro “atraso”: o atraso do conteúdo, ocasionado pelas dificuldades do ensino remoto. Faltavam aos alunos conhecimentos que seriam esperados deles enquanto alunos de 1º ano do Ensino Médio, algo que o Professor. Regente buscava contornar dedicando parte de seu tempo de aula a revisões e explicações (o que em alguma medida impactava o trabalho com os conteúdos pretendidos para cada aula).

Estando esses mesmos alunos no 2º ano, o que a Professor Regente identifica é uma maior maturidade, uma maior “calma” por parte dos alunos, o que permite a ela desenvolver um trabalho mais aprofundado. Nas palavras do Professor, “agora posso ser mais amigo deles”, ao invés de ter que assumir uma postura explicitamente autoritária para manter o “controle” das turmas. Nesse cenário, em que os alunos se tomam mais “comportados”, podemos pensar em como a escola possui uma dimensão *normatizadora*, condicionadora dos corpos e comportamentos dos alunos.

Podemos ainda questionar: é razoável esperar que turmas de 20 a 25 alunos de aproximadamente 15 anos, ou seja, adolescentes, fiquem “comportados”, movimentando-se apenas da forma tida pela escola como adequada? Fugir a esse condicionamento dos corpos é simplesmente falta de educação? A situação dessas turmas, consideradas agitadas em 2022 e agora tidas como mais “maduras”, parece indicar a existência de uma relação tensa entre o respeito ao professor enquanto autoridade em sala, e as exigências que a escola faz sobre o comportamento dos alunos e os próprios alunos enquanto indivíduos em formação.

No entanto, foi precisamente em uma dessas turmas que a intervenção de um aluno nos permitiu refletir de que modo as questões que discutimos anteriormente acerca do ensino de Literatura chegam aos alunos. Na turma 2002, durante uma aula de conteúdos tradicionalmente denominados como “Semântica” (homonímia, sinonímia, paronímia), um aluno questionou à professora se o sambista Arlindo Cruz, por suas músicas, poderia ser considerado um poeta. Esse questionamento nos alertou para como aquele aluno estava tentando fazer dialogar aquilo que via na escola (poesia, literatura) com um elemento de sua vivência para além da escola (o samba, as músicas, o sambista), e também para como essas classificações (“música”, “samba”, “sambista”, “poema”, “poeta”) não são estanques.

Afinal, se uma música de Arlindo Cruz estivesse num livro de poemas, não poderia ela ser, de fato, um poema (e seu autor, um poeta)? Em outras palavras, o que determina o pertencimento de um dado texto ao que chamamos de Literatura? Como Durão e Cechinel (2022) apontam, um texto costuma ser chamado de “literário” quando se encaixa em um ou mais dos seguintes cenários: 1) quando apresenta “um uso formal ou erudito da língua” (p. 14), 2) quando apresenta ficcionalidade, 3) quando pertence a “um cânone de obras dadas, cujo princípio ordenador” (p. 14) costuma ser implícito, e/ou 4) quando se quer usar esse adjetivo como “uma estratégia mercadológica” (p. 14).

É também possível, devemos destacar, que a pergunta desse aluno tenha surgido não de um “real” interesse na reflexão sobre o que faz alguém ser ou não um poeta, mas de uma tentativa do aluno de fazer o “jogo” da escola, de parecer interessado e/ou de impressionar a professora com uma pergunta que de algum modo abordasse conteúdos vistos em sala. Mesmo que seja esse o caso, ainda consideramos essa pergunta uma excelente oportunidade para discutir com os alunos o que chamamos de Literatura e apontar que eles também podem ser *produtores* de Literatura. Assim como é possível que o aluno não estivesse de fato interessado em refletir sobre essas questões, é também possível que trazer essa reflexão para sala demonstrando consideração pelo que o aluno disse faça surgir esse interesse.

Porém, embora tenha dito que sim, o Prof. Regente não aproveitou essa oportunidade para discutir com os alunos o que é a Literatura (e quem determina o que é ou não literário, quem pode ou não fazer Literatura), justificando apenas que Arlindo Cruz poderia ser sim considerado um poeta “porque fala de coisas bonitas”. E o que percebi nas demais aulas do Prof. Regente foi justamente esse ensino tradicional referido anteriormente.

Em uma aula de Realismo e Naturalismo (o próprio fato de a aula ser apresentada como uma aula de determinada escola literária já nos dá uma pista quanto ao tipo de ensino de Literatura em jogo), por exemplo, o Prof. Regente primeiro, distribui aos alunos os materiais impressos retratados nas Imagens a seguir²⁷: listas de tópicos e mapas mentais com as características, os autores, as obras e o contexto histórico de cada escola literária.

Imagem 1



Fonte: Disponível em: <https://infinituxexatas.com.br/realismo-resumos-e-mapas-mentais/>. Acesso em: 19 jul. 2023.

Imagem 2



Fonte: Disponível em: <https://infinituxexatas.com.br/naturalismo-resumos-e-mapas-mentais/>. Acesso em: 19 jul. /2023.

²⁷ Infelizmente, não dispomos mais desses materiais, que o Prof. Regente nos forneceu na ocasião da aula. Por conta disso, buscamos por eles na internet, retratando aqui aqueles que foram usados pelo professor.

Imagem 3



Fonte: Disponível em: <https://d3uyk7qgi7fgpo.cloudfront.net/lms/modules/materials/turmadefevereiro-literatura-Realismo%20e%20Naturalismo-14-05-2021-3fdf2cfacd70ec7fd466a75a2c11d360.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2023.

É somente depois que esses materiais são lidos pelo Prof. Regente, de modo expositivo que os alunos entram em contato com uma obra propriamente dita: um trecho de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, também lido pelo Professor. Tem-se aí concretizado, pois, aquilo que dizem Durão e Cechinel: “Na prática pedagógica corrente, quando se trabalha com os estilos de época, eles são primeiramente introduzidos para, em seguida, os alunos entrarem em contato com os textos e identificarem as características destacadas” (p. 21).

No entanto, podemos realmente culpar a Prof.^a Bianca por adotar essa abordagem de ensino? Quando indagada sobre seus objetivos e princípios de atuação, Bianca afirmou que busca mostrar aos seus alunos que eles podem “querer mais da vida”, o que nesse caso se traduz em ascender socialmente. E, no contexto em questão, essa ascensão se dá por meio do acesso ao diploma, ao ensino superior, por meio de vestibulares como o Enem: Exame Nacional do Ensino Médio, nos quais a Literatura é cobrada precisamente dessa forma.

Assim, temos que o Prof. Regente faz uma escolha que é situada no seu contexto: ao invés de conduzir uma aula de Literatura fora desse tradicional, correndo o risco de não “preparar” seus alunos para as provas que eles precisam realizar para acessarem o ensino superior, ele opta por manter-se no tradicional, uma vez que esse tradicional está profundamente vinculado à lógica de vestibular que agora impera no Ensino Médio. Nesse sentido, enquadrar a questão apenas como culpa individual do professor é perder de vista o contexto social no qual esse professor e seus alunos estão inseridos, e as consequências que qualquer postura adotada pelo professor (seja manter-se no tradicional, seja não manter-se no tradicional) pode trazer para seus alunos.

Em outras palavras, as escolhas educativas não se dão no vácuo, mas são contextualizadas, socialmente situadas, e é este o caso da atuação do Professor Regente no C. E. Augusto Cezário Diáz André. Consequentemente, para discutirmos essa atuação, qualquer atuação pedagógica, precisamos analisar o contexto social, o *sistema*, no qual essa atuação se dá.

Avaliação dos resultados

Na quarta-feira dia 17/05/2023, os profissionais de educação do Estado do Rio de Janeiro declararam greve (ALVES, 2023). Entre suas reivindicações, estavam a implementação do piso nacional do magistério e o cumprimento do plano de carreira da profissão, direitos garantidos pela Lei Federal nº 11.738/2008 (BRASIL, 2008), a chamada “Lei do Piso”, e pela Lei Estadual nº 1614/1990 (RIO DE JANEIRO, 1990). Outras reivindicações da categoria incluíam o pagamento do piso dos funcionários administrativos da área, a revogação do Novo Ensino Médio (NEM), a realização de novos concursos para suprir a carência de profissionais da área e a convocação dos aprovados em concursos anteriores (BRASIL DE FATO, 2023).

Suspensa recentemente no dia 29/06/2023, essa necessária greve durou 44 dias (REBELLO, 2023), período durante o qual as atividades de observação no C. E. Augusto Cezário Díaz André (que aderiu à greve) não puderam ser realizadas. Nesse contexto, uma avaliação mais profunda dos resultados de observação não se faz possível. Podemos, apenas, apontar resultados *parciais*, obtidos a partir das experiências descritas anteriormente e da análise dessas experiências à luz da bibliografia trabalhada.

Assim, temos que o ensino de Literatura realizado nas turmas de 2º ano do C. E. Augusto Cezário Díaz André é, em termos gerais, ainda um ensino tradicional: voltado para a transmissão das características das escolas literárias, com o uso das obras literárias apenas de modo fragmentado e como exemplo do conteúdo transmitido, como descrevem Durão e Cechinel (2020) e Buse (2011). Há, nas aulas do Prof. Regente, um foco no vestibular, dada sua escolha em preparar os alunos para esses exames, e nem a leitura, nem a escrita (sobretudo uma escrita *literária*, que mostre aos alunos sua capacidade de serem produtores de Literatura) são abordadas como Kramer (2000) propõe.

Porém, como foi visto, parte disso se dá por um pragmatismo da parte do Prof. regente, que opta por manter-se numa forma tradicional de ensino de Literatura para poder preparar seus alunos para o vestibular e assim permitir que esses alunos ascendam socialmente. Há, pois, uma preocupação do Prof. Regente com as condições de seus alunos, com sua realidade material, e pode-se apontar que é em resposta a essa realidade coercitiva que o professor elabora sua atuação. Uma resposta, contudo, apenas reativa a essa realidade, que busca permitir aos alunos sobreviver a ela e não questiona (nem leva os alunos a questionar) o sistema socioeconômico que a produz.

Considerações finais

Como relatado, a experiência de estágio no C. E. Augusto Cezário Díaz André proporcionou diferentes reflexões sobre o ensino de Literatura e o lugar do professor nesse ensino. Embora afetadas pela necessária greve dos professores da rede estadual do Rio de Janeiro, somadas às atividades que vínhamos desenvolvendo nesse colégio nas disciplinas anteriores de PPE, as atividades de observação realizadas permitiram identificar questões pertinentes, tais como a presença de uma forma tradicional de ensino de Literatura nas aulas da Prof.^a Bianca e o fato dessa presença ser, em parte, uma resposta dela à realidade na qual atua profissionalmente.

Desse modo, este relato conclui apontando a necessidade de termos em mente o contexto social no qual se dá a atuação dos profissionais de educação. Não basta refletirmos sobre a atuação destes profissionais, precisamos refletir sobre essa atuação enquanto *situada* num determinado sistema socioeconômico que a afeta, que condiciona essa atuação. É, a partir dessa reflexão, construir as bases para a superação desse sistema, o que nos permitirá não só pensar, mas produzir outras formas de ensino de Literatura e de existência social.

Referências

- ALVES, Luana. Professores e funcionários de escolas estaduais entram em greve no RJ. **G1: Globo**. 17 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/05/17/professores-e-funcionarios-de-escolas-estaduais-entram-em-greve-no-rj.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- BRASIL. Lei nº 11738, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica.. **Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008**. Brasília, Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil/03/ato2007-2010/2008/lei/111738.htm>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- BRASIL DE FATO (Rio de Janeiro). RJ: Professores e funcionários administrativos estaduais iniciam greve nesta quarta-feira (17). **Brasil de Fato**. Rio de Janeiro. 17 maio 2023. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2023/05/17/rj-professores-e-funcionarios-administrativos-estaduais-iniciam-greve-nesta-quarta-feira-17>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- BUSE, Bianca. A disciplina de Literatura no Ensino Médio e a (de)formação do leitor. In: **VI Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania**, 2011, Florianópolis. VI Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania, 2011. v. 1.
- DURÃO, Fabio Akcelrud; CECHINEL, André. **Ensinando literatura: a sala de aula como acontecimento**. São Paulo: Parábola, 2022. 1. ed. 144 p.
- KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência - Seu papel na formação de sujeitos sociais. **Presença pedagógica**, v. 6, n. 31, jan./fev., 2000.
- REBELLO, Rennan. Professores da rede estadual do RJ suspendem greve e voltam às aulas nesta sexta-feira. **G1: Globo**. 29 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/06/29/professores-da-rede-estadual-do-rj-suspendem-greve.ghtml>. Acesso em 19 jul. 2023.
- RIO DE JANEIRO (Estado). Lei nº 1614, de 24 de janeiro de 1990. Dispõe sobre o plano de carreira do magistério público estadual e dá outras providências. **Lei nº 1614, de 24 de janeiro de 1990**. Rio de Janeiro, 24 jan. 1990. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/f25edae7e64db53b032564fe005262ef/a580223ed96105300325653100527c3a?OpenDocument>. Acesso em: 19 jul. 2023.

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO **Aplicação do Projeto de Leitura e Escrita no Ensino Fundamental II**

Lorraine de Oliveira Palmier Nunes²⁸

Introdução

O presente trabalho apresenta um relatório do projeto que foi aplicado na Escola Municipal Rio das Pedras, cuja vinculação está atrelada ao curso de Pesquisa e Prática de Educativa – Letras. O projeto consiste em atender as necessidades de déficit de leitura e compreensão de textos na educação básica – Ensino Fundamental nas turmas apresentadas. A nossa expectativa é contribuir no processo de formação dos alunos como leitores e escritores, críticos e participativos, capazes de interagirem em sua realidade na condição de cidadãos conscientes de sua atuação na sociedade.

A realização deste projeto favoreceu o processo de ensino e de aprendizagem, colaborando para o estímulo da leitura e escrita no espaço escolar. Por consequência, melhorou o interesse e desempenho dos alunos nas diferentes aulas, diferentes áreas do conhecimento, por estimular a participação, criatividade e expressão do aluno quanto discente e cidadão.

Com o objetivo de envolvê-los cada vez mais com o mundo da leitura, de uma forma prazerosa, com o planejamento e compromisso. Este projeto exigiu engajamento de todos os alunos e do professor regente durante as aulas. Previsto em Lei (LDB nº 9394/96 art. 32 que visa “O desenvolvimento da capacidade de aprender tendo como meio básico o pleno desenvolvimento da leitura, da escrita e do cálculo”).

Entendemos que o texto escrito é colocado no centro da vivência escolar - professor e aluno, despontando como mediador dessa relação e veículo para instigar discussões, reflexões ou novas práticas. Logo, a escola dá um enfoque especial nas atividades de leitura; essa tendência a trabalhar a leitura como uma “ação mecanizada”, descontextualizada de seu real sentido, compromete a construção de sentido e significado do texto para os alunos.

A ideia de que a leitura vai fazer um bem à criança ou ao jovem leva-nos a obrigá-los a ler, como lhes impomos à colher de remédio, à injeção, à escova de dentes, à escola. Assim, é comum o menino sentir-se coagido, tendo de submeter-se a uma avaliação, e sendo punido se não cumprir as regras do jogo que ele não definiu, nem entendeu. É a tortura e sem mar “observáveis a olho nu”, de que não nos damos conta (CUNHA, 1997 pág: 51).

Justificativa

A Escola Municipal Rio das Pedras oferece ensino de Português e produção textual para os alunos do Ensino Fundamental 2, assim como exige o currículo nacional. Levando em consideração a qualidade do ensino que queremos oferecer e levando em conta a necessidade e a importância da leitura, apresento aqui o projeto que foi aplicado na turma de 9º ano e teve como objetivo auxiliar o estímulo à leitura, proporcionando um diferencial no currículo escolar dos nossos alunos.

²⁸ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Esses alunos da turma de 9º ano apresentaram muita dificuldade de leitura, principalmente queixa da professora regente, devido aos anos de Pandemia vividos nos anos de 2020 a 2022. Este momento o qual essas crianças ficaram afastadas ou então receberam ensino a distância fez com que as mesmas seguissem os anos com grande dificuldade de leitura após o período de alfabetização que foi prejudicado por estes anos de isolamento social.

Sabemos que esta realidade com a qual passamos nestes 3 últimos anos afastou cada vez mais nossos alunos do ato de ler textos literários ou gêneros textuais diversificados. Visto que muitos desses alunos não receberam estes estímulos em casa ou de familiares. Além de competirmos cada vez mais com o uso de eletrônicos como o uso de celulares, computadores, videogames e tv. Essa falta de estímulo para a leitura destes tipos de textos, leva os alunos a perderem ou não criarem interesse pela leitura, e como consequência, aparecem dificuldades marcantes quando solicitamos que realizem uma produção de texto ou expressem sua opinião de forma clara relacionada a determinado assunto. Notamos ainda indício como vocabulário precário, reduzido, informal, dificuldade de compreensão, erros ortográficos, concordância e outras dificuldades. A turma é reduzida, com apenas 20 alunos, a escola sofreu com o esvaziamento e escassez de alunos devido às consequências da pandemia. Estão retomando aos poucos a consciência da comunidade local quanto a importância e o dever cívico de deixar as crianças irem à escola, visto que é um direito delas terem acesso à educação.

Diante desta realidade, colocamos em prática este projeto no objetivo de resgatar o valor da leitura, levando os alunos a vivenciarem experiências que proporcionaram e solidificaram os conhecimentos significativos de seu processo de aprendizagem, desta forma conseguir despertar nos alunos o gosto e o amor aos livros, estimulando o hábito de leitura. Essa atividade é fundamental, pois é através dela que pesquisamos, retiramos a ideia principal do texto, aprendemos a utilizar a criticidade em nossas respostas e argumentos, aprendemos a nos posicionar diante as situações cotidianas.

Objetivos

Geral

Incentivar e estimular o prazer e o interesse pelo mundo da leitura, levando-os a perceberem as imensas possibilidades de um texto e tudo que nele está contido de conhecimento, sabedoria e informação. Além de diminuir a evasão escolar e o analfabetismo funcional na escola.

Específicos

- Possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens;
- Facilitar o acesso ao acervo literário da escola, as revistas e aos jornais locais;
- Diversificar o repertório de leituras;
- Propiciar práticas de leitura numa perspectiva lúdica e interdisciplinar;

Fundamentação teórica

É importante evidenciar para as crianças as razões pelas quais as pessoas escrevem, tanto por prazer como para aprender, sendo importante ler diferentes textos desde cedo. Auxiliá-los nas leituras dos textos (de todos os gêneros como literários e informativos) e fazendo a relação com a experiência pessoal do aluno deveria ser presente no ensino na sala de aula. Nas salas de aulas usam de estratégias e técnicas diversas para a aprendizagem e compreensão, esta que resulta na interação entre o texto e o modelo mental do leitor. Ainda, é preciso considerar os aspectos intrínsecos (vocabulário, sintaxe, estrutura) e os conhecimentos que requerem do leitor, de seu modelo cognitivo, seu conhecimento do mundo, do tópico de leitura e o domínio do conhecimento.

“É ser do aluno um interlocutor ou mediador entre o objeto de estudos (no caso, o texto) e a aprendizagem que se vai concretizando nas atividades de sala de aula. Cada um sendo um outro, portanto uma possível medida, o confronto dos pontos de vista da sala de aula um lugar de produção de sentidos.” (GERALDI, 1991)

No ato de leitura descobrisse como se está próximo das outras pessoas, criando-se um círculo de pertencimento mais amplo, que se estende para além do parentesco, da localidade, da etnicidade. A literatura permite, além da apropriação da língua, uma abstração das experiências vividas, afinal, quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo. Conhecer a literatura é importante para a construção de si mesmo, para o autoconhecimento e para a identidade, especialmente na adolescência. A partir da literatura, podemos humanizar o outro, pois, diferentemente das narrativas históricas, que falam de pessoas anônimas ou de números abstratos, os textos literários nomeiam uma personagem singular, provocando a identificação e emocionando o leitor.

Em “Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva”, Michele Petit argumenta que a leitura, por permitir um distanciamento, uma descontextualização da realidade concreta, pode estimular o senso crítico e ainda proporcionar um espaço para a reflexão, com abertura a novas possibilidades acerca do viver. Pela literatura, podemos nomear estados psicológicos até então desconhecidos e conhecer lados obscuros, ambivalências e contradições do ser humano. Assim, o leitor transforma o texto e é transformado por ele, pois “opera um trabalho produtivo”, entendido como reescrita. Na leitura, é possível alterar os sentidos, distorcer, reempregar e introduzir variantes. Acrescenta, porém, que “[...] também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca onde isso poderá levá-lo” (PETIT, p. 28-29)

Metodologia

A aplicação da metodologia deste projeto, começou ao entendermos que os alunos não tinham muito convívio e familiaridades com os textos literários e livrinhos de historinhas que os mesmos ganhavam na escola. Então, para iniciar a familiarização com o mundo da leitura, visitamos a biblioteca da escola. Todos os alunos juntos, ensinando-os como se comportar, como funciona a biblioteca, como encontrar os livros e textos que gostariam de conhecer.

Com isso, cada aluno saiu da biblioteca com o seu livrinho, e antes que o lerem os textos, propus que escrevessem em seu caderno sobre qual a hipótese deles a respeito do que se tratava aquele livro, o que contava, quem eram os personagens. Que trabalhassem com a imaginação antes de ler e entender sobre a história.

Nas aulas seguintes, partimos para a leitura e reflexão, com todos os alunos em forma de rodinha para conversa informal, fazendo assim uma troca de ideias, análise de conhecimento prévios e adquiridos ali durante a leitura de cada livrinho. Fizemos assim a leitura dos 20 livrinhos de história propostos por cada aluno, dos que puderam escolher individualmente na biblioteca, para descobrirem o que mais agradava a eles. Todos os alunos puderam escolher, ler e vivenciar a experiência de escolher seu próprio livro na biblioteca, foi proposto que cada um lê-se uma parte de cada livro em voz alta junto a turma, e que pudessem compartilhar seus pensamentos e gosto a respeito da leitura que foi feita anteriormente.

Desenvolvimento

1º Dia: Ida à biblioteca

- Ida da turma na biblioteca da escola;
- Compreender o código social, regras e organização da biblioteca;

- Escolha de um livro de sua escolha, o qual seria lido por toda a turma;

2ª Dia: Produção de hipóteses sobre o que seria a narrativa do livro escolhido

- Todos os alunos escreveram em seus cadernos sobre o que achavam que tratava o livro que escolheram
- Criaram hipóteses e textos sobre suas próprias opiniões

3º Dia: Leitura em Roda

- Organização da turma em roda;
- Leitura de 3 livrinhos que os alunos escolheram na biblioteca;
- Cada aluno leu uma parte da história;
- Debate sobre o que acharam da história;
- E se o livro de fato falava sobre o que eles achavam que se tratava.

4º Dia: Leitura em Roda

- Organização da turma em roda;
- Leitura de 3 livrinhos que os alunos escolheram na biblioteca;
- Cada aluno leu uma parte da história;
- Debate sobre o que acharam da história;
- E se o livro de fato falava sobre o que eles achavam que se tratava.

5º Dia: Leitura em Roda

- Organização da turma em roda;
- Leitura de 4 livrinhos que os alunos escolheram na biblioteca;
- Cada aluno leu uma parte da história;
- Debate sobre o que acharam da história;
- E se o livro de fato falava sobre o que eles achavam que se tratava.

6º Dia: Leitura em Roda

- Organização da turma em roda;
- Leitura de 2 livrinhos que os alunos escolheram na biblioteca;
- Cada aluno leu uma parte da história;
- Debate sobre o que acharam da história;
- E se o livro de fato falava sobre o que eles achavam que se tratava.

7º Dia: Leitura em Roda

- Organização da turma em roda;
- Leitura de 3 livrinhos que os alunos escolheram na biblioteca;
- Cada aluno leu uma parte da história;
- Debate sobre o que acharam da história;
- E se o livro de fato falava sobre o que eles achavam que se tratava.

8º Dia: Leitura em Roda

- Organização da turma em roda;
- Leitura de 2 livrinhos que os alunos escolheram na biblioteca;
- Cada aluno leu uma parte da história;

- Debate sobre o que acharam da história;
- E se o livro de fato falava sobre o que eles achavam que se tratava.

9º Dia: Leitura em Roda

- Organização da turma em roda;
- Leitura de 3 livrinhos que os alunos escolheram na biblioteca;
- Cada aluno leu uma parte da história;
- Debate sobre o que acharam da história;
- E se o livro de fato falava sobre o que eles achavam que se tratava.

10º Dia: Produção textual

- Cada aluno produziu uma redação contando qual das histórias mais gostou.

Referências

FREIRE, P. A importância do ato de ler. 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GERALDI, J.W. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2001.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 1997.

GERALDI, João Wanderley. Porto de Passagem. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PETTI, Michele. “O que está em jogo na leitura hoje em dia”. In: _____ Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008.

O TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA ATRAVÉS DO LIVRO *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS.

Luiza Mathias de Lima Maia²⁹

Apresentação

É muito comum encontrarmos dentro da sala de aula, principalmente em aulas de Língua Portuguesa o preconceito linguístico, que segundo Marcos Bagno (2002), é a rejeição às variedades linguísticas de menor prestígio. Normalmente, isso acontece tanto por parte do professor, quanto por parte do aluno, que ao se deparar com outro colega falando de forma oposta ao que confere a norma culta, faz comentários desrespeitosos, ridicularizando-o. Enquanto o docente aponta a forma “correta” de falar, mostrando ao aluno que ele só deve considerar digna a forma sugerida pela norma padrão. Diante da falta de trabalho com a variação linguística no espaço escolar, é recorrente observarmos três consequências: a exclusão da bagagem do aluno, a instauração da norma padrão como única aceita e a promoção de dificuldade pelos alunos quanto à interpretação textual. Muitas vezes, os alunos terminam o ensino básico sem uma noção clara de como se portar frente a determinados gêneros textuais, desconsiderando que cada gênero foi criado para passar uma informação dentro de uma situação comunicativa, e que nem sempre serão formados a partir de uma linguagem formal. Entretanto, é importante salientar que este projeto não tem como foco deslegitimar a gramática normativa, mas sim desfazer a confusão que muitas vezes é criada, entre língua e gramática e desconstruir o preconceito linguístico.

Caracterização da Escola

Esse projeto foi pensado a partir das diferentes realidades presentes na grande parte das escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, em especial no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC), colégio estadual, localizado no bairro de São Domingos, na cidade de Niterói, que tem como prática de ensino o curso normal, a de formação de professores. Diante da pandemia de Covid-19, as escolas precisaram adotar o ensino remoto, que só escancarou mais a desigualdade social latente na sociedade em que vivemos, a grande parte dos discentes de escolas públicas, estão expostos à condições de vulnerabilidade social e não conseguiram acompanhar o ensino online, o que propiciou uma defasagem durante esse período. Com a chegada das vacinas foi possível retornar presencialmente e através da atuação do estágio supervisionado, em turmas do 7º ano do ensino fundamental, foram observados o distanciamento e a dificuldade dos alunos com a leitura e as práticas literárias. Além disso, também foi notório perceber que por os alunos serem oriundos de distintas condições sociais, apresentam diferentes formas de se expressar e muitas vezes, são alvo de preconceitos variados, inclusive do linguístico. *Possenti (2018)* afirma que desconsiderar a cultura do alunado é um crime imperdoável. Isso demonstra a importância de trabalhar com as variações existentes numa língua, mas é pertinente lembrar que a escola tem o dever de ensinar a norma padrão, já que segundo *Possenti (1999, p. 18)*,

“a escola tem o dever de ensinar a norma culta para que o aluno possa expressar-se de acordo com as exigências e convenções das diversas circunstâncias sociais, pois é direito elementar do indivíduo ter acesso aos bens culturais, nos quais se incluem o padrão linguístico.” (apud TEIXEIRA, 2011, p. 155)

²⁹ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Perante a observação e as considerações atestadas durante o período de estágio, o projeto destina-se a trabalhar as variações linguísticas através da literatura brasileira, em especial com o livro *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, da autora Carolina Maria de Jesus, que possui uma linguagem marginalizada pela norma padrão e durante um tempo foi uma literatura excluída e desclassificada por conta disso. Portanto, a prática de ensino desenvolvida teve como finalidade ressaltar que a escola deve ensinar a norma padrão, não como sinônimo de tomá-la como única correta, mas levando em consideração o conhecimento que o aluno possui de sua língua materna, apresentando para ele que não existem erros e sim variações. Expondo diferentes exemplos de gêneros textuais, a fim de elucidar como a linguagem é multifacetada e que ela se apresenta dentro de diferentes textos a partir da escolha dos interlocutores, pensando na sua funcionalidade na construção de sentido.

Fundamentação teórica

Para desenvolver o trabalho com a variação linguística na sala de aula, foi utilizada como base teórica a sociolinguística que é o ramo da linguística que investiga as relações entre língua e sociedade, com o objetivo de investigar os principais fatores que influenciam a variação linguística. Segundo *William Labov*, a língua não é homogênea como afirmavam as pesquisas estruturalistas e gerativistas, na verdade a língua segue um princípio heterogêneo, e dentro da própria língua temos um núcleo duro (homogêneo) e as regras variáveis (núcleo flexível), isto é, a língua possui um caráter multifacetado e adaptável. Com isso, podemos ter as chamadas variantes linguísticas. Uma mesma língua pode variar de acordo com a localização geográfica (variação diatópica), pode variar de acordo com aspectos sociais (variação diafásica), ou pode variar de acordo com a convivência entre os grupos sociais (variação diastrática). Diante desses três tipos de variação, podem ser analisados fenômenos fonológicos, morfossintáticos e lexicais. No nível fonológico, teremos uma variação na pronúncia, isto é, uma palavra pode ser pronunciada de maneiras diferentes dependendo da região ou da situação comunicativa no qual o falante se encontra.

Nas variantes morfossintáticas há características morfológicas e sintáticas juntas, ou seja, na estrutura argumental o indivíduo ao falar pode apagar ou alterar algum morfema da palavra. E por fim, no nível lexical, diferentes palavras para se referir à mesma coisa, sem mudar o seu sentido, que são os de usos mais comuns em cada região do país. Pensar na variação linguística dentro de sala de aula é de suma importância e isso demonstra que a língua não constitui um núcleo duro, pelo contrário, além dos alunos compreenderem as variações existentes, eles também podem entender que a língua é passível de mudanças significativas ao longo do tempo. Por isso, trabalhar apenas com a abordagem prescritiva da gramática não é eficaz no ensino da língua materna.

Ao tratar desse tema, é necessário conscientizar os estudantes que a língua é utilizada como um mecanismo de poder dentro da nossa sociedade, Michael Foucault, em seu livro, *A Ordem do Discurso*, trata desse tópico e levanta as seguintes questões: Quem fala? O que fala? Para quem se fala? Todos esses questionamentos são de extrema importância para análise da credibilidade de um discurso. Ele traz a hipótese, de que a partir da autoridade do discurso, temos autoridades sociais, com isso, o sujeito que domina o discurso, domina todos os mecanismos de poder, inclusive os indivíduos pertencentes a essa sociedade.

“Existe, creio, um terceiro grupo de procedimentos que permitem o controle dos discursos. Não se trata desta vez de dominar os poderes que eles detêm, nem de exorcizar os acasos do seu aparecimento; trata-se de determinar as condições do seu emprego, de impor aos indivíduos que os proferem um certo número de regras e de não permitir, desse modo, que toda a gente tenha acesso a eles. Rarefação, agora, dos sujeitos falantes; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer certas exigências, ou se não estiver, à partida, qualificado para o fazer. Mais precisamente: as regiões do discurso não estão todas igualmente abertas e penetráveis; algumas estão muito bem defendidas (são diferenciadas e são ‘diferenciantes’), enquanto outras parecem abertas a todos os ventos e

parecem estar colocadas à disposição de cada sujeito falante sem restrições prévias.” (FOCAULT, 1970, p. 13).

É interessante observar a data da publicação do livro de *Foucault*, momento em que veremos que esse debate acerca do poder da língua dentro de uma sociedade é antigo e de extrema relevância, visto que hoje em dia ainda se faz necessário que o tema seja abordado com tanto afincio.

“Tratar da língua é tratar de um tema político, já que também é tratar de seres humanos”. (Marcos Bagno, 2002, p. 9). Como já muito bem explicado por Marcos Bagno (2022), em seu livro: *Preconceito linguístico, o que é, como se faz*, o preconceito linguístico está ligado à fusão que foi criada entre língua e gramática. A língua advém da linguagem, e é toda forma que o ser humano usa para se comunicar, através de um sistema convencionado e utilizado por grupos dentro de uma sociedade. A gramática pode ser definida por regras estabelecidas no uso de uma língua. Essa confusão é a principal responsável por fomentar o preconceito linguístico, que é reforçado diariamente por muitos estratos da sociedade, em programas de rádio, televisão, colunas de jornais, revistas, que pretendem o tempo todo ensinar o que é “certo” e “errado”, e principalmente os instrumentos tradicionais de ensino: a gramática normativa e os livros didáticos.

É equivocado pensar que a língua portuguesa falada no Brasil é uma unidade única para todos os brasileiros, um país com tanta diversificação, em sua geografia, economia e principalmente em graus de escolarização, não se pode achar que todos vão falar o mesmo português. Infelizmente vivemos em um país em que a educação ainda é um privilégio, em que muitos não têm acesso e por isso, uma quantidade significativa da população permanece à margem do domínio de uma norma culta.

O preconceito linguístico não se faz presente apenas em determinadas classes sociais, mas também em determinadas regiões do país. O Nordeste é um dos estados que mais sofre esse tipo de discriminação. A forma como as falas nordestinas são tratadas, por exemplo, nas novelas ou em qualquer programa de televisão, os personagens nordestinos possuem sempre um estereótipo atrasado, rústico, roceiro, criado para provocar escárnio, humor. O papel de um profissional de Letras é o de conscientizar cada vez mais, todo falante nativo da língua portuguesa. Difundir a ideia de que não existe erro de português, existem variações de uso em relação à proposta da gramática normativa. Toda língua muda e varia, hoje o que é visto como "certo" já foi um "erro" no passado, e conseqüentemente o que é considerado "errado", no futuro pode ser o "certo". Como Marcos Bagno expõe em seu livro, ensinar bem é ensinar para o bem, respeitando o conhecimento intuitivo do aluno, reconhecer na língua que ele fala, sua identidade como ser humano, afinal, falar de língua é também falar de política.

No que confere à escolha de uma obra literária como o principal objeto de estudo do presente projeto, as ideias aqui defendidas vão de encontro com o texto *O Direito à Literatura*, de Antonio Candido, em que o autor questiona o que é considerado como necessidade na aplicação dos direitos humanos às pessoas mais vulneráveis. Há uma diferença entre prioridade e necessidade, é inegável que os indivíduos desamparados socialmente, precisam em um primeiro momento de condições vitais de sobrevivência, alimentação, moradia, condições de higiene, segurança, que podem ser entendidas como prioridade. Mas essas pessoas também necessitam de cultura, de acesso à educação gratuita e de qualidade, parafraseando a música *Comida*, consagrada na voz do grupo musical Titãs “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte.” Portanto, é essencial incluir cultura, arte, literatura, no processo de direitos básicos de qualquer cidadão. De acordo com Antonio Candido (2011):

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisa predominante. (p. 177-178)

O acesso à literatura e as práticas literárias precisam ser utilizadas como um importante mecanismo no processo de ensino e aprendizagem, pensando em uma formação crítica, ampla e democrática. Se esse contato não ocorrer no ambiente escolar, dificilmente ele ocorrerá fora da escola. Por isso, é importante que os alunos sejam estimulados a ler, questionar, problematizar, e se apropriar da leitura como um recurso valioso de adquirir conhecimento. Ainda no texto, o autor defende a literatura como um processo de humanização, segundo Antonio Candido (2011):

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivo e aberto para a natureza, a sociedade, o semelhante. (p. 182)

Além de utilizar as práticas literárias no processo de absorção de conhecimento e desenvolvimento de senso crítico, a leitura e as obras literárias também são fundamentais no aprimoramento da humanidade de todos os seres humanos, por que ela, na maioria das vezes, dá conta de competências humanizadas que a vida por si só não consegue dar. Pensando em um ambiente escolar, com turmas do 7º ano do ensino fundamental, pré-adolescentes, em sua maioria com 12 e 13 anos, é importante considerar que essa é uma geração totalmente influenciada pela internet e redes sociais. Que apesar de terem muitos benefícios, promovem conceitos extremamente fúteis e individualistas. Então a literatura e a leitura devem ser usadas na inserção de conceitos e valores importantes, para que esses jovens desenvolvam cada vez mais consciência social, empatia, senso crítico.

As ideias aqui defendidas também irão de encontro com as concepções adotadas no texto *Modelos de Letramento Literário e Ensino da Literatura: Problemas e Perspectivas*, da autora Mirian Hisae Yaegashi Zappone, em que a autora expõe diferentes métodos de letramento que podem ser utilizados em benefício do ensino de literatura. Segundo Zappone (2008):

Entretanto, esses textos não são únicos suportes para o literário. Se o letramento literário pressupõe práticas que usam a escrita literária, pensada como um gênero de discurso que pressupõe a ficcionalidade como traço principal, é possível observar letramento literário em inúmeros outros espaços que não apenas a escola. Assim, constituem práticas de letramento literário a audiência de novelas, séries, filmes televisivos, o próprio cinema, em alguns casos a internet, a contação de histórias populares, de anedotas etc. (p. 53)

Retornando ao que foi dito anteriormente, sobre a forte interferência que a internet e as redes sociais têm no corpo discente contemporâneo, é necessário viabilizar formas de letramento além das tradicionais, tendo em vista que focar só na forma tradicional pode afastar o interesse dos alunos para o ensino de literatura. É imprescindível desconstruir a concepção de que ler é chato, maçante, principalmente no que tange a determinados gêneros textuais, como poemas, por exemplo. Para isso,

devem-se utilizar formas de letramento que atraíam a propensão dos alunos e que se aproximem do cotidiano deles.

A escolha da obra literária a ser trabalhada no projeto, *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, da autora Carolina Maria de Jesus, foi escolhida com o propósito de apresentar aos alunos uma das maiores escritoras da literatura brasileira que foi na maioria das vezes boicotada por ser negra, pobre, favelada e escrever de forma distinta da norma padrão da língua portuguesa. Além de toda riqueza literária, cultural e social que esse livro apresenta, acredito que ele seja perfeito para explorar o tema do preconceito linguístico. Segundo Edmilson de Almeida Pereira (2017):

A mão de Carolina fere a sintaxe. Tanto engenho em sua arte mas livro após livro insistem em falar sobre o lixo e a coragem de uma estranha que escreve, apesar do cânone. Apesar da fome e dos bichos que servem ao escritor-pose para dizer -“é o caos”. Apesar da entrada de serviço, do país e da sífilis. Apesar de a mão contesta o esquecimento. Quem a ler, leia sob o impacto dos nervos, leia-se: preparado para o desvio que faz os vivos. - A mão que suporta o verbo não deveria ceder ao comércio. Espera-se dela, ontem e agora, algo mais que receber prêmios. A mão Carolina escreve em acusação sem volta. (p. 45)

Descrição da experiência

A metodologia foi pensada para ser executada em oito encontros, o que totalizou aproximadamente dois meses. O primeiro mês foi voltado para os conteúdos curriculares a serem trabalhados em sala de aula, como os conceitos de Língua e Linguagem, tais como linguagem verbal, não verbal, as diferenças entre linguagem culta e coloquial, as características da língua falada e da língua escrita. No segundo encontro foi abordado o material de variação linguística, o que é, quais são os tipos, a história da formação da língua portuguesa e o preconceito linguístico. No terceiro encontro foi exposto o conceito de gêneros textuais, os principais gêneros, as diferenças, características, tendo como foco o gênero textual do livro a ser utilizado como objeto de estudo do projeto, o diário.

No último encontro dessa primeira etapa da aplicação da prática de ensino, foi ministrada uma aula apresentando a autora Carolina Maria de Jesus, sua biografia, suas obras, a representatividade que ela ocupa como mulher, negra e periférica sendo escritora de literatura brasileira, o boicote que ela sofre por isso, e a importância de lermos seus livros. A segunda etapa da execução do projeto, também foi dividida em quatro encontros, em que foi feita uma oficina de leitura do livro *Quarto de Despejo*. Por ser um diário, o livro não necessita de uma ordem cronológica para seu entendimento, portanto foram escolhidos alguns textos para serem lidos. Por serem textos curtos, foi possível a realização de cópias para as turmas.

A biblioteca da escola possui o livro em seu acervo, mas não em quantidade suficiente para que os alunos possam todos fazer o empréstimo ao mesmo tempo. A oficina de leitura tem como objetivo realizar uma leitura dinâmica do escrito, promovendo sempre o debate acerca do que está sendo lido, reflexões e problematizações, tendo como foco os temas da variação linguística, do preconceito linguístico e o atrelamento que estes têm com a desigualdade social. Estimulando sempre que os alunos tragam para o debate na sala de aula, outros textos, outras formas de letramento que eles tenham contato, que dialoguem com a temática que foi explorada, tais como outros livros, letras de música, filmes, etc.

Avaliação dos resultados

Durante os períodos de estágio, ao longo das disciplinas de Pesquisa e Prática de Ensino, foram observados alguns pontos importantes, entre eles, a necessidade de desconstruir o preconceito linguístico, sem desvalorizar a norma culta, mas sim, fazendo com que os alunos entendam que existem diferentes formas de linguagem para cada contexto comunicativo. Foi possível observar que muitas vezes esse tópico é visto de forma muito breve, na tentativa de conseguir abranger todo o conteúdo previsto a ser ministrado, e acaba não tendo um aproveitamento maior do tema, que pode e deve ser debatido nas salas de aula da educação básica, e como foi mostrado no presente escrito, em alguns casos, pode ser difundido através de uma obra literária, filmes ou músicas, havendo uma abordagem multidisciplinar e intertextual que dialoguem com o assunto.

Considerações finais

O ensino de literatura brasileira deve estar presente na educação básica, a leitura e os livros precisam fazer parte da formação dos estudantes, principalmente nas atuais e futuras gerações que contam com a presença tão forte da tecnologia, e muitas das vezes acabam desviando esse interesse na leitura. A experiência vivida através do estágio foi de extrema importância para minha formação docente, por meio dela, pude observar, entender e problematizar muitos pontos presentes no dia a dia da sala de aula. Também possibilitou a quebra da teoria, que até então vemos na academia, para de fato a imersão na prática, adentrar no cotidiano de uma escola pública, compreender as habilidades necessárias para driblar os desafios do processo de ensino e aprendizagem.

Referências

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 12ª edição. São Paulo: Editora Loyola, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- DE JESUS, Carolina. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. Edição Comemorativa. São Paulo: Editora Ática, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Paris: Editora Gallimard, 1971.
- LABOV, William. **Sociolinguistic pattern**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- PEREIRA, Edmilson. **E. São Paulo**. Editora Patuá, 2017.
- ZAPPONE, Mirian. **MODELOS DE LETRAMENTO LITERÁRIO E ENSINO DA LITERATURA: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS**. Revista Teoria e Prática da Educação, v. 11, n. 1, p. 49-60, 2008.

RELATO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO LITERATURA EM SALA DE AULA

Rayane Santos³⁰

Introdução

Este relatório compõe o conjunto de atividades de observação de estágio em unidade escolar da educação básica, como parte das atribuições da disciplina Pesquisa e Prática Educativa – Letras – UFF.

Os relatos surgem a partir de experiências vivenciadas durante o período de estágio obrigatório no primeiro semestre de 2023, realizado no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho. Na oportunidade, fui residente pedagógica da disciplina de Português para três turmas de 3º ano do ensino médio.

A partir dessa experiência, tive acesso ao conteúdo das aulas, à metodologia utilizada pela professora e também, a responsabilidade de auxiliar os discentes na leitura de textos literários e também na produção textual.

Por se tratar do último ano do ensino médio e com a aproximação da realização das provas de vestibulares, comumente o professor dedica às aulas de Literatura, o trabalho com escolas literárias e alguns textos pertinentes nas provas de vestibular. Nessa experiência de estágio, foram trabalhadas as três fases do modernismo e alguns autores de destaque como Oswald de Andrade, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Rachel de Queiroz e outros.

Ademais, a professora propôs em algumas de suas aulas, diversas leituras de textos literários para que os alunos pudessem, a partir das leituras, refletir sobre a produção literária do período modernista e os impactos dessa literatura na sociedade da época.

Em princípio, levantava-se uma discussão sobre o texto escolhido, ocasionando uma interação e despertando debates que permeavam as temáticas da obra.

Entretanto, o engajamento dos alunos nos debates não alcançava a produção dos textos produzidos por eles. Nas discussões realizadas oralmente, o engajamento era muito maior do que o percentual de indivíduos que entregavam os textos produzidos.

Em suma, a insuficiência de aulas expositivas, devido à necessidade de abordagem de outros conteúdos que não só o literário, com a finalidade de orientar os estudantes acerca de produções textuais, não só do gênero poético, mas também de outros gêneros, provocou um bloqueio em relação à escrita e não proporcionou condições para que o aluno pudesse ser capaz de expor seus pensamentos em forma de textos literários.

Desse modo, a necessidade de aplicação de aulas que incentivem a produção escrita do aluno, constitui-se imprescindível não só no ensino médio, mas desde o ensino fundamental, para que o aluno estimule a sua criatividade e a sua capacidade de reflexão. Bem como, exercitar o desenvolvimento da sua escrita no âmbito das tipologias dos gêneros textuais.

³⁰ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Para tanto, observa-se a necessidade de incentivo à leitura de diferentes textos e à produção textual em diferentes estilos e gêneros.

Além disso, também é preciso que o ensino de literatura alcance a troca de experiências entre os alunos, o incentivo a pesquisas externas ao ambiente escolar para obtenção de repertório sobre o conteúdo, a aproximação e desenvolvimento de uma boa qualidade de escrita desde o ensino fundamental, de tal forma que o indivíduo possa expandir o seu vocabulário, o seu senso crítico e desenvolver habilidades de compreensão literária com uma maior profundidade de leitura.

No âmbito dos objetivos mais específicos, pensar o ensino de literatura implica uma apresentação de aulas que fujam do cotidiano dos alunos e proporcionem maior engajamento e participação nas aulas. Espera-se também que a produção de textos contemple o maior número possível de alunos, visando ao desenvolvimento da turma como um todo, mesmo que eles não estejam na mesma categoria de leitura e escrita de outros colegas.

Dessa maneira, o objetivo é proporcionar a uma turma homogênea as mesmas condições de aprendizagem sem segregação e dentro do possível uma dedicação mais assídua aos casos que necessitam de maior atenção.

Fundamentação teórica

A percepção das problemáticas em sala de aula provém não só da observação do comportamento dos alunos, mas também da leitura e discussão de textos críticos ao longo do curso de graduação.

Questionar o ensino tradicional não significa desconsiderá-lo, mas sim identificar suas falhas e buscar alternativas para que novos métodos e novas propostas de ensino de conteúdo sejam aplicados, visando à melhoria da qualidade de tal ensino. Tal afirmação pode ser validada conforme Percival Britto:

(...) a questão da transformação das práticas, métodos e conteúdos escolares está em pauta desde que a escola deixou de ser, no plano do embate político, ainda que não de fato, um privilégio de um segmento social para se tornar um direito de todos.

Interessa-nos, particularmente, identificar um tipo particular de reflexão: aquele que tendo surgido no interior da universidade, particularmente nos institutos e faculdades de língua e de pedagogia de alguns centros, constrói uma concepção de linguagem e de ensino alternativa à tradicional. (BRITTO, Luiz Percival Leme. *A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical*. 1997. p.175.)

Dessa forma, ao identificar a problemática da falta de estrutura textual nos textos produzidos pelos alunos, a proposta de métodos diferentes dos aplicados atualmente devem ser frequentes e não universais. A relação ensino aprendizagem não deve ser vista como uma esfera imutável, ao passo que a educação acontece com uma sociedade em movimento.

Especificamente no ensino de língua, o objeto de estudo é um objeto vivo, a língua se modifica constantemente e o ensino desta deve ser revisto e questionado de acordo a necessidade.

No que tange à produção textual, Percival Britto adiciona ainda em sua tese que

(...) Cria este autor que a dificuldade de escrever dos alunos advinha do "próprio sistema escolar que amedronta e inibe o aprendiz" (Meserani, 1989: III). Propunha, então, uma metodologia em que se valorizasse a fluência e a desinibição do ato de escrever, através de estímulos apropriados e uma nova

postura do professor. (BRITTO, Luiz Percival Leme. A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical. 1997. p.177).

Projetar um circuito de produções textuais é uma tentativa de estimular a produção escrita do aluno, de maneira que em um momento específico o foco das aulas será na sua criatividade e capacidade de desenvolvimento intelectual.

Para Ângela Kleiman, em seu texto **Preciso "ensinar" o letramento?**: "Os projetos não precisam ser sempre ambiciosos e abrangentes (...) Podem ser realizados projetos da turma, com base nas descobertas do professor sobre o que movimenta sua turma." (KLEIMAN, 2005, p. 55)

Do ponto de vista de espectador dos alunos, foi observado que a maior dificuldade das turmas era a de transportar suas ideias e o seu conhecimento da oralidade para a escrita, de forma a contemplar as características dos gêneros textuais e as normativas ortográficas.

Dessa forma, a problemática se configura diante da deficiência de uma relação de complementação. A leitura e a escrita não deveriam ser aplicadas como esferas de estudos distintas, pois o processo de letramento acontece a partir da prática simultânea das duas áreas do conhecimento.

Para tanto, o processo de ensino de língua deve compreender, concomitantemente, a prática de leitura, a produção escrita e a validação dos conhecimentos de mundo do aluno.

Dessa maneira, em uma aula expositiva no processo de letramento, o professor deve sistematizar etapas adequadas para construir interativamente os conceitos de um novo gênero.

Nessa síntese, devem-se incluir questões que resgatem ou ativem o conhecimento prévio do aluno, questões de leitura que estimulem o pensamento crítico desse aluno e questões que contemplem os direcionamentos para uma produção escrita, com a finalidade de exercitar os conhecimentos linguísticos e críticos do discente. Sobre essa afirmação, Kleiman acrescenta

Nas práticas letradas da sala de aula, as relações de complementação e sobreposição parcial entre fala e escrita são muito evidentes. Na aula de leitura, por exemplo, o professor faz perguntas antes, durante e depois da leitura, com a finalidade de ajudar a construir um sentido ou de introduzir um novo gênero. Em outras palavras, ele fala e, ao fazer isso, mobiliza seus conhecimentos, experiências e recursos da oralidade (como fazer perguntas adequadas ao público, ao assunto, aos objetivos da atividade) e do letramento (como ler um conto). É importante lembrar que ele faz isso com a finalidade de ensinar os diversos elementos de um novo sistema de signos e de significados em construção pelos alunos: a língua escrita. A aquisição e o domínio dessa modalidade de se comunicar é que permitirão que os alunos participem, cada vez com mais capacidades de ação, das práticas de letramento da sua família (e da sua comunidade), como ler a Bíblia, consultar o dicionário, copiar uma receita num caderno especial para receitas, ler o jornal, conversar, na hora da refeição ou de lazer, sobre livros e outros assuntos lidos. Nas atividades fora da escola, a mobilização dos dois sistemas semióticos — o da língua escrita e o da língua falada — também é comum. (KLEIMAN, A. B. Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? 2005. p. 44-45.)

Para formar um indivíduo com boas práticas de leitura e boa capacidade de comunicação, seja na oralidade ou na escrita, é fundamental que esse indivíduo tenha um bom repertório de leitura e uma produção ativa de textos nos variados gêneros. A escola e o educador são fundamentais para que a formação do leitor se concretize, pois demanda um trabalho educativo guiado, que a mera decodificação de textos lidos individualmente não é capaz de contemplar. Quanto a esse papel fundamental de formador, Kleiman diz que

(...) o letramento implica o ensino de estratégias e capacidades adequadas aos diversos textos que circulam em outras instituições onde se concretizam as práticas sociais. O sujeito letrado passa a ter não um, mas pelo menos dois sistemas para se comunicar: o falado e o escrito. Entretanto, usará o escrito somente se for tão fluente nele como é na fala e, para tal, é preciso trabalhar abordagens, estratégias e recursos de desvendamento do texto, ensinar o processo sócio-cognitivo que está por trás da compreensão da palavra escrita. É preciso fazer isso entendendo bem como funcionam os textos. (KLEIMAN, A. B. Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? 2005. p. 56-57.)

Contudo, é necessário compreender o papel do educador no processo de letramento, bem como compreender a língua com a complexidade desse objeto de estudo. Porém, como dizia Marcuschi, "a língua é muito mais do que um sistema de estruturas fonológicas, sintáticas e lexicais. (...) A língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes (...)." (MARCUSCHI, 2008, p. 240).

Embasada na desconstrução de fragmentação do letramento, pretendi com o projeto, alcançar uma aplicação que respeitasse as etapas de leitura e escrita e de uma forma conjunta, proporcionasse uma maior compreensão dos textos, dos gêneros e do processo de produção textual, tendo como propósito a formação de indivíduos leitores e críticos, com habilidades de comunicação oral e escrita suficientemente satisfatórias para seu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Resultados

Em princípio, a participação na aplicação de aula de proposta de atividades se deu de acordo com o tempo de aula disponibilizado pela professora. Considera-se também um impacto negativo dada a presença de poucos alunos no dia da aplicação das atividades, em função da redução de frequência ocasionada pela greve. Com isso, o período de dois tempos de aula se tornou insuficiente para aprofundar a discussão sobre o gênero proposto, o que gerou bastante dúvida nos alunos.

Apesar das limitações, a professora se mostrou solícita ao alterar o seu cronograma, adaptar o seu conteúdo e disponibilizar dois tempos de aula para que as atividades fossem realizadas. Além disso, ela também se dispôs a selecionar o material didático que pudesse ser utilizado em sala.

Durante a aula expositiva, os alunos se mostraram bastante interessados em procurar possíveis características da escrita modernista e um deles chegou a justificar que a atividade parecia ser mais interessante, pois ele não precisaria decorar uma listagem de características para fazer a atividade avaliativa.

Porém, com os alunos que apresentavam dificuldades de leitura, a proposta foi questionada. Para eles, o processo de ativação do conhecimento não produziu um efeito esperado, o impasse nesses casos específicos havia sido alertado pela professora, pois esses alunos vivenciam um problema ainda mais profundo, o de baixa alfabetização.

De maneira geral, os alunos se engajaram na discussão, visto que as turmas estavam em menor número, abrindo pouca brecha para distrações em sala de aula. As conversas paralelas e o uso do celular durante a explicação aconteceram, mas de maneira discreta e sem que atrapalhasse o resto da turma.

Discutindo os textos, partiu de um aluno a curiosidade de pesquisar sobre os poemas lidos e na sua pesquisa ele descobriu que o poema "O pato" havia sido musicado. Despertando a curiosidade dos colegas que pediram para que a música fosse tocada.

Foi uma troca interessante, pois proporcionou uma interação coletiva e também a exposição de conteúdo para que, caso queiram, eles possam trabalhar os poemas na educação infantil a partir das canções disponíveis.

Já na proposta de produção escrita, houve relutância para escrever poemas. Muitos alunos alegaram que a atividade seria tediosa e questionaram a dificuldade de se escrever sem um tema pré-definido. Quanto a isso, ficou acordado com a professora que a avaliação seria feita a partir da utilização de algumas das características do gênero e, sobretudo, ao empenho do aluno em desenvolver a escrita.

Para eles foi informado que o tema poderia ser sobre o modernismo, considerando as aulas expositivas que eles tiveram sobre o gênero, ou de escolha livre. E que na escrita, eles se apegassem à licença poética do autor.

Como resultado da proposta escrita, tivemos uma produção engajada dos alunos que participaram da aula. Porém, o tempo de aula não foi o suficiente. Eles se responsabilizaram por terminar as produções em casa.

Na aula subsequente, trouxeram os poemas prontos e em alguns casos até bem caracterizados, com desenhos produzidos à mão ou imagens gráficas, pois eles sabiam que os poemas seriam lidos por outros alunos no mural.

Apesar de alguns erros ortográficos, no geral, os textos foram satisfatórios e após a montagem do mural, houve um engajamento para a leitura dos textos produzidos.

Por fim, considero que o objetivo das atividades foi alcançado. Visto que tanto a leitura quanto a produção escrita literária foi contemplada com êxito. Os alunos elogiaram a ideia do mural e principalmente, a possibilidade de se enxergar como um escritor da escola.

Espero que esse projeto tenha impactado positivamente no desenvolvimento dos alunos e que os inspire a novas atividades de leitura e escrita, para aprimorar e desenvolver novas capacidades dos alunos no que tange ao letramento.

Conclusão

Esse relatório de observação de aula e prática de ensino tem o propósito de dissertar sobre a contribuição para a prática de produção escrita dos alunos de terceiro ano do Curso Normal do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho. Bem como a contribuição na expansão do repertório, estímulos à utilização dos conhecimentos de mundo do aluno e a sua criatividade.

Partindo de uma observação, apoiei-me em teóricos especialistas em educação, nas discussões em sala de aula, ao longo do semestre, na disciplina de PPE III e também na experiência em sala de aula da professora responsável pela disciplina.

Busquei, no período de observação de aulas, entender o funcionamento das atividades e as dificuldades dos alunos, visto que ainda não possuo experiência profissional para poder me valer de experiências metodológicas vivenciadas como docente.

Apesar da inexperiência, sinto que os resultados foram positivos, apoiada na avaliação da professora e principalmente dos alunos. Estes, por sua vez, questionaram sobre a possibilidade de mais aulas interativas tal qual a que realizamos em conjunto.

No geral, os resultados foram satisfatórios e proporcionaram questionamentos pessoais acerca do que também não saiu conforme o planejado. Essas questões provocaram uma reflexão sobre o papel do professor, em diversos aspectos, inclusive no que diz respeito às inúmeras possibilidades de adaptação de ideias, em casos de imprevistos.

Ademais, considero que a experiência foi enriquecedora para os alunos que puderam aprender de uma forma diferente sobre a leitura e a escrita, sobre a importância de ter o seu texto lido e principalmente, a importância do letramento no desenvolvimento do indivíduo.

Contudo, de uma perspectiva pessoal, o projeto agregou experiências positivas ao meu processo de graduação, possibilitando um diferencial no estágio obrigatório, para além de somente a observação, poder ter a experiência de lecionar e propor atividades para turmas que também estão se formando para o ensino.

Referências bibliográficas

- BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. 1997. 262f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1584600>.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 228-279 (fragmentos).
- KLEIMAN, A. B. **Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?**. São Paulo: Unicamp, 2005. p. 5-60. Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/kleiman-nc3a3o-basta-ensinar-a-ler-e-escrever.pdf>.
- ÂNGELO, I. **O comprador de aventuras** - para gostar de ler edição 28 Editora Ática, 2000. p. 100.
- BRASIL. Ministério da Educação. SEMTEC. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEB, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio ; volume 1) Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf.

RELATO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO: AS AULAS DE LITERATURA BRASILEIRA

Sabrina Monteiro da Silva³¹

Este relato tem como objetivo apresentar observações e atividades do estágio curricular obrigatório da disciplina de Pesquisa e Prática Educativa – Letras. Assim, foram realizadas 100 horas de observação nas aulas de literatura nas turmas do 1º ano do ensino médio no Colégio Cenecista Monsenhor Antonio de Souza Gens em Rio Bonito – Rio de Janeiro. A oportunidade de poder observar e viver na prática todo o trabalho do professor de literatura foi de suma importância para a minha prática enquanto futura docente. Assim, pude analisar quem são os alunos de hoje, como eles se comportam no geral, quais são seus interesses e desinteresses. O que já posso adiantar aqui é que pude perceber o quão desafiante é demonstrar o valor da literatura e proporcionar o apreço por ela, principalmente na era digital em que vivemos.

Caracterização da escola

O colégio Cenecista Monsenhor Antonio de Souza Gens fica no município de Rio Bonito, situado na sub região-leste fluminense da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Está localizado no centro da cidade e se configura como uma instituição de ensino privada. Assim, a maior parte de sua clientela está dentro do nível socioeconômico: média classe média e alta classe média. Essa escola faz parte da Rede CNEC, que tem mais de 77 anos de atuação e competência educacional no país. Segundo seu website, tem como lema:

“Mais do que ensinar, acredita-se na educação, valorizando a formação integral do ser. A proposta pedagógica permite que o professor seja o mentor da construção do conhecimento dos alunos, respeitando seus limites e habilidades, encorajando-os à descoberta de seu projeto de vida e incentivando-os a ter o convívio com o outro em uma sociedade multicultural, compartilhando experiências e saberes.”

Atende 38 turmas, sendo estas de educação infantil, ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio. A maior parte dos educandos são filhos de donos de comércios ou empresários, salvo aqueles que ganham bolsa ou que são filhos dos próprios professores, e por isso, recebem o direito de estudar gratuitamente. Ou seja, o perfil dos estudantes e de suas famílias está enquadrado na “elite” Rio Bonitense. Já o perfil do corpo docente, por sua vez, é formado por professores mais velhos que possuem metodologias ultrapassadas, antiquadas e uma didática que não alcança os jovens alunos. No entanto, é perceptível uma tentativa de mudança no que tange ao perfil dos profissionais, visto que já se busca incluir professores mais novos e atualizados na equipe escolar.

A turma a qual relatarei aqui é o primeiro ano A (ensino médio) que possui 20 alunos com faixa etária entre 14 e 15 anos. Seu grau de participação nas atividades propostas no geral é médio.

Fundamentação teórica

Hoje, em pleno século XXI vivemos em uma era cada vez mais tecnológica, onde o digital está aos poucos tomando o lugar de boa parte do que é analógico. Isso é perceptível em todas as áreas da vida do ser humano e o contexto escolar não está à parte desse fato. Assim, os smartphones tomam um lugar significativo na vida das crianças e dos adolescentes, que têm como lazer navegar

³¹ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno d Oliveira

pelas redes sociais e não mais ler um livro, por exemplo. Mediante isso, a escola tem como grande desafio incentivar e manter o apreço pela literatura, que parece não conseguir concorrer com todas as inúmeras formas de comunicação audiovisual. O autor Benedito Antunes em seu artigo *O ensino de literatura hoje* aborda essa questão de modo a provocar uma reflexão sobre o papel da escola na difusão da literatura levando em conta outros aspectos pertinentes ao tema.

Nessa perspectiva, uma das concepções presentes no artigo que orientou a minha observação da prática de ensino proposta para o ensino de literatura na turma do primeiro ano A, está relacionado ao que Antunes escreve sobre os três tipos de abordagem crítica da obra literária. Desse modo, ao falar a respeito da uma obra literária, o professor tem a possibilidade de introduzi-la com base no autor, na obra ou no próprio leitor. Apesar de existirem essas três possibilidades, o que ocorre nas salas de aula hoje, ainda são análises dos livros com foco na relação autor-história ou na análise técnico-formal do texto. O resultado disso são aulas de literatura cada vez mais tediosas e sem significância para os alunos, que precisam decorar todo o contexto histórico em que a obra foi escrita e a intencionalidade do autor para responder as questões de interpretação de forma correta. Ainda no artigo, Antunes expõe acerca do que o filósofo Tzvetan Todorov escreve em um livro onde o mesmo defende a literatura e afirma que ela está ameaçada justamente por causa da escola, pois já “não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos” (2009, p. 27).

Além disso, também relata o que Todorov diz que é sim importante que o aluno aprenda sobre os fatos da história da obra, do seu autor, o contexto social da época e tenha contato com algumas análises críticas estruturais. Contudo, isso não deve substituir a busca pelo sentido da obra interpretado pelos próprios alunos:

A análise das obras feita na escola não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura, quando, então os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos (TODOROV, 2009, p. 89).

Nesse sentido, pude observar na prática que essa problemática a respeito do ensino da literatura com foco no autor ou na história que o permeia, ainda está presente no contexto da sala de aula e como isso interfere sim no desinteresse dos estudantes sobre esse tema.

Descrição da experiência

Baseada nas minhas observações e nas trocas de diálogos entre mim e o professor supervisor de campo nas horas cumpridas, pude analisar que o objetivo didático das aulas de literatura era proporcionar o contato com os movimentos artísticos literários, principalmente o trovadorismo, humanismo, barroco e romantismo. Além de ter acesso, também fazer com que o aluno seja capaz de ler, interpretar o que está escrito no intuito de desenvolver uma reflexão sobre o propósito desses movimentos, o contexto social e o impacto que causava na sociedade daquela época. Na teoria, toda essa intencionalidade tinha tudo para dar certo. No entanto, a realidade da sala de aula do primeiro ano A é completamente diferente. Desse modo, o que acontecia de fato nas aulas de literatura, era que a maioria dos alunos mal prestava atenção na fala do professor. Ficavam a maior parte do tempo no celular, conversando ou fazendo qualquer outra coisa que fosse mais interessante, como pentear os cabelos e mexer nas unhas. É claro que tinham em sua minoria alunos que até gostavam, participavam e tomavam leitura, mas não chegava a um terço da turma. Talvez uma parte do motivo desse desinteresse fosse por causa da metodologia aplicada.

Assim, o material didático utilizado era a apostila que tinha um custo para os pais e não era muito barato. Por isso, o professor tinha como obrigatoriedade estar sempre usando esse material. Nessa apostila tinha todos os conteúdos do primeiro ano descritos, mostrando conceitos, como esses

conceitos apareciam na prática e questões de interpretação de textos. O interessante é que as questões de interpretação que pude analisar não levavam em consideração o que o aluno inferiu por si só sobre aquele texto, mas ele deveria interpretar da forma correta com base na intencionalidade do autor, que era exposto no texto de explicação sobre o trovadorismo, por exemplo. Tendo em vista que esse movimento da idade medieval é complexo em sua natureza tanto pela linguagem usada, quanto pelo contexto da época que está muito distante da realidade dos alunos, o resultado das notas das avaliações não poderia ser muito satisfatório. Mediante isso cheguei a ouvir um comentário de uma aluna indignada com a nota da prova, falando que não sabe pra que a literatura serve pra vida dela e que obviamente ela não usaria esse conteúdo pra nada. Essa é uma fala que é a realidade do que muitos jovens pensam a respeito da literatura e que nós, enquanto futuros educadores, precisamos refletir e pensar no que podemos fazer na nossa prática para tentar mudar essa realidade.

Avaliação dos resultados

O texto exposto na fundamentação teórica aborda uma perspectiva de introduzir os textos literários não somente com foco no autor-história, mas também com foco no leitor. Assim, explorar a fundo os recursos linguísticos e permitir que o aluno faça a sua interpretação baseada na sua experiência de mundo, segundo Antunes, pode fazer com que o estudante não se torne alheio ao processo de construção de sentido, tendo liberdade de escolha e interesse pelo texto literário. Ensinar literatura com foco no autor e na sua intencionalidade já não é o ideal no contexto em que vivemos, como pude perceber na observação do estágio. Isso incentiva os alunos a decorar sobre a interpretação correta do texto, quando eles deveriam ter o exercício de pensar e buscar suas próprias conclusões e concomitantemente, desenvolver um pensamento analítico e crítico. A consequência disso é o ensino da literatura fazer cada vez menos sentido para os alunos da atual e da próxima geração. No entanto, sabemos que essa mudança também depende do currículo dos cursos superiores para formar professores capazes de romper com esse atual paradigma.

Considerações finais

Essa observação foi de suma importância para a minha futura prática enquanto professora de literatura, pois pude refletir sobre como eu desejo levar esse conteúdo para os alunos de forma que faça sentido para eles, seguindo o caminho mostrado pelo autor exposto ao longo desse relatório. Terminei essa experiência de estágio com o coração grato pela excelente recepção da unidade escolar, bem como dos funcionários e dos alunos que aos poucos foram se achegando e me acolhendo. Em especial, agradeço ao meu professor Aroldo Magno por me proporcionar toda essa reflexão a respeito do ensino e também ao professor Rafael pela troca e pela oportunidade de observar a sua prática. Penso que tudo o que foi exposto aqui não deve ser colocado como culpa no profissional da educação, mas todo o sistema que contribuiu para isso, como sua formação no curso superior que provavelmente não levou estudos como o de Benedito Antunes para enriquecer a sua prática e também a dinâmica da unidade escolar que não permite que o professor tenha flexibilidade para inovar. Espero ser uma profissional que faça diferença e contribua para o não apagamento da literatura na vida das crianças e dos adolescentes.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Benedito. O ensino da literatura hoje. Revista Fronteira Z, São Paulo, n° 10, p.(1-17), junho de 2013.
QUEM SOMOS. Colégio Cenecista Monsenhor de Souza Gens. Disponível em: <https://colegios.cnec.br/gens/institucional> acesso em 21 de Junho de 2023.

RELATO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO A IMPORTÂNCIA DA DOCÊNCIA E SUA LUTA CONTRA A SUBSTITUIÇÃO

Stefani Maiara P. de Souza³²

Apresentação

Este relato tem como objetivo refletir acerca da experiência de Observação de Estágio oportunizada pelo PIRP - Programa Institucional de Residência Pedagógica e ocorrida no Colégio Pedro II, campus de Niterói, entre os dias 02 de Maio e 18 de Julho de 2023. A observação se deu nas aulas de Língua Portuguesa, as quais eram usadas também para trabalhar a Literatura. A reflexão acerca da importância do papel do professor na formação do estudante em meio a uma época de muitos desafios e qual a contribuição da escola nesse processo é um dos pontos a serem tratados no presente relato, juntamente com outros aprendizados adquiridos durante a observação.

Caracterização da escola

O Colégio Pedro II é uma instituição de ensino pública federal localizada no estado do Rio de Janeiro e é considerada uma escola de referência e tradição, sendo a terceira mais antiga instituição de ensino do Brasil. O campus de Niterói, no qual foi realizado o estágio aqui relatado, está situado no bairro Barreto e foi criado em 2006. Possui uma boa infraestrutura que conta com Núcleo para Atendimento a Portadores de Necessidades Específicas, nove salas de aulas regulares, Biblioteca, sete laboratórios, um auditório para cerca de 100 pessoas, uma quadra esportiva coberta e também algumas salas para atividades artísticas como música e desenho.

Não foi possível definir um perfil para os professores da instituição, pois não ocorreu contato com muitos, porém, os 2 com quem tive diálogo (um professor de História e a professora de Português/Literaturas) possuem a titulação de doutores, exercem a docência há mais de 10 anos e ainda estão ativos em núcleos de pesquisa e estudos.

A escola tem uma média de 18 turmas, sendo 9 por turno. As 3 turmas alcançadas pelo estágio (todas do 2º ano do Ensino Médio) possuíam em média 40 alunos numa faixa etária entre 16 e 18 anos. A situação socioeconômica dos alunos é diversa e a escola possui algumas bolsas para auxiliar alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica comprovada por documentação.

Por fim, analisando o grau de participação dos alunos nas aulas e nas atividades temos um resultado bastante positivo, pois a interação da maioria com as atividades curriculares foi excelente. A escola possui uma variedade de projetos extracurriculares que envolvem vários campos do conhecimento, desde o desenho, a música, a escrita até projetos de matemática e química. O envolvimento dos alunos nesses projetos é variado, pois eles escolhem de acordo com seus interesses, por isso alguns projetos possuem bem mais envolvimento do que outros. No projeto de Revista Literária sugerido pela professora de Língua Portuguesa e Literatura, 10 alunos entre as 3 turmas de 2º ano se engajaram inicialmente.

Fundamentação teórica

É sempre relevante, ao iniciar uma reflexão acerca da educação e do seu poder social, questionar-se, primeiramente, o que é de fato “educar” e qual a importância do contexto escolar nesse processo, visto que as instituições de ensino não são a única fonte de educação existente. A concepção

³² Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Freiriana de que “Educar é substantivamente formar” e “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (FREIRE, 1996, p. 16; 9) é um ótimo ponto de partida para entender a importância do papel do professor e qual o peso da educação na vida do estudante. Além disso, Soares (2001, p. 84), define as escolas como “[...] instituições às quais a sociedade delega a responsabilidade de prover as novas gerações das habilidades, conhecimentos, crenças, valores e atitudes consideradas essenciais à formação de todo e qualquer cidadão”, ou seja, temos difundida socialmente a ideia de que a escola é a instituição responsável não apenas pela educação considerada “formal”, que consiste no ensino de diversas áreas do conhecimento como a área de Exatas ou Ciências Ambientais, mas também, responsável pela educação moral e ética, essenciais à formação do indivíduo como cidadão.

Partindo do princípio anterior de que o ato de educar vai além de “treinar” ou “instruir” o aluno dentro de certas competências e tendo em mente a importância da escola nesse processo, a organização curricular das escolas e suas diretrizes se tornam elementos fundamentais para que esse ato transcendente da educação se realize com eficiência. O que se pode observar em muitas escolas do Brasil é que não basta o professor ter o conhecimento de que a educação não é uma mera ferramenta de instrução e ter o desejo de levar o ensino além, a escola em que atua também precisa ter o mesmo propósito. Infelizmente, no contexto capitalista atual no qual vivemos, a educação é tratada constantemente como mercadoria utilizada para a formação do estudante com foco em atividades trabalhistas e no mercado de produção, o que vai contra o previsto por lei, já que segundo o Art. 2º da LDB (1996), “A educação[...] tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”, ou seja, quando se utiliza da educação com intuito unicamente comercial, são deixadas de lado as finalidades voltadas para o desenvolvimento do educando e para o exercício da cidadania. A resolução dessa problemática vai muito além do alcance do professor, que constantemente tem sua didática limitada pelas diretrizes curriculares da escola.

Além disso, o professor brasileiro encontra ainda outros desafios (observados também durante a realização do estágio) que podem desmotivar o seu trabalho e sua missão de levar a educação de forma genuína aos educandos, como por exemplo, a desvalorização do ensino por parte dos próprios alunos, ponto observado no decorrer do estágio. Não iremos adentrar nos diversos fatores que levam o próprio aluno a menosprezar a papel do professor e da educação, mas, é necessário deixar claro que esse problema também colabora para aulas muito mais automáticas e não reflexivas do nosso ensino atual, que visam apenas ao técnico, pois o professor escolhe muitas vezes “não remar contra a maré” e se dobra ao sistema, configurando por fim “uma crise na qualidade do ensino”, como afirma Silvana Mesquita (2021, p. 6) em seu artigo “Ensinar para quem não quer aprender”: um dos desafios da didática e da formação de professores”, no qual analisa a ideia de “desinteresse” do aluno pelo ensino e investiga algumas de suas possíveis causas.

Diante de todos os obstáculos encontrados no campo da educação, adentramos o Ensino de Língua e Literatura, foco da observação do estágio, com grandes expectativas de ver a monotonia e o ensino omissos superados, já que a área da linguagem e literatura é uma área que possui como objeto de estudo o alicerce de toda comunicação humana, pois tendo como base a concepção de gênero do discurso bakhtiniano (BAKHTIN, 2003) entendemos que toda atividade humana está envolvida pela utilização da língua, em diferentes tipos de enunciados, que são os gêneros do discurso. Dessa forma, compreendemos que todas as relações e conflitos sociais se desenvolvem utilizando a comunicação como base e isso traz uma grande responsabilidade ao professor de Língua e Literatura. Sim, de Literatura também, pois o conhecimento literário carrega uma infinidade de conteúdo histórico, moral e ético, que irão, juntamente com o ensino da língua, auxiliar na construção cidadã do indivíduo. Além disso, Antonio Candido (1972) afirma que a Literatura possui uma função humanizadora que se desdobra no nível psicológico, educacional e desconhecimento do mundo e do ser (social), ou seja, ela é uma arte que humaniza e transforma o ser na sociedade e por isso o seu ensino possui grande importância e valor assim como o ensino de Língua.

Descrição da experiência

Na observação de estágio realizado, a Literatura encontrava o seu espaço nas aulas de Língua Portuguesa, nas quais a professora se utilizava do texto literário para tratar questões gramaticais e pertinentes à Língua, assim como a compreensão leitora do aluno.

Devido ao atraso no currículo do ano letivo da escola, que finalizou o Ano de 2022 em Fevereiro de 2023 e só iniciou as atividades do ano atual em Abril, as aulas de Literatura e Língua estavam atípicas, segundo a professora responsável, tratando ainda de alguns assuntos pendentes do 1º ano do Ensino Médio.

No primeiro trimestre ficou definido tratar em Literatura o Arcadismo, a 1ª e a 2ª geração do Romantismo (prosa) e no conteúdo de Língua Portuguesa, sintaxe do período simples e composto e produção escrita (discurso e redação). Como dito anteriormente, a professora se utilizava dos textos literários para tratar também de sintaxe, fazendo com que os conteúdos se intercrossassem. Por mais que em algumas aulas acontecesse o foco em apenas uma disciplina, era necessário mesclagem dos dois assuntos na maioria das vezes, pois não havia horas suficientes para trabalhar as disciplinas de forma intercalada. Por fim, foi possível tratar de todos os assuntos pretendidos, exceto a 2ª Geração do Romantismo.

A metodologia utilizada pela professora da turma não seguia o método tradicional de expor o conteúdo e depois avaliar os alunos através de atividades. A professora primeiramente passava a atividade (sempre com base em um texto e impressa) e dava a oportunidade dos alunos lerem e tentarem resolver as questões, e então, a sua aula ia se conduzindo através de um diálogo entre o conteúdo programado e as respostas dos estudantes. Essa forma de conduzir a aula era imensamente esclarecedora e rica, pois na minha visão dava fim ao penhasco existente entre a figura do professor “detentor do conhecimento” e o aluno, já que a visão e a leitura do aluno sobre o texto eram levadas em consideração pelo professor. Essa perspectiva de um aluno que é também possuidor de conhecimentos a transmitir foi incentivada diversas vezes durante as aulas teóricas de Pesquisa e Prática Pedagógica e observada durante a realização do estágio.

Apesar dos pontos positivos observados na didática e na metodologia da professora que devem ser elogiados, pois conseguia trazer uma aula bem esclarecedora e interativa mesmo com a sobrecarga de horas provinda do currículo apertado da instituição, ela não ficou isenta de dificuldades e problemas causados pelo uso da inteligência artificial por parte dos alunos em suas avaliações e trabalhos levados para casa. Primeiramente aconteceu o uso massante de plágio na primeira redação pedida pela professora, que teve 1 semana como prazo de entrega. Ela alertou do impacto que isso poderia causar nas aulas e no rendimento dos alunos, além de demonstrar sua imensa decepção com a atitude. Posteriormente, foi proposto um trabalho de mural interativo, no qual os alunos precisariam indicar um livro que eles achassem ter alguma característica que remetesse a ou lembrasse o Romantismo e justificar, com poucas palavras, o porquê deles acharem que aquele livro tinha relação com este estilo. A professora deixou claro nas orientações que não era preciso ler o livro, apenas pesquisar sobre, encontrar características românticas e justificar. Na correção do mural, a quantidade de alunos que utilizou inteligência artificial para criar o seu texto de justificativa ultrapassou a metade em apenas uma das turmas, segundo a professora, quando ela ainda estava no início das correções, fora os que copiaram sinopses de editoras inteiras e utilizaram como resposta. Questionei a professora se isso era comum e se já tinha ocorrido em outros anos, pois ela é professora do segundo ano há bastante tempo e me disse que nessa proporção é a primeira vez em 10 anos, o que causou um grande desestímulo na professora e impacto negativo nas aulas.

O trabalho, que tinha uma segunda parte programada envolvendo a leitura dos livros indicados pelos colegas de classe, não aconteceu. Além disso, foi imposta uma regra de que mais nenhuma atividade ou trabalho seria realizado em casa e caso existisse a necessidade de levar o trabalho para terminar em casa, não valeria nota. A atitude da professora veio depois de muito cansaço e por mais que incompreendida pelos alunos que não se envolveram com isso, não teve volta em sua palavra. A observação desse triste acontecimento em que vemos uma professora encantada pela docência tomando uma atitude radical, porém necessária, devido ao desinteresse de muitos alunos pelo ensino, leva-nos a muitas reflexões acerca da implicação que o avanço da tecnologia e da Inteligência Artificial tem na Educação.

É um fato que o avanço tecnológico favoreceu em muito o campo educacional no que diz respeito à facilidade de pesquisa, maior número de recursos para a organização de aulas, facilidade de comunicação entre professores e alunos para execução de trabalhos, entre outros. Porém, atualmente, o professor encontra alguns desafios diante do uso intenso da internet que muitas vezes pode substituir até mesmo a necessidade de suas aulas na perspectiva do aluno. Poder aprender sobre algo, ao pesquisar na internet ou em plataformas como o YouTube, é muito bom, mas também, é sempre importante reiterar que o professor na sala de aula é capaz de alcançar um resultado único através do ensino, que não pode ser encontrado na internet. Segundo a pesquisa realizada pelos professores doutores da UNICAMP, Luis Antonio Tavares, Matheus Carvalho Meira e Sergio Ferreira do Amaral, por mais que recentemente haja um avanço da Inteligência Artificial como auxílio da prática pedagógica como em aprendizagem adaptativa, tutores inteligentes, ferramentas de diagnósticos e sistemas de recomendação, a IA não poderia substituir completamente o papel do professor, pois “Mostrou-se difícil para as máquinas lidar com a grande variedade de formas pelas quais os estudantes aprendem (ou não conseguem aprender)...” (2020, p. 3). Sendo assim, reconhecer que o valor e a capacidade do professor está além do valor tecnológico é um bom caminho para começar a se equilibrar o uso da tecnologia entre os alunos quando se refere ao conhecimento escolar.

Segundo a professora, o programa previa desenvolver a habilidade de ler e escrever “acima de tudo” e por isso o conteúdo era apresentado de forma que contribuísse para esse desenvolvimento. Devido a essa ideologia, não era empregado um ensino de classificação nos conteúdos de Língua e nem um ensino que previa a decoração de características das escolas literárias, quando o assunto era Literatura. Os objetivos das aulas de Literatura iam além de fazer os alunos decorarem as características de determinada escola porque a professora trabalhava também vocabulário, questões éticas, elementos narrativos e a intertextualidade no texto. A escolha dos textos também era fundamental para trazer discussões mais profundas para a aula, como por exemplo o poema “Canto do Piaga” de Gonçalves Dias que trouxe uma ótima reflexão sobre a colonização e seus efeitos até o dia de hoje.

Por fim, importante ressaltar que não há, na grade de aulas apresentada pela professora, espaço para colocar em prática qualquer projeto de ensino extracurricular criado, pois o currículo da escola está bem conturbado, como já mencionado. Por isso, foi oferecido o espaço de atividades complementares, que são realizadas fora de sala de aula e no contraturno, para desenvolver um possível projeto de prática de ensino com os alunos. O projeto de Revista Literária já mencionado aqui começou a ser organizado recentemente e ainda está na fase de divulgação. A revista é um projeto antigo coordenado pela professora mas que há alguns anos estava parado devido à falta de representantes e alunos interessados na escrita, causando grande sobrecarga na organizadora. Diante do surgimento de alguns alunos com entusiasmo pela escrita, o projeto foi reanimado e houve a sugestão da professora para que os estagiários e bolsistas interessados se engajassem. Há, então, a expectativa de que no próximo semestre a Revista Literária ganhe forma novamente.

Avaliação dos resultados

A importância da função do professor é indiscutível. Como observado, ele contribui não só para a formação formal do aluno, mas também para a formação moral e ética. A escolha do texto juntamente com a forma como o docente irá tratar o conteúdo em sala de aula refletirá completamente no efeito que aquilo terá na vida do aluno. Porém, concluímos que nem sempre essa importância será reconhecida, o que poderá causar transtornos ao docente, prejudicando não só a ele, como também a formação dos alunos.

Considerações finais

Durante a observação, enquanto conversava com os alunos, mais de uma vez fui questionada por eles se eu queria mesmo fazer “aquilo” se referindo à profissão de professor a qual eu observava. Esse questionamento vai muito de encontro a tudo que aqui foi mencionado, pois me levou a pensar e refletir acerca da importância de se fazer “aquilo”. Logo, a experiência contribuiu significativamente para reafirmar na minha formação o “para quê” ensinamos e “por quê” ensinamos. Observar os desafios enfrentados pela professora ao longo do trimestre foi fundamental como preparação para algumas dificuldades que poderão surgir ao longo do exercício de docência.

Como possibilidade de ensino a ser aprofundada, considero relevante o uso do diálogo e respostas dos alunos como condutores da aula, uma boa alternativa que foge do tradicional e favorece a articulação de ideias e interação da turma. Além disso, a realização de atividades feitas em casa pelos alunos é algo do qual não se pode fugir, pois nem tudo é possível de se realizar em 2 períodos de aula. O uso da internet ou da inteligência artificial para fazer o serviço que deveria ser feito pelo aluno é um risco que infelizmente o professor sempre irá correr, e para diminuir os danos é importante uma conscientização geral e social dos problemas que o uso da IA em detrimento do professor pode causar na formação dos alunos como cidadãos.

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL. CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. Ciência e Cultura. São Paulo, v. 4, n. 9, p. 803-809, set/1972.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MESQUITA, SILVANA SOARES DE ARAUJO. 'Ensinar para quem não quer aprender': um dos desafios da Didática e da Formação de Professores. Pro-Posições (Unicamp) , v. 32, p. 1-25, 2021.
- TAVARES, L. A., MEIRA, M. C., AMARAL, S. F. do. “Inteligência Artificial na Educação: Survey”, Brazilian Journal of Development Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 7, p. 48699-48714 jul. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/13539/11346> Acesso em 18 de Jul. 2023.

RELATO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO NA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Thayná Morena de O. Chagas

Apresentação

O estágio foi realizado em uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro. Tendo em vista o retorno do ensino presencial, após o período da Covid-19, as escolas do município tiveram uma demanda por reforço escolar e por pessoas para trabalharem com crianças especiais. Com isso houve a contratação de estagiários e através desse projeto eu iniciei o meu estágio na escola do município carioca. Com o meu estágio passei a observar com mais atenção as aulas de Português ministradas pela professora e passei a auxiliar alunos nas aulas, além de trabalhar com os alunos especiais.

Caracterização da escola

O estágio foi realizado na Escola Municipal Oswaldo Cruz situada no bairro de Higienópolis, que possui dezesseis turmas do segmento de fundamental I e funciona em turno único. Atende em sua maioria alunos que residem nas comunidades de Mangueiros e Jacarezinho.

A turma na qual estou estagiando neste semestre é do 3º ano do ensino fundamental I, compreende 24 alunos tendo entre oito e nove anos. A maioria deles são de classe média baixa.

Descrição da experiência

A turma na qual estagiei neste semestre, como dito acima, foi a de 3º ano do ensino fundamental I na qual eu fui responsável por mediar uma aluna com síndrome de Down, a Danielle, e de um aluno no espectro autista, o Moisés. Além desses dois alunos também auxilio a professora em sala e nos momentos de refeição. A atual professora da turma possui uma deficiência auditiva e logo eu permaneço na sala para auxiliá-la na aplicação de alguns conteúdos.

Durante uma aula sobre o gênero textual quadrinho foi me dada a oportunidade de aplicar a matéria. Iniciamos a aula conversando sobre o que era história em quadrinho para eles e se tinham o costume de lê-los, em seguida falamos sobre as principais características desse gênero e na aula seguinte utilizamos as histórias em quadrinhos para estudar a figura de linguagem onomatopeia. Após essa aula os alunos demonstraram um grande interesse, tanto que planejamos realizar após o recesso escolar um projeto com a turma. Ele consistirá na produção de uma história em quadrinho em cartolina para expor no pátio da escola para que as outras turmas possam ver e através desse trabalho estimular a leitura na escola.

Avaliação dos resultados

Por ora o desenvolvimento do trabalho tem sido bastante positivo. A cada novo trabalho proposto as crianças se mostram mais interessadas. Algo que me chamou atenção foi o interesse demonstrado por elas pelo meu dia a dia na universidade e me agrada esse interesse, pois de alguma forma isso as aproxima do mundo acadêmico.

Considerações finais

Logo, os objetivos do estágio foram alcançados com êxito, além de adquirir experiência na sala de aula pude vivenciar o dia a dia em uma escola pública, observar a rotina da coordenação e da secretaria, participar das datas comemorativas e dos conselhos de classe.

Referências

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

RELATO DE OBSERVAÇÃO DE ESTÁGIO: UMA ANÁLISE SOBRE LINGUAGEM E ESCOLA

Victoria de Sousa Seabra

Introdução

O estágio é um momento fundamental no processo de formação profissional. Constitui-se de um treinamento que possibilita ao estudante vivenciar o que foi aprendido ao longo de sua graduação, tendo como função integrar as inúmeras disciplinas que compõem o currículo acadêmico, dando-lhe estrutura prática e atestando-lhe o nível de consciência pedagógica e o grau de entrosamento.

O período de estágio funciona como uma janela para o futuro, através da qual o aluno antevê em sua profissão os obstáculos e as compensações. Deve ser uma passagem natural da teoria para a prática, um momento de validação da aprendizagem acadêmica no confronto direto com a realidade.

É incontestável que, no processo de ensino-aprendizagem, o momento de vivência da prática pedagógica seja relevante para o enriquecimento da formação profissional. Durante esse processo, pode explorar algumas disciplinas já estudadas, podendo assim relacioná-las com a bagagem social e cognitiva dos alunos.

Portanto, o presente relatório monográfico, desenvolvido no primeiro período do ano de 2022 e pensado ao longo do curso da disciplina de Pesquisa e Prática de Educativa – Letras tem por objetivo relatar as atividades e observações no estágio supervisionado realizado em turmas de 8ª série do Ensino Fundamental – Anos Finais no Colégio La Salle Abel, localizado na Av. Roberto Silveira, em Icarai, e propor a aplicação de um projeto.

Justificativa

O estágio se deu no primeiro semestre letivo de 2023 e, devido ao fim do bimestre estar muito próximo, muitos alunos já não mantinham o mesmo empenho frequente nas aulas de Língua Portuguesa apesar de haver outras avaliações e ainda apresentarem baixo rendimento. Isso nos mostra que os alunos não estão dando importância à disciplina depois que conseguem nota para aprovação – o que pode ser explicado através da relação que se mantém entre escola, sociedade e linguagem que impõem ao aluno uma avaliação baseada em um “modelo” que é o comportamento das classes dominantes e que não faz sentido para eles, com isso buscam ter notas boas no início do ano e ignoram o restante do conteúdo a ser aprendido nos próximos meses já que não precisam mais de nota para passar.

Portanto, o projeto será pensado a partir da dificuldade apresentada nas turmas, pois em ambas houve problemas quanto às notas baixas. É a perspectiva social das relações entre linguagem e escola que este relatório pretende desenvolver. A partir do problema do baixo rendimento da escola brasileira e da crítica às ideologias que inspiram as teorias e propostas pedagógicas se tem tentado explicá-los e combatê-los, o projeto procura articular e integrar teorias e propostas a respeito das relações entre sociedade, escola e linguagem e tenta apontar a importante contribuição que essa articulação e integração podem trazer para a compreensão do caráter político-pedagógico do uso e do ensino da língua na escola, e para a fundamentação de uma prática de ensino competente, na educação das camadas populares.

Desde já é necessário destacar que as relações entre linguagem e cultura constituem a questão fundamental, nuclear, tanto na ideologia da deficiência cultural quanto na ideologia das diferenças culturais; em consequência, desempenham um papel central nas explicações do fracasso escolar, no quadro de cada uma dessas ideologias.

Objetivos (geral e específicos)

Ressalto que esse relatório foi elaborado com o objetivo geral de contribuir com a aprendizagem e de analisar o uso de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas que provocam preconceito e levam a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada. Além disso, os objetivos específicos serão 1) propor um projeto a ser aplicado em sala com a finalidade de fazer os alunos perceberem a importância da Língua Portuguesa e 2) fazer com que o professor responsável pela turma repense sobre sua forma de avaliação, testando uma nova forma de “medir” o conhecimento de seus alunos e, conseqüentemente, evitando a marginalização destes através da evasão escolar.

Acredito que a questão das notas baixas não se resume à problemática da relação entre escola e linguagem, onde a primeira impõe um modelo de língua correto e a segunda assume várias facetas. A questão também envolve o desinteresse dos alunos, já que é desmotivador não compreender o sentido de se aprender algo que já se sabe, como é o caso da língua materna: não se aprende português pela primeira vez na escola. Já se chega nela sabendo falar português. Outra questão importante é a forma de avaliar: se já é de conhecimento do professor que os alunos no final do ano letivo começam a não frequentar mais as aulas por já terem obtido nota para a aprovação, o correto seria mudar essa forma de avaliação para que os alunos não as “boicotassem” mais. É devido a isso que a proposta do projeto não será para apenas um dia de aula, mas para vários, a fim de que prenda a atenção dos alunos e faça com que eles se interessem pela disciplina.

Fundamentação teórica

Para a elaboração da fundamentação teórica foram consideradas as concepções de relação entre escola, linguagem e sociedade segundo Magda Soares:

A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes; assim, o aluno proveniente das classes dominadas nela encontra padrões culturais que não são os seus e que são apresentados como “certos”, enquanto os seus próprios padrões são ou ignorados como inexistentes, ou desprezados como “errados”. Seu comportamento é avaliado em relação a um modelo, que é o comportamento das classes dominantes, os testes e provas a que é submetido são culturalmente preconceituosos, construídos a partir de pressupostos etnocêntricos, que supõem familiaridade com conceitos e informações próprios do universo cultural das classes dominantes. Esse aluno sofre, dessa forma, um processo de *marginalização cultural* e fracassa, não por deficiências intelectuais ou culturais, como sugerem a ideologia do dom e a ideologia da deficiência cultural, mas porque é *diferente*, como afirma a *ideologia das diferenças culturais*. Nesse caso, a responsabilidade pelo fracasso escolar, que trata de forma discriminativa a diversidade cultural, transformando *diferenças* em *deficiências* (SOARES, 1986, p. 16).

Foi possível observar a frequência dos alunos nos primeiros bimestres e acompanhar o fechamento de notas com a professora responsável pelas turmas. Observei que as notas do primeiro semestre foram baixas, ou seja, que os alunos estavam apresentando dificuldade em compreender mesmo sendo uma escola particular de renome.

Esse fato tem como consequência o desinteresse pela disciplina de Língua Portuguesa e a evasão escolar, já que muitos alunos deixavam de frequentar a escola ou a frequentavam só por medo da reprovação por faltas, não dando assim, a mínima para o conteúdo a ser aprendido nas aulas.

Dessa forma, evoco os questionamentos de Magda: como podem ser trabalhadas as relações entre linguagem, educação e sociedade de forma que estas estejam realmente a serviço dos alunos e de seu aprendizado? Que papel tem essas relações na definição de metodologias adequadas ao ensino da língua materna?

[...] o que se propõe, sempre, é, *explicitamente*, a imposição do dialeto-padrão das classes dominantes (ou para que ele *substitua* os dialetos não-padrão das classes dominadas, como quer a educação compensatória, ou para que ele *se acrescente* a esses dialetos, como quer a educação para o bidialetalismo funcional), e, *implicitamente*, a sujeição dos dialetos não-padrão ao dialeto-padrão (ou através de sua erradicação, como pretende a educação compensatória, ou através de um processo de *alienação*, em que o uso do dialeto não-padrão é recusado e estigmatizado em determinadas situações, exatamente aquelas revestidas de prestígio e importância sociais, como sugere a educação para o bidialetalismo funcional) (SOARES, 1986, p. 56).

Uma resposta para essas questões seria repensar a forma de avaliação e de ensinar a língua materna que, por sua vez, deveria ser vista como algo que o aluno já sabe, de forma que precise somente aprender a adaptá-la às diversas situações cotidianas.

Metodologia

O projeto foi pensado para ser aplicado em até 8 aulas e consiste numa entrevista que os alunos farão com os seus próprios colegas de classe (ou outras pessoas que eles mesmos possam desejar entrevistar) sobre o que representa o ensino de Língua Portuguesa, qual a importância de seu aprendizado em suas vidas, de que forma interfere na vida de suas famílias, além de como a escola contribui na prática para o seu aprendizado. A proposta de entrevista deverá deixar os alunos livres para produzirem conteúdo da forma que acharem melhor (podendo ser através de vídeo, de áudio ou da própria escrita) e poderá conter uma parte aberta para críticas e sugestões.

Todo esse trabalho valerá nota, mas o que lhe diferenciá das outras avaliações é que os alunos poderão fazê-lo a seu gosto, de forma livre, criativa e sincera. Ao fim da atividade, as entrevistas serão apresentadas às turmas e deverão ser compartilhadas com a sociedade por meio de redes sociais.

A finalidade dessa proposta de projeto é fazer com que os próprios alunos reconheçam a importância sociopolítica da linguagem, de forma que eles possam se interessar por ela através do meio de contato livre e criativo.

Espera-se com isso que as notas não sejam tão baixas no fim do ano letivo, pois o trabalho fará com que eles não falem e sejam mais participativos, gerando como consequência positiva, a mudança na forma de avaliação por parte da professora.

Referências bibliográficas

SOARES, Magda. *Linguagem e escola – uma perspectiva social*. 17ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

RESENHA

O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: CONCEPÇÕES DO DOCENTE E SUA PRÁTICA NA SALA DE AULA

GARCIA, Atelane Sena; BASOLI, Jones Gonçalves. *O ensino de literatura no ensino médio: concepções do docente e sua prática na sala de aula*. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS - Estudos Linguísticos e Literários. 2013. Anais... UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2013. ISSN – 18089216. p. 397- 406.

Gabriel Guimarães de Andrade Pinto³³

O ensino de literatura no ensino médio: concepções do docente e sua prática na sala de aula é uma contribuição relevante para a reflexão sobre o papel da literatura no processo educacional, especialmente no contexto do ensino médio. O texto aborda diversos aspectos cruciais que envolvem o ensino da Literatura, bem como as práticas adotadas pelos docentes e sua influência na formação de leitores literários críticos.

Um dos principais méritos do artigo é destacar a importância da literatura na formação do leitor e na promoção da capacidade de reflexão crítica sobre a sociedade em que vivemos. A literatura, enquanto forma de arte e expressão cultural, pode desempenhar um papel fundamental na construção de uma consciência crítica nos estudantes, ajudando-os a compreender diferentes perspectivas e realidades.

Outro aspecto relevante abordado pelo texto é o papel do docente como mediador e facilitador da descoberta literária dos alunos. O professor desempenha um papel essencial na orientação dos estudantes, incentivando a leitura e fornecendo ferramentas para a compreensão e interpretação das obras literárias. Além disso, ao criar um ambiente propício para a discussão e a troca de ideias, o docente pode despertar o interesse e o prazer pela leitura literária nos alunos.

O artigo também aponta para a necessidade de uma abordagem cuidadosa do texto literário em um contexto escolar. É importante que o ensino da Literatura vá além da mera análise formal das obras, e que os estudantes sejam encorajados a se envolver emocionalmente com as histórias e personagens, buscando, assim, uma compreensão mais profunda e significativa das mensagens transmitidas.

Uma das muitas questões levantadas no texto, é a presença das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), que podem ter expressivas implicações no ensino da Literatura. Ao priorizar a formação do aluno como leitor literário, em detrimento das análises críticas e nomenclaturas, pode haver o risco de que aspectos importantes da reflexão e interpretação das obras sejam negligenciados. A pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Literatura e Ensino, mencionada no artigo, fornece uma base sólida para as conclusões apresentadas. No entanto, é importante reconhecer que o ensino da Literatura é um campo complexo e multifacetado, que pode variar amplamente de acordo com o contexto escolar, as políticas educacionais e a formação dos docentes.

³³ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

O texto também traz exemplos inspiradores de docentes que conseguiram ir além das abordagens tradicionais, sendo agentes transformadores no processo de ensino da Literatura. Esses professores conseguiram despertar o prazer em ler, fomentar a curiosidade dos alunos e incentivá-los a explorar diferentes universos literários.

Na pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Literatura e Ensino da Universidade Estadual do Paraná, coordenado pelas professoras Hiudéa T. R. Boberg e Rafaela Stopa, o objetivo principal foi entender o papel do docente na formação de leitores de literatura e de que modo tem-se configurado a abordagem do texto literário em contexto escolar, possibilitando, ainda, perceber se a leitura literária realmente está em desprestígio nesse nível de ensino. E o resultado da pesquisa foi preciso e incorrigível: a leitura literária ainda não é explorada em todo o seu potencial no ensino médio.

Como já dito, ainda assim o texto destaca que há exemplos de docentes que encontram meios de fazer diferente, de ser um fomentador do prazer em ler, incitador da curiosidade, de levar o aluno a querer abrir a “caixa de pandora”, para saber o que há ali. Com isso em mente, é possível traçar planos para fazer parte deste seletivo e importante grupo de profissionais da educação que quebram barreiras, perpassam as adversidades e criam um novo modo de ensinar.

A partir das pesquisas, alguns fundamentos práticos mostram-se imperiosos nesta tentativa; uma delas é que a escolha de obras relevantes é um passo fundamental. Selecionar obras literárias que sejam pertinentes e atrativas para os alunos, fugir das obviedades dos cânones da literatura brasileira e buscar textos que abordem temas atuais, questões sociais, dilemas éticos e emocionais que dialoguem com a realidade dos estudantes, tendo sempre em mente que cada turma é única e cada indivíduo pertence a uma realidade particular, portanto, nem tudo funciona para e com todos.

A diversidade literária é outro fator chave, assim, incentivar e apresentar um plural repertório de obras de diferentes estilos, gêneros e épocas permitirá que os alunos tenham contato com uma ampla gama de experiências literárias. Não há motivos para introduzir a literatura com escritas maçantes, dificultosas e pouco atrativas para os alunos, quando um conto ou um romance infantojuvenil será, na maior parte das vezes, uma porta de entrada muito mais efetiva e aconchegante a este universo.

Promover a interação entre os alunos, incentivando a discussão e a troca de ideias sobre as obras lidas também aparecem como boas opções para atrair mais do que a atenção, mas também o desejo de praticar a leitura de forma contínua. Desse modo, organizar debates, seminários e grupos de leitura para que os estudantes compartilhem suas interpretações e reflexões sobre os textos é visto com ótimos olhos.

Além disso, situar as obras em seus contextos histórico e cultural, apresentando informações relevantes sobre o autor, a época em que foram escritas e os eventos que as influenciaram enriquece a compreensão dos alunos sobre o significado das obras e os instiga a querer saber e ler mais sobre aquilo que os cativa.

Outro fato importante a se atentar é a integração com outras mídias. Explorar redes sociais, filmes, vídeos, músicas e artes visuais que estejam relacionadas às obras literárias estudadas pode ampliar a compreensão e o interesse dos alunos, afinal eles, em sua maioria, já estão acostumados com abordagens multidisciplinares ao frequentar sites e aplicativos fundamentalmente compostos por mídias.

Cabe ainda ressaltar que as boas e tradicionais atividades práticas são imprescindíveis, posto que propor atividades criativas, como dramatizações, escrita de contos, criação de poemas e ilustrações inspiradas nas obras permite que os alunos se envolvam ativamente com os textos e desenvolvam sua criatividade.

Outros pontos que a pesquisa traz à tona são referentes ao uso de tecnologias (utilizar a tecnologia a seu favor, por exemplo, através de recursos digitais, e-books, audiobooks e plataformas educacionais que facilitem o acesso às obras literárias.); à conexão com a realidade (relacionar as obras literárias com situações do cotidiano dos alunos, permitindo que eles façam paralelos entre a ficção e a realidade, estimulando a reflexão sobre questões pessoais e sociais.); e ao respeito à individualidade, posto que reconhecer que os alunos têm diferentes interesses e habilidades em relação à leitura é um processo fundamental que todos os docentes devem se atentar. Dessa maneira, respeitar as preferências literárias dos alunos e oferecer opções para que possam se conectar com os textos é parte do trabalho.

Além de tantos pontos informativos, podemos pensar em outros fatores, como organizar visitas culturais, tais como as bibliotecas, livrarias, saraus, eventos culturais ou teatros que possam aproximar os estudantes do universo literário e artístico. A forma de avaliar também é importante, e as avaliações formativas ao longo do processo de ensino, focando na compreensão e análise das obras literárias, e não apenas em aspectos formais ou resumos, são uma boa opção para fazer a diferença no ensino de Literatura.

Em suma, o artigo proporciona uma reflexão crítica sobre o ensino da Literatura no ensino médio, enfatizando a importância da formação do leitor literário crítico e propondo uma abordagem que valorize não apenas a análise formal das obras, mas também o prazer e a reflexão profunda sobre a literatura. Contudo, é de fundamental necessidade um esforço contínuo para que tais concepções sejam amplamente aplicadas e para que mais docentes possam se tornar agentes transformadores na formação de leitores engajados e reflexivos.

RESENHA

“O ENSINO DE LITERATURA NO BRASIL: DESAFIOS A SUPERAR EM BUSCA DE PRÁTICAS MAIS EFICIENTES”

Letras&Letras | Uberlândia | v. 33 n. 2 | jul./dez. 2017 ISSN 1981-5239 209. André L. M. Galvão, Antônio C. da Silva | p. 209-228 O ensino de literatura no Brasil: desafios a superar em busca de práticas mais eficientes.

Gabriela Valverde Felicíssimo³⁴

O texto “O ensino de literatura no Brasil: desafios a superar em busca de práticas mais eficientes” apresenta 7 tópicos, sendo eles: “introdução”, “a questão da crise do ensino de literatura”, “o papel da formação de professores”, “o ensino de literatura na prática: alguns equívocos”, “a centralidade do aluno no processo de leitura”, “a escolha dos textos (literários)” e “considerações finais”.

O artigo aborda os desafios enfrentados pelo ensino de literatura no Brasil, discutindo práticas mais eficientes para cumprir metas curriculares, e, conseqüentemente, formar leitores e promover o gosto pela leitura. Os autores abordam a crise no ensino de literatura, como deficiências na formação docente e equívocos na prática pedagógica. Dessa forma, o texto tem como objetivo identificar maneiras de melhorar o ensino de literatura no país, culminando em entender e em sugestões para alcançar resultados melhores.

A discussão inicial se concentra na centralidade do aluno no processo de leitura. Enfatizam-se encorajar e permitir que os alunos expressem suas opiniões e compreendam, com o professor desempenhando um papel de orientador em vez de impositor de ideias. A abordagem colaborativa entre professor e aluno é ensinada como um meio para desenvolver a capacidade de análise literária e engajar os alunos em um diálogo enriquecedor.

Dito isso, levando em consideração o educacional brasileiro, o ensino de literatura enfrentou uma crise de eficácia pedagógica. Dessa forma, o ensino muitas vezes está vinculado a exames vestibulares e, com isso, uma perspectiva histórica e bibliográfica, especialmente sobre literatura brasileira, tende a prevalecer no ensino médio devido à influência dos vestibulares.

Conseqüentemente, entende-se que a questão da formação de professores é uma pauta importante a ser discutida, principalmente quando se diz do ensino de literatura no Brasil. Professores bem formados e capacitados podem contribuir de maneira eficaz para estimular a leitura na escola. A formação inicial deve fornecer conhecimento específico da área e práticas de ensino. A continuada é importante para aprimorar constante desenvolvimento de habilidades reflexivas. No entanto, críticas recaem sobre os cursos de licenciatura, muitas vezes desconectados da realidade da sala de aula, o que afeta a preparação dos professores. A segregação entre teoria e prática é problemática, comprometendo a integração entre universidades e escolas.

Além disso, a falta de prática leitora entre os professores é um desafio, limitando sua capacidade de sugerir leituras e discutir textos com os alunos. A escola desempenha um papel importante na definição do que é considerado literatura, podendo excluir obras literárias e impondo valores estéticos. É necessário repensar a imposição de valores literários aos alunos e elevar seu próprio repertório de leituras para despertar o gosto pela leitura no ambiente escolar.

³⁴ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Há uma análise crítica da escolha dos textos literários no currículo escolar. É questionada a prática de apresentar clássicos literários complexos logo nos primeiros anos do ensino fundamental, sem preparar os alunos para sua leitura.

Abreu (2006) defende a leitura e discussão dos livros favoritos dos alunos, comparando-os com textos mais eruditos para entender diferentes perspectivas. No entanto, muitas escolas concentram-se na história da literatura em detrimento da leitura e análise das obras literárias. A abordagem excessiva da história literária e a ênfase nas características estilísticas e estéticas dos períodos literários não estimulam o gosto pela leitura.

Em suma, os equívocos no ensino de literatura incluem a predominância da história literária, a análise autoritária de textos, a falta de conexão entre teoria e prática, e a exclusão das perspectivas dos alunos.

O ensino de literatura deve buscar capacitar os alunos a compreender e articular o mundo através da linguagem, permitindo-lhes criar seus próprios caminhos de interpretação e desenvolver o gosto pela leitura dentro e fora da escola.

No que diz respeito à seleção dos textos literários, a escolha dos clássicos da literatura nos primeiros anos do ensino fundamental pode resultar em uma aversão dos estudantes, prejudicando a formação deles como leitores. É importante, então, adaptar o ensino para textos contemporâneos que reflitam os interesses dos alunos, permitindo a maturidade literária necessária para apreciar as obras clássicas posteriormente.

Dessa forma, entende-se que uma preparação gradual é essencial para evitar bloqueios e aumentar a compreensão. Sendo assim, é recomendada uma abordagem diacrônica e sincrônica, explorando tanto obras mais antigas como contemporâneas, enriquecendo o repertório dos estudantes. É fundamental que o ensino de literatura seja adaptado à realidade e aos interesses dos deles, especialmente considerando o contexto de mudanças nos hábitos de leitura influenciados pela tecnologia. A diversidade na escolha das obras, incluindo tanto clássicos quanto textos contemporâneos, permite uma compreensão mais completa da literatura e uma linguagem mais profunda.

A prática educativa é influenciada por várias circunstâncias, incluindo a opinião dos professores e o uso de livros didáticos. A escola deve refletir sobre sua abordagem de ensino, buscando cumprir as diretrizes curriculares e formar cidadãos críticos e autônomos. Desenvolver o gosto pela leitura requer mais do que apenas ensinar habilidades de decodificação; exige práticas que capacitem os alunos a se tornarem leitores autônomos, capazes de aprimorar suas habilidades e compreender a realidade social ao seu redor.

Em síntese, o texto apresenta uma análise profunda e abrangente sobre os desafios e as considerações essenciais para um ensino eficaz de literatura nas escolas. A importância de equilibrar a teoria com a experiência de leitura, a necessidade de escolher textos completos e a promoção da intertextualidade para contextualização são pontos cruciais na discussão levantada.

Conclui-se, portanto, a importância de uma abordagem educativa que leva em consideração as diversas influências e contextos envolvidos na prática de ensino. Ao fornecer uma formação que vai além das habilidades básicas de leitura, a escola contribui para a construção de cidadãos críticos, reflexivos e capazes de compreender e se envolver com o mundo ao seu redor através da literatura.

RESENHA

Schäffel, E. I., & Possani, T. N. (2016). LITERATURA E FORMAÇÃO HUMANA: O LUGAR DA LITERATURA NA ESCOLA SEGUNDO O DOCUMENTO PRELIMINAR À BNCC. *Salão Do Conhecimento*, 2(2). Recuperado de <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/6666>

Marcella Xavier de Azevedo³⁵

A introdução do artigo resenhado apresenta a importância da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um documento que orienta a construção curricular nas escolas, definindo os conhecimentos essenciais que os alunos devem aprender durante a educação básica. O foco do estudo em questão é a percepção que esse documento traz sobre essa disciplina, uma vez que o ensino e o lugar da literatura na escola são frequentemente problematizados. Por fim, para contextualizar, o estudo é parte do projeto "Leitura Literária e Vivências Interdisciplinares", financiado pela UNIJUI e inserido na área da educação. O objetivo principal é contribuir com pesquisas educacionais no âmbito das Letras, refletindo sobre o lugar da Literatura e da leitura literária no Ensino Médio.

O artigo se inicia ressaltando que, desde a década de 1980, o ensino da literatura tem sido objeto de discussão, e os problemas centrais mencionados incluem a falta de preparo dos professores e o crescente desinteresse dos alunos. A literatura também enfrenta desafios que vão além das fronteiras da escola, pois ela é, muitas vezes, considerada dispensável e acaba perdendo espaço na sociedade. Em alguns casos, o ensino da literatura é negligenciado, deixado de lado ou substituído pelo estudo de fragmentos literários nas aulas de Português, prática esta que, inclusive, perpetua-se até o ensino superior.

Diante desse contexto, a pesquisa busca refletir sobre o trabalho com o texto literário na escola, esclarecendo a necessidade de sua presença e reafirmando a importância de sua permanência na formação básica dos alunos, uma vez que ele possibilita e estimula a formação humana. Para isso, a metodologia adotada baseou-se em pesquisa bibliográfica, incluindo a leitura de obras de autores renomados que abordam as temáticas propostas. Também foram consultadas publicações como artigos, teses e dissertações relacionadas ao assunto e um aspecto importante da metodologia foi a análise de documentos oficiais.

O método hipotético-dedutivo também foi empregado no estudo, o que implica a formulação de hipóteses com base nas informações coletadas e a dedução de conclusões a partir dessas hipóteses. E, ao combinar pesquisa bibliográfica, análise de documentos oficiais e aplicação do método hipotético-dedutivo, o estudo busca embasar-se em informações teóricas sólidas e ampliar a compreensão sobre o trabalho com o texto literário na escola, destacando a importância da literatura na formação dos estudantes.

Os resultados e a discussão deste estudo enfatizam a importância da literatura como prática social, conhecimento e arte, pois ela é considerada uma necessidade universal que organiza, liberta do caos e humaniza a personalidade. O artigo cita o crítico literário Antonio Candido ao dizer que a leitura literária é uma forma de construir significações para compreender melhor o mundo ao redor e a si mesmo, chamando a atenção para a realidade e sendo um instrumento de desmascaramento social. O potencial humanizador da literatura é apontado como frequentemente desvalorizado e ignorado nas práticas escolares, resultando em falta de domínio por parte dos professores e desinteresse por parte dos alunos.

³⁵ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

No contexto da BNCC, a literatura deixou de ser uma disciplina única e passou a ser vinculada à disciplina de Língua Portuguesa, mas “os objetivos estabelecidos para as práticas literárias incentivam a articulação entre os conhecimentos das áreas e entre os conhecimentos e a vida”. Apesar dessa mudança na posição da literatura como disciplina escolar, sua importância como modo de humanização do homem é ressaltada, garantindo sua relevância na formação escolar. O texto literário é considerado uma expressão complexa e elaborada da linguagem, e seu estudo possibilita a compreensão do mundo e dos sujeitos. O domínio da língua é visto como garantia para o bom desenvolvimento do conhecimento em outras áreas e para melhorar a capacidade de comunicação.

A conclusão desta pesquisa destaca a necessidade de um novo posicionamento dos professores, que devem ser exímios leitores e perceber a leitura como um instrumento para despertar o senso crítico e reflexivo dos alunos. Além disso, é fundamental que esse ensino conjunto seja contextualizado, evitando a abordagem isolada do texto literário e da gramática. Ademais, a leitura literária é defendida como uma experiência pessoal que contribui para a formação do aluno como ser humano, envolvendo o reconhecimento de si mesmo, das relações com os outros e com o mundo. Além do conhecimento, o artigo defende que a literatura proporciona prazer através do texto literário e possibilita a construção de sentidos para a interação com o mundo.

Por fim, essa conclusão reforça, mais uma vez, a importância da literatura como uma disciplina que vai além dos aspectos acadêmicos, enfatizando seu potencial transformador e sua contribuição para a formação integral dos alunos, indo de acordo com Candido. O estudo ressalta a necessidade de um ensino que promova a fruição, a reflexão e a vivência literária, incentivando a construção de significados e a capacidade de compreensão do mundo por meio da leitura literária.

Referência bibliográfica

SCHAFFEL, Elisa Isabel; POSSANI, Taíse Neves. Literatura e formação humana: o lugar da literatura na escola segundo o documento preliminar à BNCC. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. XXIV Seminário de Iniciação Científica. Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/6666/5436>. Acesso em: 06 jul 2023.

RESENHA

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Remate de males (1999). CANDIDO Antonio. *Direitos humanos e literatura*. São Paulo: Brasiliense (1989).

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA

Letícia Brito Moysés Frago³⁶

A discussão acerca da real função da literatura e o que ela realmente é, é antiga; mas o entendimento de que ela sempre está presente é inegável. Roman Jakobson, um crítico russo, define a literatura como uma violência organizada contra a fala comum. Rosenfeld, diz no seu livro intitulado *A Personagem de Ficção*, que ela é tudo aquilo que aparece fixado por letras. Para Aristóteles, filósofo grego, ela é um tipo de imitação criada pela palavra. Já para Louis-Gabriel-Ambroise, um filósofo francês, ela é uma expressão da sociedade. Mas é realmente a definição da literatura que importa ou a sua função dentro da sociedade?

No texto *A literatura e a formação do homem*, de Antonio Candido, o autor trabalha com algumas noções do papel dessa arte na vida do leitor. Inicialmente é exposto sobre uma força humanizadora que a literatura tem. É dito que quando se pensa em um papel dela, pensa-se em uma função psicológica que é vista como a força que organiza essas vivências humanas e as torna necessárias de se virar uma ficção.

É justamente nesse tópico que entra a visão da literatura ser um instrumento presente no cotidiano desde o início. Nesta mesma obra de Candido, é dito que “a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la” (p. 82, 1999). Isso nos mostra que a criação de uma narrativa é inerente e faz com que sejamos produtores e receptáculos desse mesmo tipo de arte de maneira simultânea.

Na obra *Efabulação e pulsão de ficção*, de Suzi Frankl Sperber, uma estudiosa de processos que ocorrem na aquisição da linguagem, a Cláudia Lemos, é bastante citada. Logo no começo do texto, ela já diz que “a criança constrói suas primeiras narrativas por volta dos três anos de idade, sendo esta a primeira manifestação estruturada e completa da fala infantil” (p. 262, 2002). Com isso postulado, compreende-se que a necessidade de ficção exposta por Candido é ratificada, uma vez que comprova essa criação desde o início de nossa comunicação oral finalizada.

Dessa forma, torna-se mais fácil identificar a importância da literatura em nosso dia a dia. Além de sermos agentes protagonistas na criação de ficções e narrativas, ela se encontra ao nosso redor em todos os lugares e contextos nas quais estamos inseridos. Se for dito que qualquer construção de letras e palavras forma uma literatura, então ela está em qualquer placa, mensagens em nossos celulares, pôsteres pelos muros, frases em camisas de desconhecidos na rua etc. Se entendermos que literatura é qualquer tipo de arte, estamos diretamente relacionados com músicas, fotografias, cinema, vídeos em aplicativos de celulares, grafites e até mesmo com a arquitetura. Se formos um pouco mais além e enxergamos a literatura como um instrumento que temos a fim de interpretar libertamente o mundo a partir de nossas vivências, a cada segundo estamos respirando e vivendo a literatura em sua maior plenitude.

Ainda sob esse viés, Antonio Candido, em sua obra intitulada *Direitos Humanos e Literatura*, irá chamar “de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das

³⁶ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

grandes civilizações” (p. 110, 1989). Com isso, torna-se claro a complexidade e a importância que a literatura possui, ultrapassando qualquer norma, época, local, amarras e culturas. Ela está em todos esses cenários e constitui patrimônio de vivências e entendimentos.

Voltando à obra *A literatura e a formação do homem*, Candido ainda diz que “as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar” (p. 84, 1999). Esse relato demonstra o poder subconsciente que a literatura tem e provoca em quem a consome. Tudo que lemos em nossa vida se converte em pensamentos e interpretações que, associados ao que ouvimos e vivemos, produzem forte impacto em nossas atitudes e ideais. A troca é recíproca e verdadeira: o que lemos é interpretado a partir do que já conhecemos e o que conhecemos e vamos conhecer são e serão correlacionados ao que já lemos anteriormente.

Para finalizar, ainda na referida obra citada acima, Candido afirma que “dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta” (p. 84, 1999). Dessa maneira, nota-se a função educacional que a literatura oferece. Não enxergando esse atributo como uma educação possível das escolas e instituições de ensino propriamente dito, mas uma posição em que educa ao proporcionar discussões e temas nas quais faz com que quem a lê, tire algum proveito para sua vida pessoal. Seja esse entendimento algo que possa levar como uma concordância ou uma discordância, mas é impossível ler sem retirar algo daquilo para si, mesmo que a razão para a realização dessa leitura tenha sido a mais desprezível possível.

Referências bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Remate de males (1999). CANDIDO Antonio. *Direitos humanos e literatura*. São Paulo: Brasiliense (1989).
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: _____. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- DIANA, D. *O que é Literatura?* Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/o-que-e-literatura/>>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é literatura*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo (2008).
- OS CONCEITOS DE LITERATURA - Estudos Literários. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/278085>>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- SPERBER, Suzi Frankl. “Efabulação e pulsão de ficção.” *Remate de males* 22.22 (2002): 261-289.

RESENHA

BASOLI, Atelane Sena Garcia Jones Gonçalves e STOPA, Rafaela. O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: CONCEPÇÕES DO DOCENTE E SUA PRÁTICA EM SALA DE AULA Anais do X Seminário de Iniciação Científica *SóLetras* – CLCA – UENP/CJ - ISSN 18089216

Matheus Cezar Ferreira

O estudo de Atelane Sena Garcia Jones Gonçalves Basoli e Rafaela Stopa aborda a relação entre o ensino da literatura e as aulas de Língua Portuguesa nas escolas públicas paulista e paranaense. Foram realizados estágios em sala de aula e aplicado um questionário aos professores regentes para investigar suas concepções sobre o ensino de literatura. O objetivo é compreender o papel do professor na formação de leitores de literatura e analisar como essa relação influencia suas práticas em sala de aula. Além disso, a pesquisa busca verificar se a leitura literária está em desprestígio nesse nível de ensino. O estudo faz parte das atividades do Grupo de Pesquisa Literatura e Ensino da Universidade Estadual do Paraná – UENP, coordenado pelas professoras Hiudéa T. R. Boberg e Rafaela Stopa, e justifica-se pela importância da literatura no desenvolvimento do leitor e sua capacidade de reflexão crítica sobre o mundo.

A pesquisa teve como entrevistada uma professora paulista de Língua Portuguesa que leciona desde 2001 e trabalha nos três períodos, além de exercer a função de Coordenadora Pedagógica. A professora possui formação diversificada, com quatro cursos de graduação e pós-graduação em Língua Portuguesa, além de desenvolver pesquisas na área da educação. Ela demonstra preocupação em ampliar seus conhecimentos por meio de cursos online e participação em congressos e eventos na área de ensino.

Embora goste de ler romances, a professora tem dificuldade em desfrutar da leitura fruidora devido à intensa carga de trabalho e às leituras técnicas necessárias para a pesquisa. Quanto ao conceito de literatura, ela entende essa arte como discursiva, uma visão do homem sobre a sociedade e sua reação aos eventos políticos, econômicos e sociais.

Ela considera o ensino de literatura no ensino médio como importantíssimo, pois possibilita que os alunos pensem em outras formas de vida, conheçam sua história através das obras e desenvolvam uma visão ampla e crítica, sem alienação. Ela vê as aulas de literatura como um instrumento de formação humana que ajuda a criar leitores críticos.

Aborda a literatura em suas aulas seguindo a divisão das escolas literárias, contextualizando o surgimento de cada movimento literário por meio de pinturas, obras de arte, marcos históricos e leitura de obras complementares. Ela não costuma cobrar a leitura de obras literárias (livros), deixando isso a critério dos interesses dos alunos. Quando deseja trabalhar uma obra específica, utiliza o site domínio público para que todos tenham acesso à mesma obra. Além disso, utiliza filmes e documentários para trabalhar a intertextualidade.

No entanto, a prática direta de leitura do livro, com fichamento e apresentações em seminários, foi abandonada devido a trabalhos superficiais e cópias da internet, indicando um afastamento da leitura literária tradicional.

Para atrair o interesse dos alunos, a professora conduz as aulas mais pelo viés histórico, levando-os a discutir como ocorreram os movimentos literários e por que algumas obras são marcadas por determinadas escolas literárias. Devido ao pouco tempo das aulas, ao fato de muitos alunos trabalharem e ao desinteresse deles, ela opta por solicitar leituras mais curtas, como contos e crônicas, trazendo textos mais atuais e próximos da vivência dos alunos.

Essa estratégia de levar textos mais acessíveis pode ser vista como uma tentativa de manter o contato dos alunos com a leitura, porém, o autor Rildo Cosson argumenta que essa prática representa a falência da literatura, pois não cumpre sua função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza.

Ela enfrenta dificuldades em trabalhar a literatura devido à falta de recursos para um ensino mais conectado à vivência do aluno e ao conhecimento prático, como visitas a museus. Apesar disso, obtém bons resultados contextualizando suas aulas e percebendo que os alunos lembram do conteúdo abordado. Acredita que o professor de Língua Portuguesa deve ensinar filosofia, artes e sociologia antes de trabalhar literatura.

A metodologia da professora inclui avaliações constantes, recompensando os alunos que participam e descontando pontos daqueles que não se envolvem nas atividades. Ela deseja que os alunos saiam da escola diferentes do que entraram, e enfatiza a importância da produção textual para o desenvolvimento das habilidades de escrita.

Aponta o currículo extenso como um desafio para formar leitores críticos e fruidores, destacando a priorização de preparar os alunos para o mercado de trabalho em detrimento da leitura fruidora. Ela acredita que a formação de leitores é responsabilidade da família, mas também reconhece o papel da escola em oferecer uma segunda chance para a descoberta e formação do futuro leitor.

Quanto ao interesse dos alunos pela leitura, ela menciona a influência de professores desmotivados que podem afastar os estudantes da literatura. A professora se esforça para ministrar suas aulas com entusiasmo e motivação, buscando envolver os alunos na história e fazê-los se enxergar nela.

Um questionário foi aplicado a um professor de ensino médio em uma escola estadual no Paraná, denominado como Professor B, para investigar a abordagem da literatura no contexto do ensino médio. Antonio Candido ressalta a função humanizadora da literatura e critica o enfoque excessivo na estrutura literária em detrimento de sua função. No ensino médio, observa-se uma ênfase na preparação para o vestibular, usando a literatura como meio para esse fim.

O Professor B revelou que permite aos alunos escolherem os livros de literatura, embora haja supervisão e sugestões, não imposições. Essa abordagem é consistente na observação de aulas, em que o professor orienta os alunos a lerem uma variedade de obras, mas não se concentra exclusivamente em leituras direcionadas para o vestibular.

Quando questionado sobre sua concepção de literatura, o Professor B a vê como um "instrumento de conhecimento", capaz de revelar outros mundos e desenvolver a imaginação. No entanto, essa visão difere da prática observada em sala de aula, onde a literatura é frequentemente abordada com objetivos secundários, como a preparação para o vestibular, e não se enfoca tanto na apreciação do texto literário em si.

Em suma, há uma discrepância entre a visão idealizada da literatura como instrumento de conhecimento e imaginação, e a prática observada em sala de aula, em que a preparação para o vestibular muitas vezes prevalece sobre o apreço genuíno pelo texto literário.

O Professor B considera a literatura como um "instrumento de conhecimento". Essa visão, porém, é criticada por Ginzburg, que argumenta que quando a literatura é vista apenas como um instrumento para aprovação em vestibulares ou para alcançar notas, ela perde sua essência e se torna instrumentalizada. O professor reconhece a leitura de best-sellers como uma forma de introduzir obras mais atuais e de linguagem mais simples, além de incentivar a leitura de obras clássicas. É

ênfático que o professor tem um papel fundamental na mediação e formação do leitor, sendo um facilitador na descoberta da magia da literatura para seus alunos.

O discurso dos professores mostra que eles reconhecem a importância da literatura como disciplina para a formação dos alunos, mas a observação das práticas em sala de aula revela que o texto literário não é explorado em todo o seu potencial. Ambos os professores seguem um modelo de ensino tradicional, enfocando a análise das escolas literárias e a preocupação em subsidiar conhecimento histórico, o que é importante, mas não deve ser o único foco.

A ênfase no ensino da análise em detrimento da leitura e formação do leitor contribui para o desaparecimento da literatura na sala de aula. A ausência de propostas de leitura dos livros em si não favorece a formação do aluno como leitor, perdendo a oportunidade de contato com o potencial literário.

Tzvetan Todorov destaca o poder da literatura em nos afetar emocionalmente, despertar nossa capacidade de associação e nos fazer compreender melhor o mundo. No entanto, as práticas observadas não favorecem esse envolvimento do aluno com os livros.

Em resumo, as observações mostram um tipo de ensino que não valoriza a leitura do texto literário, mas enfatiza sua análise estrutural. Seria importante que os professores reconhecessem seu papel crucial em envolver os alunos com a literatura e oferecê-la com paixão, visando à formação de leitores críticos.

RESENHA

BUSE, Bianca. A DISCIPLINA DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO E A (DE)FORMAÇÃO DO LEITOR. <https://silo.tips/download/a-disciplina-de-literatura-no-ensino-medio-e-a-deformacao-do-leitor>

Matheus Cezar Ferreira³⁷

O artigo de Bianca Buse aborda o papel da disciplina de Literatura no Ensino Médio, questionando se sua função é apenas apresentar um panorama da história literária ou se deve formar leitores críticos. A autora destaca a importância da leitura na formação do aluno como cidadão e o papel ativo do leitor no processo de leitura, apontando a necessidade de estimular o desenvolvimento do hábito de leitura, o senso crítico e a autonomia dos alunos, visando à formação de cidadãos mais conscientes e preparados para o debate social. Ressalta a importância do professor em compactuar com essa formação e em valorizar o conhecimento prévio e as experiências do leitor na abordagem da literatura em sala de aula. Em suma, busca entender como as aulas de Literatura no Ensino Médio têm contribuído para a formação dos alunos como leitores críticos.

O texto aborda a falta de apreciação das aulas de Literatura por alunos do Ensino Médio e explora as possíveis razões para esse desinteresse refletindo sobre as práticas pedagógicas tradicionais, que enfatizam a memorização de informações literárias e o uso de fragmentos de obras e afastam os alunos do prazer da leitura literária. A ausência de contato com textos literários completos e a falta de preparo dos professores como leitores contribuem para essa situação. A importância de formar leitores é ressaltada, considerando a leitura como um ato de prazer e emancipação. O texto destaca a necessidade de mudanças na abordagem do ensino de Literatura, incentivando a formação de professores leitores e proporcionando escolhas de leituras mais adequadas aos interesses dos alunos.

O foco desta análise é a falta de ênfase na literatura brasileira contemporânea nas aulas de Literatura do Ensino Médio, levando a uma reflexão sobre o conceito de cânone literário. O cânone é definido como obras culturalmente relevantes e esteticamente valiosas. No entanto, a discussão sobre sua composição e critérios de inclusão/exclusão gera controvérsias. O autor Italo Calvino destaca que clássicos são obras que carregam traços de leituras e influências culturais prévias. Apesar da importância do cânone, sugere-se uma abordagem mais aberta, que respeite a diversidade das tradições literárias.

É enfatizado que a leitura de obras clássicas na escola pode não atrair os alunos devido à desconexão temporal e espacial entre a obra e o leitor jovem, como proposta poderia-se utilizar a Estética da Recepção para introduzir a literatura contemporânea gradativamente no Ensino Médio, começando com textos mais próximos da realidade dos alunos e depois ampliando o repertório. José Luís Jobim defende a "gradação textual" como método, para facilitar a transição do mais fácil para o mais difícil. A sala de aula deve ser estimulante e interativa, buscando alternativas para o ensino e relacionando o conteúdo com o mundo real dos alunos.

O professor deve, então, abandonar o preconceito em relação a determinados tipos de leitura e evitar o bloqueio inicial que ocorre ao apresentar a literatura por meio de obras clássicas distantes da realidade dos estudantes. É sugerido iniciar com a leitura de textos contemporâneos para conquistar o interesse dos alunos e, gradualmente, levá-los a apreciar obras mais complexas. Tais mudanças no ensino de leitura literária seriam possíveis e teriam o potencial de fazer da literatura um instrumento de prazer e conscientização para os leitores.

³⁷ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

RESENHA

ANTUNES, Benedito. O ENSINO DE LITERATURA HOJE. Revista FronteiraZ – nº 10 – junho de 2013 nº 14 - julho de 2015

Matheus Cezar Ferreira³⁸

O texto de Benedito Antunes, “O ensino de literatura hoje”, argumenta que a literatura é frequentemente considerada em crise devido à diminuição da leitura, sendo substituída por outras formas de entretenimento, como cinema, telenovelas e conteúdos da internet. Sendo assim, a leitura de obras literárias mais profundas é relegada a uma pequena minoria. Na escola, a situação é ainda mais desoladora, onde professores não leitores são obrigados a enfatizar a importância da leitura e impondo a leitura dos grandes clássicos, desconhecidos para os alunos.

Apesar desse cenário pessimista, é preciso contextualizar a literatura e a leitura historicamente. A literatura clássica nunca foi amplamente lida, devido à desigualdade de oportunidades e de alfabetização. No entanto, a literatura sempre esteve em constante mudança, adaptando-se às novas formas e funções que a história criou.

A crise no ensino da literatura também pode ser vista como parte de uma crise maior que afeta a escola como instituição, que muitas vezes fica defasada em relação às rápidas mudanças sociais e tecnológicas. Isso afeta a forma como a literatura é ensinada, mantendo métodos distantes das práticas sociais dos jovens contemporâneos. Enquanto a literatura como prática continua em mutação, a literatura como disciplina escolar corre o risco de declinar e desaparecer. Mostra-se importante discutir o papel da escola na formação do leitor literário e as condições dos professores de Literatura para desenvolver essa tarefa, a fim de entender a formação institucional do leitor literário.

O texto destaca a falta de preparo tanto da organização escolar quanto dos professores para adotar uma prática estruturada de ensino da literatura. Para solucionar esse problema, seria fundamental formar professores capacitados para trabalhar com o texto literário de maneira inteligente e articulada. Essa formação deveria ocorrer não apenas nos cursos de Letras, que mostrariam o caminho às demais licenciaturas. A ideia seria desenvolver um professor reflexivo, capaz de escolher materiais adequados e compartilhar leituras com os alunos, proporcionando uma experiência estética enriquecedora.

O trabalho criativo e envolvente com a literatura pode ser aplicado em outras áreas, uma vez que a língua é a base de todas as disciplinas e da vida social. Transformar a sala de aula em uma "comunidade hermenêutica" seria um caminho democrático e produtivo, no qual, a literatura ajudaria na constituição de sentido e na compreensão da vida e sociedade, sendo benéfico tanto para os alunos como para os próprios professores, que também aprenderiam a apreciar a literatura enquanto a ensinam.

³⁸ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

RESENHA

ZAFALON, Míriam. LITERATURA E ENSINO DA LITERATURA: REFLEXÕES. http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/mestrado_alice_artigo.pdf

Matheus Cezar Ferreira³⁹

No artigo “Literatura e ensino da literatura”, de Míriam Zalafon, a autora denota que o ensino da literatura enfrenta uma crise devido ao crescente afastamento dos jovens do livro, que, atualmente, optam por recursos mais modernos, como a televisão e o computador. Apoiada no pensamento de Adorno, Zalafon reflete sobre a falta de narrativas significativas no mundo moderno, o que leva os alunos a considerarem a leitura literária como algo obsoleto. O distanciamento dos alunos se relacionaria, ainda, ao fato de os professores também enfrentarem dificuldades em abordar as obras literárias de forma dinâmica e motivadora. Alguns métodos de ensino acabam focando em estudos diacrônicos e biografias de autores, impedindo o estudante de efetivamente ler e desenvolver pensamento crítico e criativo sobre os textos literários.

A autora enfatiza que o texto literário vai além dos fatos, retratando a complexidade dos pensamentos de cada época e local, portanto, sendo influenciado pelos processos histórico-sociais. A linguagem literária permite ao leitor interagir, preenchendo lacunas com suas experiências de leitura prévias. A leitura promove diversas maneiras de ver e entender o mundo, sendo assim, a obra literária abre possibilidades para o leitor construir sua visão de mundo e revisar conceitos. O professor deve mediar a interação do aluno com o texto, selecionando obras motivadoras e próximas à realidade dos estudantes. A escolha do cânone literário deve ser criteriosa, valorizando o ensino prático da literatura, a autora também ressalta a importância de incentivar a leitura e escrita criativa dos alunos.

Em diálogo com a Estética da Recepção, afirma que algumas obras exigem mudanças no horizonte de expectativas do leitor, levando-o a formar novos conhecimentos. O sentido da leitura literária surge da fusão entre o efeito do texto e a recepção do leitor. A compreensão começa pela percepção estética, seguida pela interpretação e leitura histórica. A obra literária é legitimada pela ação do leitor, e a leitura é um processo constante de reconstrução pelo leitor. A Teoria da Recepção destaca a relação criativa entre história e literatura, influenciando a atitude do leitor em relação ao contexto social. O ensino da literatura, baseado em tal método, enfatiza a experiência do leitor com a obra, promovendo uma troca ativa entre a obra e o leitor por meio de perguntas e respostas no texto. A atividade de leitura é participativa, encorajando os alunos a utilizar seus conhecimentos e vivências anteriores para estabelecer conexões entre seu horizonte de expectativas e as novas leituras.

Por fim, a autora defende que o trabalho com a literatura visa a estabelecer um elo entre as gerações, conectando o passado com o presente por meio da linguagem literária. Esse processo desperta o leitor dentro dos estudantes e os capacita a serem sujeitos críticos. O ensino da literatura também desenvolve a competência dos alunos na análise e interpretação de textos, considerando a expressão, a estrutura e a influência do contexto histórico-social. É importante adotar uma abordagem que priorize o texto literário em si, em suas relações com o leitor e com outros textos, em vez de um enfoque puramente cronológico dos movimentos literários. Os alunos desejam um papel mais ativo durante as aulas, com debates e compartilhamento de textos, o que auxilia no desenvolvimento das habilidades de leitura e na motivação para aprender literatura.

³⁹ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

O trabalho com a recepção literária é fundamental para essa abordagem, permitindo ao leitor criar e recriar o texto, estabelecendo diálogos com o contexto social, outras obras e diferentes formas de linguagem. A concepção do texto literário vai além da obra isolada, envolvendo o leitor em sua construção de significado. O professor deve ter consciência dessa responsabilidade e abordar as aulas de forma dialógica e envolvente para os alunos.

RESENHA

BUSE, Bianca. A DISCIPLINA DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO E A (DE)FORMAÇÃO DO LEITOR. <https://sil0.tips/download/a-disciplina-de-literatura-no-ensino-medio-e-a-deformacao-do-leitor>

Tháisa Christina Pereira dos Santos⁴⁰

O artigo “A disciplina de Literatura no ensino médio e a (de)formação do leitor”, da até então mestranda da Universidade Federal de Santa Catarina, Bianca Buse, foi o texto lido e debatido por mim e por um grupo de colegas de classe na aula de Pesquisa e prática educativa III. Configurou-se, no início, como um texto genérico que abordasse a problemática do ensino de literatura no Brasil, mas as suas especificidades me chamaram a atenção.

A autora começa dividindo o artigo em quatro sessões, sendo elas (1) A leitura no ensino médio, (2) O ensino de literatura no ensino médio, (3) O cânone literário x estímulo à leitura no ensino médio – uma verdade que incomoda e (4) Uma aposta na literatura contemporânea. Todas as sessões foram brilhantemente desenvolvidas e muito embora os argumentos se repitam bastante, acreditei na repetição como forma de reafirmação das informações e opiniões da autora sobre o tema.

No primeiro tópico, ao falar do ensino de literatura no ensino médio, ela defende que a pretensão desse ensino é o de formar não só alunos, mas leitores críticos. De acordo com Buse, desenvolver um leitor crítico é o mesmo que desenvolver cidadãos críticos, já que ao passo em que se lê, amadurecem-se suas ideias. E ela traz a definição de Villardi sobre o que é ler, a fim de reforçar as ideias da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura, em que no primeiro se tem um estudo sobre como os conceitos são recebidos pelos alunos, e no segundo um foco maior em como o contexto social atravessa e afeta a compreensão e o gosto do aluno por uma determinada leitura.

E então ela afirma que a formação do leitor é um fator social essencial, reforçando o papel do professor nessa formação, entrando então na segunda sessão do artigo, que busca trabalhar como ensino de literatura no ensino médio. Aqui ela divide basicamente em dois argumentos centrais que exemplificam a questão da literatura como disciplina escolar. O primeiro é a aversão do aluno que, na maioria das vezes, já chega no ensino médio desgostando da matéria e no segundo, como a possibilidade do professor de literatura ser um não leitor literário.

A aversão do alunos para com a literatura se dá, especificamente, pela padronização do ensino em que o aluno costuma ter uma série de exigências, tais quais a de memorização de uma quantidade enorme de informações, uma insistência na leitura de obras literárias muito alheias a sua realidade, e na transformação de uma obra de arte em mero objeto de estudo da gramática ou de uma determinada escola ou gênero literário.

Já a possibilidade do professor ser um não leitor se dá, basicamente, pela deficiência em sua formação, uma desvalorização da profissão, uma baixa remuneração acarretando uma falta de lazer do tempo do próprio professor e uma rigidez conteudista para o vestibular, já que a maior parte do ensino médio tem o seu ensino voltado a essa “prova final”. E nesse ponto a autora foca na deficiência dessa formação trazendo, no texto, uma série de fatores que contribuem para essa deficiência, ao mesmo tempo que afirma que essa condição não é uma condição pessoal e singular, mas sim sistemática do ensino como um todo.

⁴⁰ Graduanda em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira

Já na terceira sessão, em que trata do cânone literário no ensino médio, Bianca Buse faz uma reflexão sobre o uso de textos clássicos, que já trazem leituras prévias que antecedem a leitura do aluno. Para ela, uma boa solução seria a leitura de obras contemporâneas que trouxessem uma identificação entre obra-aluno, ao mesmo tempo que não faz, em momento algum, uma renúncia à leitura clássica. A autora traz, nesse capítulo, ótimos argumentos para uma reformulação dessas obras literárias ao mesmo tempo que reforça a importância destas.

Finalizando seu artigo, a autora traz uma grande esperança no ensino, ao ponto em que concentra nas obras contemporâneas uma aposta nessa reformulação de ensino. Trazendo nessa sessão a proposta de levar aos alunos textos que tragam uma identificação entre obra-aluno a partir de escolhas que estabeleçam um reconhecimento de mundo, e de si mesmo, gerando então um interesse maior não só pela disciplina escolar, mas pela literatura como um todo. Seguindo essa linha de raciocínio, as obras literárias serviriam de “porta de entrada” a literaturas canônicas, pois uma vez que se adquire o prazer pela leitura, lê-se qualquer coisa, inclusive as obras que, um dia, eles mesmos acharam chatas e desinteressantes.

O artigo em si traz ótimas reflexões sobre o ensino e suas particularidades, apontando perfeitamente as causas que estabeleceram no ensino uma angústia reconhecida até mesmo pelos profissionais não pertencentes à área de educação. Ao mesmo passo que reconhece as causas, aponta possíveis soluções para essa conjuntura que, até hoje, perpetua em um ensino enrijecido e monótono. É uma ótima leitura, de fácil compreensão e nos faz pensar, sobretudo, na maneira em que nós, como futuros profissionais docentes nos portaremos diante de um problema tão enraizado na formação de nossos alunos, leitores e futuramente (quem sabe?) cidadãos críticos.

Bibliografia

BUSE, Bianca. **A disciplina de Literatura no Ensino Médio e a (de)formação do leitor**. In: VI Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania, 2011, Florianópolis. VI Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania, 2011. v. 1.

RESENHA

ANTUNES, Benedito. O ENSINO DE LITERATURA HOJE. Revista FronteiraZ – nº 10 – junho de 2013 nº 14 - julho de 2015

Tháisa Christina Pereira dos Santos

O artigo “O ensino de literatura hoje”, escrito pelo professor de Literatura Brasileira da Universidade Estadual Paulista Benedito Antunes, foi o texto lido e debatido em grupo na sala de aula da turma de Pesquisa e Prática Educativa – Letras. Trazendo em si aspectos sobre o ensino da literatura como disciplina escolar, o artigo aborda, principalmente, a crise da literatura em um contexto histórico-social e identifica o papel da escola na difusão da literatura.

Sendo o texto dividido em duas sessões distintas –porém complementares–, Antunes aborda na primeira sessão o papel da escola na formação de leitores. De acordo com o texto a literatura teve uma queda em seu prestígio e na concepção de ser um saber a ser cultivado, pois muito se tem estudado uma instrumentalização do ensino de literatura para o ensino de história, por exemplo. Para ele, a escola é ainda um local privilegiado para a criação e a manutenção do leitor e desprezar essa crise no ensino literário poderá ser decisivo para o enfraquecimento da literatura como instituição.

Ainda na primeira sessão, o autor afirma que “a função da literatura está ligada à complexidade de sua natureza” e traz uma citação de Todorov em que ele argumenta que a literatura estaria ameaçada justamente por causa da escola. No seu entender, na escola já “não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos”. E é justamente esse tipo de ensino fragmentado que faz com que a literatura perca, cada dia mais, a sua importância enquanto disciplina curricular.

Outro argumento que reforça o problema está na observação dos cursos de licenciatura e de suas crises no Brasil, já que poucos estudantes se interessam pela profissão de professor por causa de sua pouca valorização, inclusive salarial, e traça um perfil médio daqueles que ocupam o lugar do magistério. No geral, os professores são: 1) filhos de pais sem formação escolar ou que cursaram apenas o ensino fundamental I; 2) cursaram pelo menos uma parte do ensino básico em escola pública; 3) cursaram o ensino superior em instituição particular; 4) seus pais não são leitores ou são leitores esporádicos; 5) suas casas de infância não dispunham de livros de literatura adulta; 6) indicam best-sellers e/ou clássicos escolares como leituras marcantes ou recentes. A importância desse perfil se deu, em debate, ao perceber que 100% da turma presente na discussão desse texto se encaixava em pelo menos quatro dos seis pontos apresentados.

A problemática trazida por essa análise de perfil se constitui na seguinte pergunta: Se o professor está despreparado e não possui, ele mesmo, o hábito da leitura, como poderia ele nortear, estimular e ensinar aos alunos a apreciar o material literário proposto para ensino? E ele responde que cabe ao professor buscar estar sempre se atualizando, lendo e relendo o repertório da sala de aula a fim de se tornar, com o tempo, um leitor ativo e crítico capaz de perpassar as dificuldades e conseguir ensinar literatura de uma forma aproveitadora.

E então ele começa com uma reflexão sobre as práticas de leitura dentro de sala de aula, para então introduzir a segunda sessão do texto, que trata justamente sobre a leitura literária na escola. Reforçando o que há muito se tem discutido pela academia e pelos futuros profissionais de educação, o autor retoma conceitos expostos pelo italiano Romano Luperini, trazendo um esquema de comunicação a partir de uma observação já conhecida que resume o ensino de literatura a uma crítica literária que se baseia na centralidade do autor, com ênfase no estudo da pessoa biográfica e histórica ou mesmo da personalidade artística, uma crítica que parte do estudo da obra, valorizada na sua autonomia e na organicidade de sua estrutura formal, e uma crítica que considera o leitor como

ponto de referência da recepção do texto literário. O autor reforça que é nesse último que se concentra a melhor forma de ensinar literatura.

O autor apresenta também a ideia de que para se compreender literatura, faz-se necessário atribuir ao aluno a própria experiência de criação literária, já que as aulas não precisam ser somente de apreciação literária, mas sim de vivência. Poderíamos problematizar a ideia se o próprio autor esclarecesse depois que as aulas de literatura não devem se resumir sempre à produção textual, mas que essa produção deve estar sempre atrelada ao processo de ensino-aprendizado, já que evidencia e dá ao aluno a experimentação da linguagem literária desde seu nascimento – que é a criação.

Já na conclusão do artigo, o autor afirma que nem o professor e nem a organização escolar estão preparados para uma nova reestruturação do sistema de ensino, e que a resolução é focar na preparação de novos professores para a rede de ensino. E aqui, nessa polêmica afirmação, sinto-me um tanto quanto receosa em concordar ou discordar, pois se estamos, enquanto instituição de ensino-aprendizagem, há tanto tempo tentando reformular as práticas dentro da sala de aula, a resposta talvez seja não mexer em quem já está dentro dela, mas sim melhor preparar quem ainda há de chegar.

Bibliografia

ANTUNES, B.. **O ensino da literatura hoje**. FronteiraZ (São Paulo), v. 14, p. 3-17, 2015.

RESENHA

ENSINO DE LÍTERATURA NO BRASIL

Wellington de Oliveira Jandre⁴¹

O ensino de literatura no Brasil é um tema complexo e que suscita diversas opiniões. Embora seja uma disciplina essencial para a formação cultural e crítica dos estudantes, muitas vezes o ensino de literatura se depara com desafios e deficiências.

Uma crítica frequente é a abordagem excessivamente tradicional e descontextualizada adotada em muitas salas de aula. Muitas vezes, os estudantes são expostos a uma lista de autores e obras considerados clássicos, sem uma reflexão mais aprofundada sobre o contexto histórico, social e cultural em que essas obras foram produzidas. Isso limita a compreensão e o engajamento dos alunos com a literatura, tornando-a um exercício mecânico de decoreba.

Outro ponto de crítica é a falta de diversidade na seleção das obras estudadas. A literatura brasileira é rica e plural, com uma variedade de vozes e perspectivas que refletem a diversidade do país. No entanto, muitas vezes o currículo se concentra em um conjunto limitado de autores e obras, deixando de lado vozes marginalizadas e sub-representadas, como as de mulheres, negros, indígenas e LGBTQ+.

Além disso, o ensino de literatura muitas vezes negligencia o aspecto prático da leitura, focando apenas na análise e interpretação dos textos. É fundamental incentivar os estudantes a desenvolverem o hábito da leitura prazerosa, explorando diferentes gêneros literários e incentivando a formação de leitores críticos e autônomos.

Para melhorar o ensino de literatura no Brasil, é necessário repensar o currículo, incluindo uma variedade de autores e obras que reflitam a diversidade do país. Além disso, é fundamental investir em formação contínua para os professores, proporcionando-lhes ferramentas pedagógicas atualizadas e incentivando práticas de ensino mais dinâmicas e interativas.

Em resumo, o ensino de literatura no Brasil precisa evoluir para ir além da abordagem tradicional, diversificando as obras estudadas, contextualizando-as de maneira adequada e estimulando a formação de leitores críticos. Somente assim poderemos formar estudantes mais engajados e apaixonados pela literatura, capazes de compreender e apreciar a diversidade de vozes que ela oferece.

⁴¹ Graduando em Letras – Universidade Federal Fluminense
Orientação: Prof. Aroldo Magno de Oliveira